

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

MONIQUE ADRIELE DA SILVA

**HISTÓRIA E MEMÓRIA DAS PROFESSORAS NO GRUPO ESCOLAR BRASIL:
UBERABA 1960 - 1971**

**Uberlândia
2017**

MONIQUE ADRIELE DA SILVA

**HISTÓRIA E MEMÓRIA DAS PROFESSORAS NO GRUPO ESCOLAR BRASIL:
UBERABA 1960 -1971**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora:
Prof.^a. Dr.^a. Sônia Maria dos Santos

Área de Concentração:
História e Historiografia em
Educação

**Uberlândia
2017**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

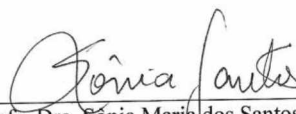
S586h Silva, Monique Adriele da, 1992-
2017 História e memória das professoras no Grupo Escolar Brasil :
Uberaba 1960 -1971 / Monique Adriele da Silva. - 2017.
195 f. : il.

Orientadora: Sônia Maria dos Santos.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Programa de Pós-Graduação em Educação.
Inclui bibliografia.

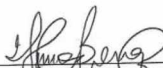
1. Educação - Teses. 2. Educação - Uberaba (MG) - História - 1960 -
1971 - Teses. 3. Professoras - Uberaba (MG) - 1960 -1971 - Teses. 4.
Grupo Escolar de Uberaba - História - 1960 -1971 - Teses. I. Santos,
Sônia Maria dos. II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de
Pós-Graduação em Educação. III. Título.

CDU: 37

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dra. Sônia Maria dos Santos
Universidade Federal de Uberlândia – UFU



Prof. Dr. Wilmar José Borges
Universidade Federal do Espírito Santo – UFES



Prof. Dr. Armino Quilici Neto
Universidade Federal de Uberlândia – UFU

AGRADECIMENTOS

A Deus por sempre estar me abençoando e guiando meus passos em todos os momentos.

Aos meus pais Vera e Luis pelo apoio e confiança ao longo dos meus estudos.

Às minhas irmãs Mônica e Roberta agradeço pelo carinho e o humor de sempre.

Ao meu namorado Stefan pelo o apoio e companheirismo nesses últimos anos.

Aos meus sobrinhos Matheus, Miguel e Alice por receberem a Tia Ni sempre com tanto carinho.

À minha orientadora Sônia Maria Santos pelo o desafio e dedicação para contribuir na minha formação acadêmica.

Aos professores Armindo Quillici Neto e Betânia de Oliveira Laterza Ribeiro, pelas intervenções e sugestões para o enriquecimento do meu trabalho no momento da qualificação.

Aos professores Armindo Quillici Neto e Vilmar José Borges, por aceitarem participar da banca de defesa.

Aos meus amigos Camila, Geracilda, Gabriela, Marielle, Bruna e Juliano por sempre estar me apoiando e ouvindo minhas angústias durante o percurso da escrita do trabalho.

Aos sujeitos desta pesquisa, as professoras Jammal, Mariano e Moisés e aos ex-alunos Mauá e Molinar por terem disponibilizado um pouco do tempo e da história de vocês no grupo escolar para contribuir com minha pesquisa.

Aos meus tios Jorge e Vane que embarcaram nesse desafio de encontrar sujeitos que trabalharam no Grupo Escolar Brasil.

A todos que sempre estiveram ao meu lado durante todo este tempo, muito obrigada!

RESUMO

Este estudo está inserido no campo da pesquisa qualitativa em educação, o qual visou investigar as práticas das professoras no Grupo Escolar Brasil, em Uberaba, no período de 1960 a 1971. As questões que nortearam a pesquisa foram: quais eram as práticas e os métodos desenvolvidos em sala de aula no Grupo Escolar Brasil? E como as práticas e métodos eram desenvolvidos? Qual o papel e o lugar do Programa de Ensino Primário do Estado de Minas Gerais para ser dos Grupos Escolares de Minas Gerais nos planejamentos das professoras? A metodologia escolhida foi a História Oral Temática, pois através dela foi possível retomar as experiências e vivências das professoras em sala de aula nos modos de ensinar Língua Pátria, Moral, Civismo e Higiene, além das formas de avaliar os alunos. Assim, realizamos cinco entrevistas. Dos cinco entrevistados, duas atuaram como professoras da terceira série, e uma atuou como professora da quarta série e depois tornou-se diretora desse mesmo grupo. Entrevistamos também dois ex-alunos que fizeram todo o ensino primário no Grupo Escolar Brasil. As fontes documentais utilizadas neste estudo tiveram a função de complementar as narrativas, pois foi a partir das narrativas que as fontes foram selecionadas. Durante o estudo compreendemos que o Grupo Escolar Brasil mantinha um respeito na sociedade uberabense, pois foi o primeiro grupo escolar criado na cidade e hoje em dia está com 107 anos. Descobrimos, por meio das narrativas, que o planejamento das professoras era feito com a orientação da diretora e do Programa de Ensino Primário Elementar. Ao longo, da pesquisa descobrimos um manual criado pela professora Hermantina Riccioppo para as áreas de Geografia e Ciências naturais, o qual trazia também temas relacionados ao civismo, moral e higiene.

Palavras-chave: História. Memória. Programa de ensino. Manuais.

ABSTRACT

This study is a qualitative research in education, which aimed to investigate the teachers' practices in *Grupo Escolar Brasil* (Brazil Scholar Group), in Uberaba, from 1960 to 1971. The guiding questions were: what were the practices and methods developed in the classroom in *Grupo Escolar Brasil*? How were these practices and methods developed? What were the role and place of the Primary Education Program of Minas Gerais State to be part of the Scholar Groups of Minas Gerais in the teachers' syllabi? The methodology chosen was the Thematic Oral History, because it made possible to recover the teachers' experiences in the classroom in the manner they taught Native Language, Moral, Civility and Hygiene, and also the ways they assessed the students. Therefore, we interviewed five participants of the group: two teachers who worked with the third grade, and one with the fourth grade, who later became a principal in the same group; we also interviewed two former students, whose primary education was all taken in *Grupo Escolar Brasil*. The documentary references used in this study served to complement the narratives, once the documents emerged from the narratives. During the study we understood that the *Grupo Escolar Brasil* was respected in Uberaba's society, because it was the very first scholar group in the city, being active for 107 years now. We discovered, through the narratives, that the teachers' syllabi were made guided by the group's principal and the Primary Elemental Education Program. Throughout the research, we discovered a guide made by the teacher Hermantina Riccioppo for the areas of Geography and Natural Sciences, which also brought themes related to civility, moral and hygiene.

Key-words: History. Memory. Course syllabus. Guides.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1	Norma Moisés.....	35
FIGURA 2	Terezinha Jammal.....	37
FIGURA 3	Margarida Maria Rodrigues Mariano.....	39
FIGURA 4	Luiz Gonzaga Vaz Molinar.....	40
FIGURA 5	Wadi Cury Mauá.....	41
FIGURA 6	Ata de exames dos alunos do 4º ano do Grupo Escolar Brasil em 1946.....	50
FIGURA 7	Aluna do Grupo Escolar Brasil fazendo tratamento odontológico.....	66
FIGURA 8	Localização do Estado de Minas Gerais no Brasil e do município de Uberaba em Minas Gerais.....	68
FIGURA 9	Município de Uberaba-MG e suas principais vias de transporte.....	68
FIGURA 10	Fachada do Grupo Escolar Brasil em 1909.....	81
FIGURA 11	Entorno do Grupo Escolar Brasil em 1940.....	82
FIGURA 12	Festa de Inauguração do Grupo Escolar Brasil dia 03/10/1909.....	83
FIGURA 13	Apuração do concurso para coroação da Nossa Senhora em 19/05/1964.....	86
FIGURA 14	Apuração do concurso para coroação da Nossa Senhora em 19/05/1964.....	87
FIGURA 15	Ata de entrega dos certificados de aprovação de 1949.....	89
FIGURA 16	Continuação da ata de entrega dos certificados de aprovação de 1949.....	90
FIGURA 17	Resultados do total de alunos aprovados.....	97
FIGURA 18	Primeira Comunhão dos alunos do Grupo Escolar Brasil.....	98
FIGURA 19	Imagem do livro Programa (Ensino Primário Elementar).....	100
FIGURA 20	Plano de aula: Poesias.....	102
FIGURA 21	Capas dos manuais escolares intitulado “Meu Álbum de Estudos Sociais e Ciências Naturais” para as 2º e 3º séries do 1º grau, respectivamente, de autoria de Hermantina Riccioppo.....	106
FIGURA 22	Conteúdos relacionados a País, Estado e Município destinados à 3º série, da Professora Hermantina Riccioppo.....	107
FIGURA 23	Figura 23: Conteúdos relacionados à História do Brasil e do Município de Uberaba destinados à 3ª série, da Professora Hermantina Riccioppo.....	110
FIGURA 24	Conteúdos relacionados à Pátria, Símbolos Nacionais destinados à 3ª série, da Professora Hermantina Riccioppo.....	113
FIGURA 25	Conteúdos relacionados à transmissão de doenças, destinados à 3ª série, da Professora Hermantina Riccioppo.....	118
FIGURA 26	Conteúdos relacionados à alimentação e à importância da água, destinados à 3ª série, da Professora Hermantina Riccioppo.....	120

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1	Pesquisas realizadas sobre as instituições uberabenses.....	13
QUADRO 2	Dissertações e Teses que utilizaram a História Oral.....	23
QUADRO 3	Teses e Dissertações que estudaram História das Instituições tendo como tema: os Grupo Escolar em Minas Gerais focando na região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba.....	57
QUADRO 4	Teses e Dissertações que estudaram Práticas nos Grupo Escolares em Minas Gerais, mas investigaram sobre a Instalação dos Grupos Escolares focando na região do Triangulo Mineiro e Alto Paranaíba.....	60
QUADRO 5	Teses e Dissertações que pesquisaram sobre os currículos ou as práticas nos Grupos Escolares do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba...	93

LISTA DE ABREVIATURAS

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CARPE	Comissão de construção, ampliação e Reconstrução dos Prédios Escolares do Estado
CARRPE	Campanha de Reparo e Restauração dos Prédios Escolares
Inep	Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
NHC	Nova História Cultural
PIBID	Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência
SRE	Superintendência Regional de Ensino
UFU	Universidade Federal de Uberlândia
UNIUBE	Universidade de Uberaba

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
1.1	O percurso: de estudante à pesquisadora.....	11
2	HISTÓRIA ORAL ENTRE O TEÓRICO E A VIVÊNCIA.....	15
2.1	Nova História Cultural: micro-história, práticas e representações.....	15
2.2	História Oral e Memória.....	17
2.2.1	<i>História da Alfabetização de Ituiutaba: vivências no Grupo Escolar Governador Clóvis Salgado (1957-1971).....</i>	24
2.2.2	<i>Modos de alfabetizar no grupo escolar Clarimundo Carneiro (1963 a 1973)..</i>	24
2.2.3	<i>História de alfabetizadoras Uberlandenses: modos de fazer no Grupo Bom Jesus (1955-1971).....</i>	25
2.2.4	<i>Grupo Escolar 13 de Maio e a Educação Primária na periferia de Uberlândia, MG - 1962-1971.....</i>	25
2.2.5	<i>Grupo Escolar de Ibiá, MG (1932 a 1946).....</i>	26
2.2.6	<i>História e ofício de alfabetizadoras: Ituiutaba (1931-1961).....</i>	26
2.2.7	<i>História de alfabetizadores: Vida, memória e profissão.....</i>	27
2.2.8	<i>Ser professora na república: modos de pensar, sentir e agir (1930-1950).....</i>	27
2.2.9	<i>O percurso institucional da disciplina “História da Educação” em Minas Gerais e o seu ensino na Escola Normal Oficial de Uberaba (1928-1970).....</i>	28
2.2.10	<i>História e Memória da Formação Docente em Ituiutaba.....</i>	28
2.2.11	<i>História e Memória do Liceu de Uberlândia, MG – 1928 a 1942.....</i>	28
2.2.12	<i>História da Alfabetização: Leitura e Escrita para Surdos (1962-1986).....</i>	29
2.2.13	<i>Da centralidade da Infância na modernidade e sua escolarização: a Escola Estadual João Pinheiro – Ituiutaba (MG), 1908-1988.....</i>	29
2.3	O percurso metodológico e os sujeitos da pesquisa.....	30
2.3.1	<i>Moisés.....</i>	32
2.3.2	<i>Jammal.....</i>	35
2.3.3	<i>Mariano.....</i>	37
2.3.4	<i>Molinar.....</i>	39
2.3.5	<i>Mauá.....</i>	40
3	GRUPO ESCOLAR: LUGAR DE LER E ESCREVER.....	42
3.1	Grupos Escolares no processo de (re)organização da Instrução Pública no Brasil.....	42
3.2	Grupos Escolares no Brasil: Lei Orgânica do Ensino Primário e a Lei de Diretrizes e Bases 4.024/61.....	46
3.3	O processo de modernização e surgimento dos Grupos Escolares em Minas Gerais.....	54
3.4	Padronização nos edifícios dos Grupos Escolares em Minas Gerais (1960-1970).....	62
4	HISTÓRIA LOCAL: GRUPO ESCOLAR BRASIL.....	67
4.1	Uberaba: Origem Histórica.....	67
4.1.1	<i>Desenvolvimento e Decadência Econômica.....</i>	70
4.2	A imprensa e os momentos de tensões que antecederam a inauguração do Grupo Escolar Brasil - 1906 a 1909.....	76
4.3	Grupo Escolar Brasil de Uberaba.....	80
5	GRUPO ESCOLAR BRASIL: O CURRÍCULO E SUAS PRÁTICAS.....	92
5.1	O Currículo pensado para o Grupo Escolar Brasil e suas práticas.....	96
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	124
	REFERÊNCIAS.....	128

ANEXOS.....	138
ANEXO 1: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	138
ANEXO 2: ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	140
ANEXO 3: ENTREVISTAS.....	142
ANEXO 4: TERMOS ASSINADOS.....	187
ANEXO 5: DECLARAÇÃO DE USO DE DOCUMENTAÇÃO.....	193

1 INTRODUÇÃO

1.1 O percurso: de estudante à pesquisadora

No ano de 2010, já no terceiro colegial chega a hora de escolher o curso que pretendia fazer e seguir profissionalmente. Diferente de todos os alunos do colégio, escolhi ser professora e seguir uma carreira na área de educação. Nesse período ouvi muitas críticas e pensamentos negativos de amigos e da própria família, mas não desisti da minha escolha. Assim, no ano de 2011, passei no vestibular de Pedagogia, na Universidade Federal de Uberlândia. Nesse momento foi necessário mudar para Uberlândia, sendo que nesse período a minha residência era em Uberaba.

Durante os quatro anos em que fiz o curso de pedagogia foi possível participar de diversos projetos e pesquisas como o Mais Educação, PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência) no Ensino Médio.

Em 2012, desenvolvi um projeto de Iniciação Científica, financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Na oportunidade, iniciei os meus estudos na historiografia, compreendendo a importância do tratamento e análise das fontes históricas, bem como as contribuições da história da educação para uma crítica da conjuntura da educação no tempo presente.

Meu interesse em tornar-se pesquisadora nesse campo fez com que me matriculasse na disciplina optativa de Monografia (2013/2014). A pesquisa desenvolvida apresentou como objeto de estudo a *Instrução Pública em Minas Gerais e os Princípios da Escola Nova (1927-1937) na Revista do Ensino*¹.

No segundo semestre de 2014 foi possível fazer o processo seletivo do Mestrado em Educação, na Universidade Federal de Uberlândia. Ao me deparar com a seleção, via uma oportunidade de dar continuidade às pesquisas iniciadas na área da História da Educação. Desse modo, passei no processo seletivo com o seguinte projeto: *A Revista do Ensino e sua influência nas séries iniciais do ensino primário em Minas Gerais (1927-1937)*.

No decorrer da pesquisa despertei o interesse pela metodologia da História Oral, pois logo percebi que a proposta inicial do Mestrado não contemplava esse tipo de abordagem

¹Órgão Oficial do Governo de Minas de Gerais criado em 1892. O periódico tinha o intuito de debater e discutir os problemas relativos às questões educacionais do estado. Eram enviados gratuitamente aos professores, inspetores de ensino e funcionários da instrução pública do estado. (Cf. BICCAS, Maurilane de Souza. **O impresso como estratégia de formação**: Revista do Ensino de Minas Gerais (1925-1940). Belo Horizonte: Argvmentvm, 2008).

metodológica. Nesse percurso de descobertas e possibilidades alterei o projeto e como consequência mudei de orientador.

Ao fazer a opção pela História Oral, o recorte temporal estabelecido no projeto não possibilitava a efetivação da pesquisa. Nesse contexto, tive acesso a vários estudos sobre a história da educação no Triângulo Mineiro. Destaco a dissertação de Guimarães (2007), cujo foco da pesquisa foi analisar a instalação do primeiro grupo escolar em Uberaba. O trabalho que a autora apresentou é apenas com fontes documentais, trata-se de uma investigação sobre a História das Instalações de grupos escolares, na qual escolheu o primeiro grupo que foi instalado na cidade de Uberaba-MG. Notamos que a dissertação se retém em analisar a motivação da criação do grupo, o espaço físico onde foi instalado e o cotidiano escolar no período da Primeira República.

Após o contato com o trabalho de Guimarães (2007) foi possível elaborar as seguintes problematizações, que subsidiam essa pesquisa: Quais eram as práticas e os métodos desenvolvidos em sala de aula no Grupo Escolar Brasil? E como as práticas e métodos eram desenvolvidos? Qual o papel e o lugar do Programa de Ensino Primário do Estado de Minas Gerais para ser dos Grupos Escolares de Minas Gerais nos planejamentos das professoras?

Com isso, essa dissertação tem como temática as “História e Memória das professoras no Grupo Escolar Brasil: Uberaba, 1960-1971”, objetivando investigar e analisar as práticas e métodos das professoras do Grupo Escolar Brasil, confrontando-as como o que era proposto no Programa de Ensino Primário do Estado de Minas Gerais dos Grupos Escolares de Minas Gerais.

Dessa maneira, definimos o recorte temporal de dez anos, que começa em 1960, visto que a primeira LDB (Lei de Diretrizes e Bases) é de 1961 (Lei 4.024/1961), a publicação do Programa de Ensino Primário do Estado de Minas Gerais, o Plano de Aula e um livro de poesias cedido por uma das entrevistadas e o período que os sujeitos trabalharam no grupo e encerra-se em 1971 devido à publicação da LDB (Lei de Diretrizes e Bases) nº 5.692/71 que extingue os grupos escolares, sendo que, com essa promulgação das leis os grupos escolares passaram a ser chamados de escolas estaduais, municipais ou federais.

Nesse contexto os objetivos específicos foram: analisar e compreender como aconteciam as práticas e os métodos das professoras no período estudado; utilizar a História Oral como subsídio metodológico para analisar as práticas por meio das narrativas das professoras com os documentos que foram: o Programa de Ensino Primário do Estado de Minas Gerais, Plano de Aula e um manual escrito por uma professora da cidade de Uberaba.

Dessa maneira, escolhemos o município de Uberaba, como lócus da pesquisa por duas razões. A primeira, porque sou uberabense e a segunda, porque descobrimos que há pouca investigação sobre a história da educação nesse município. A escolha do Grupo Escolar Brasil, se deu por ter sido o primeiro da cidade a ser instalado, pelas dificuldades que ocorreram para que fosse implantado e por ser uma instituição que até hoje tem grande importância na representação da população.

Desse modo, ao pensar em investigar as práticas e os métodos do Grupo Escolar Brasil, no período de 1960 a 1971, descobri que havia poucas pesquisas na cidade na sobre essa temática, como também sobre a História Oral como metodologia de pesquisa. Os estudos encontrados eram sobre a história das instituições educacionais públicas e mesmo assim somente duas pesquisas que foram realizadas por Souza (2012) e Guimarães (2007), havendo uma lacuna sobre as práticas e os métodos aplicados no sistema público de educação no município de Uberaba. Após fazer um levantamento das pesquisas já realizadas no município a maioria são sobre instituições que priorizam as escolas confessionais privadas, o que podemos observar no quadro abaixo:

Quadro 1: Pesquisas realizadas sobre as instituições uberabenses

Titulação/Ano	Autor(a)	Instituição Estudada	Modalidade de ensino ofertado	Tipo de instituição
Mestrado/2002	TEIXEIRA, Geovana F. Melo	Colégio Nossa Sra. das Dores	Ensino primário, ginásial e normal	Confessional católica privada
Mestrado/2003	MATOS, Fabíola Carneiro	Colégio Marista Diocesano	Ensino primário e ginásial	Confessional católica privada
Mestrado/2003	OLIVEIRA, Sebastião José de	Fac. Fil., C. e Let. S. T. de Aquino	Ensino superior	Confessional católica privada
Mestrado/2004	SILVA, Washington Abadio de.	Colégio Marista Diocesano	Ensino primário e ginásial	Confessional católica privada
Mestrado/2005	BORGES, Denise Cunha	Instituto dos Cegos do Brasil Central	Educação Especial	Inst. filantrópica sem fins lucrativos
Mestrado/2006	SANTOS, Maria de L. Leal dos	Fac. Fil., C. e Let. S. T. de Aquino	Ensino superior	Confessional católica privada
Mestrado/2007	GUIMARÃES, Rosângela M. Castro	Grupo Escolar Brasil	Ensino primário	Pública (estadual)
Mestrado/2007	PAULA, Eustáquio Donizeti de	Fac. Fil., C. e Let. S. T. de Aquino	Ensino superior	Confessional católica privada
Mestrado/2009	MACHADO, Sonaly P. de Souza	Instituto Zootécnico de Uberaba	Ensino superior rural	Privada
Mestrado/2012	SOUZA, Marilisa Aparecida Alberto	Grupo Escolar Minas Gerais	Ensino primário	Pública (estadual)
Doutorado/2012	GUIMARÃES, Rosângela M. Castro.	Escola Normal Oficial	Ensino Superior	Pública (estadual)
Mestrado/2015	JUNIOR, Wandelcy Leão	Instituto dos Cegos do Brasil Central	Educação Especial	Inst. filantrópica sem fins lucrativos
Doutorado/2016	GUILHERME, Willian Douglas	Escola de farmácia e odontologia	Ensino Superior	Privada

Fonte: Baseado em Souza (2012), dados disponíveis na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da Universidade Federal de Uberlândia e dados disponíveis no banco de teses e dissertações da CAPES.

O quadro mostra que os pesquisadores que estudaram o município de Uberaba priorizaram as instituições confessionais. Segundo Guimarães (2007) essas escolhas de instituições podem ocorrer devido ao tempo em que estão na cidade, a tradição que representarão na organização dos documentos e a facilidade do acesso à escola, pois quando se trata de instituições públicas é necessário passar por certa burocracia, visto que o pesquisador precisa fazer um ofício para a SRE (Superintendência Regional do Ensino)² para ter autorização para acessar os documentos da escola.

Além dessa burocracia, nas escolas públicas não existe legislação sobre a conservação dos documentos antigos, resultando no descarte dos mesmos depois de algum tempo, e essa foi uma das dificuldades para a realização dessa pesquisa, sendo que foi necessário ir atrás de documentos que as professoras ainda possuíam.

Contei com a colaboração de três narrativas de professoras aposentadas que trabalharam no Grupo Escolar Brasil e de dois ex-alunos que fizeram as quatro séries primárias no grupo.

A dissertação ficou organizada da seguinte maneira: Seção 1, Introdução, “O percurso: de estudante à pesquisadora”, Seção 2, “História Oral Entre o Teórico e a Vivência”, Seção 3, “Grupo Escolar: lugar de ler e escrever”, Seção 4, “História Local: Grupo Escolar Brasil”, Seção 5, “Grupo Escolar Brasil: o currículo e suas práticas”, e Seção 6, Considerações Finais, além das Referências Bibliográficas e dos Anexos.

Na Introdução procuramos explicitar os objetivos da pesquisa, a importância de mapear a história das professoras no Grupo Escolar Brasil e a escolha desse período. Na Seção 2 apontamos quais foram os pressupostos teóricos, a metodologia escolhida para a construção deste trabalho e realizamos uma breve biografia dos sujeitos entrevistados que vivenciaram o Grupo Escolar Brasil, trazendo algumas de suas narrativas sobre sua carreira profissional. Na Seção 3 fizemos uma análise sobre a história dos grupos escolares no Brasil, Minas Gerais. Na Seção 4 investigamos sobre a origem do município de Uberaba-MG, a importância da economia para região, as dificuldades em implantar o primeiro grupo escolar e seu funcionamento. Na Seção 5 foram apresentados e discutidos como se davam as práticas e os métodos das professoras do Grupo Escolar Brasil. Nas considerações finais retomamos aspectos importantes que foram relatados durante a dissertação, as descobertas e quantos estudos tiveram sobre o grupo escolar no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba. Em anexo

² Foi feito um ofício e enviado por e-mail para a SRE (Superintendência Regional do Ensino), mas infelizmente não obtivemos respostas e nem autorização.

apresentamos o roteiro das entrevistas, a transcrições das entrevistas, os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido assinado pelas professoras e ex-alunos.

2 HISTÓRIA ORAL ENTRE O TEÓRICO E A VIVÊNCIA

Priorizamos trabalhar nesta pesquisa com as fontes documentais, iconográficas e com narrativas de professoras e ex-alunos que participaram do cotidiano no Grupo Escolar Brasil, na cidade de Uberaba-MG, no período de 1960 a 1971. Para conhecermos melhor as práticas e métodos aplicados no Grupo Escolar, foi necessário utilizar a História Oral como opção metodológica.

Logo, esta seção teve por objetivo apresentar a base conceitual deste trabalho, bem como seu percurso metodológico. Inicialmente, discutimos em qual campo historiográfico esta pesquisa se encontra, buscando delimitar o seu território. Desse modo, tratamos sobre o percurso da própria história, evidenciando o campo da Nova História Cultural, que possibilitou o desenvolvimento da História Oral como metodologia de pesquisa. Igualmente, articulamos História e Memória para justificar a utilização das fontes orais nessa investigação. Por fim, apresentamos as professoras e os ex-alunos entrevistados e alguns procedimentos para realização dos diálogos.

2.1 Nova História Cultural: micro-história, práticas e representações

No século XIX até o final do século XX há um predomínio da visão positivista sobre a História. As pesquisas voltaram-se apenas para documentos oficiais, assumindo um papel mais objetivo, e a “verdade” estava presente nos documentos escritos. Nesse período a História Oral não era pensada como possibilidade de escrita historiográfica, muito menos considerada fonte histórica, pois sua abordagem era baseada nas narrativas orais de sujeitos que vivenciaram determinado fato histórico. Desse modo, “[...] considerava-se que o depoimento não poderia ter valor de prova, já que era imbuído de subjetividade, de uma visão parcial sobre o passado e estava sujeito a falhas de memória.” (ALBERTI, 2005, p. 18).

Esse pensamento positivista sobre a História privilegiou o documento escrito. Destarte, o fazer do historiador era apenas de reunir os documentos, ou seja, os pesquisadores tinham que fazer uma certa descrição dos documentos para conseguir entender o contexto histórico do período, realizando uma crítica interna e externa da documentação.

Em 1929, alguns historiadores demonstravam insatisfação com o método positivista presente na História e começaram a ceder lugar para o método qualitativo de investigação.

Bloch (2001) e Febvre (1989) foram os precursores do movimento dos Annales³, preocupando-se com novos métodos que abarcassem a chamada história-problema.

Os Annales defenderam, de acordo com Bloch (2001), que a história era a ciência do homem. Com isso, a história toma novos rumos baseando-se no pressuposto de que esta deveria ser escrita de modo que envolvesse todas as ações do homem. Partindo dessa compreensão, o movimento dos historiadores buscou desvelar as relações humanas com a contribuição de outras áreas do conhecimento e, conseqüentemente a esse processo, houve o alargamento das fontes e a utilização da história das mentalidades.

A segunda geração dos Annales, liderada por Braudel, afastou-se em alguns aspectos das propostas de Bloch e Febvre, centrando suas análises na delimitação do tempo e do espaço. Com a terceira geração, tendo como principais representantes Le Goff e Revel, “veio o impulso de renovação resultando na abertura desta nova corrente historiográfica [...]” (PESAVENTO, 2005, p. 10).

No século XX, entre as décadas de 60 e 70, a História perdia seu campo de estudos e lugar de destaque nas ciências sociais, pois era vista como uma ciência que apenas auxiliava às outras, assim via-se um esgotamento por parte do estudo da história. A crise da disciplina nos anos de 1980 fez com que essa tomasse novos rumos, possibilitando o surgimento da Nova História Cultural:

Não se trata de fazer uma História do Pensamento ou de uma História Intelectual, ou ainda mesmo de pensar uma História da Cultura nos velhos moldes, a estudar as grandes correntes de ideias e seus nomes mais expressivos. Trata-se, antes de tudo de pensar a cultura como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo. (PESAVENTO, 2005, p. 5).

Essa renovação na História permitiu que pudesse ter a volta das mentalidades (pensar, viver e sentir), o apreço das manifestações dos anônimos, e também a História Oral sendo contada pelas camadas populares, o resgate do papel das classes sociais e a história plural contada através de fotos, literaturas.

A Nova História Cultural (NHC) traz uma nova evidência para as pesquisas, principalmente com a renovação das correntes da história e dos campos de pesquisas,

³ Apesar de o Annales ter uma denominação de escola, pode ser considerado como um movimento historiográfico duradouro e profundo que aconteceu na França. Surgiu como a ideia de anais, no qual reuniram em uma única revista novas concepções de se pensar e fazer história contrapondo aos conceitos que eram propostos pelo historicismo e o positivismo.

trazendo assim a multiplicidade de novas fontes. “Figurando como recortes inusitados do real, produzidos por questões renovadoras, a descoberta de documentação até então não-visualizada como aproveitável pela História [...]” (PESAVENTO, 2005, p. 69). Desse modo, elegemos dentro do arcabouço da NHC duas abordagens metodológicas que vêm ao encontro desse trabalho: a noção de práticas e representações e a micro-história.

A primeira vertente foi elaborada por Chartier (2002) e compreende a História como narrativa que constrói uma representação do passado. Para ele as noções de prática e de representação rompem com a dicotomia das estruturas, do objetivo e da subjetividade, ilusão total e as lutas de representações.

A segunda, está relacionada mais a uma prática do que a uma abordagem. A micro-história está inserida na segunda abordagem, pois esta é compreendida a partir de contextos particularizados.

[...] a *micro-história* resgata o cotidiano, há que ter em conta a distinção entre o corriqueiro e o excepcional, não tomando o acidente como usual, nem o fato de cada dia como extraordinário, apenas por ser diferente. (PESAVENTO, 2005, p. 74).

Assim, ao buscarmos auxílio da micro-história para a análise das fontes orais, buscamos apreender nas narrativas das professoras e dos ex-alunos como era o cotidiano da escola, suas práticas e os métodos de ensino em sala de aula, perscrutando nas pistas ínfimas, os indícios do fazer e o ideário pedagógico que circulava no Grupo Escolar Brasil. “[...] Em suma, a *micro-história* busca traduzir o empírico em sensibilidade, na tentativa de resgatar a experiência do vivido, indo do tempo curto dos dados de arquivo ao *tempo macro* de uma época dada do passado.” (PESAVENTO, 2005, p. 75).

A Nova História Cultural (NHC) possibilita trabalhar com narrativas, que é o principal meio para a realização da História Oral. As narrativas surgem na busca de novas formas de tratar a história social e cultural, pois, antes, os historiadores tradicionais só aceitavam a história dos grandes feitos de grandes homens. “[...] Mas a narrativa retornou, junto com uma preocupação cada vez maior com as pessoas comuns e as maneiras pelas quais elas dão sentido às suas experiências, suas vidas, seus mundos.” (BURKE, 2005, p. 158).

2.2 História Oral e Memória

Segundo Le Goff (1998), o conceito de memória é crucial, pois se acredita que a memória é um apêndice da História. “O processo da memória no homem faz intervir não só a ordenação de vestígios, mas também a releitura desses vestígios.” (LE GOFF, 1998, p. 366), ou seja, a memória possui sua própria linguagem.

Na sociedade pré-histórica, como não havia se desenvolvido a escrita, a história era contada através de testemunhos daqueles que viram ou ouviram os acontecimentos. Nesse contexto, a memória se interessava pelos conhecimentos práticos, sendo transmitida pela oralidade, pelos gestos e pelos cantos.

Na Antiguidade, com o surgimento da escrita, o conceito de memória toma outros preceitos, pois agora estava ligado ao registro gráfico. A tradição oral, que até então era privilegiada pelos diferentes grupos sociais, ficou relegada pela lógica grafo cêntrica.

No cristianismo a história passa a ser teocêntrica, ou seja, é Deus que está no centro da História da Humanidade, é o período que demarca o tempo, com isso divide a História antes e depois do nascimento de Cristo. O conceito da memória passa para o domínio da religião “[...] No cotidiano o cristão é chamado a viver na memória das palavras de Jesus, sendo assim o ensino cristão é sustentado por essa memória. [...] O ensino cristão é memória, o culto cristão é a comemoração.” (LE GOFF, 1998, p. 384).

Na passagem para o renascimento a história passa a ser laica, com isso a consciência crítica dos documentos deu para a História a noção de século e a História se torna uma ciência profana. A memória passa a ser constituída através da leitura com o desenvolvimento da retórica e da teologia. Desse modo, os campos da história e a memória no século XVIII aproximam-se da filosofia e a história começa a ser pensada como disciplina. É neste período que a memória começa a ser fundada como método e passa a valorizar a memória dos grandes acontecimentos históricos e dos grandes personagens históricos.

No século XIX, a memória passa a ser guardada através de fotografias, dando uma previsão e uma evolução cronológica para a memória. No século XX, constitui-se uma verdadeira revolução da memória.

Com o aparecimento, do decurso da Segunda Guerra Mundial, das grandes máquinas de calcular, que deve ser introduzido na enorme aceleração da história, e mais particularmente da história técnica e científica a partir de 1960, pode ser recolocado numa longa história da memória automática [...]. (LE GOFF, 1998, p. 403).

Segundo Nora (1993), os lugares de memória, constituem-se através da memória e da história:

[...] longe de serem sinônimos, tomamos consciência que tudo opõe à outra. A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento. [...] A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado (NORA, 1993, p. 6).

Igualmente, a memória é compreendida como ferramenta da história, devendo esta última utilizar-se da primeira para a reconstrução do passado. Assim, quando tratamos de História Oral, logo nos remetemos à memória, pois os episódios narrados pelos sujeitos perpassam pelas recordações que marcaram a sua história de vida. Com isso, o sujeito passa por um processo chamado de memória individual, definido por Halbwachs (2006) como:

[...] memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes. (HALBWACHS, 2006, p. 69).

O esforço feito pelo narrador faz parte de um processo de rememoração das lembranças de situações vividas, que são marcadas de posições, lugares e pessoas. Para tornar esse processo mais fácil é necessário que o pesquisador recorra a outros meios que instiguem a memória. Possivelmente, durante a entrevista, podemos utilizar fotos de momentos do cotidiano da escola, fotos de festas escolares, do corpo docente e consigamos fazer uma espécie de um álbum, para que, quando formos fazer a entrevista tenhamos materiais importantes que ajudem o sujeito a se lembrar do passado. Chamamos esse tipo de coleta de materiais de memória fotográfica, pois a partir dessas fotos, segundo Le Goff (1998), conseguimos voltar ao passado e relembrar acontecimentos importantes que ficaram registrados nas mesmas.

O momento da entrevista pode ocasionar emoções fortes aos entrevistados levando o narrador a evocar sentimentos que, de alguma maneira, deixaram marcas em sua vida. Com isso, ao entrevistarmos as professoras e os ex-alunos e falarmos do espaço no qual esses atuaram e estudaram, nos atentamos aos instantes em que o silêncio se fez presente, demonstrando a importância do ocorrido naquele período no grupo escolar. As memórias que

evocamos durante a entrevista corroboraram para que pudéssemos compreender as práticas e métodos, bem como as dificuldades de chegar até o Grupo Escolar e os enfrentamentos na e sobre a escola, “[...] daí o caráter não só pessoal, mas familiar, grupal, social, da memória.” (BOSI, 1998, p. 59).

Compreendemos, então, que a memória é mais que lembrar, ela é constituída por meio dos laços de convivências, sendo isso particularidade de cada sujeito, pois cada um possui um ponto de vista sobre a memória coletiva. De acordo com Halbwachs (2006) a memória coletiva só consegue ser construída porque existe a memória individual.

Por exemplo, quando Moisés (2016) ao rememorar o tempo em que foi professora e depois diretora, é possível constatar sua emoção ao narrar, “Fui lá ao grupo votar para prefeito, mas nem quis ficar muito tempo lá porque bate uma saudade do tempo que trabalhei. Foi muito bom e gratificante”. (MOISÉS, 2016, p. 157).

Do mesmo modo, acreditamos que a memória desempenha um papel fundamental para as fontes orais, pois,

[...] toda fonte histórica derivada da percepção humana é subjetiva, mas apenas a fonte oral permite-se desafiar essa subjetividade: deslocar as camadas de memória, cavar fundo em suas sombras, na expectativa de atingir a verdade oculta. (THOMPSON, 1992, p. 197).

Logo, podemos dizer que a metodologia da História Oral só pode ser compreendida por meio da memória, pois a narrativa do sujeito é construída a partir das suas experiências que ficaram gravadas.

As histórias narradas pelos sujeitos envolvidos com esta pesquisa aconteceram de acordo com suas lembranças, e pudemos cotejá-las junto aos documentos encontrados, permitindo criar uma aproximação do cotidiano escolar, oportunizando o entendimento de determinadas práticas das professoras. Oliveira (2005) nos alerta que

A história oral recupera aspectos individuais de cada sujeito, mas ao mesmo tempo ativa uma memória coletiva, pois, à medida que cada indivíduo conta sua história, esta se mostra envolta em um contexto sócio-histórico que deve ser considerado. Portanto, apesar de a escolha do método se justificar pelo enfoque no sujeito, a análise dos relatos leva em consideração, como já foi abordado anteriormente, as questões sociais nele presentes. (OLIVEIRA, 2005, p. 94).

Optamos pela entrevista temática. Meihy (1996) define que existem três tipos de entrevista, a primeira, é a história oral de vida, sendo o retrato oficial do depoente, ou seja, é a narrativa da própria vida, um depoimento bibliográfico único, tendo como principal símbolo a subjetividade; a segunda vertente, história oral das tradições, estuda a cultura em toda conjuntura social e “[...] remete às questões do passado longínquo que se manifestam pelo que chamamos folclore e pela transmissão geracional, de pais para filhos ou de indivíduos para indivíduos.” (MEIHY, 1996, p. 53). Já a história oral temática possibilita aos pesquisadores terem outro olhar para o objeto de estudos, para uma temática definida por um projeto de pesquisa. Isso acontece porque o pesquisador busca fazer perguntas, para responder suas próprias questões perante seu objeto. A experiência do entrevistado traz consigo o passado mais concreto, do que apenas análise de documentos, desse modo torna a pesquisa mais atraente para a divulgação do conhecimento.

A escolha por essa vertente esteve em consonância com a intenção de conhecer qual era o currículo implantado no Grupo e como eram as práticas e métodos utilizados na sala de aula. “[...] Mesmo porque as entrevistas, embora possam assumir diferentes formas, têm como objetivo registrar experiências de uma pessoa, ou de diversas pessoas pertencentes a um grupo social, a uma mesma coletividade.” (ARAÚJO, 2005, p. 20).

Thompson (1998) afirma que há uma preocupação com o que é específico, com o que é individual. A partir desse pensamento vemos que as narrativas individuais possuem uma autonomia e uma apropriação, afinal:

[...] cada depoimento para a história oral individual tem peso autônomo. O conjunto das histórias, além de propor discussão sobre as motivações individuais, serve para que, se equiparadas, elas forneçam elementos capazes de iluminar o conjunto das individualidades que se sustentam sob alguns traços comuns [...]. Além de mexer no conceito de “personagem histórico”, a história oral também trabalha com a questão do cotidiano, evidenciando que a história dos “cidadãos comuns” é trilhada em uma rotina explicada na lógica da vida coletiva de gerações que vivem no presente. (MEIHY, 1996, p. 21).

Sabemos também que a “[...] experiência histórica do entrevistado torna o passado mais concreto, sendo, por isso, atraente na divulgação do conhecimento [...]” (ALBERTI, 2004, p. 22). A fonte oral possibilita a história ser reconstruída através do olhar e da memória de quem viveu e possui sentimentos.

As narrativas orais dos sujeitos entrevistados foram transformadas em documentos, apresentando um relato do vivido, no presente. Portanto, há uma ideia errônea de que aquilo que está sendo dito/escrito seja uma “cópia” daquilo que realmente aconteceu, contudo, de acordo com Thompson (1998), a memória não é linear e nem cronológica, devendo os pesquisadores estar atentos, pois muitas vezes as lembranças são tão fortes que há a necessidade de desligar o gravador, esperar que o narrador tenha seu tempo para que retome a entrevista. Segundo Alberti (2004),

A entrevista de história oral nos acena com a chance, ou ilusão, de suspendermos, um pouco que seja, a impossibilidade de assistir a um filme contínuo do passado. Quando isso acontece é porque nela encontramos a “vivacidade” do passado, a possibilidade de revivê-lo pela experiência do entrevistado. Não é à toa que a isso muitos dão o nome de história (ou memória) “viva”. (ALBERTI, 2004, p. 15).

Pudemos vivenciar nesta pesquisa que no momento da entrevista nós, pesquisadores, devemos tomar muito cuidado com os questionamentos, pois as perguntas não devem ser fechadas para não inibir e atrapalhar o narrador a voltar em suas memórias. Devemos deixar o narrador à vontade para que a entrevista possa fluir naturalmente, pois o papel do entrevistador é apenas de escutar e motivar para que o sujeito possa ter liberdade para falar das suas experiências vividas no período em que esteve no Grupo. Afinal, as fontes orais “[...] nos fornece uma chave para a compreensão da realidade. E talvez isso aconteça mais incisivamente quando percebemos o trabalho da linguagem em construir racionalidade.” (ALBERTI, 2004, p. 79).

Dessa maneira, para entender melhor como utilizar a História Oral na pesquisa vimos a necessidade de fazer um levantamento de pesquisas nos últimos onze anos. Assim, foram feitos recortes para selecionar as pesquisas que utilizaram de História Oral. Foram selecionados estudos que estivessem na área de História da Educação, quais se tratavam de grupos escolares ou História e Memória na região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba e se utilizaram da História Oral como metodologia ou como técnica. Para fazer este levantamento de pesquisas buscamos no Banco de Teses e Dissertações da CAPES e da Biblioteca Digital da Universidade Federal de Uberlândia.

Com isso, o quadro abaixo mostra treze pesquisas defendidas no Programa de Pós-graduação em Educação, na Universidade Federal de Uberlândia, tendo como área de concentração História e Historiografia da Educação, que aplicaram a História Oral para

entender a história das instituições, de professores e práticas escolares para construir a historiografia da região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba.

Quadro 2: Dissertações e Teses que utilizaram a História Oral

	Título do Trabalho	Autor	Mestrado (M)/ Doutorado (D)	Instituição/Ano
01	História da Alfabetização de Ituiutaba: vivências no Grupo Escolar Governador Clóvis Salgado(1957-1971)	CUNHA, Tânia Rezende Silvestre.	D	UFU/2011
02	Modos de alfabetizar no grupo escolar Clarimundo Carneiro (1963 a 1973)	LEPICK, Vanessa.	M	UFU/2013
03	História de alfabetizadoras Uberlandenses: modos de fazer no Grupo Bom Jesus (1955-1971)	LIMA, Michelle Castro.	M	UFU/2011
04	Grupo Escolar 13 de Maio e a Educação Primária na periferia de Uberlândia, MG - 1962-1971	VILLAS BOAS, Márcia Silva de Melo Villas.	M	UFU/2015
05	Grupo Escolar de Ibiá, MG (1932 a 1946)	SOUZA, Sirlene Cristina de.	M	UFU/2010
06	História e ofício de alfabetizadoras: Ituiutaba (1931-1961)	MORAES, Andréia Demétrio Jorge.	M	UFU/2008
07	História de alfabetizadores: Vida, memória e profissão	GUIMARÃES, Edite Glória Amorim.	M	UFU/2006
08	Ser professora na república: modos de pensar, sentir e agir (1930-1950)	MARTINS, Rosa Maria de Souza.	M	UFU/2009
09	O percurso institucional da disciplina “História da Educação” em Minas Gerais e o seu ensino na Escola Normal Oficial de Uberaba (1928-1970)	GUIMARÃES, Rosângela Maria Castro.	D	UFU/2012
10	História e Memória da Formação Docente em Ituiutaba	MORAES, Andréia Demétrio Jorge.	D	UFU/2014
11	História e Memória do Liceu de Uberlândia, MG – 1928 a 1942	BERNARDELLI, Kellen Cristina Costa Alves.	M	UFU/2007
12	História da Alfabetização: Leitura e Escrita para Surdos (1962-1986)	DUARTE, Kleiver.	M	UFU/2013
13	Da centralidade da Infância na modernidade e sua escolarização: a Escola Estadual João Pinheiro – Ituiutaba (MG), 1908-1988	FERREIRA, Ana Emília Cordeiro Souto.	M	UFU/2007

Fonte: Elaborado a partir dos Bancos de Teses e Dissertações da CAPES, da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da Universidade Federal de Uberlândia.

Após essa investigação das pesquisas que se utilizaram de fontes orais, para melhor compreensão, iremos apresentar os principais aspectos das pesquisas. Abordaremos a metodologia utilizada, o período pesquisado, objetivos da pesquisa, a linha de pesquisa em que o trabalho está concentrado e se utilizou da História Oral como metodologia ou como técnica.

2.2.1 História da Alfabetização de Ituiutaba: vivências no Grupo Escolar Governador Clóvis Salgado (1957-1971)

Tese de doutorado defendida no Programa de Pós-graduação de Educação da Universidade Federal de Uberlândia, da linha de História e Historiografia da Educação, está dividida em cinco seções: introdução, três capítulos e considerações finais. Ao longo, de sua pesquisa são entrevistados cinco sujeitos: duas alfabetizadoras, duas alunas e uma diretora.

Tem como principal objetivo investigar a história local da cidade de Ituiutaba através dos processos de alfabetização que aconteciam no Grupo Escolar Governador Clóvis Salgado. Foi uma pesquisa que se utilizou da História Oral como metodologia, a autora Cunha (2011) destaca que:

[...] A história oral, como metodologia da pesquisa, foi fundamental para a realização deste estudo, pois é a partir das vozes das próprias alfabetizadoras que construímos a história da alfabetização no Grupo Escolar Governador Clóvis Salgado, no período de 1957-1971[...]. (CUNHA, 2011, p. 10).

É importante ressaltar que a pesquisa também se baseou em fontes bibliográficas e documentais como: cartilhas, atas, livretos e leis, para assim conseguir compreender melhor as práticas e os métodos de alfabetização que eram utilizados naquele período.

2.2.2 Modos de alfabetizar no grupo escolar Clarimundo Carneiro (1963 a 1973)

A pesquisa é uma dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia, da linha de História e Historiografia da Educação. O estudo foi dividido em seis seções: introdução, quatro capítulos e considerações finais. Assim, ao decorrer dos estudos foram entrevistadas cinco alfabetizadoras.

A investigação está no campo de pesquisas qualitativas na educação e tem como principal objetivo investigar os modos de alfabetizar do Grupo Escolar Clarimundo Carneiro.

Sua opção metodológica foi de utilizar a História Oral, mas viu necessidade de fazer uso de fontes documentais. Segundo a pesquisadora, se fez importante a utilização das fontes orais e documentais visto que:

[...] a partir, da História Oral foi possível retomar as experiências de alfabetizadoras em sala de aula e seus modos de ensinar a língua portuguesa. Além disso, permite valorizar as vivências destas alfabetizadoras e revelar detalhes que os documentos oficiais não informam [...]. (LEPICK, 2013, p. 6).

É interessante dar destaque à sua seção três, pois a pesquisadora dedica uma seção apenas para tratar sobre seus sujeitos e suas trajetórias para chegarem a ser alfabetizadoras no Grupo Escolar Clarimundo Carneiro. Dessa maneira, trás informações de como entraram os sujeitos, o decorrer de como aconteceu a entrevista, além de uma pequena biografia dos sujeitos trazendo falas de como se tornaram professoras.

Essa seção foi fundamental para que pudéssemos entender, de forma prática, como chegar até o entrevistado, o que pode ser utilizado para ajudar no processo de recordar por meio das suas memórias.

2.2.3 História de alfabetizadoras Uberlandenses: modos de fazer no Grupo Bom Jesus (1955-1971)

Dissertação defendida no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia, da linha de História e Historiografia da Educação. O estudo foi dividido em seis seções: introdução, quatro capítulos e considerações finais. Assim, ao decorrer dos estudos foram entrevistadas cinco alfabetizadoras.

Na investigação utilizou-se da metodologia de história oral para aprofundar os estudos da História da Alfabetização de Uberlândia, tendo com principal objetivo a compreensão dos processos de alfabetização do grupo Escolar Bom Jesus. Sendo assim, se fez necessário analisar as práticas das alfabetizadoras, a partir de suas falas e então analisar melhor os métodos de ensino da Leitura e da Escrita aplicados por elas em sala de aula.

2.2.4 Grupo Escolar 13 de Maio e a Educação Primária na periferia de Uberlândia, MG - 1962-1971

Esse trabalho de mestrado foi apresentado no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia, da linha de História e Historiografia da Educação. O estudo foi dividido em cinco seções: introdução, três capítulos e considerações finais.

Essa pesquisa teve como objetivo principal a compreensão da História da Instalação do Grupo Escolar que foi instalado numa área periférica de Uberlândia, sendo analisado o cotidiano escolar e as práticas escolares que eram utilizadas dentro do grupo no período de 1962 a 1971.

Assim, a investigação trás como metodologia o estudo bibliográfico documental sobre a temática e a História Oral é utilizada como técnica.

A dissertação merece destaque, pois além de investigar a instalação do grupo, faz uma extensa pesquisa onde utiliza a análise documental para estudar como ocorriam as práticas. Para realizar essa análise contou com o apoio de: diários de classes, atas e jornais.

2.2.5 Grupo Escolar de Ibiá, MG (1932 a 1946)

A pesquisa de mestrado foi apresentada no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia, da linha de História e Historiografia da Educação. O estudo foi dividido em seis seções: introdução, quatro capítulos e considerações finais.

Dessa maneira, a investigação proposta é de estudar a história das instituições escolares, tendo como principal objeto de estudo o Grupo Escolar de Ibiá que mais tarde seria chamado de Grupo Escolar Dom José Gaspar. O objetivo principal proposto pela autora foi de recuperar a história da educação dessa instituição de ensino, tendo como foco os processos políticos, econômicos e socioculturais em nível nacional, regional e local.

O trabalho se baseia em análise de dados quantitativos e qualitativos através de fontes documentais, orais e iconográficas, que foram analisadas a partir do método dialético. Por isso, podemos considerar que a História Oral foi utilizada como técnica porque o testemunho oral aparece apenas em um item da pesquisa e para se utilizar fontes orais como metodologia é necessário trabalhar as narrativas durante toda a pesquisa.

2.2.6 História e ofício de alfabetizadoras: Ituiutaba (1931-1961)

É uma pesquisa de mestrado que foi apresentada pela autora Moraes (2008), no Programa de Pós-graduação em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia. O trabalho ficou dividido em seis seções: introdução, quatro capítulos e considerações finais. A

pesquisa está inserida na linha de pesquisa de História e Historiografia da Educação e visou estudar a história das alfabetizadoras do município de Ituiutaba, no período de 1931 a 1961.

A metodologia que foi utilizada é a História Oral, e durante a pesquisa foram selecionadas três alfabetizadoras, para entender o ofício de alfabetizar. O objetivo principal foi compreender a história das alfabetizadoras que estão sujeitas a um contexto histórico, além da sua formação docente e, a partir disso, conseguir fazer uma reflexão sobre as práticas e seus saberes na hora de alfabetizar os alunos.

Na primeira seção Moraes (2008), aponta em sua pesquisa todo o seu percurso de como encontrou as alfabetizadoras, além de deixar claro como aconteceram os diálogos com os sujeitos da pesquisa. Como se trata de um trabalho de metodologia de História Oral é importante o autor trazer seu caminho metodológico.

2.2.7 História de alfabetizadores: Vida, memória e profissão

Este trabalho é uma dissertação de mestrado apresentada no Programa de Pós-graduação pela Universidade Federal de Uberlândia e está inserida na linha de pesquisa de História e Historiografia da Educação. O trabalho ficou dividido em quatro seções: introdução, três capítulos e considerações finais. O objetivo dessa pesquisa foi registrar a vida, a memória e a profissão das alfabetizadoras da cidade de Patos de Minas. Assim, foram selecionadas quatro alfabetizadoras de escolas públicas, estaduais e municipais.

A metodologia aplicada foi de História Oral de Vida, trazendo ao longo de toda a dissertação as memórias das quatro alfabetizadoras e as principais questões envolviam como cada uma se alfabetizou, sua formação inicial e continuada, suas práticas de alfabetizar. É importante destacar que como se trata de uma metodologia de História Oral de Vida, todas as seções da pesquisa foram contando dos sujeitos e suas memórias, vida e profissão.

2.2.8 Ser professora na república: modos de pensar, sentir e agir (1930-1950)

Esse trabalho de mestrado foi apresentado no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia, da linha de pesquisa de História e Historiografia da Educação. O estudo foi dividido em cinco seções: introdução, três capítulos e considerações finais.

Apesar do título da dissertação não deixar claro, a pesquisa compreende os modos de pensar, sentir e agir das professoras do Grupo Escolar Bueno Brandão, na cidade de Uberlândia, no período de 1930-1950. A metodologia foi a História Oral, para que a autora

Martins (2009) compreendesse como eram trabalhadas as questões relacionadas ao civismo, moral, disciplina, higiene e saúde no grupo escolar, visto que eram princípios da República.

2.2.9 O percurso institucional da disciplina “História da Educação” em Minas Gerais e o seu ensino na Escola Normal Oficial de Uberaba (1928-1970)

A pesquisa de doutorado foi desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia. A linha que a pesquisa está inserida é a de História e Historiografia, tendo como subárea a História das disciplinas, que teve como objetivo traçar a trajetória da disciplina “História da Educação” nas escolas normais no Estado de Minas Gerais e o ensino da mesma na Escola Normal Oficial de Uberaba, no período de 1928 a 1970.

A autora faz usos de documentos da Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais, da Secretaria da Educação do Estado de Minas Gerais, do Arquivo Público de Uberaba-MG e arquivos da própria instituição estudada. Guimarães (2012) realiza duas entrevistas: uma, como uma professora da escola e a outra, com a ex-aluna da escola normal. Apesar de utilizar de fontes orais em sua pesquisa podemos considerar que a história oral foi aplicada como técnica.

2.2.10 História e Memória da Formação Docente em Ituiutaba

Moraes (2014) apresentou a pesquisa de doutorado intitulada “História e Memória da Formação Docente em Ituiutaba” no Programa de Pós-graduação em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia. A linha que a pesquisa está inserida é a de História e Historiografia e tem como foco a formação docente nas Escolas Normais de Ituiutaba, no período de 1935 a 1971.

O principal objetivo foi de identificar e analisar quais eram as concepções e as ideias pedagógicas propostas nos cursos de formação de professores. Para que fosse possível essa compreensão fez-se necessário a aplicar a metodologia de História Oral, visto que a autora entrevistou ex-alunos, professores e gestores da instituição.

2.2.11 História e Memória do Liceu de Uberlândia, MG – 1928 a 1942

A investigação de mestrado de Bernardelli (2007) teve como título, “História e Memória do Liceu de Uberlândia, MG – 1928 a 1942” e foi apresentada no Programa de Pós-

graduação em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia. A linha que a pesquisa está inserida é a de História e Historiografia.

O estudo tem como foco a História das Instituições, o qual priorizou a análise de Reformas Educacionais e de fontes documentais encontradas sobre a instituição. Além disso, foi aplicada a História Oral como técnica para que fosse possível entender os recursos metodológicos.

2.2.12 História da Alfabetização: Leitura e Escrita para Surdos (1962-1986)

Pesquisa de mestrado de Duarte (2013), tendo como título, “História da Alfabetização: Leitura e Escrita para Surdos (1962-1986)”, defendida em 2013, no Programa de Pós-graduação em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia. A linha que a pesquisa está inserida é a de História e Historiografia.

O estudo tem como foco a História da Alfabetização para surdos, a qual se utiliza de História Oral como metodologia de forma diferente, pois as narrativas são em língua de sinais e tiveram que ser filmadas para depois serem traduzidas. Através desses depoimentos foi possível ver como aconteciam os métodos para alfabetizar alunos surdos.

Assim, essa pesquisa é importante por “construir parte da história via narrativas de alfabetizadoras, trazidas pela memória [...]” (DUARTE, 2013, p. 9). O autor consegue mostrar que a língua de sinais ocupa o espaço de formação do aluno surdo na alfabetização.

2.2.13 Da centralidade da Infância na modernidade e sua escolarização: a Escola Estadual João Pinheiro – Ituiutaba (MG), 1908-1988

A dissertação “Da centralidade da Infância na modernidade e sua escolarização: a Escola Estadual João Pinheiro – Ituiutaba (MG), 1908-1988”, tendo com a autora Ferreira (2007), foi defendida no Programa de Pós-graduação em Educação na Universidade Federal de Uberlândia.

A pesquisa apresentada está dividida em 5 seções: Introdução, capítulo I, Capítulo II, Capítulo III e considerações finais. A temática foi discutida do macro para o micro, ou seja, mostra primeiramente um panorama do Brasil para se discutir sobre o município de Ituiutaba e a Escola Estadual João Pinheiro.

O principal objetivo da pesquisa foi estudar a Instalação da escola e as práticas pedagógicas desenvolvidas nas séries iniciais da instituição. A metodologia foi analisar os

documentos oficiais da escola, além de trazer narrativas de ex-professoras e ex-alunos sobre as práticas pedagógicas.

2.3 O percurso metodológico e os sujeitos da pesquisa

O percurso metodológico da pesquisa foi sendo construído passo a passo. Primeiramente, foi necessário fazer um levantamento de fontes documentais (Jornal Local⁴, Atas da Câmara). Foram registrados, através de fotos, todos os documentos do período de 1908 a 1971, que mencionavam o Grupo Escolar Brasil, pois foi fundamental ver os anos que antecederam a implantação do primeiro grupo em Uberaba, a nomeação das primeiras professoras e a divulgação do trabalho que era desenvolvido com os alunos. Esse trabalho minucioso e detalhado perdurou por quatro meses no Arquivo Público de Uberaba.

Depois que foram feitos todos esses registros dos jornais, percebeu-se que agora era possível analisar os documentos do Grupo Escolar Brasil. Inicialmente, foi marcado um horário com a atual diretora da Escola Estadual Grupo Brasil, a qual me recebeu muito bem e colocou todos os documentos do período pesquisado 1960 a 1971 à minha disposição. Mas, infelizmente, como a escola já possui 107 anos, alguns documentos já foram descartados, o que dificultou o levantamento dos dados.

O que sobrou na escola foram apenas às atas de reuniões da 1ª série à 4ª série e as fotos do período de 1960 a 1971. A partir disso, o que poderia ser um problema, passou a ser uma fonte de informações, pois nessas atas havia o número de alunos matriculados, as disciplinas ministradas (Língua Pátria, Aritmética, Desenho, Trabalhos Manuais, Ginástica e Canto), o resultado dos exames dos alunos aprovados para a próxima série, de forma descritiva como acontecia à entrega dos certificados dos alunos que se formavam na 4ª série e, além disso, havia as assinaturas das professoras nas atas.

Num primeiro momento foi elaborada, a partir das atas, uma lista das professoras que trabalharam no grupo no período de 1960 a 1971. As assinaturas foram sinais para que os sujeitos dessa pesquisa fossem encontrados. Do universo das 25 assinaturas identificadas nas atas de reuniões de 1960 a 1971, foram contatadas 7 professoras, que ainda residem em Uberaba. Os primeiros contatos foram feitos por telefone, nos quais a pesquisadora explicava sobre o objetivo da pesquisa, agendando um horário com a possível entrevistada para poder explicar melhor sobre a temática a ser pesquisada.

⁴ Foram utilizados os jornais: Lavoura e Commercio, Triângulo, Gazeta de Uberaba e Jornal Católico.

A primeira professora com a qual foi feito contato pelo telefone foi através de uma indicação do Prof. Dr. Plauto Riccioppo Filho⁵, pois a mesma é tia dele, mas infelizmente não quis receber-nos, pois seus horários são apertados por dar aulas particulares. Porém, passou-nos o telefone da ex-diretora Norma Moisés, que será chamada durante a pesquisa de Moisés.

A Terezinha Jammal, que nesse estudo será chamada de Jammal, consegui o contato através do catálogo de telefone. Conversamos pelo telefone explicando sobre o que era a pesquisa e a importância de ouvir seu relato. No mesmo momento se dispôs a nos receber em sua casa. Realizamos a entrevista, e ela nos passou o telefone de duas professoras que trabalharam no grupo escolar Brasil que são a Mariano e a Molinar⁶.

Dessa forma, entramos em contato por telefone com a professora Margarida Maria Rodrigues Mariano, que será identificada como Mariano. No começo da conversa quis recusar, pois ficou com receio de não se lembrar do tempo em que trabalhou no grupo. Dessa maneira propusemos marcar uma conversa e explicar melhor pessoalmente e depois ficaria a critério dela aceitar ou não a entrevista. Quando fomos à sua casa e explicamos melhor sobre a pesquisa, a mesma ficou muito interessada no assunto e aceitou dar entrevista.

Depois que entrevistamos três professoras, percebemos a necessidade de entrevistar os ex-alunos que estudaram da primeira série à quarta série primária no Grupo Escolar Brasil. A intenção era ver através de seu olhar, como aluno do grupo, como compreendia as práticas, os momentos cívicos, o cotidiano escolar. Assim, foi fundamental voltar nas atas do Grupo Escolar Brasil e fazer um levantamento dos ex-alunos. Depois procuramos os nomes na lista telefônica e dessa maneira encontramos o Luiz Gonzaga Vaz Molinar⁷, o Wadi Cury Mauá e a Vera Lúcia Nascimento⁸.

A primeira entrevista foi com o ex-aluno Wadi Cury Mauá, que será identificado nesse estudo com Mauá. Fizemos o primeiro contato por telefone, explicando de forma simples do que se tratava a pesquisa e qual era a importância de ouvir sua história como aluno do Grupo Escolar Brasil. Wadi ficou muito surpreso de como conseguimos descobrir que estudou no grupo e no mesmo momento se dispôs a receber-nos em sua casa.

A segunda entrevista foi com Luiz Gonzaga Vaz Molinar, que será chamado nesse estudo de Molinar. Primeiramente encontramos seu contato através do catálogo de telefone,

⁵ Pesquisou sobre a Formação de Professores e o Ensino Superior na cidade de Uberaba-MG ver, RICCIOPPO FILHO, Plauto. **Ensino Superior e Formação de Professores Uberaba/MG (1881-1938):** uma trajetória de avanços e retrocessos. 509 páginas, Dissertação de mestrado – Universidade de Uberaba, 2007.

⁶ Fizemos um primeiro contato por telefone com a professora Molinar, mas a família achou melhor não nos receber devido seu estado de saúde.

⁷ Luiz Gonzaga Vaz Molinar é primo da professora Molinar, por isso os sobrenomes aparecem iguais na pesquisa.

⁸ Infelizmente não pode me receber por motivos de saúde.

como já foi dito anteriormente. Conversamos pelo telefone explicando sobre o estudo e Molinar demonstrou interesse no mesmo momento, pois pelo telefone nos relatou que possuía boas lembranças do Grupo Escolar Brasil.

A escolha do local para a realização das entrevistas ficava a cargo de cada um dos entrevistados. Todos quiseram que fossem na própria residência por sentirem-se mais à vontade ou por ser difícil o deslocamento.

O ato de rememorar, apesar de ter um direcionamento do tempo e do espaço coletivo, foi compreendido em cada entrevista enquanto processo individual. “Em vista disso, as recordações podem ser semelhantes, contraditórias ou sobrepostas.” (PORTELLI, 1997, p. 6).

A individualidade de cada narrativa permitiu utilizar o próprio nome dos entrevistados, pois o nome de cada sujeito representa uma identidade social e pessoal, ou seja, é por trás da identidade que temos o tempo e os lugares das narrativas.

Percebemos que seria de extrema importância para este estudo apresentar as professoras e os ex-alunos participantes da pesquisa, principalmente pela singularidade de cada entrevistado, de cada memória compartilhada. Apresentar suas trajetórias profissionais e pessoais, mostrar o seu ingresso na carreira como professora, a influência familiar e da sociedade na escolha de ser professora, principalmente no período de 1960 a 1971, no qual a mulher não tinha opção de carreira profissional.

Nesse sentido iremos relatar um pouco da trajetória pessoal e profissional de Moisés, que foi uma das diretoras, ficando 13 anos na direção do Grupo e antes disso trabalhou como professora da 4º série. A trajetória de duas professoras que atuaram nesse Grupo durante o período estudado da pesquisa, Jammal e Mariano. Além de apresentar a trajetória dos ex-alunos que estudaram durante o período da pesquisa, Molinar e Mauá.

2.3.1 Moisés

Para dar início à apresentação dos sujeitos presentes nesta pesquisa, começaremos por Norma Moisés, que trabalhou como professora e diretora no Grupo Escolar Brasil, ficando até se aposentar. No primeiro momento, de 1957 a 1973, como professora da 4ª série e no segundo momento à frente da direção do Grupo Escolar Brasil, no período de 1974 até 1987. Quando se aposentou, foi da última leva de diretoras que não passavam por eleições para assumir o cargo.

Moisés, é separada, pertence a uma família de vários irmãos e irmãs, mas que estão vivas são apenas duas irmãs. Uma das irmãs ficou viúva recentemente e atualmente moram

juntas. Nasceu na cidade de Santa Juliana, Estado de Minas Gerais, que fica a cerca de 89 Km da cidade Uberaba-MG.

Descobrimos Moisés, através da professora Riccioppo, que passou o contato dela, pois não podia nos atender por seus horários serem corridos e nos informou que Moisés nos ajudaria mais por ter trabalhado mais tempo no Grupo Escolar Brasil. O primeiro contato que fizemos com Moisés não foi produtivo, já que estava com uma irmã doente e tendo que cuidar dela não podia nos atender, então, quando ligávamos dizia que não estava em casa. Dessa maneira, deixamos passar mais ou menos 2 meses para voltarmos a fazer um primeiro contato por telefone.

Passado esse tempo ligamos novamente, ela atendeu ao telefone e aceitou nos receber em sua casa no mesmo dia. Explicamos pelo telefone sobre o que se tratava a pesquisa e a importância de entrevistá-la. No começo percebemos uma preocupação dela em não relembrar o passado, mas cabe ao entrevistador mostrar que será uma entrevista tranquila, a qual seria transcrita e ela leria antes de ser publicada, preservando assim sua memória.

A entrevista foi longa, mas foi devido à experiência que a pesquisadora já possuía em fazer entrevistas e também devido à Moisés ter trabalhado por mais tempo no grupo, e possuir duas visões, uma como professora e outra como diretora. Através do seu relato oral conseguiu descrever como funcionava o grupo, a importância de se ter um caixa escolar na escola, além de falar sobre suas práticas em sala, que é o objetivo dessa pesquisa.

A formação inicial de Moisés ocorreu em uma escola pública na cidade Santa Juliana. Por coincidência estudou junto com Mariano⁹. Como explicitam as narrativas de Moisés (2016) “Era uma escola muito simples e a professora dava aula, não em conjunto igual faziam nas escolas rurais.” (MOISÉS, 2016, 151). A escola que Moisés estudou não era classe multisseriada, mas as crianças eram separadas por séries.

“Eu me lembro dos cadernos, e que a professora concretizava os conteúdos com frutas, para aprender a somar, a multiplicar, a dividir. Depois a professora dava aquela fruta como prêmio para o aluno que soubesse mais ou acertasse a tabuada. Recordo-me que ela colocava no alto do quadro negro (naquele tempo falava lousa), colocava a fruta no alto do quadro e falava quem acertar ganha essa fruta. Quer dizer que era motivação, mas era tudo muito simples.” (MOISÉS, 2016, p. 153).

⁹ Uma das outras três entrevistadas.

Quando se recorda das avaliações, se lembra de um caderno de caligrafia. “[...] Tínhamos que fazer caligrafia que era muito usado, até no meu tempo como professora e diretora a escola ainda conservava a caligrafia que era aquele caderno com duas linhas.” (MOISÉS, 2016, p. 153).

Assim, mudou com sua família para o município de Uberaba-MG, e foi estudar no Colégio Nossa Senhora das Dores¹⁰, onde estudou da segunda à quarta série, depois continuou seus estudos num colégio interno na cidade de Franca-SP, Colégio Nossa Senhora de Lórdes, que era administrado pelas irmãs de São José. Fez a quinta série, que se chamava de admissão.

“Para entrar no ginásial, como era chamado, era feito primeiro o primário até a quarta série, depois que tivesse conhecimento fazia uma prova e passava para a primeira série ginásial. Como vim de uma escola e de uma cidade onde o ensino era mais franco, eu tive que fazer um ano de admissão no Colégio Nossa Senhora de Lórdes que correspondia à primeira série ginásial, mas eu fiz o ano todo dessa quinta série, pois vim de uma escola mais franca, de cidade pequena. Depois eu fiz a primeira, segunda e terceira séries ginásial nesse Colégio em Franca.” (MOISÉS, 2016, p. 153).

Quando saiu do internato, voltou para a cidade de Uberaba-MG, onde sua família já estava morando há algum tempo e deu continuidade a seus estudos no Colégio Nossa Senhora das Dores, dando início ao Normal, mas, como nesse período ficou noiva, acabou tendo que trancar seus estudos para preparar o enxoval para o casamento.

Após um ano voltou a fazer o Normal, só que na Escola Estadual Leônicio Ferreira do Amaral (hoje Escola Estadual Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco), “[...] Era uma escola mais alegre, não era aquele regime autoritário que acontecia nas escolas de freiras que estudei.” (MOISÉS, 2016, p. 154). Quando terminou o Normal, fez três faculdades: Jornalismo, Direito e Pedagogia.

Antes de ser nomeada pelo Estado de Minas Gerais, trabalhou como contratada em outras escolas na cidade como: Escola Dom Eduardo, Grupo Escolar Minas Gerais, Escola Frei Leopoldo. “Naquela época você fazia pontos de substituição e os contratos eram feitos através de classificação com os pontos que você tinha feito no magistério. Era feita uma prova, pois você estava praticando, não havia prova prática, mas eram os pontos.” (MOISÉS, 2016, p. 159).

¹⁰ Para saber mais sobre a história do Colégio Nossa Senhora das Dores, ver MOURA, Geovana Ferreira Melo. **Por trás dos muros escolares (manuscrito):** luzes e sombras na educação feminina (Colégio N. Sra. das Dores 1940/1960). Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Uberlândia, 2002.

Entretanto, em tantas mudanças de escolas que trabalhava Moisés, quando foi nomeada pelo o Estado, escolheu o Grupo Escolar Brasil, por ser mais perto de sua casa e a diretora já conhecer seu trabalho. Assim, ficou durante 30 anos de sua carreira no Grupo, ou seja, pode-se considerar que sua carreira profissional foi construída dentro do Grupo. Sua escolha na terceira faculdade de Pedagogia foi para assumir a direção do Grupo.

Figura 1: Norma Moisés



Fonte: Acervo da pesquisadora.

2.3.2 Jammal

A primeira professora entrevistada foi a Jammal, 88 anos, nasceu em uma fazenda que se localiza próximo aos municípios de Uberaba e Araxá, é solteira, possui um sobrinho que sempre faz visitas, leva ao médico e finais de semanas a busca para passar com ele. Atualmente é aposentada e mora com uma acompanhante. Foi professora da 3º série na maior parte da sua carreira profissional, mas, segundo ela, trabalhou em outras séries.

Suas primeiras experiências como professora foram em uma escola rural da região de Uberaba. Em 1958 foi nomeada para trabalhar na cidade de Uberaba, no Grupo Escolar Brasil, onde atuou durante três anos. Em 1961, foi transferida para o Grupo Escolar Dom Alexandre, que hoje nem existe mais na cidade. Quando perguntamos à Jammal o que significou para ela sair de uma escola rural e vir trabalhar na cidade de Uberaba, esta foi a resposta: “Toda vida sempre tive vontade de morar em Uberaba. Porque achava que as professoras daqui deviam ser melhor.” (JAMMAL, 2016, p. 145). Podemos perceber que a

maioria das professoras primeiro adquiria experiência nas escolas rurais para depois serem transferidas para a cidade.

Para localizar a professora Jammal, primeiramente identificamos o nome dela nas atas de reuniões do grupo, no período de 1958 a 1960, assim, procuramos seu contato na lista telefônica. Apesar de ter trabalhado pouco tempo no grupo, pensamos que poderia ser um caminho para descobrir outras professoras através dela. E foi o que aconteceu. Jammal nos passou o contato de mais três professoras, mas apenas uma quis nos receber, que foi a Mariano.

O primeiro contato com a professora foi pelo telefone, quando explicamos sobre a pesquisa e a importância de ouvir seu relato de experiência como professora no Grupo. Assim, marcamos um horário de irmos à casa dela para explicar melhor a respeito da pesquisa.

A entrevista não foi muito longa, mas de grande importância porque contou com detalhes os seus primeiros contatos com a leitura e a escrita, como se deu sua escolha de ser professora, como fazia para chegar à escola, além de relatar como foram suas experiências como professora.

Jammal, diferente das outras entrevistadas, foi alfabetizada em casa pelos pais, e depois estudou numa escola na zona rural, a qual era de difícil acesso. “Quando fui para a escola já entrei na segunda série, era uma escola afastada e para conseguir chegar era preciso ir a cavalo. Foi onde tive meu primeiro contato com a leitura, com a escrita, com o livro.” (JAMMAL, 2016, p. 141). No período em que estudou na escola não havia nem quadro para a professora.

“Acho que nem havia quadro, não consigo me lembrar do quadro. Eu me lembro de uma pedra que cada aluno possuía uma, era onde escrevia, quando terminava de escrever era necessário apagar, começava de novo e era gostoso escrever nesta pedra. A professora falava e a gente escrevia. Não copiávamos muito, igual se copia agora no quadro. Era mais assim, a professora ditava, dava as contas ou às vezes a professora escrevia e a gente fazia o trabalho, tudo nessa pedra. Tinha caderno também, mas usávamos mais uma pedra.” (JAMMAL, 2016, p. 141).

Jammal estudou nessa escola na zona rural até a oitava série, quando se mudou para a cidade de Patrocínio-MG, para fazer o Normal no Colégio Nossa Senhora do Patrocínio. Suas primeiras experiências como professora foram na zona rural perto de Uberaba e quando foi nomeada veio logo trabalhar no Grupo Escolar Brasil.

Depois assumiu um cargo de diretora de jardim na Escola Domingos Paraíso, por dois anos, mas logo depois foi trabalhar como professora na Escola Lauro Fontoura onde ficou até aposentar. Trabalhou durante 36 anos e nesse período de trabalho como professora fez faculdade de Pedagogia. Foi o que a ajudou se aposentar melhor.

Perguntamos à Jammal, como se deu sua escolha pela docência e ela respondeu que foi por influência dos pais e vocação. “Eu sempre tive ideal de ser professora. A minha mãe também queria que eu fosse professora, ela achava tão bonito professora. Ela falava:- Vai Tereza ser professora! É uma profissão abençoada. Assim, fui ser professora.” (JAMMAL, 2016, p. 143). Conforme o relato de Jammal, conseguimos perceber esse amor que tem pela sua profissão professor.

Figura 2: Terezinha Jammal



Fonte: Acervo da pesquisadora.

2.3.3 Mariano

A segunda professora ser entrevistada foi Mariano, 80 anos, nasceu na cidade de Santa Juliana-MG, solteira, pertence a uma família de vários irmãos, mas que estão vivos são apenas dois que não reside na cidade de Uberaba. Mariano, hoje em dia vive sozinha, tem uma ajudante que fica o dia todo com ela e à noite um sobrinho dorme em sua casa.

Mariano foi um dos contatos que a Jammal nos passou. O primeiro contato que fizemos foi por telefone. No começo da conversa Mariano ficou com receio de nos receber em sua casa, mas quando falamos que já tínhamos entrevistado uma de suas amigas de profissão,

que era a Jammal, ficou tranquila e mais interessada sobre o assunto. Assim, conseguimos marcar uma visita em sua casa na mesma semana.

Antes de ligar o gravador, explicamos melhor do que se tratava a pesquisa, pois tínhamos interesse em saber como eram aplicados os métodos e as práticas em sala de aula, no período em que trabalhou no Grupo Escolar Brasil. Nessa conversa informal que tivemos nos apresentou o seu plano de ano e um livro de poesias com o qual trabalhava com as crianças em sala.

Seus primeiros contatos com a leitura e a escrita foram através de brincadeiras na escola. Mariano se lembra de como aconteciam as aulas:

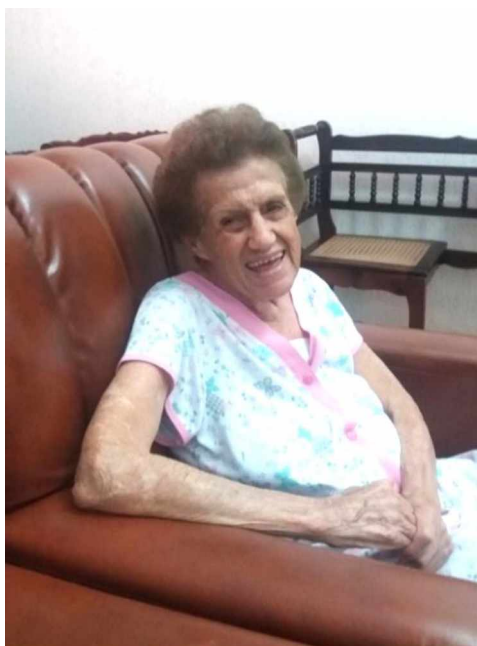
“Acontecia nos modos daquele tempo, já havia cadernos, treinávamos muito a coordenação motora, depois tínhamos um grupo de palavras a partir disso íamos formando outras palavras. A professora era brava, deixava os alunos muito de pé, mas acontecia com quem ficava desobedecendo, fazendo bagunça.” (MARIANO, 2016, p. 147).

Sua família mudou-se para a cidade de Uberaba-MG, mas ela e o um irmão ficaram em Santa Juliana para terminar o primário. Só aos 10 anos que foi morar em Uberaba com sua família.

Formou-se na primeira turma da Escola Normal Oficial de Uberaba e mais tarde graduou-se em Pedagogia. Por ter vindo de uma família mais simples nos conta que “para pagar minha faculdade acordava as 05h30min da manhã, pois dava aula particular.” (MARIANO, 2016, p. 148).

Sua experiência como professora sempre foi na cidade de Uberaba-MG e a primeira escola na qual lecionou foi a Escola Professor Chaves. Ela passou duas fases da sua carreira no Grupo Escolar Brasil. Na primeira fase foi contratada como professora substituta por três anos. Assim que o contrato acabou foi indicada pela diretora para trabalhar no Grupo Escolar Minas Gerais. Anos depois, prestou um concurso e voltou a trabalhar como professora no Grupo Escolar Brasil, inicialmente como normalista e depois como supervisora.

Figura 3: Margarida Maria Rodrigues Mariano



Fonte: Acervo da pesquisadora.

2.3.4 Molinar

O primeiro ex-aluno a ser entrevistado foi Molinar, 78 anos, nasceu na cidade de Uberaba-MG, casado, pai de três filhos, mas nenhum reside na cidade de Uberaba. Hoje em dia vive junto com sua esposa. Formou-se em odontologia na Faculdade Tomás de Aquino no município de Uberaba-MG.

Molinar nos conta que estudou as quatro séries do ensino primário no Grupo Escolar Brasil, que foi onde o apresentaram a leitura e a escrita pela primeira vez. Suas lembranças sobre o tempo que estudou no grupo são marcadas de felicidade e saudade, pois Molinar tem ótimas lembranças sobre as professoras.

“Então, eu gostava demais de ir para o grupo escolar, eu ia satisfeito. Lá havia muitos estímulos, as professoras eram muito atenciosas, faziam a gente ... manipular os papéis, os livros que havia apesar de ser bem simples, mas foi meu percurso no grupo escolar. Era muito atenciosa, bonita, tinha paciência. Não me lembro, mas acho que a professora era da família Cruvinel.” (MOLINAR, 2016, p. 162).

Depois que terminou o ensino primário, foi fazer o ginásio no Colégio Diocesano, logo em seguida, começou no Colégio Triângulo o científico, mas no último ano mudou-se para Belo Horizonte para terminar os estudos. Assim, voltou para a cidade de Uberaba e fez o vestibular de odontologia.

É importante ressaltar que Molinar lembra-se de detalhes importantes do cotidiano escolar, das práticas, dos momentos cívicos que aconteciam dentro do Grupo Escolar Brasil. Dessa maneira sua narrativa contribuiu para que fosse possível compreender o problema proposto pela pesquisa.

Figura 4: Luiz Gonzaga Vaz Molinar



Fonte: Acervo da pesquisadora.

2.3.5 Mauá

O segundo entrevistado Wadi Cury Mauá, ex-aluno do Grupo Escolar Brasil, tem 76 anos, nasceu em Uberaba-MG, casado, pai de uma filha. Hoje em dia mora com a esposa, a filha e os netos. Formou-se em administração na Faculdade Moura Lacerda, na cidade de Ribeirão Preto-SP.

Foi no Grupo Escolar Brasil que aprendeu a ler e a escrever, mas antes de entrar na escola já folheava os livros da irmã mais velha. Segundo Mauá,

“Como minha irmã estudava, eu pegava o livro dela e começava a folhear. Sentava numa cadeira de balanço para ficar olhando os livros, depois encontrei pela casa outro livro sobre Nossa Senhora de Fátima, mas acabou desaparecendo também, pois mudávamos muito de casa.” (MAUÁ, 2016, p. 169).

Fez as quatro séries primárias, repetiu a 3ª série por causa da disciplina de Geografia e História. Assim, em sua narrativa nos conta que as professoras do grupo escolar eram todas muito atenciosas, tanto que quando estava para repetir a 3ª série novamente Mauá nos relata que,

“Inclusive na 3ª série quando estava repetindo de ano estava mal na disciplina de geografia e história, a professora Maria de Lurdes me chamou separado e falou assim: “Você estuda essas duas matérias, prepare para a prova, pois está mal e não vai passar de ano”, e consegui passar.” (MAUÁ, 2016, p. 170).

Figura 5: Wadi Cury Mauá



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Na próxima seção iremos discutir sobre os grupos escolares no contexto histórico do Brasil, de Minas Gerais, dando destaque às Reformas que aconteceram nos prédios dos Grupos Escolares no Estado de Minas Gerais visando uma padronização nos edifícios escolares no período de 1960 a 1970.

3 GRUPO ESCOLAR: LUGAR DE LER E ESCREVER

Nos primeiros anos da República os governantes preocuparam-se em efetivar algumas reformas educacionais no Brasil. Assim, a educação brasileira foi instituída a fim de modernizar a sociedade e disciplinar o novo homem ao molde republicano, tendo como objetivos moralizar, civilizar e disciplinar a sociedade.

Para que isso acontecesse, foi necessário criar escolas para combater o alto número de analfabetos. Em Minas Gerais a Reforma João Pinheiro, de 1906, tinha como intuito pensar uma escola que denominou-se em grupo escolar. Assim, neste capítulo recorreremos à análise dos Grupos Escolares no Brasil e em Minas Gerais.

Para que fosse possível fazer essa contextualização histórica sobre os Grupos Escolares, fez-se necessário voltar ao ano de 1945 para compreender o governo de Getúlio Vargas no Brasil e a expansão no ensino.

Optamos por apresentar os Grupos Escolares no Brasil, e as mudanças que a sociedade pedia para a educação. Com isso, o Manifesto dos Pioneiros foi convocado novamente¹¹ para que fosse efetivada a mudança nos grupos escolares.

No segundo tópico discutiremos o processo de modernização e o surgimento dos Grupos Escolares em Minas Gerais, e a padronização dos edifícios dos grupos escolares em 1960.

3.1 Grupos Escolares no processo de (re)organização da Instrução Pública no Brasil

Em meio à efervescência dos ideais da modernidade, proclamou-se, em 1889, a República no Brasil. O Império foi considerado pelos liberais brasileiros como uma ordem retrógrada e desorganizada e o principal motivo do atraso brasileiro. Assim, a instauração de um sistema republicano, teve o intuito de romper com os indícios de atraso social representado pela forma de governo anterior e instaurar uma nova mentalidade:

Na implantação da República, foram encetados esforços para se organizar o aparelho de estado da União e dos estados federativos nos moldes da Constituição dos Estados Unidos e foi posta em prática a reforma presidencialista e federalista de governo; o presidente da República deve ser eleito “pelo povo” e governar em prol dos interesses do “povo”, como apregoa o texto da Constituição de 1891. As províncias se transformaram em estados federativos, o que lhes dava autonomia quase irrestrita, desde que

¹¹ Em 1932, quando o Manifesto dos Pioneiros foi escrito ele defendia uma escola laica, gratuita e obrigatória e em 1945 como não houve avanços na educação o Manifesto foi convocado novamente.

não ferissem a legislação federal. Esboçava-se, assim, a tão almejada descentralização presentes nos ideais do Partido Republicano, criado em 1870. (CARVALHO; CARVALHO, 2012, p. 35).

Com a instauração do novo regime político, em tese, o Brasil seria colocado no caminho do progresso. As formações de cidadãos iluminados pela ciência e pelos valores morais e cívicos se compuseram em ideais dos republicanos. A aspiração de fazer concretizar os ideais de ordem e progresso fez com que os republicanos brasileiros fimassem a educação como elemento fundamental para consolidação de uma efetiva reforma social.

A primeira República modificou o caráter da educação, inserindo os novos princípios, pautados na civilidade, moralidade e disciplina para o novo homem, compreendendo a educação como um lugar de preparar o homem, vendo, assim, a necessidade de transformar a escola em um espaço legítimo.

Dessa forma, a sociedade moderna constatou que as instituições públicas deveriam abarcar a escolarização nacional, controlando o tempo e fiscalizador da conduta humana. Isso significou que, nas instituições escolares, sob a ótica liberal conservadora, o indivíduo seria moldado de acordo com a função social que ocupará no sistema de produção. As pessoas, submetidas a uma rotina de aprendizados e a tarefas em tempo pré-estabelecido, seriam educadas para, mais tarde, ocuparem um lugar determinado no sistema de produção. Moldadas conforme a lógica racionalista, que assolou na escola naquele tempo, e inserida numa cultura de normas dos saberes constituídos, essas pessoas sairiam prontas para desempenhar atividades no mundo do trabalho.

Portanto, os grupos escolares eram vistos como lugar de preparar o homem republicano. O início se deu em 1893, com a criação dos primeiros prédios em São Paulo, organizados nos moldes da escola primária graduada, sendo contrastada como a escola unitária e regida por apenas um professor. O grupo escolar teve sua origem através da união das escolas isoladas que foram agrupadas devido à sua distância, dando início à escola modelo. As construções dos grupos escolares, de acordo com Faria Filho e Vidal (2000), eram descritas da seguinte forma:

[...] a arquitetura monumental, os amplos corredores, a altura do pé-direito, as dimensões grandiosas de janelas e portas, a racionalização e a higienização dos espaços e o destaque do prédio escolar com relação à cidade que o cercava visavam incutir nos alunos o apreço à educação racional e científica, valorizando uma simbologia estética, cultural e

ideológica constituída pelas luzes da República (FARIA FILHO; VIDAL, 2000, p. 25).

Os grupos escolares tinham como objetivo a formação do caráter da sociedade e o desenvolvimento de virtudes morais e sentimentos patrióticos, propagando os ideais republicanos, tendo como justificativa a formação dos alunos para o ingresso na carreira de trabalho devido à industrialização que acontecia nesse período. Os grupos eram formados em prédios simples, surgindo o ensino graduado, devido às constantes reformas no ensino. Para Souza (1998),

Em certo sentido, o grupo escolar pela sua arquitetura, sua organização e suas finalidades aliavam-se às grandes forças míticas que compunham o imaginário social naquele período, isto é, a crença no progresso, na ciência e na civilização (SOUZA, 1998, p. 91).

O surgimento dessas instituições colocava o Brasil em uma reforma educacional diferente do que já havia acontecido, pois trazia uma inovação no ensino primário. Podemos considerar como essência desses, a questão da classificação igualitária, noções de classe e série.

Dessa maneira, havia uma procura de um “modelo” a seguir, e unificar a educação permitia precisamente aos Estados uma autonomia organizacional. Assim, era um ensino marcado por lei de instrução, regulamentos, implementações de concursos de professores, criação de escolas, destinação de verbas, mas podemos perceber uma centralização no poder das elites locais.

Logo, os fundamentos dos grupos escolares se baseavam na instrução popular e na divisão do trabalho, para que fosse possível atender ao maior número de crianças. Dessa forma obtinham vantagens econômicas, pois com o agrupamento das escolas havia muitos alunos em um único prédio, o que resultava na diminuição de custos e de controle, além de trazer uma melhor articulação para o ideal de renovação do ensino.

No Brasil essas escolas eram implantadas da seguinte forma: se em um raio de dois a três quilômetros houvesse mais de uma escola, o governo teria que reunir essas escolas em um só prédio, contendo de cinco a dez salas de aula. A organização era feita através de agrupamentos de 4 a 10 escolas isoladas. Esse número dependia da quantidade de professores e dos critérios da diretoria. Segundo Souza (1998),

A implantação dos grupos escolares reafirmou o princípio da igualdade da educação entre os sexos ao estabelecer igual número de classes para meninas e meninos. No entanto, impediu a co-educação. Embora tenha facultado maiores condições de acesso à educação ao sexo feminino, a escola primária paulista, pública e laica, não ousou avançar em relação aos padrões morais predominantes na sociedade brasileira. A coexistência de meninas e meninos em uma mesma escola já era usual em algumas escolas mistas desde o Império. Contudo, essas escolas decorriam de um expediente administrativo e configuravam-se em uma solução para a escolarização de crianças em localidades onde era insuficiente o número de alunos de um e outro sexo para formar a escola. Porém, a co-educação implicava uma concepção pedagógica e social concernente à conveniência da educação conjunta dos dois sexos. (SOUZA, 1998, p. 47).

O que motivou a criação dos grupos escolares foi a iniciativa de reunir as escolas isoladas em um único prédio. A escola primária recebeu renovação no ensino e, nesse contexto, começava a ter importância a formação profissional do professor, a obrigatoriedade do ensino e, o que alavancou para que isso acontecesse, o interesse do estado em financiar a instrução pública.

[...] a criação dos grupos escolares como uma nova reorganização da instrução primária, como algo que proporcionava um desenvolvimento na estratégia, na forma e no conteúdo da instrução pública, que transformava o modelo anterior de instrução primária. Além disso, a organização dos grupos escolares gerava um crescimento do controle e expropriação dos saberes dos professores da escola primária. (BOTH, 2013, p. 102).

Igualmente, a escola passou a possuir um programa uniforme, tendo a distribuição de materiais escolares, controlado pelos diretores e inspetores, dando assim um direcionamento às atividades docentes. Os professores então começaram a se preocupar em cumprir o programa de atividades. A organização em séries estruturou o trabalho escolar, aliando os horários e os exames escolares. A escola passou a organizar uma rotina na qual são inseridas práticas para a sustentação da escola primária.

Do mesmo modo, a principal concepção política, social e econômica da Primeira República começava a pensar em um ensino público, devido ao novo discurso republicano que era o combate ao analfabetismo. Com isso, a escola primária se envolveu nas práticas pedagógicas.

Essa nova organização administrativo-pedagógica do ensino primário culminou com o processo de construção do grupo escolar, criando assim uma escola urbana, moderna e de melhor qualidade. Souza (1998) reitera que,

A reunião de escolas trazia todos os princípios fundamentais que propiciaram as mudanças no ensino primário: a racionalização e a padronização do ensino, a divisão do trabalho docente, a classificação dos alunos, o estabelecimento de exames, a necessidade de prédios próprios com a consequente constituição da escola como lugar, o estabelecimento de programas amplo enciclopédicos, a profissionalização do magistério, novos procedimentos de ensino, uma nova cultura escolar. (SOUZA, 1998, p. 50).

O século XIX foi marcado pelas reformas educacionais devido à instauração da República. A escola graduada conseguiu a organização pedagógica racional para a escola pública. O que foi essa organização pedagógica que aconteceu na República?

A organização pedagógica com base na classificação dos alunos por grau de adiantamento, no estabelecimento de programas de ensino e no controle do tempo e dos espaços escolares ofereceu as características formais e estruturantes da escola graduada, dispositivos de racionalização consentâneos às políticas de controle e eficiência escolar. (SOUZA, 1998, p. 280).

Porém, a organização pedagógica, apesar de ter tido avanços, teve também problemas. Era o princípio da pedagogia coletiva na qual se ensinava muitos alunos como se fossem apenas um, havendo um processo de homogeneização no ensino. Em consequências da nova organização, acabaram ocorrendo repetência, fracasso escolar, rígido sistema disciplinar e seleção de alunos.

Concluimos que os grupos escolares foram criados com o intuito de atender a uma política educacional voltada para a população urbana, porém nessa época cerca de 80% da população estava na zona rural. Dessa maneira, no próximo item iremos analisar a nova organização do Ensino Primário no Brasil no período de 1946 e 1961.

3.2 Grupos Escolares no Brasil: Lei Orgânica do Ensino Primário e a Lei de Diretrizes e Bases 4.024/61

O período político do ano de 1938 no Brasil teve como Ministro da Educação e Saúde Pública, Gustavo Capanema, o qual foi nomeado por Lourenço Filho¹² para a organização do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (Inep). Segundo Veiga (2007) o Inep foi criado para,

¹² Era um dos intelectuais que participou na propagação do movimento escolanovista e da criação do documento Manifesto dos Pioneiros.

[...] As atribuições do novo órgão incluíam organizar a documentação relativa ao ensino e à educação, promover o intercâmbio com instituições estrangeiras, realizar pesquisas sobre problemas, métodos e processos pedagógico-educacionais, investigar o campo da psicologia aplicada à educação e prestar assistência técnica a estados, municípios e particulares. (VEIGA, 2007, p. 282).

Durante todo o Estado Novo o Inep teve como principal tarefa auxiliar o magistério para a administração escolar. De acordo com Romanelli (1998), para entender melhor o processo educacional e político que o Brasil viveu nos anos de 1930 a 1961 podemos subdividir esse período em três fases distintas.

A primeira fase é de 1930 a 1937, a qual foi marcada pelo Governo Provisório o qual teve como desafio na economia tirar o país das dificuldades que vinha tendo devido à queda da exportação do café. Na educação aconteceu a Reforma Francisco Campos e os movimentos dos pioneiros que resultam, em 1932, em um Manifesto o qual vem defender uma educação laica, gratuita e obrigatória.

A segunda fase é de 1937 a 1946, que representa o Estado Novo, que foi considerado um regime autoritário. Na economia começa a implantação de indústria e com isso a necessidade de mão de obra qualificada, logo, a educação começa a ser vista como necessidade para o desenvolvimento do país, sendo declaradas as Leis Orgânicas do Ensino e a criação do SENAI e do SENAC.

A terceira fase é a de 1946 a 1961, um período considerado como a volta da democracia no país, pois é votada a Constituição e em 1961 acontece a votação da Lei nº 4.024 que dá origem à LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional).

Para este estudo decidimos analisar duas leis referentes ao ensino primário: a lei orgânica do ensino primário, publicada em 1946, e a LDB, publicada em 1961. Foi no Estado Novo, durante os anos de 1942, que o sistema educacional começou a ter reformas que ficaram conhecidas como Leis Orgânicas do Ensino, que aconteceram de 1942 a 1946, ou seja, nem todos os decretos-lei foram feitos no Estado Novo. Embora tenham sido elaboradas pelo ministro Gustavo Capanema, as leis que regulamentaram o ensino primário e normal foram promulgadas em 1946, após a queda de Getúlio Vargas, dando fim ao Estado Novo.

Durante o Estado Novo, nos anos de 1942 e 1943 aconteceram reformas no ensino através de decretos-lei no ensino industrial, secundário e médio. Mas com a queda de Vargas da presidência, a partir de 1946 tivemos o restabelecimento da democracia no país. Dessa maneira, Romanelli (1998) mostra quais foram os decretos-lei estabelecidos:

- a) Decreto-lei 8.539, de 2 de janeiro de 1946: - Lei Orgânica do Ensino Primário;
- b) Decreto-lei 8.530, de 2 de janeiro de 1946: - Lei Orgânica do Ensino Normal;
- c) Decreto-lei 8.621 e 8.622, de 10 de janeiro de 1946 – criam o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial.
- d) Decreto-lei 9.613, de 20 de agosto de 1946: - Lei Orgânica do Ensino Agrícola. (ROMANELLI, 1987, p. 154).

Neste estudo nos interessa o analisar o Decreto-lei 8.539, de 2 de janeiro de 1946, pois foi a primeira vez que o ensino primário recebia um pouco de atenção do Governo Central e esse, veio para a unificar o ensino primário. Existiram outras reformas, mas cada Estado as fazia de acordo com sua política e seus interesses.

De acordo com o art. 1º da Lei 8.539/1946 o ensino primário teria como principais objetivos:

- a)proporcionar a iniciação cultural que a todos conduza ao conhecimento da vida nacional, e ao exercício das virtudes morais e cívicas que a mantenham e a engrandeçam, dentro de elevado espírito de Naturalidade humana;
- b)oferecer de modo especial, às crianças de sete a doze anos as condições de equilibrada formação e desenvolvimento da personalidade;
- c) elevar o nível de conhecimentos úteis à vida na família, à defesa da saúde e à iniciação no trabalho; [...]. (BRASIL, 1946, s/p).

Constatamos que os principais objetivos propostos pela Lei Orgânica do Ensino Primário era propagar os princípios da República, pois havia uma necessidade da modernização do país. Logo, também trouxeram ideias do Manifesto dos Pioneiros de 1932, pois os artigos 39 e 41 assinalam que o ensino primário deveria ser gratuito e obrigatório. Para garantir o direito e a frequência dos alunos entre 7 e 12 anos a lei sugeria que os pais poderiam ser punidos pela ausência da criança na escola. Podemos observar nessa nota de Jornal da cidade de Uberaba falando sobre essas mudanças no ensino:

O ensino primário é gratuito o que não exclui a organização de caixas escolares a que concorram seguindo seus recursos família dos alunos. O ensino primário elementar é obrigatorio para todas as crianças nas idades de 7 a 12 anos, tanto no que se refere á matricula como no que diz respeito á freqüência regular ás aulas. Os pais ou responsaveis pelos menores em questão infringirem os preceitos de obrigatoriedade escolar estarão sujeitos ás penas do artigo 246 do Código Penal. (JORNAL LAVOURA E COMERCIO, ed. 16.400, 10/01/1946, p. 3).

Neste contexto de mudanças, a educação primária passou a ser dividida em fundamental e supletivo. O fundamental assegurava estudos para as crianças de 7 a 12 anos, tendo duração de 4 anos, que deveriam ser realizados nos grupos escolares. Esse período de estudos foi denominado de curso elementar e sua extensão era mais um ano de estudos para o curso complementar ou o exame de admissão ao ginásio. Já o supletivo teria uma duração de apenas dois anos e era destinado aos adultos e adolescentes, pois o mercado de trabalho começava a exigir um trabalhador minimamente alfabetizado e com conhecimentos práticos. De acordo com o art. 9, umas das disciplinas que seria ministrada é “Noção de direito usual”, na qual o professor deveria mostrar a legislação do trabalho e as obrigações da vida civil e militar, ou seja, preparar o adulto para a modernização do país.

As disciplinas que deveriam ser cursadas, de acordo com o art. 7º, no curso primário elementar seriam: Literatura e linguagem oral e escrita; Iniciação matemática; Geografia e História do Brasil; Conhecimentos gerais aplicados à vida social, à educação para a saúde e ao trabalho; Desenho e Trabalhos Manuais; Canto Orfeônico; Educação Física que teria a duração de quatro anos. No final do 4º ano os alunos eram submetidos a um exame que cobraria todas essas disciplinas do curso elementar, como podemos ver na figura abaixo:

Figura 6: Ata de exames dos alunos do 4º ano do Grupo Escolar Brasil em 1946

Ata de exames dos alunos do
4º ano — 1946 —

Das vinte e duas dias do mês de novembro de mil novecentos e quarenta e seis, nesta cidade de Uberaba, Estado de Minas Gerais, no edifício do Grupo Escolar "Brasil", às sete e meia da manhã, o Sr. Inspetor Escolar Municipal, Lantimo Gomes de Matos, presentes a Diretora, a Corina de Oliveira, e examinadoras designadas: dd. Violeta Fernandes Ferreira, Lúcia Pontes Machado, Cinomalia Regente, Mary Miranda Cardoso, Laci Louza Baltharinho, Maria Amélia Rangel Pinheiro, Hilda Soares de Aguiar Del Papa, Maria Otília Costa, Edila de Oliveira Fernandes, Maria Abadia Batista, Laci Colagno, Elza Calisto Hueb, Elza de Oliveira, Maria Emma Labial Caetano, Dirci Cruzinha Leite, Leny Lima Marques Araújo, Carmem Dolores Rubino e Maria do Rocio Labral Caetano; assumindo, o referido Inspetor, a presidência das bancas, declarou que iam ser procedidos os exames dos alunos do 4º ano do Grupo.

Foram escolhidos os pontos para as provas escritas de Língua Portuguesa e História, respectivamente: Ditado: "Canção do Lino" do livro de Elton pag. 11 e Carta um amigo narrando uma história. Qualquer, três peças de umq., quatro problemas sobre noção de frações, juros, sistema métrico e área do triângulo.

Foram feitas as provas práticas de desenho, trabalhos manuais e caligrafia.

Na prova oral foram os pontos tirados à sorte, individualmente, sobre todos os pontos do programa.

É importante ressaltar que nessa reforma foi criado o ensino primário supletivo que tinha como intuito diminuir as taxas de analfabetismo tão vasto em todo país, ou seja, destinado aos adolescentes e adultos, mas o ensino era voltado para o trabalho.

Logo, após a promulgação da constituição em 1946 já se começava a discutir a necessidade de criar diretrizes e bases para a educação. Em 1947, com a volta da democracia e a nova constituição sendo colocada em vigor, foi criada a primeira comissão que ficou responsável por discutir sobre o projeto de lei de diretrizes e bases, sendo liderada pelo Prof. Lourenço Filho.

Devido às divergências entre os defensores de escolas públicas e de escolas privadas, ou seja, “composta por vários grupos como os representantes da Escola Nova, da Igreja Católica e privatistas laicos, o que fez com que a mesma contemplasse a vários interesses.” (LIMA, 2011, p. 37), o anteprojeto foi encaminhado ainda no mesmo ano, mas para ser aprovado demorou 13 anos, resultando na Lei 4.024, em dezembro de 1961. Segundo Veiga (2007):

Aprovada no governo de João Goulart (1961-1964), cujo ministro da Educação era o baiano Antonio Ferreira de Oliveira Brito (1908-1997), a primeira LDB (Lei nº 4.024/1961) manteve a autonomia administrativa dos estados em relação ao ensino primário e ao normal – a única padronização foi quanto à duração dos cursos. Ao mesmo tempo, estabeleceu parâmetros genéricos válidos para todo o território nacional e assegurou que a educação, com base nos princípios da liberdade e da solidariedade, fosse direito de todo cidadão. (VEIGA, 2007, p. 285).

A promulgação da Lei 4.024/1961 foi uma forma de diminuir os conflitos que havia entre os pensamentos diferentes, trazendo uma normatização para o ensino, porém, não trouxe nada de novo perante ao que já estava estabelecido pelo decreto-lei de 1946. A referida lei criou um currículo fixo para todo o território nacional para que houvesse uma unificação no ensino primário, ou seja, a duração de quatro ou seis anos, caso se optasse pela formação técnica, como podemos ver nos artigos 25 e 26 da LDB.

Deste modo, após analisar alguns jornais locais do município de Uberaba, pudemos perceber que no primeiro momento a LDB trouxe dúvidas à população, pois acreditava-se que com promulgação da Lei nº 4.024 haveria a extinção das escolas públicas. Como podemos ver na notícia do jornal na qual uma professora carioca fez esclarecimentos:

A professora carioca Sandra Cavalcanti, em recente entrevista, declarou que se a lei de Diretrizes e Bases vir a ser aprovada, dará ensejo a que o governo, nos próximos cinco anos, possa construir 15 vezes mais escolas que já possui.

A afirmação causou, aos menos esclarecidos, envenenados pelo realejo das declarações contrárias à lei, uma certa surpresa: <Mas professora não dizem por aí que a lei vai acabar com a escola pública? Por que essa campanha?> Houve quem lhe perguntasse.

E a professora esclareceu: Tratava-se, tudo aquilo, de uma intriga, de argumentos capciosos alinhados com o objetivo de destruir a liberdade de ensino, colocando a educação debaixo de uma tutela socialista. (CORREIO CATÓLICO, 27/07/1960, p.4).

Nesse contexto, foi importante investigar as principais propostas que a Lei n° 4.024, pois entendemos que ela trouxe orientações práticas, como podemos ver no art. 1° sobre as finalidades da educação.

Art. 1° A educação nacional, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana por fim:

- a) a compreensão dos direitos e deveres da pessoa humana, do cidadão, do Estado, da família e dos demais grupos que compõem a comunidade;
- b) o respeito à dignidade e às liberdades fundamentais do homem;
- c) o fortalecimento da unidade nacional e da solidariedade internacional;
- d) o desenvolvimento integral da personalidade humana e a sua participação na obra do bem comum;
- e) o preparo do indivíduo e da sociedade para o domínio dos recursos científicos e tecnológicos que lhes permitam utilizar as possibilidades e vencer as dificuldades do meio;
- f) a preservação e expansão do patrimônio cultural;
- g) a condenação a qualquer tratamento desigual por motivo de convicção filosófica, política ou religiosa, bem como a quaisquer preconceitos de classe ou de raça (LEI n° 4.024/1961, s/p).

Nesse primeiro artigo compreendemos que a LBD pretendia que os alunos tivessem a liberdade de pensamento e de expressão, mas objetivava preparar os futuros homens da sociedade para o trabalho, sendo possível no grupo escolar moralizar, disciplinar e civilizar.

Com isso, a lei propunha que o poder público teria o direito de inspecionar as escolas particulares, podendo ser suspenso o seu funcionamento caso não cumprissem os regulamentos. Dessa maneira, a referida lei praticamente abandonou o que havia sido conquistado com o decreto-lei 8.539, como por exemplo, o Art. 27° propõe a obrigatoriedade de o aluno frequentar a escola e, em seguida, o Art. 30° anulava essa obrigatoriedade, como podemos ver a seguir:

Art. 27. O ensino primário é obrigatório a partir dos sete anos e só será ministrado na língua nacional. Para os que o iniciarem depois dessa idade poderão ser formadas classes especiais ou cursos supletivos correspondentes ao seu nível de desenvolvimento.

Art. 30. Parágrafo único. Constituem casos de isenção, além de outros previstos em lei:

- a) comprovado estado de pobreza do pai ou responsável;
- b) insuficiência de escolas;
- c) matrícula encerrada;
- d) doença ou anomalia grave da criança. (LEI nº 4.024/1961, s/p).

O que o art. 30 trazia era essa desconstrução sobre a obrigatoriedade do ensino que foi alvo de intensas críticas, além das notícias de que a LDB poderia acabar com as escolas públicas. Os jornais locais tiveram que soltar notas explicativas esclarecendo o que significava a LDB para proteger o governo da época. A cidade de Uberaba foi uma das cidades que explicitou em seus jornais essa notícia como podemos ver no texto abaixo:

No parágrafo único do art. 30 – afirmam os adversários do Projeto – chega-se a admitir a supressão da obrigatoriedade do ensino primário para que os que não tiverem recurso. – Trata-se de errônea interpretação jurídica. Na verdade o art. 30 reforça a obrigação dos pais. Impede-os de exercer emprego público caso não matriculem os filhos numa escola. Concede todavia, isenção desta pena (não poder ser nomeado em cargo público) numa situação de emergência em que não possam efetivar a matrícula da escola. Mas o art. 30 lhes assegura o direito do Estado os recursos necessários para obtenção de matrícula em alguma escola, por meio de bolsas, ou mesmo de auxílios para alimentação, material escolar, vestuário, transporte e assistência médica ou dentária. (CORREIO CATÓLICO, 27/07/1960, p. 3-4).

Logo, a estrutura de ensino proposta no decreto-lei em 1946, foi mantida. O sistema continuou organizado da seguinte forma de acordo com Romanelli (1987): ensino pré-primário, ensino primário, ensino médio, e ensino superior. Segundo Romanelli (1987):

[...] a lei nada mudou. A sua única vantagem talvez esteja no fato de não ter prescrito um currículo fixo e rígido para todo o território nacional, em cada nível e ramo. Este, a nosso ver, o único progresso da lei: a queda da rigidez e certo grau de descentralização. (ROMANELLI, 1987, p. 181).

Dessa maneira, a LDB manteve a autonomia administrativa dos estados em relação ao ensino primário, mas garantiu a padronização quanto à duração dos mesmos. Garantiu o

direito de todos à educação. Estranhamente a União não era obrigada a promover educação a todos.

Assim, o decreto-lei e a LDB foram leis que trouxeram um novo olhar para a educação, principalmente ao ensino primário, pois antes não havia essa preocupação de instruir a população, tanto que essas leis criadas para diminuir o analfabetismo da sociedade brasileira, trouxeram uma preocupação com a formação docente. Houve a preocupação em capacitar os profissionais para dar aulas no ensino primário, pois ficou estabelecido que os professores “leigos” não poderiam trabalhar nos grupos escolares, como podemos ver nessa análise de Veiga (2007):

[...] No Código do Ensino Primário de Minas Gerais de 1962, identifica-se a existência de quatro tipos de estabelecimentos para esse nível de ensino: escola singular (multisseriada), a escola combinada (reunião de escolas singulares em mesmo prédio), escolas reunidas (grupamento de seis classes num mesmo prédio dirigidas por uma professora) e os grupos escolares. Professores sem a habilitação em curso normal definitivamente não poderiam ser docentes nos grupos escolares. Assim, os “leigos” trabalhavam nas outras escolas. (VEIGA, 2007, p. 286).

No próximo item analisaremos o surgimento dos Grupos Escolares no Estado de Minas Gerais e a importância da Reforma João Pinheiro (1906) para o processo de modernização no ensino, além de observar um pouco da dimensão que a região do Triângulo Mineiro exercia sobre o Estado de Minas Gerais.

3.3 O processo de modernização e surgimento dos Grupos Escolares em Minas Gerais

A modernização em Minas Gerais não aconteceu de forma inteira, pois foi uma implantação gradual. O principal motivo de ter acontecido dessa maneira foi porque a sociedade que estava presente no Estado era conservadora e tradicional. A maior parte da população estava no meio rural, a economia se apoiava na produção agrária e o poder político oligárquico. Portanto, a modernidade no estado não foi um resultado de democratização que se esperava devido ao poder político estar nas mãos de poucos.

[...] a sociedade era caracterizada como fundamentalmente conservadora e hierárquica. Conservadora porque as concentrações urbanas de então refletiam valores da sociedade agrária – estáveis e conservadores; hierárquica porque era tradicional – o abismo entre ricos e pobres não era um desafio; antes, aumentava poucos privilegiados monopolizavam os papéis de

status no comércio, parentesco, daí a durabilidade e legitimidade dessa sociedade classista. (CARVALHO; CARVALHO, 2012, p. 102).

O Estado de Minas Gerais possuía uma economia agrícola. A principal região era o Triângulo Mineiro, já que estava em um lugar estratégico geograficamente, conseguindo manter relações comerciais com três estados que eram São Paulo, Goiás e Mato Grosso. O Triângulo Mineiro vai se firmar como grande potência econômica com a chegada das ferrovias entre os séculos XIX e o século XX, através qual tinha com intuito de escoar o café para o Litoral.

Na economia, havia a agricultura de abastecimento interno, a atividade manufatureira e a formação da indústria – fontes de modernização. [...] como forma de promover o progresso, e a política liberalista republicana, que consubstanciava as ideias modernas entre os mineiros. (CARVALHO; CARVALHO, 2012, p. 99).

A formação da cidade de Uberaba seguia um padrão de novas ligações econômicas, permitindo relação de políticas e economias, moldando assim, a sociedade mineira foi permeada de novos costumes e mentalidades. A modernização nas terras das Minas iniciou-se a partir da década de 1920, quando as cidades mineiras começaram a se constituir, sendo criados cinemas, teatro, indústrias, fato que fez com que aumentasse a oferta de trabalho nas cidades chamando atenção dos moradores do campo. Para se estabelecer um projeto de modernidade social e conseguir mudar os pensamentos e as condutas da sociedade criou-se a capital do Estado, símbolo de modernidade, não só para o Estado como também para o país inteiro.

A formação de novas cidades mineiras e a solidificação de outras foram elementos essenciais para o período republicano, dando espaço para materialização da industrialização, começando assim uma nova preocupação na reorganização no espaço urbano e na divisão de trabalho fabril. A modernização trouxe novos conceitos e novos pensamentos sobre a educação. Igualmente, com o processo de industrialização e urbanização começou a difundir um pensamento sobre a educação popular, pois apesar de sempre ter sido presente na sociedade, a mesma não teve avanço, a preocupação do governo na época era reorganizar uma educação popular para combater o alto índice de analfabetos, pois disso dependeria a modernização e o progresso do estado.

Nos anos de 1906, buscava-se um modelo escolar que estivesse em consonância com os princípios republicanos e de modernização da educação brasileira e mineira. Com isso, a Reforma em 1906, promulgada pelo presidente de Estado, João Pinheiro, tinha como objetivo organizar a educação em Minas Gerais, com a criação dos Grupos Escolares.

Essas escolas surgiram para a modernização no ensino. Podemos destacar três objetivos desta modernização: uma educação intelectual, moral e cívica, além de manter um ensino primário gratuito e obrigatório nas escolas isoladas, grupos escolares e escolas-modelo.

Os Grupos em Minas Gerais foram considerados um símbolo de modernização no ensino, sendo um marco na difusão de modelos pedagógicos, o que era importante para o fortalecimento e difusão dos ideais dos pensamentos republicanos. O objetivo da Reforma João Pinheiro foi “Encontrar no espírito público o principal colaborador na obra grandiosa que se propõe a fazer de cada criança em idade escolar um cidadão digno de uma Pátria Livre.” (MINAS GERAIS, Decreto 1.960/1906, p. 8).

Neste período de 1906 a 1930 foram criados 265 grupos escolares. A política educacional da época foi fundamental na criação dos Grupos Escolares. Devido ao grande número de municípios mineiros, foi necessária uma nova reestruturação na escola primária, que seria implantada através dos grupos.

Os Grupos Escolares se propunham a levar o ensino para um maior número de crianças, a unificá-los para que todos tivessem acesso ao mesmo conteúdo, aos mesmos livros, materiais didáticos, procedimentos metodológicos e, portanto, as mesmas chances. A organização do tempo e do espaço nos Grupos educaria também para a organização do tempo no trabalho industrial; para a valorização do trabalho manual, que faria parte de seu currículo; para o aprendizado e o hábito da leitura como meio de auto formação, terminado o curso primário. (KLINKE, 2012, p. 1).

Percebemos que, apesar da criação da Lei nº. 439 no ano de 1906, o Estado de Minas Gerais se esforçava para a difusão do ensino para toda a população mineira, passando a ser o ensino obrigatório para as crianças na idade escolar, mesmo não sendo suficiente, pois, com a instauração da Primeira República, houve um corte de gastos. Com isso a renovação no ensino primário precisou se adaptar aos intuitos da instituição.

A organização, detalhada da Lei 439/1906, especificou as condições de matrícula, dia escolar, número de alunos por escola e por sala, exames para o magistério público, a mobília escolar e etc., portanto, esse detalhamento na organização escolar mostra o interesse do estado mineiro em unificar e melhorar o ensino primário.

Dessa maneira, para entender as práticas e saberes desenvolvidos nos Grupos Escolares no Estado de Minas Gerais foi feito o levantamento de pesquisas nos últimos dez anos que estudaram a História das Instituições como também a História na região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, na linha de História da Educação. Com isso, o quadro três apresenta o mapeamento dessas pesquisas defendidas na UNIUBE e UFU.

Quadro 3: Teses e Dissertações que estudaram História das Instituições tendo como tema: os Grupo Escolar em Minas Gerais focando na região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba

	Título do Trabalho	Autor	Mestrado (M)/ Doutorado (D)	Instituição/Ano
01	Grupo Escolar 13 de Maio e a Educação Primária na periferia de Uberlândia, MG - 1962-1971	VILLAS BOAS, Márcia Silva de Melo.	M	UFU/2015
02	O Grupo Escolar Honorato Borges em Patrocínio-Minas Gerais (1912-1930): ensaio de uma organização do ensino primário	LIMA, Geraldo Gonçalves de.	M	UFU/2006
03	Da educação moderna à formação do cidadão republicano: implantação da escola pública em Patos de Minas, MG (Grupo Escolar Marcolino de Barros, 1913-1928)	FARIA, Rosicléia Aparecida Lopes de.	M	UFU/2007
04	Trilha e Rastros da Educação Primária: História do Grupo Escolar Coronel José Teófilo Carneiro, Uberlândia-MG, 1940-1970	RAMOS, Geovana de Lourdes Alves.	D	UFU/2014
05	Grupo Escolar Professora Alice Paes: trajetória dos egressos e currículo escolar (Uberlândia-Minas Gerais 1965-1971)	ROCHA, Angélica Pinho Martins.	M	UFU/2012
06	Grupo Escolar de Ibiá, MG (1932 a 1946): uma expressão estadual	SOUZA, Sirlene Cristina de.	M	UFU/2010
07	O Grupo Escolar Minas Gerais e a Educação Pública Primária em Uberaba (MG) entre 1927 a 1962	SOUZA, Marilsa Aparecida Alberto Assis.	M	UFU/2012
08	Dos cenários Nacional e Estadual à genes do Grupo Escolar Gomes da Silva, Frutal-MG, Triângulo Mineiro (1913-1927)	BORGES, Gabriela Ferreira de Mello	M	UNIUBE/2015
09	Templo do Bem: O Grupo Escolar de Uberaba, na Escolarização Republicana (1908-1918)	GUIMARÃES, Rosângela Maria Castro	M	UFU/2007

Fonte: Elaborado a partir dos Bancos de Teses e Dissertações da CAPES, da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da Universidade Federal de Uberlândia.

Após essa investigação das pesquisas que estudaram História das Instituições sobre os Grupos Escolares no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, para melhor compreensão, iremos apresentar os principais aspectos dos capítulos que discutiram as instalações e a importância

do grupo na cidade. Dessa maneira, abordaremos o capítulo que analisou a implantação do grupo escolar estudando e mostrando de que forma o autor trabalhou essa questão na seção.

Villas Boas (2015), com a sua pesquisa de mestrado “Grupo Escolar 13 de Maio e a Educação Primária na periferia de Uberlândia, MG - 1962-1971”, investiga o porquê da criação do Grupo Escolar 13 de maio, fazendo um recorte histórico, analisando o município, seus bairros e a importância do grupo na periferia da cidade de Uberlândia, mostrando o cenário político do período estudado, assim como a importância da expansão da escolarização para a sociedade brasileira.

A dissertação de Lima (2006), que teve como tema “O Grupo Escolar Honorato Borges em Patrocínio-Minas Gerais (1912-1930): ensaio de uma organização do ensino primário”, faz inicialmente uma contextualização da política no Brasil e em Minas Gerais, mas é na terceira seção que analisa a instalação do Grupo Escolar Honorato Borges e durante toda essa seção o autor mostra a criação do grupo e sua instalação, mostrando como o ensino público no interior de Minas estava de acordo com a Reforma João Pinheiro (1906). Esse Grupo mudou de prédio para que pudesse funcionar melhor, principalmente quanto à infraestrutura.

Já a pesquisa de mestrado defendida pela Faria (2007), com o tema “Da educação moderna à formação do cidadão republicano: implantação da escola pública em Patos de Minas, MG (Grupo Escolar Marcolino de Barros, 1913-1928)”, na terceira seção tratou da questão dos Grupos Escolares de Minas Gerais, fazendo, assim, uma análise aprofundada da criação dos grupos escolares no Brasil num contexto republicano. No Estado de Minas Gerais deu ênfase à Reforma João Pinheiro (1906), que foi criada para a instalação dos grupos em Minas Gerais, e, por fim, fez uma contextualização sócio política da Primeira República na cidade de Patos de Minas, com ênfase na instalação do grupo escolar investigado na pesquisa.

Em seguida analisamos a tese de doutorado de Ramos (2014), com o título “Trilha e Rastros da Educação Primária: História do Grupo Escolar Coronel José Teófilo Carneiro, Uberlândia-MG, 1940-1970”. Na primeira seção, intitulada “A cidade e seu Grupo Escolar”, a autora retratou, através de fontes de jornais locais, a situação da cidade na época fazendo uma discussão do cenário político e econômico do município de Uberlândia, e ainda abordou a instalação do terceiro grupo escolar da cidade, buscando entender o motivo da escolha do espaço onde foi construído.

A dissertação de mestrado com o tema “Grupo Escolar Professora Alice Paes: trajetória dos egressos e currículo escolar (Uberlândia - Minas Gerais 1965-1971)”, tendo como autora Rocha (2012), foi a próxima a ser analisada. A subárea que se encontra esta

pesquisa é da História das Instalações das Instituições, desse modo a segunda seção, “As movimentações para a criação e funcionamento inicial do Grupo Escolar Professora Alice Paes no bairro da Tabocas, teve como objetivo compreender quais foram os motivos para a construção do grupo escolar por se localizar na periferia da cidade.

Souza (2010) desenvolveu uma pesquisa de mestrado sobre “Grupo Escolar de Ibiá, MG (1932 a 1946): uma expressão estadual”, na qual discutiu sobre o contexto histórico político no Brasil no período proposto e sobre o ensino público primário com as novas políticas em Minas Gerais. Depois de fazer essa contextualização política, econômica e educacional, na terceira seção, “Educação em Ibiá: Antecedentes históricos e escolarização”, trouxe a origem histórica do município, além de toda sua evolução econômica, política e educacional até os anos de 1946, mostrando, assim, todo o processo de criação e instalação do Grupo Escolar de Ibiá.

A pesquisa de Souza (2010) tem como tema “O Grupo Escolar Minas Gerais e a Educação Pública Primária em Uberaba (MG) entre 1927 a 1962”. Diferentemente das outras dissertações e teses lidas, esta autora traz, na primeira seção, uma contextualização da cidade de Uberaba, e também já apresenta as principais ideias pedagógicas e a legislação educacional que era proposta da escola primária no Brasil. Já na segunda seção, se dedica à criação e à instalação do grupo, mostrando os motivos da demora em iniciar o funcionamento.

A pesquisa de Borges (2015) “Dos cenários Nacional e Estadual à genes do Grupo Escolar Gomes da Silva, Frutal - MG, Triângulo Mineiro (1913-1927), se enquadra na subárea da História das Instituições, pois durante todo o desenvolvimento da pesquisa é abordada essa questão. Na primeira seção, a pesquisadora buscou analisar o movimento da escola pública primária no Brasil na Primeira República, com foco nos grupos escolares. Na segunda, traz discussões sobre o momento educacional que Minas Gerais vivia, dando mais enfoque ao Triângulo Mineiro. Na terceira, analisa a instalação do grupo.

A última pesquisa a ser analisada é da Guimarães (2007) com o tema “Templos do Bem: O Grupo Escolar de Uberaba na Escolarização Republicana (1908-1918)”. Esta pesquisa foi a última a ser analisada não por ser a menos importante, mas sim por ter como objeto de estudo a mesma instituição desse trabalho, mas com focos diferentes. É interessante que a pesquisadora traz na primeira seção os contextos histórico, econômico, social e educacional no Brasil e em Minas Gerais, na segunda, faz uma discussão sobre a origem de Uberaba e as discussões para a instalação do primeiro grupo escolar. É possível perceber que a dissertação traz uma ordem cronológica, ou seja, parte do macro (que é a discussão sobre o Brasil) para o micro (que é a discussão do grupo escolar da cidade).

Vimos a necessidade de fazer dois quadros distintos, com o objetivo ver os estudos feitos sobre Grupos Escolares. O quadro anterior mostrou pesquisas que foram feitas sobre a História da Instituição e o quadro abaixo tem como eixo apresentar as investigações que têm como foco estudar sobre Práticas e Métodos, mas em um determinado momento da pesquisa foi estudada a História da Instalação do Grupo Escolar. Assim a seguir estão as pesquisas selecionadas nos últimos dez anos nas quais foram feitos estudos sobre a região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, na área de História e Historiografia da Educação e defendidas no Programa de Pós-graduação da Universidade Federal de Uberlândia.

Quadro 4: Teses e Dissertações que estudaram Práticas nos Grupos Escolares em Minas Gerais, mas investigaram sobre a Instalação dos Grupos Escolares focando na região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba

	Título do Trabalho	Autor	Mestrado (M)/ Doutorado (D)	Instituição/Ano
01	História da Alfabetização de Ituiutaba: vivências no Grupo Escolar Governador Clóvis Salgado (1957-1971)	CUNHA, Tânia Rezende Silvestre	D	UFU/2011
02	Ser professor na república: modos de pensar, sentir e agir	MARTINS, Rosa Maria de Souza	M	UFU/2009
03	Ecos do processo: práticas e representações sociais no Grupo Escolar Delfim Moreira (1909-1931): Araxá-MG	GASPAR, Maria de Lourdes	M	UFU/2006
04	História de alfabetizadoras Uberlandenses: modos de fazer no Grupo Escolar Bom Jesus 1955 a 1971	LIMA, Michelle Castro	M	UFU/2011
05	Modos de alfabetizar no Grupo Escolar Clarimundo Carneiro – 1963 a 1973	LEPICK, Vanessa	M	UFU/2013
06	História e ofício de alfabetizadoras: Ituiutaba (1931 a 1961)	MORAES, Andréia Demétrio Jorge	M	UFU/2008
07	Da centralidade da Infância na modernidade e sua escolarização: a Escola Estadual João Pinheiro – Ituiutaba (MG), 1908-1988	FERREIRA, Ana Emília Cordeiro Souto.	M	UFU/2007

Fonte: Elaborado a partir dos Bancos de Teses e Dissertações da CAPES, da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da Universidade Federal de Uberlândia.

Após essa investigação das pesquisas que estudaram as práticas nos Grupos Escolares no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, para melhor compreensão iremos apresentar os principais aspectos dos capítulos que discutiram as instalações e a importância do grupo na cidade. Dessa maneira, abordaremos o capítulo que falou da implantação do grupo escolar estudando e mostrando de que forma o autor trabalhou essa questão na seção.

Deste modo, a tese da autora Cunha (2011) com o seguinte tema “História da Alfabetização de Ituiutaba: vivências no Grupo Escolar Governador Clóvis Salgado (1957-

1971)”, traz uma discussão do macro para o micro na segunda seção sobre os grupos escolares, falando sobre Brasil, Minas Gerais e depois do município Ituiutaba - MG, que é o foco da pesquisa. Nessas discussões mostra as políticas públicas e como acontece a criação e a instalação do Grupo Escolar Governador Clóvis Salgado.

Na pesquisa de mestrado defendida pela Martins (2009) com o título “Ser professora na república: modos de pensar, sentir e agir (1930-1950)”, o tema não deixa claro se trata de um estudo do Grupo Escolar Júlio Bueno Brandão, que se localiza na cidade de Uberlândia-MG. Em sua segunda seção trás discussões sobre Brasil, Minas Gerais, sobre os grupos escolares e a educação na República e no segundo item dessa mesma seção, traz o contexto da instalação do grupo Escolar Júlio Bueno Brandão em Uberlândia e mostra a importância desse grupo para a propagação dos princípios da República.

A dissertação defendida pela autora Gaspar (2006), sendo intitulada “Ecos do processo: práticas e representações sociais no Grupo Escolar Delfim Moreira (1908-1931): Araxá-MG”, já na primeira seção discute a implantação do Grupo Escolar Delfim Moreira e analisa as relações sobre a consolidação do projeto republicano de educação a ser instalado na cidade de Araxá-MG.

Já na dissertação de mestrado de Lepick (2013), “Modos de alfabetizar no Grupo Escolar Clarimundo Carneiro – 1963 a 1973”, é importante dar destaque à seção dois, pois é nela que vai ser discutida a história do grupo estudado. No desenvolvimento de toda essa seção, são apresentadas pela autora as legislações educacionais que organizavam o ensino primário e depois a mesma faz uma breve apresentação da história dos grupos escolares no Brasil e em Minas Gerais.

A pesquisa de Lima (2011) intitulada “História de alfabetizadoras Uberlandenses: modos de fazer no Grupo Escolar Bom Jesus 1955 a 1971”, faz uma análise sobre os Grupos Escolares no período de 1946 a 1971, na visão de Brasil, Minas Gerais e município de Uberlândia. Após essa investigação, são estudadas a criação e a expansão dos Grupos Escolares no país, além de compreender a estrutura e o funcionamento do Grupo Escolar Bom Jesus o qual era o foco da pesquisa.

Ao analisar a pesquisa de mestrado de Moraes (2008), com o tema “História e Ofício de alfabetizadoras: Ituiutaba (1931 a 1961)”, podemos destacar que a autora fragmenta o tema, ou seja, na segunda seção é investigada a educação primária no Brasil como um todo e no Estado de Minas Gerais, e logo em seguida, na terceira seção, analisa sobre a História local do município de Ituiutaba com o eixo na educação primária. A segunda seção compreende o Ensino Primário e Normal, no Brasil e assim, para que fosse possível perceber a importância

que o Estado de Minas Gerais exercia sobre a educação no Brasil, fez-se necessário conhecer e analisar as reformas educacionais no período da pesquisa. Então, a terceira seção trás como enfoque a análise histórica educacional da cidade de Ituiutaba.

A dissertação intitulada “Da centralidade da Infância na modernidade e sua escolarização: a Escola Estadual João Pinheiro – Ituiutaba (MG), 1908-1988”, tendo como autora Ferreira (2007), traz, na segunda seção, o contexto histórico educacional da cidade de Ituiutaba - MG e a questão da educação infantil no Estado de Minas Gerais, além de compreender o cotidiano do Grupo Escolar João Pinheiro. Logo em seguida, a terceira seção, enfatiza no contexto da educação em Ituiutaba e no grupo escolar a ser investigado.

Após essa breve apresentação sobre as pesquisas desenvolvidas sobre grupos escolares das regiões do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, foi possível observar que todas as pesquisas, mesmo se tratando de um grupo escolar específico, fazem uma contextualização educacional, política e econômica sobre Brasil e Minas Gerais, para depois partir para os estudos sobre a cidade a ser estudada e o grupo escolar.

Em seguida vamos analisar a padronização nos edifícios dos grupos escolares no Estado de Minas Gerais, além de investigar como aconteceu essa padronização no Grupo Escolar Brasil de acordo com as exigências da CARRPE (Campanha de Reparo e Restauração dos Prédios Escolares).

3.4 Padronização nos edifícios dos Grupos Escolares em Minas Gerais (1960-1970)

Para compreender a necessidade da padronização nos Grupos Escolares em Minas Gerais se fez necessário fazer uma breve contextualização de como o Brasil vivia nesse momento. Durante os anos de 1950 a 1960 terminava a Segunda Guerra Mundial e o Estado Novo (1937-1945), a vida política e a econômica sofriam profundas modificações. A população urbana, pela primeira vez, crescia mais que a da zona rural.

Em 1955 Juscelino Kubitschek assumiu o poder para governar o Brasil, tendo o plano de governo que ficou conhecido como “50 anos em 5”. O país crescia na modernização e na industrialização, mas o índice de analfabetismo continuava alto e para que fosse possível a modernização do país era necessária mão de obra qualificada. Com isso, nasceu a necessidade de padronizar ou reformar os grupos escolares em Minas Gerais.

A padronização nos edifícios era vista pelo Estado como uma necessidade e um ganho, pois conseguiria atender a requisitos como: um processo mais fácil de construir um edifício, assim, diminuiria o custo e essa demanda chegaria mais rápido e em maior quantidade nos

municípios. Durante o período de 1958 a 1967 foi criada a CARRPE (Campanha de Reparo e Restauração dos Prédios Escolares) e depois em 1968 foi criada a CARPE (Comissão de Construção, Ampliação e Reconstrução dos Prédios Escolares do Estado) os quais foram órgãos criados para construir e reparar os edifícios escolares. De acordo com Silva (2016):

A Primeira, Campanha de reparo e restauração dos prédios escolares do Estado, atuou de 1958 a 1967, inicialmente tinha por atribuição a manutenção e a reforma predial dos antigos grupos escolares se revelou, de fato, como um laboratório de experimentações arquitetônicas e construtivas. A segunda, Comissão de Construção, Ampliação e Reconstrução dos Prédios Escolares do Estado, a CARPE, criada em 1968 para substituir a CARRPE, conseguiu elaborar e fazer avançar, de maneira singular, a forma de produção das edificações de modo sistemático, racionalizado e rápido até sua extinção, em 1987. (SILVA, 2016, p. 3).

Em 1958, tendo como governador do Estado de Minas Gerais José Francisco Bias Fortes e tendo como secretário da educação Abgar Renault, foi criada a CARRPE (Campanha de Reparo e Restauração dos Prédios Escolares) tinha como critérios básicos:

a) serão reparados ou restaurados em primeiro lugar os prédios que apresentarem os índices mais baixos de segurança e higiene; b) em igualdade de condições, os prédios com maior número de classes em funcionamentos. (MINAS GERAIS, Diário Oficial, 1958, s/p).

Em 1961, já na gestão de Magalhães Pinto, houve a proposta de instalações de novas escolas em Minas Gerais. Seriam construções rápidas, com materiais já pré-fabricados, mas ainda havia a preocupação da padronização dos edifícios. Segundo os autores Camisassa, Portugal, Rodrigues e Leite (2013):

As Escolas de Lata, como ficaram conhecidas em todo o país (existindo propostas similares em outros estados da federação, como São Paulo), pela sua facilidade e economia de construção, agilizam o desenvolvimento educacional em Minas Gerais. (p. 8).

Dessa maneira, os grupos escolares deveriam seguir uma forma padrão nas construções dos edifícios onde teria o espaço entre os dois blocos seria o pátio da recreação. Com base nas propostas para a padronização dos grupos, iremos analisar como é a estrutura

do Grupo Escolar que está sendo estudando nessa pesquisa e como aconteceu a reformas estabelecidas pela CARRPE.

O Grupo Escolar Brasil possuía apenas uma pavimentação que consistia em dois blocos paralelos. De um lado a sala da diretora de onde se tinha visão de todo grupo, a secretaria, a biblioteca, as salas de aula e no meio do grupo se localizava o pátio onde ocorria a recreação. Segundo Jammal e Molinar:

“As salas eram amplas, grandes, mas havia muitos alunos de 30 a 40 alunos por sala. Tinha um pátio bom cheio de árvores, mas não tinha um brinquedo especial não. As crianças jogavam bola, brincavam no recreio. Tínhamos também que vigiar as crianças, na hora do lanche, levávamos as crianças para o lanche. Eram essas funções da professora.” (JAMMAL, 2016, p. 143).

“Tinha a frente do grupo, as laterais e o fundo. Tinham as janelas enormes e as portas de entrada e saída. E havia uma sacada com grades, já no fundo era aberto e no pátio tinha uma árvore bem bonita. Os banheiros ficavam no fundo e as salas de aulas eram seguidas uma das outras.” (MOLINAR, 2016, p. 165).

Em 1964 o Grupo Escolar Brasil recebeu Reformas para sua ampliação de acordo com a CARRPE (Comissão de Construção, Ampliação, Reparo e Conservação de Prédios Escolares do Estado), que segundo o Decreto n° 5458/1958, no art. 3° deveria:

Manter índices mínimos de segurança, higiene e eficiência em todos os edifícios escolares; cadastrar todos os prédios da rede estadual, com informações sobre o estado de conservação e as facilidades de mão-de-obra, materiais e transporte em todos os municípios; elaborar projetos de novas obras, ampliações e reformas; executar e fiscalizar o processo construtivo; e projetar, fabricar e zelar pelo o mobiliário a ser utilizado nas escolas. (MINAS GERAIS, Diário Oficial, 1958, s/p).

Com isso, essa reforma para a manutenção do grupo, que já possuía 55 anos de funcionamento, as aulas foram transferidas para um lugar provisório que foi a Escola Técnica de Comércio José Bonifácio. Se observa na narrativa de Mauá, “a Escola José Bonifácio era escura, pouco arejada e não havia lugar para brincar.” (MAUÁ, 2016, p. 167) logo, esse lugar provisório onde funcionou o grupo não tinha condições de seguir as orientações quanto aos padrões de higiene que o governo estabelecia. Segundo Moisés, “essa escola só funcionava à noite, com a transferência do grupo passava a funcionar durante o dia também.” (MOISÉS, 2016, p. 157).

Desse modo, durante três anos o grupo funcionou no local provisório. O jornal local noticia uma reclamação da população sobre a morosidade da reforma. Durante esse período de reforma no grupo, houve uma paralisação na obra, que deveria terminar antes do ano letivo de 1967, pois caso a obra não tivesse sua conclusão todos os alunos não poderiam começar o ano letivo e, conseqüentemente, seriam prejudicados. Com a manifestação por parte da população a reforma foi concretizada.

A paralisação das obras do grupo escolar “Brasil” provocou uma onda de protestos em todas as camadas da população de Uberaba. Não podia ser outra a atitude dos uberabenses. Um protesto geral tinha de ser formulado, e o foi com energia e veemência. (LAVOURA E COMÉRCIO, ed. 16.477, 14/09/1966, p. 2).

A população uberabense enviou um telegrama para o diretor da CARRPE, o Sr. Paulo Diniz Chagas, explicando o problema que estava ocorrendo com a reforma no grupo. A resposta do telegrama dá indícios de que o Estado de Minas Gerais começava a dar atenção às questões da educação, pois os grupos eram vistos como sendo fundamentais para a modernização do país. O jornal Lavoura e Comercio traz a resposta do diretor da CARRPE:

Acreditamos que as obras serão aceleradas, porque é esse o dever inalienável do governo do Estado de Minas Gerais, através da CARRPE. O que pleiteamos, o que toda Uberaba pleiteia, é apenas que a administração estadual cumpra o seu dever, não deixando sem absolutamente indispensável ensino das primeiras letras, quase 1000 pequenos uberabenses que serão cidadãos desta cidade e do país. (LAVOURA E COMÉRCIO, ed. 16.502, 15 de outubro de 1966, p. 2).

Dessa maneira, o Grupo Escolar Brasil foi ampliado. Foram construídas uma cantina e mais salas de aula para que fosse possível aumentar o número de crianças atendidas, principalmente porque o governo dizia que queria diminuir o analfabetismo no país. Conforme explicita Moisés (2016):

"Foi feita uma reforma maravilhosa no grupo, as salas de aula foram ampliadas e construíram uma parte nova, nesse período da reforma já trabalhava lá só que como professora. Fizeram uma casa para o zelador, foi feita a cantina com cozinha. Nessa parte nova funcionava o pré e uma classe de alunos especiais que era assim tinha problemas e havia professores

especializados. E as outras séries que ficavam na parte antiga do grupo." (MOISÉS, 2016, p. 157).

A CARRPE, ao reformar os grupos escolares, deveria estar atenta às questões de higiene que eram tão importante nessa época. O Grupo Escolar Brasil foi o único grupo que depois da reforma, ganhou um consultório odontológico. O objetivo era cuidar da higiene bucal dos alunos. Segundo Moisés “Tinha dentro do grupo o consultório dentário, o qual os alunos tinham tratamento de dente. Era uma escola muito boa.” (MOISÉS, 2016, p. 157). Na figura 7 é possível constatar uma das alunas fazendo tratamento odontológico.

Figura 7: Aluna do Grupo Escolar Brasil fazendo tratamento odontológico



Fonte: Arquivo da Escola Estadual Brasil.

O governo de Minas Gerais definia suas políticas e prioridades e com isso quais os municípios deveriam receber reformas ou construção de edifícios. “A demanda, além de números de salas de aula, poderia ser por escolas equipadas de biblioteca comunitária, consultório médico [...]” (SILVA, 2016, p. 9). Esta imagem exemplifica uma parte da política higienista com orientação assistencialista.

Após investigar as documentações e as narrativas vimos que a reforma do Grupo Escolar Brasil se fez necessária, pois foi ampliado o número de salas e com isso conseguia atender uma maior parte da população uberabense.

Na próxima seção procuramos analisar e investigar a História Local do município de Uberaba-MG, fazendo uma contextualização sobre a origem da cidade, a sua influência econômica na região do Triângulo Mineiro, além de mostrar, através de impressos locais, como aconteceram a instalação e o funcionamento do primeiro grupo escolar.

4 HISTÓRIA LOCAL: GRUPO ESCOLAR BRASIL

Na seção anterior decidimos mapear a importância dos grupos escolares no Brasil, o processo de modernização da educação com os grupos escolares em Minas Gerais e a padronização dos edifícios dos Grupos Escolares no Estado de Minas Gerais. Para isso contamos com o auxílio de outros estudos como: Lepick (2013), Lima (2011), Souza (2012), Guimarães (2012) e Romanelli (1998).

Neste contexto, decidimos deixar uma seção para que fosse possível visibilizar, analisar e compreender a importância que o Grupo Escolar Brasil teve para o município de Uberaba-MG. Nesse sentido vimos a necessidade de primeiro compreender o contexto histórico da cidade, no período de 1960 a 1971. Com isso foi indispensável retomar a origem da cidade, seu desenvolvimento e decadência econômica, a implantação e o funcionamento do primeiro grupo escolar.

Na construção do texto optamos por dar visibilidade à história vivenciada, publicizando inclusive momentos de tensões que anteciparam a inauguração do Grupo Escolar Brasil, história essa que teve a imprensa como o principal meio de comunicação da época. Desta forma descobrimos como a sociedade uberabense influenciou nas decisões importantes do município.

E por fim, o funcionamento do Grupo Escolar Brasil, as primeiras nomeações de professores, além de discutir sobre o caixa escolar e como o corpo docente fazia para arrecadar essa ajuda financeira que garantia o funcionamento do grupo e a frequência de alunos que não tinham condições financeiras.

4.1 Uberaba: Origem Histórica

Com a decadência das atividades de mineração na região do Julgado do Desemboque¹³ no início do século XIX, foram organizadas, pela população, expedições em busca de uma região que tivesse terra para o plantio e água em abundância, onde pudesse se desenvolver uma sociedade. A região, que em 1812 ficou conhecida como Sertão da Farinha Podre, se limita ao norte do Estado de Goiás pelo Rio Paraíba, ao sul com o Estado de São Paulo pelo Rio Grande. Era um lugar despovoado, sendo uma região apenas de acesso à estrada de São

¹³ “Trata-se, conforme Rezende (1991, p. 24), de antiga povoação mineira do Rio das Abelhas, fundada por volta de 1740. Com o aumento da população criou-se, em 1766, o Julgado de Nossa Senhora do Desterro das Cachoeiras do Rio das Velhas do Desemboque. Abrangia o Triângulo Mineiro atual e todo o sul de Goiás, menos o Julgado de Santa Luzia. Entre os anos de 1743 a 1781 o Julgado do Desemboque vivenciou o auge da mineração, quando suas minas produziram mais de 100 arrobas de ouro. A partir desta data, porém, iniciou-se o esgotamento da produção” (SOUZA, 2012).

Paulo e Goiás, “Estrada Anhanguera”, um sertão desconhecido e habitado pelos índios Caiapó.

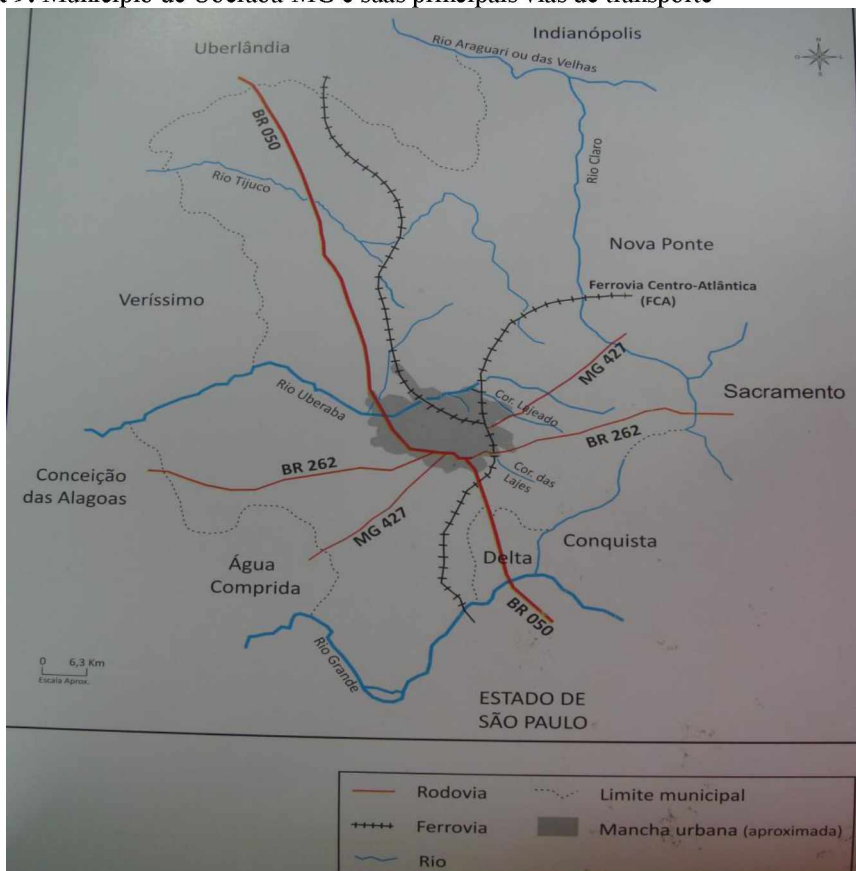
Podemos observar melhor essa localização do município de Uberaba na figura 8, e perceber que a cidade está bem posicionada geograficamente, o que a levou a influenciar diversas regiões como Goiás, Mato Grosso, São Paulo.

Figura 8: Localização do Estado de Minas Gerais no Brasil e do município de Uberaba em Minas Gerais



Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:MinasGerais_Municip_Uberaba.svg>.

Figura 9: Município de Uberaba-MG e suas principais vias de transporte



Fonte: Gonçalves (2011, p. 25). Adaptado por SILVA, M. A.

No mapa da figura 9 podemos ver que na faixa cinza está localizada a cidade de Uberaba-MG e as cidades vizinhas. Segundo Carvalho e Neto (2012):

[...] a região então denominada Sertão da Farinha Podre era “boca de sertão”, isto é, zona de fronteira que passava por período de inserção no mores civilizadores com a dizimação dos nativos e dos animais bravios, a derrubada de matas e a escolha de áreas férteis para plantio, o provimento de víveres e o abastecimento de água, as edificações para moradia e trabalho a ereção de ermida para as práticas religiosas, enfim, a constituição do arremedo daquilo que viria a ser o mundo urbano. Estar à “boca do sertão” constituía uma ponta pioneira para o avanço sobre regiões vazias, onde as possibilidades de riquezas pareciam se avolumar. Como importantes pontos de expansão no processo de interiorização do país, as “bocas de sertão” foram os principais entrepostos comerciais de regiões desconhecidas da população litorânea. (CARVALHO; NETO, 2012, p. 139).

No século XVIII, com a produção de ouro em baixa, os moradores e outros pioneiros começaram a adentrar o oeste do Triângulo Mineiro. A população que constituiu Uberaba foi devido à decadência da mineração e arredores das cidades de Oliveira, Itaipicera e Formiga que vão se dedicar principalmente à criação de gado devido ao solo. Guimarães acrescenta que,

Com pastagens excelentes, a criação de gado se destacou inicialmente como força produtiva. A cidade foi crescendo junto à Estrada do Anhanguera, que ligava São Paulo a Goiás. Teve um grande incremento comercial, pois abastecia os tropeiros e viajantes que se dirigiam ao interior do país [...] (GUIMARÃES, 2007, p. 62).

Com o investimento na pecuária e não na agricultura, a cidade começa a ter suas primeiras opções de economia na região. E, os investimentos para a área de comércio aumentaram através do incentivo a comercialização de sal e de outros produtos, como: querosene, ferro, perfumaria e doces. Estes produtos eram trazidos para Uberaba, por meio de carros de bois, do litoral do Rio de Janeiro e Santos.

O desenvolvimento desse povoado fez com que em 1820 fosse considerada a freguesia e em 1856, a cidade de Uberaba deixa de ser Vila e eleva-se à cidade, mas ainda dependia muito do abastecimento das grandes cidades. Com esse grande investimento e crescimento econômico que Uberaba passava, havia a necessidade de investir em escolas, teatros, câmeras municipais:

A povoação logo assumiu grandes proporções, sendo elevada à condições de freguesia em 20 de março de 1820 e a de vila em 6 de setembro de 1836, portanto, município, separado de Araxá com o nome definitivo de Vila de Santo Antônio de Uberaba. Em 02 de maio de 1856 alcançou as prerrogativas de cidade. (MATOS, 2003, p. 58).

Na década de 1830 autoridades locais criaram a Câmara, com a intenção de tornar a cidade em um município, mas a proposta só acontece no dia 22 de fevereiro de 1836, transformando o Arraial na chamada Vila de Santo Antônio de Uberaba, de acordo com a lei provincial nº 28 de 07 de janeiro de 1837, quando foi instalada a Câmara, seguindo os regulamentos pelo então Presidente da Província, desembargador Costa Pinto.

No seguinte item iremos discutir um pouco da importância econômica que Uberaba teve, como aconteceram seu desenvolvimento e sua decadência econômica e como acontecia o desenvolvimento da sociedade, dos transportes.

4.1.1 Desenvolvimento e Decadência Econômica

No começo a principal atividade econômica desse povoado era a pecuária. Havia também uma exploração da agricultura, mas esta era voltada apenas para a subsistência. Dessa maneira, com o passar do tempo, a posição geográfica que Uberaba ocupava era privilegiada, pois foi considerada, durante o século XIX, ponto estratégico para o acesso entre São Paulo, Goiás e Minas Gerais. Desse modo, o comércio uberabense funcionou como ponto de abastecimento às outras cidades com produtos manufatureiros que vinham do litoral.

A transformação de Uberaba em entreposto comercial, inicialmente provocou o desenvolvimento da cidade sem, contudo, alterar substancialmente o seu quadro social. A fazenda continuou a liderar as atividades sócio-econômicas e era ponto de encontro social e político da população. (MATOS, 2003, p. 59).

A partir de 1858 a economia Uberabense começou a dar seus primeiros sinais de declínio, pois os goianos descobriram outra rota pelo Rio Araguaia e a exploração de mineração em outra região. O alto preço do sal que era trazido do porto de Santos fez diminuir a criação de gado e com a navegação no Rio Paraguai há uma ligação direta entre o interior paulista e o Mato Grosso. Para Rezende (1983), essa estagnação do comércio pode ser explicada pelas próprias características da economia uberabense, inserida em uma região

dependente, que teve sua modernização ameaçada quando se alteraram as condições que favoreciam seu desenvolvimento.

Entre os anos de 1865 a 1870 com a Guerra do Paraguai, a cidade consegue recuperar na economia, pois Uberaba volta a ser rota obrigatória para seguir até o Mato Grosso. Com a navegação também proibida para o comércio entre Goiás e São Paulo, a cidade volta a ser o polo comercial. “A partir da Guerra do Paraguai, Uberaba passou a ser um verdadeiro centro urbano comercial, embora sua aparência ainda permanecesse provinciana e o município mantivesse traços eminentemente rurais.” (REZENDE, 1983, p. 50).

Em 1874, Uberaba já se destacava com um comércio em expansão tendo armazéns de atacado e varejo, além de diferentes lojas com produtos variados. O município era um centro comercial de fornecimento e consumidor de mercadorias para Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso.

A expansão do café, principalmente na região paulista, atrai imigrantes devido aos altos salários, que vão financiar a industrialização, a modernização e a urbanização nesta região. Devido ao alto crescimento do café, começa-se a ter a necessidade de investir em transportes mais rápidos, criando duas estradas de ferro que foram a Cia Paulista de Ferro e a Cia de Estrada de Ferro Mojiana, construídas para facilitar o escoamento do café para a importação e trabalhar em função do crescimento econômico do país.

[...] especialmente no Triângulo Mineiro, a chegada da ferrovia, já no período republicano, carrou esperanças e inserção em um mundo mais moderno. Interrompendo o isolamento e a distância da capital da província e do país, a inauguração da ferrovia representou a oportunidade de visibilidade perante outras localidades, fez crescer a população e movimentação comercial [...]. (CARVALHO; NETO, 2012, p. 139).

A Companhia Estrada de Ferro Mojiana tinha como objetivo ligar Goiás e Mato Grosso a São Paulo. A chegada da Mojiana em Uberaba, que foi inaugurada em 23 de abril de 1889, levou a cidade ao crescimento urbano, permitindo que os fazendeiros mudassem para o município, que acabou virando ponto de decisões políticas, além de trazer um significativo processo modernizador para a cidade. Fonseca (2010) acrescenta que:

Como se tratava de uma empresa paulista, a ferrovia também reforçou as relações de dependência do Triângulo em relação a São Paulo e, conseqüentemente, afrouxou ainda mais as ligações com a capital mineira. Além do desenvolvimento comercial, a estrada de ferro contribuiu para um

considerável incremento populacional, reforçado por uma importante emigração de estrangeiros, principalmente italianos. (FONSECA, 2010, p. 204).

Nesse sentindo Uberaba se desenvolve no comércio, embora sua principal atividade continuasse sendo a pecuária e foi esse investimento, na pecuária, a solução encontrada no momento de crise que chegava à cidade novamente, já que os trilhos da ferrovia Mojiana foram prolongados até Uberlândia (1895) e Araguari (1896), perdendo, assim, a aliança comercial que se tinha com Mato Grosso e Goiás.

Dessa forma o município se destacou com um grande potencial econômico, baseado na criação e comércio do gado Zebu, principalmente no período de 1910 a 1930, trazendo assim visibilidade a cidade de Uberaba, trazendo, conseqüentemente, em 1909 o primeiro grupo escolar da cidade, ou seja, a primeira educação pública. Com o processo de modernização do município interrompido, a economia acaba sendo baseada apenas em atividades rurais e assim impedindo o crescimento da cidade.

Desta maneira, a cidade se tornou o centro pecuarista da região pela a criação de gado Zebu, pois este se adaptou às condições climáticas da terra uberabense. É interessante lembrar que o gado Zebu era trazido da Índia, e acabou consolidando o município como um grande centro de comércio pecuarista lucrativo, fazendo-o ser reconhecido mundialmente. “Uberaba, insulando-se, libertou-se afinal, da dependência daquelas praças e se entregou, animadamente, à agricultura e indústria pastoril, as quais colocam este município em lugar de mercado destaque no Brasil.” (PONTES, 1978, p. 97).

A criação de gado se concentrava nas mãos de poucas famílias uberabenses destacando as famílias Prata, Borges e Rodrigues da Cunha que, com alta atividade pecuária, não deixavam que a cidade crescesse e se desenvolvesse.

Ferreira¹⁴ (1928) fez críticas à administração da cidade de Uberaba que atrapalhavam o desenvolvimento econômico, social e urbano da cidade. Ferreira (1928) afirma: “desde o começo de sua vida municipal, em 1836, até o anno de 1926, Uberaba não teve

¹⁴ “O escritor Orlando Ferreira (1886-1957), o Doca, ficou conhecido por enfrentar as elites econômicas, políticas e religiosas de Uberaba. Conforme biografia apresentada por Vilela e Molinar (2011), Doca estudou no Seminário São José, do qual foi expulso pelo diretor da instituição, o arcebispo dom Eduardo Duarte Silva. A seguir ele afastou-se da Igreja Católica, aproximou-se de amigos anticlericais, aderiu ao espiritismo e simpatizou-se por ideais de esquerda. Por volta de 1905 ligou-se ao Partido Republicano Municipal, o “Pachola”, de oposição ao agente executivo (denominação dada a quem exercia o cargo de prefeito), que na época era Phelipe Aché, do Partido Republicano Mineiro, conhecido por “Arara”. Na década de 1920 publicou o livro *Terra Madrasta: um Povo Infeliz*, no qual fez severas críticas à administração municipal. Em 1931 aderiu ao Partido Comunista do Brasil – PCB, iniciando, a partir de então, a leitura de obras marxistas, que o levaram a publicar os livros *Capitalismo e Comunismo* (1932) e *A Ilusão Capitalista* (1933). No livro *O Pântano Sagrado* (1940) ele opõe-se ao clero que, segundo ele, era nefasto para a cidade.” (SOUZA, 2012, p. 37).

administradores que soubessem promover a nossa felicidade, desenvolvendo uma acção eficaz, inteligente e energica; foram todos nullos, improductivos, tímidos e rotineiros [...]” (p. 25). Em sua obra, Ferreira expõe com veemência que todos os políticos que administraram a cidade apenas se preocupavam em tampar buracos, capinar as ruas, ou seja, apenas faziam a manutenção do município, não havia uma preocupação no desenvolvimento da cidade.

Desse modo, nos anos de 1930 com o governo provisório de Getúlio Vargas e o controle do centralizador do Estado, o monopólio, que era mantido na política pelos grandes proprietários de terra, foi comprometido, pois nesse período o cenário político e econômico começava a mudar em todo o país. No município de Uberaba foi nomeado Dr. Guilherme de Oliveira Ferreira, que permaneceu no cargo até janeiro de 1935, para substituir o então prefeito Olavo Rodrigues da Cunha, que governou a cidade de 1927 a 1930, o qual sucedeu seu pai o Coronel Geraldino Rodrigues da Cunha, os quais pertenciam a uma família tradicional de pecuarista.

O então nomeado Dr. Guilherme de Oliveira Ferreira em seu governo conseguiu executar diversas obras públicas para a melhoria da cidade, trazendo motivação para o município conforme apresentado no Jornal local da cidade:

[...] A realidade de Uberaba é muito outra do que pensa o jornalista belo-horizontino, cujo desconhecimento de nossas minudencias partidarias provem, naturalmente, da falta de comunicações e da enorme distancia dessa região ao centro do Estado.

Em Uberaba só existe um caso. E' o de saneamento e eletricidade da cidade, que deu motivo a que aqui se formasse um estado sanitario carregado de ameaças para a população.

Fóra daí, não temos assunto de tamanha monta que possa perturbar os governantes do Estado. Ha calma nos arraiais políticos e o povo está satisfeito, plenamente satisfeito com o governo aqui está realizando o sr. dr. Guilherme de Oliveira Ferreira, honrado e realizador prefeito do municipio. (LAVOURA E COMÉRCIO, ed. 6.128, 17/02/1934, p. 1).

Podemos constatar nesta citação que houve uma adesão de uma elite política e social que se formava por comerciantes e profissionais liberais que trazia benefícios para o município, pois em Uberaba o poder saía das mãos das famílias que tinham o poder econômico, que era a criação de gado e não traziam benefício nenhum para a sociedade.

A administração de Guilherme Ferreira foi tão importante para o crescimento da cidade que percebemos que a população foi para os jornais pedir sua permanência no governo. “As resoluções tomadas pelos diretórios do Partido Progressista de Uberaba, exigindo a

permanência do sr. dr. Guilherme de Oliveira Ferreira á frente dos negócios administrativos do município [...].” (LAVOURA E COMÉRCIO, ed. 6.672, 04/08/1934, p.1).

Após o mandato de Guilherme de Oliveira Ferreira, durante o período de 1935 a 1937, a cidade teve cinco interventores. Só no ano de 1935 foram quatro: João Euzébio de Oliveira, Horácio Bueno de Azevedo, Adolpho Soares Pinheiro e Paulo Andrade Costa. Isso ocorria devida à nova política estabelecida por Vargas, pois quem escolhia os interventores municipais eram os interventores estaduais, e muitas vezes os que eram escolhidos tinham que ser substituídos em pouco tempo, pois alguns não estavam compromissados com o desafio de modernizar ou não residiam na cidade.

Nesse período de 1935 a 1937, o interventor que ficou mais tempo foi o Menelick de Carvalho, que governou o município de Uberaba de dezembro de 1936 à julho de 1937, promovendo obras públicas e melhorias na infraestrutura local.

Logo depois, quem governou a cidade foi Whady Nassif, por um período de seis anos (25/07/1937 a 16/06/1943), o qual era advogado e descendente de imigrantes libaneses que mantinham comércio na cidade. Podia então governar de acordo com seus interesses e de sua família, mas assumiu seu cargo no Estado Novo¹⁵ tendo assim que seguir o novo regime, não conseguindo ter benefícios próprios. Dessa maneira, sua gestão trouxe mudanças significativas para a cidade, principalmente na infraestrutura local. De acordo com Fonseca (2010):

A prefeitura implantou redes de água encanada e esgoto, calçou ruas, abriu avenidas, construiu e reformou praças, promoveu a modernização do sistema de telefonia e realizou algumas melhorias no precário abastecimento de energia. Todas essas transformações favoreceram a emergência de um novo imaginário de modernização, civilização e cultura que se configuraria como um dos recursos mais empregados para o exercício do poder simbólico naquela sociedade. (p. 40).

É importante ressaltar que nos anos de 1940 a cidade havia tido mudanças nos aspectos de saneamento e urbanismos, mas na economia local que prevalecia a agricultura e a pecuária, mesmo já tendo indústrias na cidade. Além disso, havia um grande número de analfabetos no município, pois o mesmo contava apenas com uma escola pública que era o Grupo Escolar Brasil e dentro do próprio grupo tinha uma divisão de classe social, como

¹⁵ O Estado Novo, que também ficou conhecido como a Era Vargas, foi um regime fundado por Getúlio Vargas no ano de 1937 e que ficou até 1945. Era um regime conhecido pela centralidade de poder, nacionalista, anticomunista e autoritarista.

podemos observar na fala de Mariano: “As turmas eram divididas de acordo com o nível social, então a professora que trabalhava com a melhor turma de nível social e intelectual desenvolvia as atividades com mais facilidade.” (MARIANO, 2016, p. 149).

Percebemos que mesmo havendo políticos liberais que representavam um grupo econômico comercial, os interesses na atividade da pecuária era mantido. Podemos ver nessa afirmação de Souza (2012):

Também é importante lembrar que, embora Uberaba tivesse como prefeito um profissional liberal representante de um grupo econômico ligado à atividade comercial, a consolidação da atividade pecuária – que obteve, inclusive, reconhecimento internacional – fez com que a cidade mantivesse características conservadoras, devido ao poder econômico e político exercido pelos coronéis zebuzeiros. (p. 44).

Após o mandato de seis anos de Whady Nassif quem assumiu o seu lugar foi Carlos Martins Prates, o qual governou de 1943 a 1946. Nesse período ocorreu a implantação de mais dois grupos escolares na cidade que foram o Grupo Escolar Minas Gerais e o Grupo Escolar América¹⁶, depois desse mandato o município teve até 1963 oito prefeitos que segundo Souza (2012) foram:

Lauro Savastono Fontoura (11/04/1946 a 07/01/1947); Mizael Cruvinel Borges (07/01/1947 a 02/05/1947); João Carlos Belo Lisboa (02/05/1947 a 08/12/1947); Luiz Boulanger Pucci (08/12/1947 a 01/02/1951); José Pedro Fernandes (15/01/1951 a 31/01/1951); Antônio Próspero (01/02/1951 a 31/05/1955); Artur de Melo Teixeira (01/02/1955 a 31/01/1959) e Jorge Henrique Marquez Furtado (01/02/1959 a 31/01/1963). (SOUZA, 2012, p. 45).

Até à década de 1970, foram inaugurados mais cinco grupos escolares na cidade que foram: Grupo Escolar Minas Gerais, instalado em 1944, no bairro Centro; Grupo Escolar América, instalado em 1946 no bairro Abadia; Grupo Escolar Uberaba, instalado em 1948 no bairro Fabrício; Grupo Escolar Dom Eduardo, instalado em 1950, no bairro Mercês; Grupo Escolar Professor Chaves, instalado em 1950 no bairro São Benedito.

Depois de uma breve discussão sobre o desenvolvimento da economia do município de Uberaba e o cenário político que influenciava esse crescimento, iremos discutir no próximo

¹⁶ Até hoje os dois grupos escolares funcionam, mas hoje são escolas estaduais.

item a dificuldade de se implantar o primeiro Grupo Escolar, o qual demorou dois anos para se concretizado.

4.2 A imprensa e os momentos de tensões que antecederam a inauguração do Grupo Escolar Brasil - 1906 a 1909

No final do século XIX o Brasil passava por grandes mudanças econômicas, sociais e se via na educação uma possibilidade de modernizar o país, pois este passava por um período de industrialização. A mão-de-obra, que antes era escravista, passava a ser de homens livres (principalmente os imigrantes italianos). Com a Instalação da Primeira República, foi proposto um Projeto Civilizador no qual havia a necessidade de implantar uma Educação Popular visando alfabetizar a sociedade (ler, escrever e fazer as quatro operações matemáticas) devido ao aspecto político, pois agora quem teria o direito a votar deveria ser alfabetizado, e ao aspecto social, pois a educação conseguiria moralizar, instruir e disciplinar a sociedade.

Por outro lado, responsabilizada pela formação intelectual e moral do povo, a educação popular foi associada ao projeto de controle e ordem social, a civilização vista da perspectiva da suavização das maneiras, da polidez, da civilidade e da dulcificação dos costumes. (SOUZA, 1998, p. 27).

O primeiro estado a organizar e reformar o ensino, foi São Paulo com a primeira instalação dos Grupos Escolares, em 1892. Esta ideia de implantação dos Grupos Escolares se difundiu para o restante do Brasil, a qual fazia parte da política dos presidentes dos Estados. A escola modelo paulista foi implantada depois no Rio de Janeiro em 1897, no Pará em 1899, no Paraná em 1903, em Minas Gerais em 1906, no Rio Grande do Norte e no Espírito Santo em 1908, no Mato Grosso em 1910, em Santa Catarina e em Sergipe em 1911, na Paraíba em 1916 e no Piauí em 1920.

Essa nova organização de se pensar a educação primaria, foi um processo de mudanças e de reformas de como pensar a educação “[...] O método individual cedeu lugar ao ensino simultâneo, a escola unitária foi, paulatinamente, substituída pela escola de várias classes e vários professores, o método tradicional dá lugar ao método intuitivo [...].” (SOUZA, 1998, p. 29).

Vendo o sucesso da implantação dos Grupos Escolares em outros estados, Minas Gerais inicia sua implantação em 1906 com a Reforma de João Pinheiro, que significou um

novo olhar para a educação mineira, mas acima de tudo a materialização do projeto de elite mineira. “[...] – é termos trabalho pelo grandioso idéal republicano, na terra mineira, que, primeira, o sonhou, por elle deu vidas e o tem executado, nestes 18 annos de regimen, sem retrogradações e sem precipitações.” (LAVOURA E COMMERCIO, ed. 991, 10/01/1909).

O modelo de educação popular que se propunha, era de um ensino da república para a república, ou seja, a educação ocupava agora um lugar de instruir, moralizar e modernizar o país. O grupo escolar vinha com uma ideia de centralização e aproximação da escola com o sistema fabril, controlando os professores, os alunos o tempo e as atividades.

[...] Abrir escolas que illuminem a intelligencia das creanças; [...] sem o abandono da parte espiritual e moral; ter o culto sincero da liberdade; tornar a paz garantida; a justiça amada; paternal o exercicio da autoridade; conciliadora a politica.

Que estas palavras não visam effeito, reflectem a realidade de um programma que vai sendo executado com firmeza, accusam o desenvolvimento espantoso da instrucção primaria em cujas escolas, em pouco mais de um anno, a matricula chegou quasi a duplicar [...]. (LAVOURA E COMMERCIO, ed. 937, 06/07/1908).

Paralelamente à Reforma de 1906, as autoridades da cidade já discutiam a instalação do primeiro Grupo Escolar, a construção do prédio com a execução das obras, de acordo com as plantas da Secretaria de Obras do Estado, e assim definem que o terreno onde seria inaugurado o Grupo Escolar Brasil, estaria localizado na Praça Comendador Quintiliano, devendo a obra demorar apenas quatro meses.

A primeira tentativa de implantar o Grupo Escolar foi em 1907, mas devido à falta de financiamento, não se efetivou o projeto. Somado a isso, temos os conflitos entre os setores sociais uberabenses, através dos coronéis que achavam que não havia a necessidade da criação de um Grupo Escolar na Cidade.

Observamos que as discussões para a criação do grupo delongaram um período de aproximadamente um ano, quando saiu a primeira nota do jornal local da que seria inaugurado ainda no ano de 1908:

Estão sendo ultimadas as negociações entre a camara municipal e o governo do estado para a próxima construcção do predio destinado ao grupo escolar Uberaba.

O início dos serviços não deve demorar, dependendo apenas de ordem do governo estadual, a qual se espera seja dada nestes poucos dias.

E será uma vergonha se ainda este anno Uberaba não arranjar casa para esse grupo que o povo começa a chamar, e com razão de <grupo encantado>. (LAVOURA E COMMERCIO, ed. 949, 18/08/1908).

O encontro contou com várias autoridades do cenário político e intelectual de Uberaba e Minas Gerais, tendo a presença do inspetor técnico do ensino Ernesto de Mello Brandão. Tal reunião tinha como objetivo a criação do grupo escolar em Uberaba, sendo lançada uma nota no Jornal local noticiando que a construção ficaria sob a responsabilidade do estado: “[...] A construção, segundo nos consta, vai ser feita por um empreiteiro da Capital, que se propoz ao governo estadual dar o edificio prompto, de accordo com a planta, por 50 e poucos contos de réis.” (LAVOURA E COMMERCIO, ed. 950, 20/08/1908).

O Grupo Escolar era almejado por toda a população uberabense, dessa forma, no dia seis de setembro de 1908, chegou à cidade o Sr. Carlos Bianchi, que seria o responsável pela construção do Grupo Escolar Brasil, “[...] Os serviços vão ser iniciados sem perda de tempo, tendo o seu inicio talvez na segunda-feira proxima.” (LAVOURA E COMMERCIO, ed. 955, 06/09/1908).

O início da construção do prédio, é interessante observar e analisar, foi marcado por uma solenidade na qual compareceu o inspetor técnico Sr. Dr. Ernesto de Mello Brandão, a imprensa para registrar este momento, alunos e professores de escolas públicas. Dessa forma, a cada nova etapa da construção do edificio o jornal da cidade trazia notícias sobre as obras: “Realizou-se hontem, perante numerosa assistencia de pessoas gradas, o levantamento da cumieira do predio destinado ao Grupo Escolar Uberaba.” (LAVOURA E COMMERCIO, ed. 977, 22/11/1908). De acordo com as informações do jornal, até o final do ano de 1908 o Grupo Escolar Brasil seria inaugurado, mas a construção não ficou pronta.

No ano 1909, o prédio que estava sendo construído chamava a atenção por sua estrutura, que era baseava na arquitetura da Secretaria de Obras do Estado. A imprensa da época noticiava: “Vão bem adiantados os serviços de construção do edificio destinado ao Grupo Escolar de Uberaba, que está ficando um predio vistoso, alegre e amplo com todas as condições de luz e hygiene que os estabelecimentos dessa ordem exigem.” (LAVOURA E COMMERCIO, ed. 995, 24/01/1909).

A angústia sobre a demora para o prédio ficar pronto era mostrada em cada nota que era publicada no jornal. Assim, a indignação pela demora tornava-se uma das notícias mais frequentes naquele contexto. A inauguração do novo estabelecimento de ensino uberabense foi adiada por diversas vezes: a primeira, quando havia sido anunciada a inauguração em 28

de fevereiro de 1909, adiou-se para mais dois meses, sob a justificativa da falta de mobiliário escolar e a demora da nomeação dos professores:

O empreiteiro da construção do edificio destinado ao grupo escolar desta cidade pediu mais 40 dias de prazo para fazer entrega da obra, a qual deverá estar concluida nos meados do mez de abril vindouro. (LAVOURA E COMMERCIO, ed. 1.007, 07/03/1909).

O mobiliário começou a chegar em Uberaba no final de março de 1909, contando com as doações do Estado do Rio de Janeiro. O município, apesar das influências econômicas e culturais, demorou para a implantação do seu primeiro grupo escolar, comparado a outras regiões do país.

Contudo, foi apenas no dia 05 de agosto de 1909 que foi publicado no jornal o Decreto nº. 2.589, que diz que no dia 29 de julho de 1909, foi criado, finalmente, o Grupo Escolar de Uberaba, esperando-se apenas as nomeações dos primeiros professores que deveriam trabalhar na escola primária.

[...] A' vista da justa anciedade da população uberabense pela inauguração do útil estabelecimento e dado o louvável interesse que as cousas referentes ao ensino merecem do sr. dr. Wenceslau Braz e de seu digno secretario do interior, é de esperar que as nomeações não demorem. Que não demorem e que recaiam em profissionais competentes são os nossos desejos. (LAVOURA E COMMERCIO, ed. 1.050, p. 05/08/1909).

As matrículas começaram no mês de agosto e eram liberadas para toda a sociedade uberabense, ou seja, começa a se pensar numa educação para todos, na qual todos que estão na idade escolar têm direito à educação. No primeiro dia de matrícula foram matriculadas 109 crianças, sendo 59 do sexo masculino e 50 do sexo feminino. Uma nota no jornal chama a atenção, pois chamam os pais para matricular seus filhos no grupo, mesmo aqueles que estão em classe sociais baixas, declarando que é uma escola pública, ou seja, todos com a idade escolar podem frequentar. Vejamos a notícia: "[...] para frequentar o grupo não é mister luxo de especie alguma, basta que a creança compareça às aulas limpa e calçada, o que esta no alcance de todos. Para as reconhecidamente pobres ha ainda o auxilio do caixa escolar, que lhes fornecerá o que for preciso." (LAVOURA E COMMERCIO, ed. 1.053, 15/08/1909).

A escola foi inaugurada com 8 classes e 760 alunos matriculados, tendo as séries do 1º ao 4º e os professores nomeados alguns foram transferidos das cidades de Uberabinha e

Veríssimo. Com a aproximação do início das aulas, começaram a ensinar os alunos a cantar o hino nacional colocando em prática os princípios da moral e cívica.

Finalmente, a inauguração foi marcada para o dia 03 de outubro de 1909, depois de um ano de construção. A solenidade de abertura foi marcada pelo discurso oficial feito pelo Sr. Dr. João Camelo, os alunos cantariam o hino nacional e o inspetor técnico declararia aberto o grupo e já designaria aos alfabetizadores a sua classe.

Sobre a festa de inauguração, o jornal destaca:

Bellas e tocantes, cheias de animação e de encanto, correram as festas da inauguração do grupo escolar, realizado domingo passado. A ella ffluuiu uma concorrência numerosissima de senhoras e cavaleiros, representando todas as classes sociais. O amplo edificio estava cheio, transbordava, tornou-se pequeno para comportar toda a gente que queria assistir á festa, partilhando do regosijo pela inauguração do utilissimo estabelecimento fadado a prestar. (LAVOURA E COMMERCIO, ed. 1.068, 07/10/1909, p.1).

Assim, o jornal encerra a notícia da inauguração falando que a programação foi cumprida de acordo com o que havia previsto. Concluindo que toda a população uberabense estava alegre e satisfeita com a instalação daquela grande Casa de Instrução.

Além de uma idealização por parte da imprensa, principalmente por ser um jornal organizado e administrado pela elite uberabense, o funcionamento dessa escola teve a frente para sua criação as elites políticas, uberabense e mineira, as quais formavam um grupo que almejava as ideias republicanas e o futuro da modernização da sociedade local.

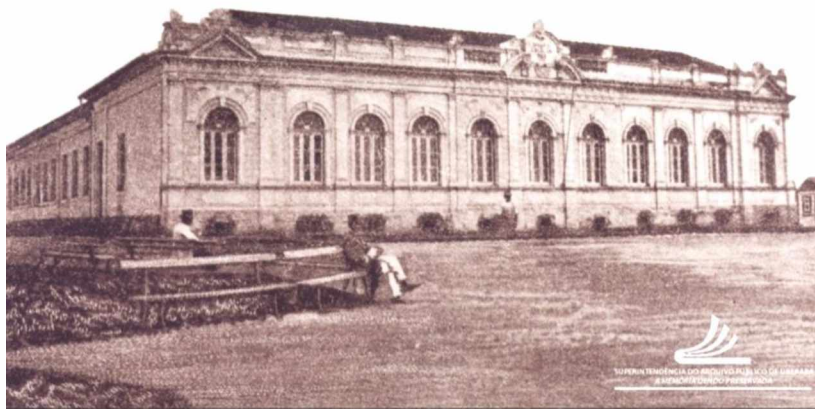
4.3 Grupo Escolar Brasil de Uberaba

Ainda no final do século XIX e início do século XX, Uberaba já possuía escolas particulares e públicas de grandes portes tendo como destaque: A Escola Normal (hoje Escola Estadual Marechal Humberto Castelo Branco), Colégio Nossa Senhoras das Dores, coordenado pelas Irmãs Dominicanas, Colégio Diocesano e por fim o Grupo Escolar Brasil, inaugurado em 1909 na cidade de Uberaba.

Como já foi dito anteriormente, a cidade de Uberaba, era denominada como município do Sertão da Farinha Podre, e, com a implantação da Primeira República no Brasil em 1889, a cidade inspirava estratégias de desenvolvimento moral, cívico e instrução que são ideias que

foram efetivadas através da Reforma João Pinheiro¹⁷ (1906), que teve por objetivo instalar os Grupos Escolares em Minas Gerais e os Programas de Ensino Primário Elementar¹⁸ (1961).

Figura 10: Fachada do Grupo Escolar Brasil em 1909



Fonte: Acervo da Superintendência do Arquivo Público de Uberaba.

O primeiro Grupo Escolar de Uberaba foi inaugurado em 03 de outubro de 1909, sendo denominado como Grupo Escolar Brasil em 1927. Constatamos com a imagem acima que a construção do Grupo Escolar Brasil estava de acordo com os princípios modernizadores da sociedade republicana, caracterizada por ser uma escola urbana, moderna e de qualidade. Essa ideia foi propagada pelo jornal¹⁹ local da cidade.

O Grupo Escolar Brasil se localiza na Praça Comendador Quintiliano. No entorno da praça foram construídos o prédio do Cine Teatral Royal, o Hospital Beneficência Portuguesa, além de ser cercado de comércio, de residência de imigrantes ricos e um quarteirão a baixo do grupo tinha a Igreja São Domingos, onde se realizava a Primeira Comunhão dos alunos do Grupo. “Em frente ao Grupo Escolar Brasil tinha um cinema chamado Cine Royal, hospital Beneficência Portuguesa, o Instituto dos Cegos. Era um bairro mais nobre da cidade e bem movimentado.” (MAUÁ, 2016, p. 171).

Na figura abaixo podemos observar que à esquerda da foto se encontra o Grupo Escolar Brasil e temos à sua frente à Praça Comendador Quintiliano, e ao fundo da foto podemos ver duas torres que é a Igreja São Domingos.

¹⁷ “A Reforma João Pinheiro promoveu uma alteração de direção da educação primária, implicando, como será visto adiante, em reestruturação, em mecanismos de participação dos municípios através dos edifícios escolares, a dar centralidade à inspeção como a alma da educação escolar, em eleger a arquitetura escolar como expressão simbólica do republicanismo, em privilegiar a reestruturação de programas de ensino, bem como a reencaminhar novas orientações e diretrizes para a metodologia de ensino etc. (ARAÚJO, 2006, p. 218)”.

¹⁸ Será discutido na quinta seção dessa dissertação.

¹⁹ O jornal local se chamava Lavoura e Commercio, que foi fundado em 1899 em Uberaba, tendo sua primeira edição em 06 de julho de 1899 criado por um grupo de produtores rurais insatisfeitos com a política fiscal do estado. E tendo sua última edição em Janeiro de 2004. Suas publicações aconteciam bissemanais (quintas e domingos), o periódico é marcado pelo interesse da elite Uberabense. O periódico possui dentre quatro a seis páginas, tendo seis colunas cada página e a última página era destinada a propagandas.

Figura 11: Entorno do Grupo Escolar Brasil em 1940



Fonte: Acervo da Superintendência do Arquivo Público de Uberaba.

O Grupo Escolar localiza-se no centro da cidade de Uberaba, em um lugar privilegiado e de destaque, que simbolizou, através da sua arquitetura, a modernização social que estava sendo almejada naquele contexto. Igualmente, os discursos que circulavam na imprensa de a instituição ser pública e para todos estavam apenas nos preceitos da instituição, pois como o grupo estava situado no centro da cidade, atendia às classes sociais favorecidas. Em uma das narrativas, uma das entrevistadas deixa claro “O Grupo Brasil fica num bairro mais elitizado, de pessoas de classe média. E os alunos que frequentavam eram mais do Bairro Estados Unidos mesmo.” (JAMMAL, 2016, p. 145).

O mobiliário destinado ao grupo foi constituído com mais de 100 carteiras, mas, segundo noticiado no jornal, quando acontece sua inauguração possuía cerca de seiscentas crianças matriculadas na escola.

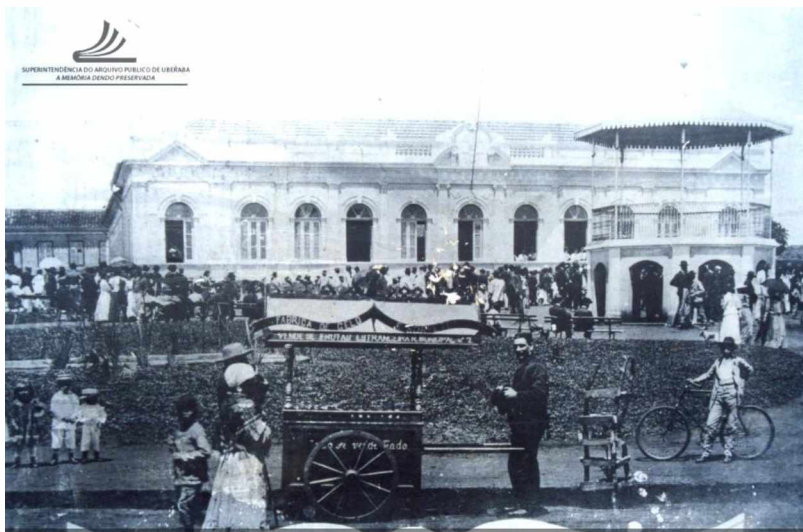
De ordem do sr. dr. Secretário do interior do estado, foram despachadas, no dia 19 do andante, á consignação do sr. Presidente e agente executivo da câmara desta cidade, cem carteiras, destinadas ao nosso grupo escolar. (LAVOURA E COMMERCIO, 1909, p. 1).

A festa de inauguração do Grupo Escolar Brasil foi realizada na Praça Quitiliano Jardim onde se localizava o grupo, e contou com apresentação dos alunos e da banda Santa Cecília. Segundo dados obtidos nos jornais da época, primeiramente fizeram o hasteamento da bandeira e cantaram o hino nacional. “Finda essa cerimonia organizar-se-á o préstito,

sahindo os alunos em passeata cívica.” (LAVOURA E COMMERCIO, 1909, p. 1). Estava presente toda a população uberabense para a tão esperada inauguração do grupo escolar.

Na figura abaixo pode-se notar que ao fundo da foto está o grupo, as pessoas se encontram reunidas na Praça Comendador Quintiliano para ouvir o discurso da inauguração do grupo e tem um carrinho no qual um homem vende refrescos.

Figura 12: Festa de Inauguração do Grupo Escolar Brasil dia 03/10/1909



Fonte: Acervo da Superintendência do Arquivo Público de Uberaba.

O Grupo Escolar Brasil começou a funcionar no dia 4 de outubro de 1909, com 760 alunos matriculados, sendo nomeados apenas quatro professores. Segundo o Jornal Lavoura e Commercio, são eles: os professores Francisco de Mello Franco e João Augusto Chaves e as professoras Maria Felisbina Pontes e Alcina Coutinho. Os primeiros diretores do grupo foram Evarista Modesto dos Santos e Arnold Magalhães, respectivamente.

No primeiro ano de funcionamento do grupo, os alunos estavam divididos em 11 classes, objetivando o sistema de classificação dos alunos em classes e séries, que eram feitos através de avaliação que os grupos escolares aplicavam com a finalidade pedagógica e disciplinar.

Apesar de a Primeira República defender uma escola gratuita, laica e coeducação (sem separação dos sexos), o Grupo Escolar Brasil separava suas turmas como podemos ver nesta matéria do jornal abaixo:

Essas classes pertencem: 4 ao 1º ano do sexo masculino, 2 ao 1º ano do sexo feminino, 1 ao 1º ano, 2º semestre feminino, 1 ao 2º ano masculino,

1 ao 2º, annofemino e o 1º ao 3º anno, mixta (LAVOURA E COMMERCIO, 1909, p. 2).

Os novos pensamentos republicanos sobre educação reuniam em uma mesma escola alunos ricos e pobres, preparando esses para desempenhar diferentes ocupações na sociedade. Com essa mistura de classes sociais, buscava-se pela educação um ideal pedagógico liberal, difundido dentro do Grupo Escolar, mas na prática isso não acontecia. Segundo Mariano, “As turmas eram divididas de acordo com o nível social, então a professora que trabalhava com a melhor turma de nível social e intelectual desenvolvia as atividades com mais facilidade.” (MARIANO, 2016, p. 150).

A educação e a construção de novos espaços adequados para as escolas eram vistas como “[...] illuminem a intelligencia das creanças; ensinar o trabalho aos adultos; guiar e aconselhar, nas duvidas, aos productores; cuidar das questões materiaes, sem o abandono da parte espiritual e moral; ter o culto sincero da liberdade; tornar a paz garantida; a justiça amada; [...]” (LAVOURA E COMMERCIO, 1909, p. 2).

Os incentivos para que os pais matriculassem seus filhos no grupo era recorrente no jornal “Para frequenter o grupo não é mister luxo de espécie alguma, basta que a creança compareça às aulas, limpa e calçadas, o que está ao alcance de todos” (LAVOURA E COMMERCIO, 1909, p. 1). Percebemos nesse trecho retirado do jornal que a cidade de Uberaba demonstrava grande interesse em instruir o espírito de civismo e preparar o jovem para a modernização e uma das maiores preocupações era acabar com o analfabetismo, pois este era um obstáculo que dificultava a formação do cidadão republicano e assim a educação era vista como ponto fundamental nesta divulgação dos princípios.

Dessa maneira, o Grupo Escolar Brasil criou um caixa escolar. Segundo a ex-diretora do grupo,

“[...] fazia a campanha para o caixa escolar, com o qual os alunos contribuíam. Alguns davam uma quantia por mês, não significa que estava pagando a escola e sim contribuindo com os alunos carentes. Com o caixa escolar dava o uniforme, até conguinha, dava o tecido para se fazer o uniforme. Porque as verbas que eram repassadas do governo para os grupos não davam, por isso a necessidade do caixa escolar.” (MOISÉS, 2016, p. 158).

O Caixa Escolar tinha como objetivo conduzir uma maior frequência dos alunos às aulas, funcionando para ajudar os educados que não tinham condições de comprar os uniformes e materiais escolares e premiar os mais frequentes nas aulas.

Essa utilíssima instituição já começa a prestar serviços. Por conta da caixa escolar, tem o sr. dr. Ernesto Brandão fornecido uniforme às creanças reconhecidamente pobres que vão frequentar o grupo escolar.

E' preciso que a nossa cidade ampare o entusiasmo e efficacia essa benéfica instituição destinada a prestar os mais relevantes serviços á nossa cidade, onde a pobreza não crescerá mais analphabeta por falta de recursos. Recomendamos encarecidamente a caixa escolar ao amparo e sympathia da população uberabense, especialmente das senhoras, que muito poderão fazer em beneficio do benemerito instituto. (LAVOURA E COMMERCIO, 1909, p. 3).

O Caixa Escolar, que foi criado pela Lei Bueno Brandão em 1911, veio para universalizar o ensino público, aumentando o número de alunos, pois o intuito era ajudar os mais pobres a frequentarem as escolas primárias. “Ainda de acordo com o ministro, em cada um dos distritos deveria haver um caixa escolar para depósito de donativos e quaisquer somas destinadas a formar o fundo escolar.” (CARVALHO; BERNARDO, 2012, p. 143). Mas percebemos em reportagens retiradas do Jornal local que já havia caixa escolar no grupo antes da criação da lei.

Com o objetivo de manter os alunos pobres presentes na escola, cria-se uma legislação para proteger e manter esses alunos com condições financeiras baixas. O artigo 361 do decreto n. 3.191, que relaciona as atribuições e deveres do caixa escolar, ressalta o objetivo do fornecimento de alimento, uniformes, materiais didáticos, além das premiações aos melhores alunos do Grupo Escolar.

Os recursos que eram adquiridos para o levantamento de fundos para a caixa escolar aconteciam de diversas formas, por exemplo, no Grupo Escolar Brasil existia um concurso que elegia quem faria a coroação da santa no dia da Festa de Nossa Senhora. Essa eleição acontecia através dos alunos que levassem mais verbas financeiras para o grupo. Segundo Moisés:

“As festas eram muito boas e bonitas desde o tempo da Dona Terezinha. Tanto a Dona Terezinha e as professoras ficavam entusiasmadas com as festas, como a festa junina e também tinha a coroação de Nossa Senhora, onde se realizava campanhas e continuou até a minha saída como diretora.” (MOISÉS, 2016, p. 158).

Na figura 13 podemos observar a apuração dos votos para a coroação, passava por três turnos de votação e a duração era de 2 a 3 semanas:

Figura 13: Apuração do concurso para coroação da Nossa Senhora em 19/05/1964

3ª apuração do concurso - 15-5-64

1º Lugar	X	Classe Violeta - Celso Lima	19 500 30 500 50 000
2º	"	X Mauro Guarita Albino	105 000 21 000 = 132 550
3º	"	X Rita Cercinha Gomes	61 540 15 461 = 77 001
4º	"	X Eliana Cercinha Silva	15 000 13 735 28 735
5º	"	X Maria Abagha Silva	37 125 14 35 = 49 220
6º	"	X Lucia de Oliveira Rocha	90 000 11 000 = 101 000
7º	"	X Maria Lucia Vieira	53 300 10 000 15 220
8º	"	X Olga Cristina Rezende	19 250 8 430 10 366
9º	"	X Maria Dulce Barbosa Borges	71 000 78 000 = 149 000
10º	"	X Rosângela Moreno de Almeida	30 000 10 000 = 40 000
11º	"	X Reges Rezende	27 110 6 500 = 33 610
12º	"	X Regina Celso Cruz	63 200 5 600 = 118 200
13º	"	X Classe Geni Teo Gonçalves Rocha	60 000 5 200 = 112 000
14º	"	X Giselaire Mara	84 095 000 = 134 095
15º	"	X Carmen Aparecida Cunha	27 200 37 000 = 64 200
16º	"	X Ari Pacheco	50 800 3 650 = 87 300
17º	"	X Wlisses Antônio Cotta	71 320 3 000 = 101 320
18º	"	X Emerson Santana	2 602 28 220 = 54 222

Total: 589 564,00	
	550
	590 114
	420
	590 534

1º - 52 143	1º turno - 32 080
2º - 70 285	2º turno - 11 023
3º - 75 553	3º turno - 32 450
<u>197 981 votos</u>	<u>75 553</u>

Fonte: Acervo da Escola Estadual Brasil.

A festa de coroação de Nossa Senhora era organizada e preparada pelos professores sob a orientação da diretora Therezinha Valle Perez, que atuou no período de 1954 a 1974. Essa era uma das campanhas realizadas para arrecadação de recursos financeiros para o Caixa Escolar.

NOTA- Por meio de votação, foi escolhida a aluna que coroou a Nossa Senhora. Teve, pois, a felicidade de coroar a Virgem Santissima a menina Irene Carmen, filha do sr. André Weiss, repórter-fotografico da revista “Zebu” e da exma. sra. d. Carmen Weiss, a aluna do segundo ano da professora Josefina Bulhões Martins. Ofereceu a Palma a garota Maria Candida Duarte Aguiar. O lírio foi entregue pela menina Nelma Langoni. A garota Regina Maria Pontes Machado colocou aos pés da Virgem Maria o amor perfeito. (LAVOURA E COMERCIO, 1954, ed. 13.501, 01/06/1954, p.3).

Abaixo podemos verificar como era a coroação de Nossa Senhora descrita na nota do jornal acima:

Figura 14: Festa de coroação de Nossa Senhora



Fonte: Acervo da Escola Estadual Brasil.

As datas comemorativas faziam parte do currículo, ou seja, as professoras trabalhavam os temas dentro de sala de aula e depois era apresentado para o grupo escolar. Já as datas

cívicas, por exemplo, o 7 de setembro, todos os grupos escolares participavam. Segundo Moisés:

“Faziam parte do currículo até aquelas que não tinham a comemoração com desfiles. Geralmente era assim, de turno para turno a não ser o 7 de setembro que o grupo inteiro participava. Aconteciam as apresentações no auditório, mas a professora começava a trabalhar em sala de aula. Normalmente cada classe ficava responsável por apresentar uma data comemorativa, mas acontecia uma discussão sobre a temática em todas as salas de aulas.” (MOISÉS, 2016, p. 161).

Logo, as festas cívicas, religiosas e exames de promoção dos alunos podem ser considerados espetáculos promovidos pela a educação republicana, visto que era organizada, rígida e ostentosa, o que se almejava no governo republicano. Assim, “o saber do aluno evidenciaria a qualidade do ensino republicano e as comemorações se configurariam em práticas urbanas e não apenas do grupo escolar.” (CARVALHO; BERNARDO, 2013, p. 148).

A entrega dos diplomas aos alunos era feita no pátio do Grupo Escolar Brasil. De acordo com a narrativa do ex-aluno Molinar era uma cerimônia simples, mas que contava com a presença de pessoas importantes da cidade de Uberaba-MG. Sempre, no encerramento da cerimônia, era cantado o Hino Nacional. Podemos ver nas figuras 16 e 17 a descrição de como acontecia a entrega dos diplomas dos alunos da 4ª série.

Figura 15: Ata de entrega dos certificados de aprovação de 1949

Nos sete dias do
 mês de dezembro de mil novecentos e
 quarenta e nove, às quinze horas, no
 "Cine Metrópole", com a presença do
 Revmo D. Alexandre Gonçalves do Amaral,
 preclaro bispo desta diocese e paraimfo
 da turma, do Sr. Superintendente Regional, Sr.
 Mário França Pinto, do Sr. Superintendente
 Municipal, Sândino Gomes de Alencar, presidente
 da sessão, do Revmo Vigário Geral, Monsen-
 hor Almir Marques, do Revmo Monsenhor Edmo-
 do dos Santos, da Revma Madre Angela do
 Eucaristia, digníssima diretora do Colégio
 N. S. das Dores, várias autoridades eclesiásti-
 cas, das Sras Diretoras e professoras dos
 Grupos locais e grande número de con-
 vidados, realizou-se a entrega dos certificados
 aos alunos dos Grupos "América", "Brasil",
 "Minas Gerais" e "Uberaba", que concluíram o
 curso Primário.

Aberta a sessão pelo Sr. Su-
 perintendente Municipal, foi cantado, pe-
 lo Hino Nacional.

Em seguida foi dada a
 palavra ao Assistente Técnico Mário França
 Pinto, que, em nome dos quatro grupos
 saudou S. Excia. Revma, D. Alexandre Gon-
 çalves do Amaral, agradecendo-lhe sua
 presença e oferecendo-lhe a homenagem

Fonte: Acervo da Escola Estadual Brasil.

Figura 16: Continuação da ata de entrega dos certificados de aprovação de 1949

Logo após as duas professoras dos grupos, regentes das classes de Híaur, conferiram os documentos de aprovação aos seus alunos, cujos nomes estão incluídos na ata de exames.

Foi então executada pela orquestra do Conservatório Musical de Uberlândia a Hêrenie de Schumann.

O Sr. Presidente deu a palavra à oradora da turma, Odiluaris Guido Fernandes, que foi calorosamente aplaudida.

Serenados os aplausos, a orquestra tocou a Elogio de Massenet.

Usou então da palavra o parainfo da turma, S. Excia Hênia D. Alexandre Gonçalves do Amaral, que, muito emocionado, agradeceu a homenagem que lhe era prestada dirigindo-se depois a seus afilhados, encorajando-os a continuarem os estudos para alegria de seus pais e engrandecimento do Brasil.

Fêz uso ainda da palavra o Sr. Santos Gomes de Matos, cumprimentando S. Excia Hênia D. Alexandre Gonçalves do Amaral, congratulando-se também com as crianças que acabavam de colher os primeiros frutos de seus trabalhos, estendendo seus cumprimentos aos pais e mestres das mesmas.

De acordo com as atas retiradas do acervo da escola percebemos que a cerimônia era detalhada nas atas, de como tinha sido a entrega dos diplomas aos alunos da 4ª série primária e, como já foi dito anteriormente, apesar de realizar uma cerimônia para a entrega, a mesma acontecia de forma simples.

Na próxima seção serão apresentadas as práticas escolares que ocorreram no Grupo Escolar Brasil. Neste texto optamos por apresentar as fontes coletadas sobre o processo vivenciado na escola, o Programa de Ensino Primário Elementar com enfoque na disciplina de Língua Pátria, os manuais produzidos por Hermantina Riccioppo, professora do grupo Minas Gerais, e as narrativas das professoras e ex-alunos do grupo escolar Brasil.

5 GRUPO ESCOLAR BRASIL: O CURRÍCULO E SUAS PRÁTICAS

Como vimos anteriormente, a região do Triângulo Mineiro, entre os séculos XIX e XX, era uma das mais importantes regiões do Estado de Minas Gerais, tanto no aspecto econômico, por fornecer abastecimento para dois Estados que eram Mato Grosso e Goiás, quanto por fazer a ligação, através da Estrada Anhanguera, entre o Estado de São Paulo e o interior do país.

Nesta seção tratamos de analisar sobre o currículo e suas práticas no Grupo Escolar Brasil. Para isso fez-se necessário fazer um levantamento de pesquisas sobre essa temática para conhecer e compreender o que foi pesquisado, quais documentos oficiais poderiam auxiliar as análises, como poderia fazer a articulação da História Oral Temática com os documentos. Assim, o quadro abaixo mostra o levantamento das teses e dissertações defendidas no Programa de Pós-graduação em Educação na Universidade Federal de Uberlândia, na área de História e Historiografia em Educação nos últimos dez anos que cuidaram dessa temática no estudo todo ou em parte dele.

Quadro 5: Teses e Dissertações que pesquisaram sobre os currículos ou as práticas nos Grupos Escolares do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba

	Título do Trabalho	Autor	Mestrado (M)/Doutorado (D)	Instituição
01	“Templos do Bem”: O Grupo Escolar de Uberaba na Escolarização Republicana (1908-1918)	GUIMARÃES, Rosângela Maria Castro.	M	UFU/2007
02	História e ofício de alfabetizadoras: Ituiutaba 1931-1961	MORAES, Andréia Demétrio Jorge	M	UFU/2008
03	Grupo Escolar de Ibiá, MG (1932 a 1946)	SOUZA, Sirlene Cristina de.	M	UFU/2010
04	História de alfabetizadoras Uberlandenses: modos de fazer no Grupo Escolar Bom Jesus – 1955 a 1971	LIMA, Michelle Castro	M	UFU/2008
05	O Grupo Escolar Minas Gerais e a Educação pública em Uberaba (MG) entre 1927 a 1962	SOUZA, Marilsa Aparecida Alberto Assis	M	UFU/2010
06	Grupo Escolar Professora Alice Paes: trajetória dos egressos e currículo escola (Uberlândia-Minas Gerais 1965-1971)	ROCHA, Angélica Pinho Martins	M	UFU/2012
07	Modos de alfabetizar no grupo escolar Clarimundo Carneiro – 1963 a 1973	LEPICK, Vanessa	M	UFU/2013
08	Trilha e Rastros da Educação Primária: História do Grupo Escolar Coronel José Teófilo Carneiro, Uberlândia-MG, 1940-1970	RAMOS, Geovanna de Lourdes Alves	D	UFU/2014
09	Ecossistema do processo: práticas e representações sociais no Grupo Escolar Delfim Moreira (1908-1931): Araxá-MG	GASPAR, Maria de Lourdes.	M	UFU/2006
10	Ser professor na República: modos de pensar, sentir e agir (1930-1950)	MARTINS, Rosa Maria de Souza	M	UFU/2009
11	História de alfabetizadoras: vida, memória e profissão	GUIMARÃES, Edite Glória Amorim	M	UFU/2006
12	História da alfabetização de Ituiutaba: vivências no Grupo Escolar Governador Clóvis Salgado (1957-1971)	CUNHA, Tânia Rezende Silvestre	D	UFU/2011

Fonte: Elaborado a partir dos Bancos de Teses e Dissertações da CAPES, da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da Universidade Federal de Uberlândia.

Após a investigação das pesquisas que estudaram as práticas e o currículo nos Grupos Escolares no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, para melhor compreensão, apresentamos os principais aspectos abordados sobre essa questão. Dessa maneira, abordamos de forma geral a seção onde estivesse sendo discutido o currículo, os métodos de ensino e as práticas das professoras.

De acordo, com as pesquisas selecionadas, as investigações que utilizaram da metodologia de História Oral deram-se um maior, já que esse estudo é voltado para a História Oral.

É importante dar destaque à pesquisa de Guimarães (2007), “Templos do Bem: O Grupo Escolar de Uberaba na Escolarização Republicana (1908-1918)”, primeiramente por ter investigado a História da Instituição que estamos analisando durante este estudo. É relevante ressaltar também que o trabalho feito por Guimarães teve o foco na instituição apesar de na sua última seção analisar o cotidiano escolar e descrever sobre a educação moral, intelectual e física através das práticas cotidianas, no período de 1908 a 1918.

Moraes (2008) com sua pesquisa intitulada “História e Ofício de alfabetizadoras: Ituiutaba 1931-1961” objetivou com este trabalho discutir os processos de alfabetização e a formação das alfabetizadoras. Assim, optando por utilizar a metodologia de História Oral Temática, na quinta seção, intitulada “Saberes e Práticas das Alfabetizadoras: Caminhos percorridos”, através das entrevistas com os sujeitos foi possível analisar as suas práticas para alfabetizar os alunos, sendo analisados os métodos e as práticas das alfabetizadoras na zona urbana e rural.

Já a dissertação “Grupo Escolar de Ibiá, MG (1932 a 1946)” defendida por Souza (2013), traz a História Oral como técnica e a utiliza na terceira seção para compreender as práticas pedagógicas presentes no grupo escolar. As entrevistas são analisadas para se entender as práticas de ensino e aprendizagem no grupo escolar da cidade de Ibiá.

Na dissertação “História de alfabetizadoras Uberlandenses: modos de fazer no Grupo Escolar Bom Jesus – 1955 a 1971”, Lima (2011) aplica a História Oral Temática. Para analisar as práticas e os métodos utilizados pelas alfabetizadoras entrevistadas fez-se necessário analisar as cartilhas que eram usadas por elas e o Programa de Ensino Primário Elementar em Minas Gerais, que também eram utilizados para seguir um molde que era ditado pelo documento para a alfabetização infantil.

Souza (2012), em sua dissertação “O Grupo Escolar Minas Gerais e a Educação pública em Uberaba (MG) entre 1927 a 1962”, traz ao longo um acervo de fontes da instituição muito rico e a partir dessa documentação, na quarta seção, denominada “Cotidiano Escolar”, consegue discutir as práticas pedagógicas, a metodologia de ensino implantado no grupo, programas e planos de ensino e práticas avaliativas.

Assim, Rocha (2012) com a dissertação “Grupo Escolar Professora Alice Paes: trajetória dos egressos e currículo escola (Uberlândia - Minas Gerais 1965-1971)” na quarta seção, com o tema “Os objetivos sociais do Grupo Escolar Professora Alice Paes”, em seu

segundo item é discutido o currículo e as práticas pedagógicas através do social da instituição primária.

Na dissertação “Modos de alfabetizar no grupo escolar Clarimundo Carneiro – 1963 a 1973” a autora Lepick (2013) tem como metodologia a História Oral Temática para compreender como aconteciam as práticas e os métodos das alfabetizadoras no referido Grupo Escolar. Assim, é interessante que durante a quarta seção traz discussões sobre o ensino de leitura e escrita e como acontecia em sala de aula nesse momento são feitos uns cruzamentos com as narrativas dos sujeitos entrevistados os quais relembram como aconteciam as práticas em sala. Além disso, tem como foco a análise do documento Programa de Ensino Primário Elementar de Minas Gerais - Língua Pátria para alfabetização dos alunos, fazendo uma comparação com o documento e os modos de ensinar a leitura e a escrita desenvolvidas pelas alfabetizadoras.

A tese de doutorado “Trilha e Rastros da Educação Primária: História do Grupo Escolar Coronel José Teófilo Carneiro, Uberlândia-MG, 1940-1970”, defendida pela autora Ramos (2014), discute, na terceira seção, “Currículo, Recursos de Ensino e Leituras no Grupo Coronel Carneiro”, fazendo, primeiramente, um resgate da Legislação e Programa de Ensino, depois o currículo, como forma de instrução e os métodos e práticas que as professoras tinham no cotidiano escolar.

Gaspar (2006) apresentou sua dissertação “Ecos do processo: práticas e representações sociais no Grupo Escolar Delfim Moreira (1908-1931): Araxá-MG”. Na terceira seção, “Ecos do Progresso: práticas e representações sociais no espaço interno do Grupo Escolar”, apresenta a metodologia que deveria ser usada para as disciplinas, questiona o currículo como formação disciplinar e as práticas pedagógicas.

A pesquisa com o tema “Ser professora na república: modos de pensar, sentir e agir (1930-1950)”, tendo como autora Martins (2009), durante a primeira e a segunda seções traz os princípios republicanos que são: moralizar, higienizar e civilizar e como aconteciam as práticas dos professores para colocar os princípios republicanos.

Na dissertação “Histórias de Alfabetizadoras: vida, memória e profissão”, na terceira seção, de forma diferente de todas as pesquisas que analisamos, e por se tratar de História Oral de Vida, a pesquisadora analisa as práticas e os métodos das professoras através de suas narrativas. Desse modo, ao longo dessa seção são analisadas a vida das professoras e suas práticas em sala de aula.

Por fim, a pesquisa de doutorado “História da Alfabetização de Ituiutaba: Vivências no Grupo Escolar Governador Clóvis Salgado - 1957-1971”, da autora Cunha (2011), que na

terceira seção faz uma análise sobre as práticas no Brasil, Minas Gerais e depois o município de Ituiutaba. Depois dá um enfoque sobre os métodos aplicados no Grupo Escolar Governador Clóvis Salgado. Com isso, foram analisadas cartilhas e, através das narrativas das alfabetizadoras, trouxe como aconteciam os modos de ensinar, de ler e escrever.

Após essa breve apresentação das pesquisas que discutiram sobre as práticas e os currículos no Grupo Escolar, agora poderemos dar destaque a este item onde será colocada a metodologia de História Oral Temática, para entendermos as práticas e os métodos das professoras, confrontando as análises de documentos oficiais, estudos bibliográficos e as narrativas das alfabetizadoras.

5.1 O Currículo pensado para o Grupo Escolar Brasil e suas práticas

Para se entender o cotidiano do Grupo Escolar Brasil é necessário entender a cultura escolar empregada no dia-a-dia da instituição. Assim, as práticas nas escolas estão ligadas à materialização dos espaços escolares. Neste sentido, no período em que esta pesquisa se encontra, havia uma dificuldade de se cumprir as normativas e legislações do Estado, causando uma tensão, devido à presença do inspetor no Grupo Escolar Brasil, pois ele tinha como responsabilidade controlar e vigiar o cumprimento das normas dentro da instituição.

De acordo com o Regulamento nº 1.960, de 1960, a função do inspetor era apresentar um relatório em detalhes ao secretário do interior, informando o que observou na sua visita no grupo escolar, ou seja, era relatado todo o cotidiano da escola, as atividades escolares que estavam acontecendo, tendo assim um controle e acompanhamento do projeto de escola que se queria. Entre os anos de 1930 a 1971, tiveram dois inspetores municipais que analisavam a escola que foram o Dr. Ori Itamar Baeta Neves e o Sr. Santino Gomes de Matos.

As atas analisadas discorrem sobre a quantidade de alunos matriculados e sobre os exames de promoção dos alunos para as séries seguintes. Observamos então que havia a presença do inspetor em todos os exames, pois ele era o responsável por selecionar os professores que aplicariam e corrigiriam os testes, além de sempre estar presente nas cerimônias de entrega dos certificados dos alunos que concluíam o 4º série. Podemos observar na figura 17 a relação de alunos que fizeram o exame para ganhar o certificado e quantos foram aprovados.

Figura 17: Resultados do total de alunos aprovados

Resumo dos exames

Alunos do Grupo Escolar chamados a exames	-	48
Compareceram	-	48
Aprovados com Distinção	-	4
" plenamente	-	29
" simplesmente	-	3
Não preparados	-	12
Total		48

Candidatos que requereram exames:

Colégio D. Cherezinha	-	13 alunas
Aprovada com Distinção	-	1
" plenamente	-	9
" simplesmente	-	2
Não preparada	-	1
Total		13

Escolas particulares

Chamados a exames		8
-------------------	--	---

Fonte: Acervo da Escola Estadual Brasil.

É interessante analisar que o Grupo Escolar Brasil aplicava as provas para os alunos de outros Colégios que eram chamados de candidatos estranhos nas atas que foram analisadas e registradas através de fotos como a figura acima.

Deste modo, optamos primeiramente por contar um pouco como aconteciam o cotidiano escolar e o funcionamento do Grupo Escolar Brasil através das narrativas dos sujeitos. Assim, antes das aulas começarem os alunos se reuniam na Praça Quintiliano Jardim, ficavam conversando até que a diretora batesse um sino para que todos entrassem em fila para dar início à entrada no grupo e as professoras ficavam na porta das salas acolhendo os alunos.

Durante a narrativa de Molinar (2016) percebemos que a disciplina e a ordem no grupo eram rígidas, pois ele nos conta como era a questão da fila: “entravam em fila para a sala de aula e dentro da sala mantinham-se em pé até que tocassem outra vez o sino para se sentar.” (MOLINAR, 2016, p. 164).

Assim, antes de dar início e término às aulas, como o corpo docente do grupo escolar era católico, os ex-alunos entrevistados, contaram que todos os dias ficavam de pé e rezavam. De acordo com um ex-aluno “era normal, entrava na sala e rezava.” (MAUÁ, 2016, p. 172). Tinham aulas de catequese durante as séries primárias e era na 4ª série que acontecia a Primeira Comunhão dos alunos. Segundo Molinar: “Eu fiz a primeira comunhão lá também. Foi na Igreja São Domingos. Olha as meninas iam todas de branquinho e os meninos de terno preto que era muito chique. Essa primeira comunhão acontecia com uns 10 anos já era mais crescidinho.” (MOLINAR, 2016, p. 173).

A seguir a figura 18 mostra os alunos da 4ª série indo receber a Primeira Comunhão. Observamos que as meninas estão de vestidos brancos parecidas com noivas e os meninos de terno preto e no braço esquerdo tendo uma fita branca em forma de laço, todos se encontram em filas e eram acompanhados pelas professoras.

Figura 18: Primeira Comunhão dos alunos do Grupo Escolar Brasil



Fonte: Acervo da Escola Estadual Brasil.

Como a Igreja São Domingos era próxima ao Grupo Escolar Brasil, os alunos e as professoras seguiam em procissão até à Igreja para que acontecesse a Primeira Comunhão dos alunos. Toda festa religiosa que acontecia no grupo, como já foi dito anteriormente, como a Primeira Comunhão, a festa de Nossa Senhora, sempre ocorria aos domingos e no pátio central do Grupo Escolar Brasil.

As aulas sempre ocorriam dentro da sala, onde aconteciam todas as atividades, por exemplo, Mariano (2016) em seu depoimento disse que passava muitas atividades no quadro

para os alunos escreverem. Molinar já se recorda que “o sistema era de leitura, muitas atividades no papel, fazia desenhos e tinha que escrever o que era. Essa era a parte inicial.” (MOLINAR, 2016, p. 166)

Apesar da Reforma Francisco Campos 1927/28 defender uma coeducação, no Grupo Escolar Brasil, os meninos e as meninas eram separados dentro da sala de aula, eram carteiras de dois lugares o qual os alunos sentavam em duplas, mas ambos do mesmo sexo. Segundo Molinar,

“Naquele tempo a professora que queria colocar a menina ou o menino de castigo, como dentro da sala de aula eram separados os meninos de um lado e as meninas de outro, a professora colocava o menino para sentar com a menina. Aquilo era uma vergonha.” (MOLINAR, 2016, p. 166).

As aulas no grupo escolar aconteciam na parte da tarde, no período das 13:00 às 17:00. Nesse meio tempo acontecia o recreio onde os alunos tomavam lanche e tinham a oportunidade de brincar um pouco. Jammal durante suas narrativas nos conta como acontecia o recreio:

“O recreio acontecia no pátio que ficava no meio do grupo. Era um pátio bom, cheio de árvores, mas não havia um brinquedo especial. As crianças jogavam bola, brincavam no recreio. Uma das funções da professora era de levar as crianças para o lanche e vigiar.” (JAMMAL, 2016, p. 143).

Dessa maneira, procuramos descobrir o que auxiliava nas práticas do cotidiano de sala de aula das professoras entrevistadas. Através de suas narrativas vimos que foram o Programa de Ensino Primário Elementar²⁰ e os Manuais²¹ feitos por uma professora que trabalhou no Grupo Escolar Minas Gerais.

A partir dessas informações, optamos por fazer uma apresentação geral do Programa de Ensino Primário Elementar para que o leitor perceba a importância que teve para a padronização do ensino primário e a como auxiliava as professoras a manter uma sequência de conteúdos que deveriam ser dados em cada série.

Esse Programa de Ensino auxiliou no desenvolvimento dessa pesquisa, pois a partir dele foi possível compreendermos as práticas, os métodos e o cotidiano escolar que eram

²⁰ Foi cedida pela doutoranda Vanessa Lepick, da Universidade Federal de Uberlândia.

²¹ Foi cedida pela Cláudia que é sobrinha da autora dos Manuais Hermantina Riccioppo.

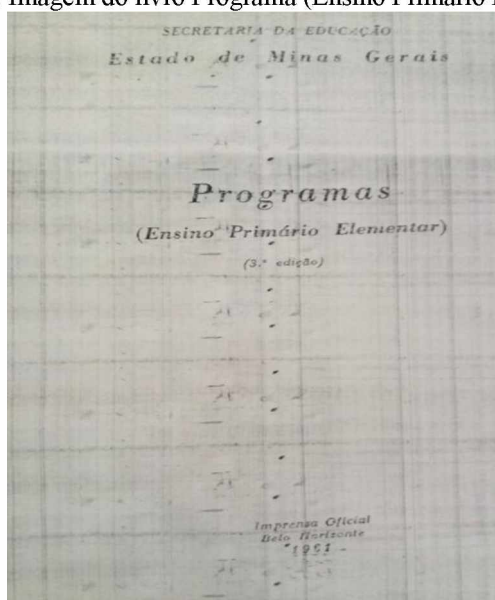
contatos nas narrativas das professoras entrevistadas, já que todas nos contaram que o mesmo era utilizado na elaboração do plano de aula feito no início do ano letivo. Mariano e Jammal falam de como era discutido e feito o plano de aula:

“O Grupo tinha e emprestava para o professor essa programação. Igual no Grupo Brasil tinha muitas turmas de primeiro, de segundo, de terceiro e de quarto, então os professores se reuniam de acordo com as turmas, pois sempre tinha duas ou três primeiras, duas ou três segundas, duas ou três terceiras, duas ou três quartas. Havia uma divisão na programação, de acordo com quantos dias tinha o mês para dar aquele conteúdo.” (MARIANO, 2016, p. 150).

“A gente tinha um plano diário. Todos os dias tínhamos que apresentar esse plano para a diretora. E ela dava visto. A diretora sempre orientava, tinha reuniões, uma vez por mês era quando acontecia as orientações, ou era por escrito. De acordo com as matérias que a gente lecionava dava os conteúdos por mês. Dividíamos os conteúdos por dia de acordo com a turma.” (JAMMAL, 2016, p. 144).

A figura a seguir é da capa do Programa de Ensino que foi elaborado pela Professora Lúcia Casassanta. O exemplar que será trabalhado ao longo dessa seção é da 3ª edição, publicada em 1961.

Figura 19: Imagem do livro Programa (Ensino Primário Elementar)



Fonte: Arquivo pessoal da Me. Vanessa Lepick.

O Programa é composto de 305 páginas, divididas em Introdução; Língua Pátria, Aritmética e Geometria; Geografia; História do Brasil; Moral e Civismo; Ciências Naturais; Higiene e Puericultura; Desenho e trabalhos manuais; Música escolar e Educação Física.

“Cada temática era trabalhada de acordo com as séries. As disciplinas de Geografia e História do Brasil não eram trabalhadas na primeira série, pois nesta priorizava-se a alfabetização.” (LIMA, 2011, p. 107).

O objetivo do Programa é guiar e garantir a administração do ensino público no Estado procurando “[...] guia, inspirador, orientador das atividades do mestre a quem cumpre compreendê-los bem e executá-los [...]” (MINAS GERAIS, 1961, p. 3).

Depois dessa sucinta apresentação de como é organizado o Programa de Ensino Primário Elementar, iremos focar em analisar os conteúdos da Língua Pátria, Moral e Civismo e Higiene da 3º série. Optamos por esta escolha, pois das quatro professoras entrevistadas, três lecionaram na 3º série e apesar delas não se considerarem alfabetizadoras, dão continuidade a esse processo de alfabetizar os alunos.

O Programa de Ensino tinha como objetivo principal sobre o ensino da leitura “o enriquecimento de experiências; a formação de interesse profundo pela leitura; a formação de hábitos, atitudes e habilidades de leitura oral e silenciosa.” (MINAS GERAIS, 1961, p. 11). Para que fosse possível alcançar a proposta do Programa, era necessário dividir o período de aprendizagem de leitura para cada série: a primeira série era considerada o período preparatório; a segunda série chamada de período de treino intensivo; a terceira série sendo considerado o período de expansão de gostos e de interesses; a quarta série sendo o período de aperfeiçoamento.

Dessa forma, como já foi dito anteriormente vamos analisar a Língua Pátria da terceira série. O aluno que chegava à terceira série já sabia ler e escrever materiais simples, assim o Programa de Ensino propunha que deveria ampliar seu conhecimento e criar novos interesses sobre a leitura. O objetivo principal proposto nesse período era:

Já foi bem desenvolvido, nos anos anteriores, o processo de ler material simples. Visa a terceira série a atender, as seguintes finalidades: Criar novos interesses; formar hábitos específicos de leitura de material de várias naturezas para diferentes finalidades; treinar várias situações de estudo que envolvem a leitura. (MINAS GERAIS, 1961, p. 32).

De acordo com as professoras, no período de livro adotado eram aplicadas atividades de leituras silenciosas para que fosse possível medir a capacidade de interpretação do aluno, e em seguida respondia às perguntas do quadro. No entanto, para que o aluno fosse adquirindo este hábito pela leitura, eram sugeridos vários tipos de atividades pelo Programa de Ensino

como, por exemplo, no item 8 “Leitura de trechos pelo professor para levar a criança a adquirir bons hábitos, através da imitação”. E os textos recomendados eram as poesias.

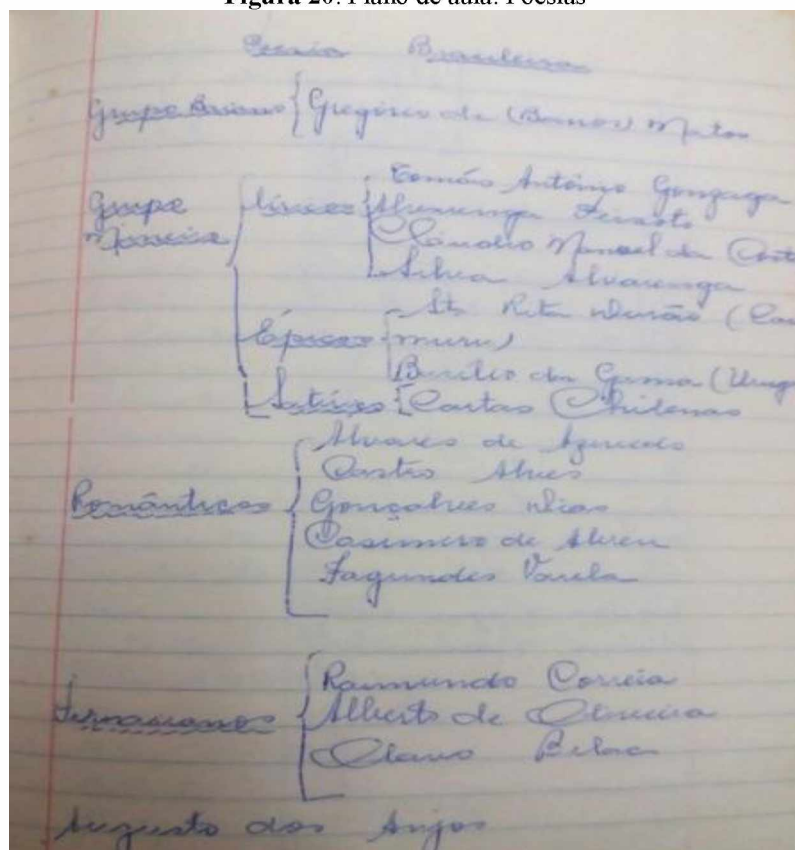
Mariano, em sua narrativa nos conta sobre o uso de poesia em suas aulas e que era algo presente em seus planos de aulas, assim nos mostra um livro de poesia que utilizava em sala o qual traz orientações de como se deve trabalhar e analisar o poema:

1-O professor faz uma leitura em voz alta. 2-Os alunos fazem uma leitura silenciosa. 3- O professor, em colaboração com os alunos divide o poema em itens, que podem ou não corresponder às estrofes. 4- O professor e os alunos situam cada item no tempo e no espaço, examinam os motivos, comparações, imagens, sugestões, rimas, ritmo, qualidades musicais, estilo palavras. 5-O professor sugere a releitura do poema, individual ou conjunto, pela turma ou por grupos. (OLIVEIRA, 1966, p. 8).

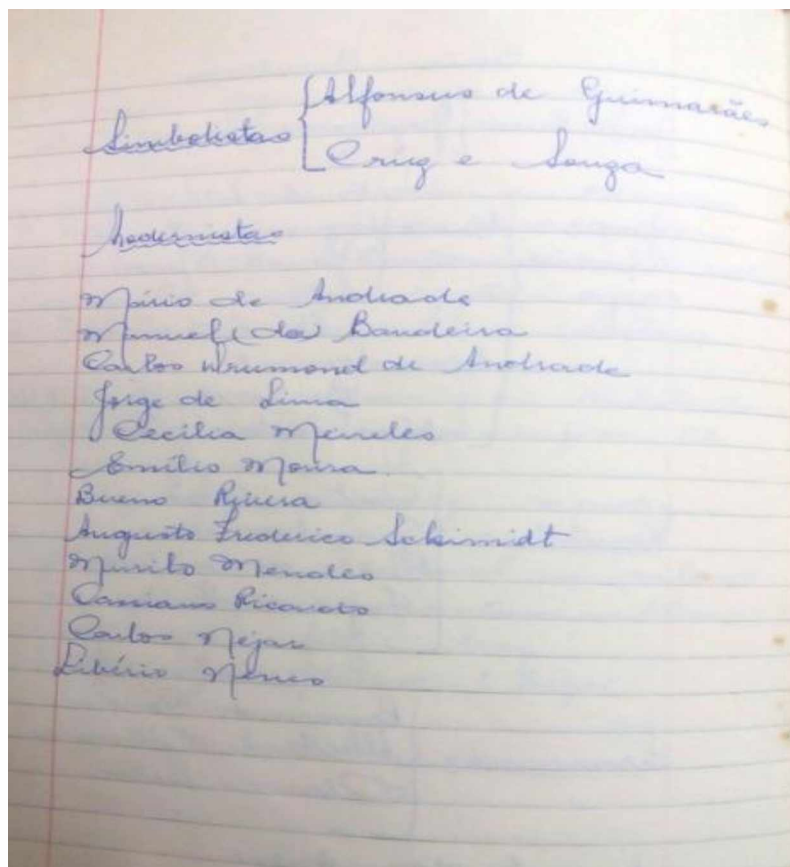
Mariano ainda nos conta que guardava até o hoje seu plano de aula de quando lecionava no Grupo Escolar Brasil.

Na figura adiante podemos analisar como era trabalhada a poesia em sala de aula.

Figura 20: Plano de aula: Poesias



Fonte: Acervo da entrevistada Mariano.



Fonte: Acervo da entrevistada Mariano.

Primeiramente mostrava aos alunos os autores poetas brasileiros e depois os separava por temáticas. No livro de poesias pudemos observar que as mesmas eram separadas de acordo com as séries.

Durante as narrativas dos ex-alunos percebemos que a leitura era sempre cobrada pelos professores, principalmente a leitura oral, pois Molinar se lembra de como acontecia,

“Sempre tinha que estar estudando, pois havia muito ditado de frases variadas e depois a professora fazia as correções com caneta vermelha, por exemplo, se você escrevia festival com “u” ela vinha com a caneta vermelha e colocava a letra “f” por cima. Tomava leitura na frente de todo mundo, morria de vergonha.” (MOLINAR, 2016, p. 168).

No Programa de Língua Pátria, no terceiro item, no qual os professores deveriam desenvolver nos alunos a “Composição”, era preciso ampliar a capacidade dos alunos de escrever narrativas, cartas. Essa era uma questão que era muito avaliada pelas professoras. Mariano relata que normalmente dava, por exemplo, o título, o começo da história ou o final, e com isso os alunos deveriam dar continuidade à redação. A composição era cobrada nas avaliações finais para a obtenção do certificado de conclusão do ensino primário.

Dessa forma, eram propostos, na terceira série, também os chamados pelo Programa de Ensino, “Aspectos corretivos e instrutivos” nos quais deveriam ser ensinados pelos professores a conjugação de verbos, o uso de vírgula e o treino do uso do *o* e *lhe*. Mariano nos relata que gostava de passar atividades no quadro sobre a conjugação de verbos.

Segundo Molinar, uma prática muito comum entre as professoras para ver se os alunos estavam estudando e aprendendo era:

“Havia uma batalha de tabuada e a sala era dividida em um grupo de meninos e meninas, com isso um ia perguntando para o outro grupo sobre a conjugação de verbo e ao mesmo tempo a professora fazia a avaliação para ver como estava o aluno. Com isso, o aluno devia sempre estar estudando porque a professora não avisava quando seriam essas batalhas de verbo. Era surpresa.” (MOLINAR, 2016, p. 164).

O quarto item é a “Gramática Funcional”, que era trabalhada apenas a partir da terceira série, e que tinha como um dos objetivos gerais “apressar a evolução linguística da criança, principalmente nos aspetos dependentes da lógica do pensamento.” (MINAS GERAIS, 1961, p. 84).

O quinto e o sexto itens eram trabalhar com os alunos a ortografia e a escrita que seriam uns dos conteúdos mais importantes da Língua Pátria, pois são eles que possibilitam a facilidade do aluno escrever. Com isso, utilizavam cadernos de caligrafia para melhorar as letras dos alunos.

Logo, após analisar todos os itens que eram necessários trabalhar na disciplina de Língua Pátria, fez-se fundamental agora ver como aconteciam as avaliações e as práticas de leitura e escrita com os alunos. De acordo com as professoras, aconteciam provas mensais, que eram aplicadas por elas e as chamadas provas semestrais, que eram dadas pela diretora. Como podemos ver nas narrativas de Mariano, Moisés e Molinar:

“No final de cada mês fazíamos prova, mas do dia a dia avaliava os alunos com nota. Teve uma época que os alunos tinham que desenvolver redação, todos os dias.” (MARIANO, 2016, p. 150).

“Tinha provas, ditado e redação. Havia uma avaliação de fim de semana e anotava tudo e somava com as provas.” (MOISÉS, 2016, p. 160).

“Ambas as coisas, mas me recordo que na aula de português que cada dia um aluno tinha que fazer a leitura, tinha o ditado o qual era falando um trecho e escrevíamos.” (MOLINAR, 2016, p. 163).

No Programa de Ensino Primário o conteúdo de Moral e Civismo é discutido separadamente das outras disciplinas, pois é compreendido que deve haver uma interdisciplinaridade em todos os conteúdos, já que,

A Educação Cívica, como a Educação Moral, visa ajustar o indivíduo aos ideais nacionais. Daí o dizer-se que a Educação Cívica não prescinde da Educação Moral, visto que esta é base em que aquela se firma. Educação Cívica processam-se, pois, conjuntamente. (MINAS GERAIS, 1961, p. 182).

Com isso, a Educação Moral tinha como princípio a conduta de modelar o caráter de acordo com os princípios da Primeira República. O professor deveria saber esperar a criança se manifestar e a partir disso conhecê-la, assim desenvolvendo um caráter bom no aluno e reprimindo, caso tenha tido algum comportamento ruim. Já o civismo “deve ser tomado em sentido duplo: no conjunto das qualidades necessárias ao bom cidadão e no de amor à Pátria.” (MINAS GERAIS, 1961, p. 181). Molinar deixa claro em suas lembranças que a moral e o civismo eram praticados diariamente em sala de aula pelas professoras e alunos,

“Eu me recordo melhor da parte relacionamento com as pessoas, como dá o nome para isso? Ser cidadão correto para isso tinha que ser estudioso, ser camarada com as pessoas, saber os sinais do país, o que é a bandeira, hino nacional, estudo nacional, respeitar esses símbolos, chamavam de civismo.” (MOLINAR, 2016, p. 162).

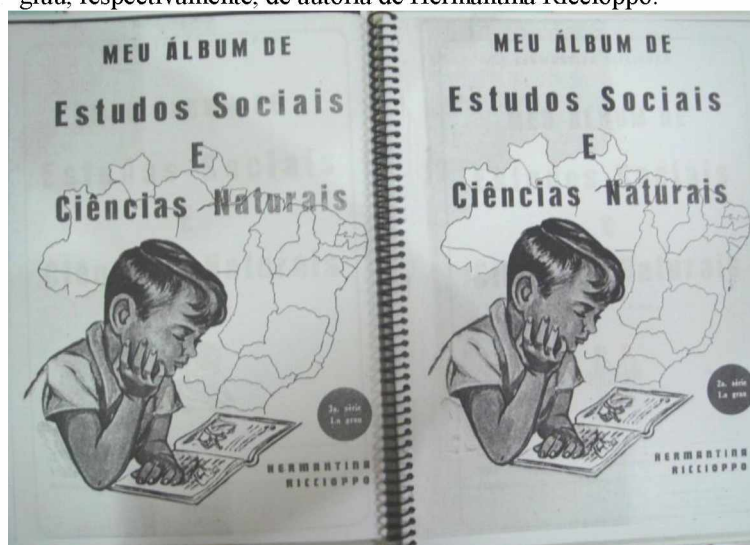
Os objetivos gerais propostos pelo Programa de Ensino são:

a) trazer para a escola situações reais de vida, onde “o aluno aprende a fazer melhor aquilo que terá de fazer mais tarde”; b) estão de acordo com o interesse e capacidade da criança; c) facilitam a expansão da personalidade pela espontaneidade que permitem; d) canalizam as tendências infantis; e) estando relacionadas com as matérias do programa, auxiliam a escolaridade. (MINAS GERAIS, 1961, p. 184).

Como já foi dito anteriormente, analisaremos, no Programa de Ensino, apenas o conteúdo da 3ª série primária. É interessante destacar que apesar da Educação Moral e Cívica ter que aparecer em todas as disciplinas, acabava sendo trabalhado mais nas disciplinas de Geografia e História do Brasil. Dessa maneira, descobrimos através de Moisés que havia dois manuais que trabalhavam esses dois conteúdos na disciplina de Geografia e eram destinados à

2ª e à 3ª séries primárias. Foram escritos por Hermantina Riccioppo²², que fora professora no Grupo Escolar Minas Gerais. Conseguimos os exemplares com a sua sobrinha Cláudia Riccioppo, pois infelizmente há dois anos ela faleceu. O primeiro exemplar dos manuais foi lançado em 1962 e ficou em circulação até 1988. Segundo Riccioppo, foi adotado em todo Triângulo Mineiro (Araguari, Uberlândia, Ituiutaba, Frutal Campo Florido e etc.). Logo abaixo podemos ver as capas dos manuais.

Figura 21: Capas dos manuais escolares intitulados “Meu Álbum de Estudos Sociais e Ciências Naturais” para as 2º e 3º séries do 1º grau, respectivamente, de autoria de Hermantina Riccioppo.



Fonte: Acervo de Cláudia Riccioppo.

Guimarães (2012) pergunta para Riccioppo porque ela percebeu a necessidade da criação desses manuais:

“[...] o ensino vinha todo de lá, de Belo Horizonte, completamente distorcido da nossa realidade, por que enquanto, por exemplo, o primeiro ano estuda a cidade da criança, e globalizando tudo, além da cidade vinha as ciências que eram conduzidas dentro do período da criança; depois, no segundo ano, o município; nós não tínhamos nada sobre o município, vinha tudo de elo Horizonte, vinha tudo de São Paulo. Agora, quem que organizava tudo isso? Não conhecia nada do programa, não conhecia nada da realidade de nenhuma cidade.” (RICCIOPO, 2012, p. 177).

A partir disso, iremos analisar as atividades que eram propostas nos manuais sobre o civismo e a moral, de acordo com o que era proposto pelo Programa de Ensino e trazendo

²² Rosângela Maria Castro Guimarães, quando estava fazendo sua pesquisa de doutorado sobre a Escola Normal Oficial de Uberaba chegou a entrevistar as professoras que se formaram lá, assim Guimarães (2012) entrevistou Hermantina Riccioppo. Com isso me cedeu a entrevista feita, pois ela chega a falar sobre os manuais. E a História Oral permite que se utilize entrevistas já feitas por outras pessoas.

narrativas dos sujeitos para que seja possível compreender as práticas aplicadas pelas professoras no Grupo Escolar Brasil.

Na terceira série, de acordo com o Programa de Ensino, era proposto trabalhar com os alunos “visando sempre à formação do caráter e da consciência patriótica pelo conhecimento do Brasil e da prática dos atos necessários ao desenvolvimento dos hábitos, atitudes e ideais.” (MINAS GERAIS, 1961, p. 184).

Dessa maneira, a primeira orientação no Programa de Ensino era que os alunos tivessem a noção de País, Estado, Município. Percebemos que era importante isso estar definido para as crianças, pois a primeira atividade do Manual da terceira série era sobre essas questões, sendo debatidas na área de Geografia, como podemos ver a seguir nas figuras:

Figura 22: Conteúdos relacionados a País, Estado e Município destinados à 3ª série, da Professora Hermantina Riccioppo




Fonte: Manual da 3ª série.

Nosso Estado no Brasil

A Superfície do Estado de Minas Gerais é de 581.975 Km².
A Superfície dos Estados que fazem limite com o nosso :

Bahia 563.281 Km ² .	Mato Grosso 1.254.821 Km ² .
São Paulo 247.222 Km ² .	Espírito Santo 40.882 Km ² .
Goiás 622.912 Km ² .	Rio de Janeiro 41.686 Km ² .




Faça no quadrinho abaixo, um gráfico comparativo de extensão com os Estados limítrofes.

Complete :
Comparado com seus Estados limítrofes, Minas Gerais é em extensão. _____
O Estado _____
é o menor em extensão.
Pinte de amarelo seu Estado e os restantes de verde.

Fonte: Manual da 3ª série.

O Estado de Minas Gerais no Brasil

O Estado de Minas Gerais fica na região sudeste do Brasil.
O Brasil é banhado pelo Oceano Atlântico.
São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo e Guanabara formam com Minas Gerais a Região Sudeste do Brasil.



Observe o mapa. Pinte de amarelo só os Estados que formam a Região Sudeste do Brasil.
Pinte de azul o Oceano Atlântico.

Complete :

O Estado de Minas Gerais fica na Região _____

Os Estados que formam com Minas Gerais, a Região Sudeste : _____

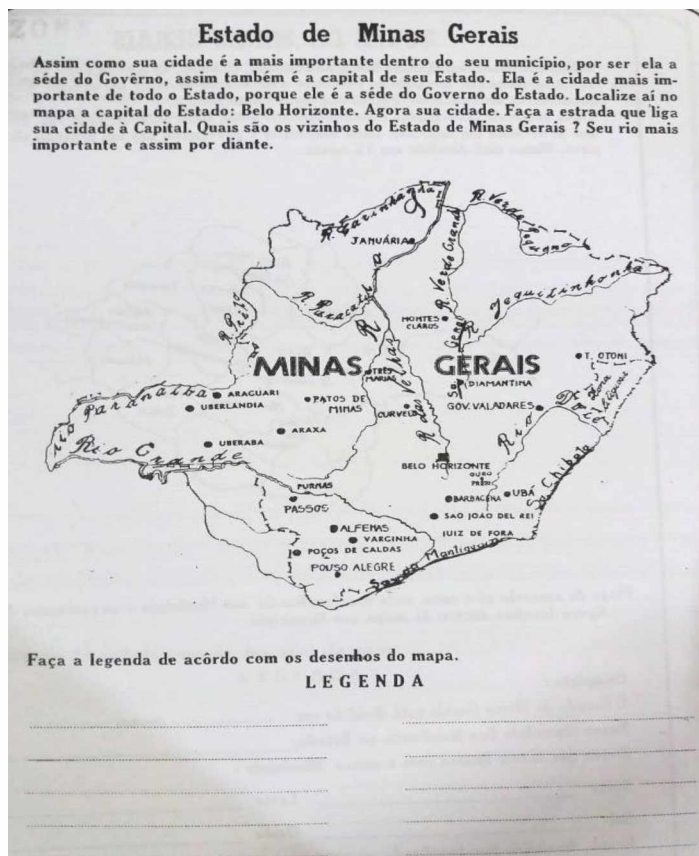
Marque com uma cruz no mapa a capital do Brasil: Brasília.

O Brasil é banhado pelo _____

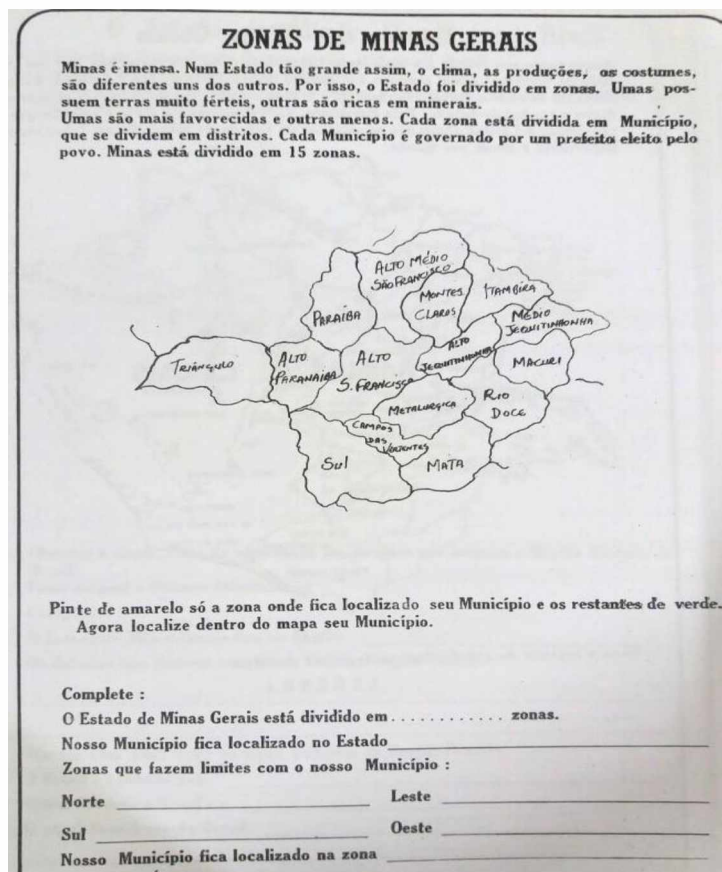
Quem Governa o Brasil é o _____

O atual Presidente do Brasil _____

Fonte: Manual da 3ª série.



Fonte: Manual da 3ª série.

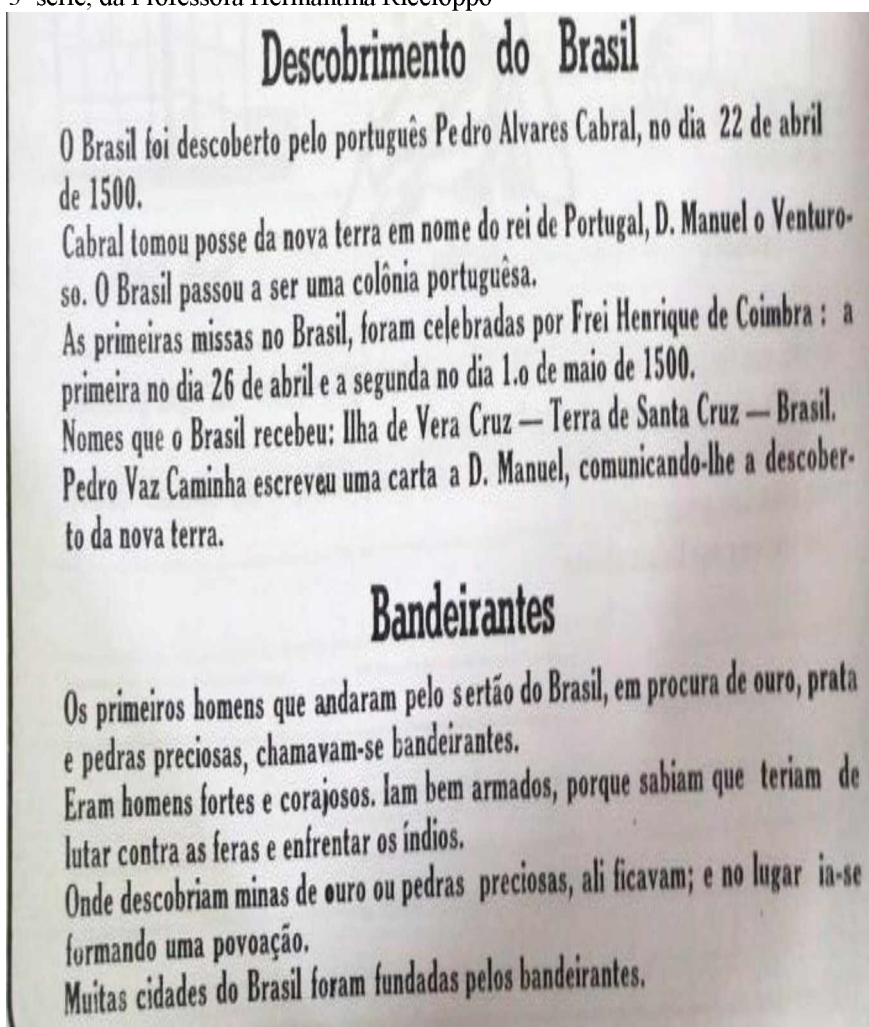


Fonte: Manual da 3ª série.

Quando mostramos esses manuais para Molinar se lembrar das atividades, percebemos uma emoção em seu relato de como era ensinada a importância ao amor à Pátria: “Era basicamente isso, os mapas, falar sobre Uberaba, os bairros da cidade, depois em que região se encontrava, fazia parte do Estado de Minas Gerais, ou seja, ia num sistema crescente. São coisas bem básicas da geografia.” (MOLINAR, 2016, p. 163).

No Manual, a História do Brasil era contada através textos curtos para que os alunos conseguissem compreender de uma forma decrescente a história, ou seja, começava estudando como surgiu o Brasil para chegar até o município de Uberaba-MG para perceber como aconteceu a sua criação. A seguir podemos ver como aconteciam essas atividades através do Manual:

Figura 23: Conteúdos relacionados à História do Brasil e do Município de Uberaba destinados à 3ª série, da Professora Hermantina Riccioppo



Fonte: Manual da 3ª série.

Pessoas ligadas à sua História

Os homens que trabalharam para a grandeza e o progresso de nosso Município foram :

BENEMÉRITOS	BENEFÍCIOS
_____	_____
_____	_____
_____	_____
_____	_____
_____	_____
_____	_____
_____	_____
_____	_____
_____	_____
_____	_____

Complete :

A população de nosso Município é constituída _____

Os 1.os povoadores de nosso Município foram _____

no ano _____

Eles eram _____

Encontraram aqui _____

Eles vieram em busca _____

O nome de nosso Município significa _____

Nomes que nosso Município recebeu: _____

Fonte: Manual da 3ª série.

Desse modo, a noção sobre a Pátria estava presente durante todo ano letivo, pois as datas comemorativas, mesmo nas quais não havia desfile, faziam parte do currículo e eram chamadas de atividades do mês. De acordo com Mariano e Moisés:

"[...] a diretora selecionava as professoras para as atividades do mês e era preciso fazer no auditório a atividade que os alunos deviam apresentar como, por exemplo: poesia, peças teatrais." (MARIANO, 2016, p. 150).

"Aconteciam as apresentações no auditório, mas a professora começava a trabalhar em sala de aula. Normalmente cada classe ficava responsável por apresentar uma data comemorativa, mas acontecia uma discussão sobre a temática em todas as salas de aulas." (MOISÉS, 2016, p. 159).

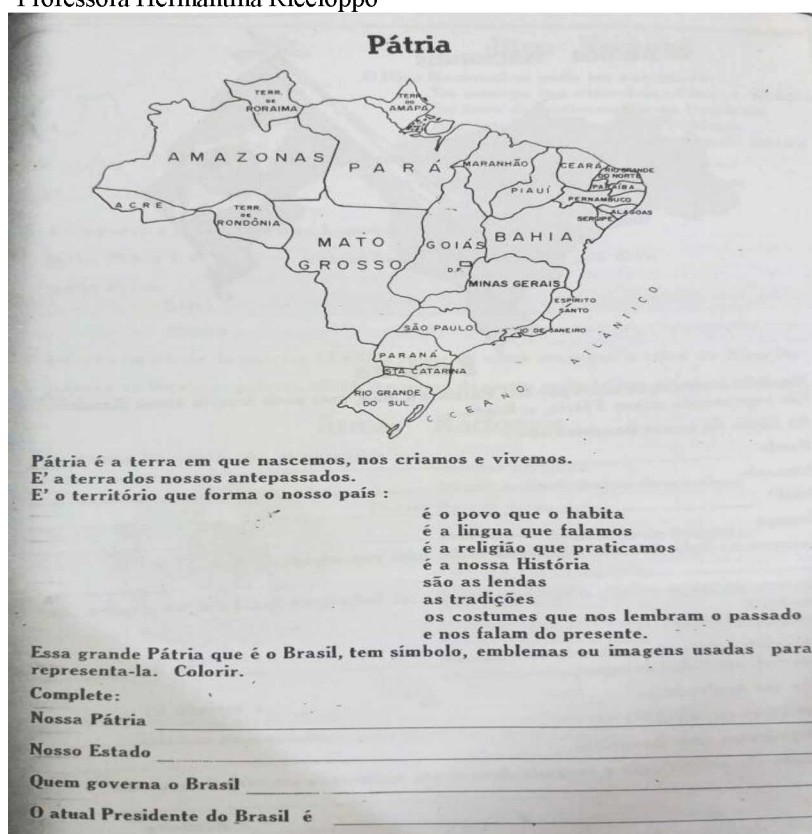
O civismo era mais presente na questão do dia da Pátria. Era considerado quando acontecia a comemoração da Independência do Brasil, dia 7 de setembro. Antes disso as professoras faziam uma retomada sobre o que significava Pátria, mostravam os símbolos nacionais, pois segundo as orientações do Programa de Ensino deveria ser estudado:

a) Os símbolos da Pátria – Ampliar o conhecimento da significação que tem a Bandeira Brasileira e o Hino Nacional. Disposições atuais referentes ao uso

dos Símbolos Nacionais. b) estudo sobre as principais efemérides brasileiras como preparo às comemorações cívicas. (MINAS GERAIS, 1961, p. 185).

A seguir, podemos ver como aconteciam as atividades sobre a temática “Pátria”.

Figura 24: Conteúdos relacionados à Pátria, Símbolos Nacionais destinados à 3ª série, da Professora Hermantina Riccioppo



Fonte: Manual da 3ª série.

Símbolos Nacionais



Bandeira

Você não consegue carregar sua Pátria na mão, mas pode leva-la numa Bandeira.
Ela representa nossa Pátria, o Brasil.

As cores da nossa Bandeira são :

Verde _____

Amarelo _____

Azul _____

Branco _____

Escreva ao lado de cada cor o que cada uma representa.

Escreva no traço acima, o que está escrito na linha que fica bem no centro da Bandeira.

Complete:

A Bandeira deve ser hasteada nos dias de _____ ou de _____
nacional, em todas as repartições públicas

Deve ser hasteada às _____ da _____ e arriada às _____

A noite, só em local _____

Não podemos usar Bandeiras _____

Quando ela estiver suja e rasgada deverá ser incinerada em cerimônia no dia

Devo _____ e _____ a Bandeira


Quando ela passar devo _____

Comemora-se o "Dia da Bandeira" no dia _____ de _____

Colorir.

Fonte: Manual da 3ª série.

Hino Nacional



O Hino Nacional só pode ser executado:
No começo das cerimônias Cívicas e Religiosas
Na hora do hasteamento da Bandeira
Nas escolas e Repartições Públicas
O Hino Nacional deve ser cantado inteiro

Complete:

Devo ouvir ou cantar o Hino Nacional em _____

A hora cívica representa uma homenagem à _____

Minha Pátria é o _____ e como bom brasileiro que sou devo _____


minha Pátria _____

Letra _____
Música _____

Escreva na frente da palavra LETRA o nome de quem escreveu a letra do Hino Nacional e na frente da palavra MUSICA o nome de quem compôs sua música. Colorir.

Armas Nacionais

As Armas Nacionais são obrigatórias nos:




prédios públicos
papéis e documentos do governo

Devem figurar ainda nos:

palácios e residências do Presidente da República
Câmara dos Deputados
Senado Federal
Supremo Tribunal Federal
palácios dos governos estaduais
prefeituras municipais
quartéis

Selo Nacional

O Selo Nacional serve atualmente para autenticar documentos oficiais como :
diplomas reconhecidos pelo Ministério da Educação.





Fonte: Manual da 3ª série.

Símbolos Estaduais

Desenhe ou pregue no espaço abaixo, os símbolos de seu Estado.

Vultos da nossa História



Dia da Pátria

7 de setembro é a data mais importante de nossa história. Foi nesse dia que o Brasil se separou de Portugal, tornando-se uma Pátria Livre. E' por isso, o Dia da Pátria, o Dia da Independência do Brasil.

Foi as margens do riacho Ipiranga, em São Paulo que, no dia 7 de setembro de 1822, D. Pedro deu o grito de Independência ou Morte.

Tiradentes

Complete :

Tiradentes foi o chefe da _____ Morreu enforcado no
dia _____ de _____ pela Liberdade. Deu sua vida pela _____

Fonte: Manual da 3ª série.

D. Pedro
D. Pedro proclamou nossa Independência no dia de de
Princesa Isabel
A Princesa Isabel assinou a Lei Áurea, acabando com a escravidão no Brasil no
dia de de

Duque de Caxias
Luiz Alves de Lima e Silva, Duque de Caxias foi um soldado valente. Foi o único sol-
dado brasileiro que recebeu o título de Lutou na guerra do Pa-
raguai. Sua vida foi um exemplo para todo
Dia 25 de agosto é o "Dia do Soldado" em homenagem a

Proclamação da República
Marechal Deodoro da Fonseca proclamou a do Brasil no
dia de de
A partir desse dia os brasileiros puderam escolher o Presidente que governa o País.

Rui Barbosa
Rui Barbosa nasceu na Era um menino inteligente, estudioso e ótimo
aluno. Trabalhou pela dos Escravos.
Sua casa no Rio de Janeiro foi transformada

Marechal Rondon
Cândido Mariano da Silva Rondon — Marechal Rondon o Marechal da
Dedicou sua vida aos Preferia sacrificar sua vida do que de um
Marechal Rondon dizia Morrer se preciso for, matar nunca.
Segundo o exemplo do grupo de militares e estudantes.
Vão aos lugares mais necessitados do , ajudar os brasileiros
Território da Rondônia é um lugar do que recebeu esse nome em
homenagem ao
Marechal Rondon é o Patrono dos serviços de Comunicação dos Exércitos do
Exército Brasileiro.

Santos Dumont
Foi no dia 23 de outubro de 1905 que Santos Dumont pela primeira vez.
Ele foi o primeiro homem a Por isso é chamado

Fonte: Manual da 3ª série.

Depois que eram trabalhadas as atividades sobre a temática e os alunos tivessem compreendido o assunto, como por exemplo, o 7 de setembro que acontecia o desfile na cidade de Uberaba, havia a participação de todos do Grupo.

“Para a realização de um evento, era passado o significado data, o porque da sua comemoração. Então ficávamos mais atentos sobre a História do Brasil, por exemplo, no dia 7 de setembro é comemorado a Independência do Brasil de Portugal que ocorreu nas margens do Rio Ipiranga. Acho que apesar do curso ser mais simples, estava direcionado na formação da pessoa, da cidadania, de ser honesto, de obedecer às leis.” (MOLINAR, 2016, p. 165).

Para o desfile de 7 de setembro aconteciam ensaios no pátio do grupo. Molinar nos narra como eram feitos os ensaios: “o ensino de desfile fazíamos pequenos batalhões e ensaiava no pátio mesmo, colocava a mão do ombro do colega para manter uma distância e ficarmos alinhado. Não havia a mistura de meninos e meninas.” (MOLINAR, 2016, p. 166).

Além disso, ocorriam as chamadas horas cívicas durante o decorrer do ano que, segundo Mariano, aconteciam todas às sextas-feiras e a cada semana uma professora ficava responsável junto com sua turma. É interessante observar em sua narrativa que os alunos que não eram considerados bons acabavam tendo que participar, o que normalmente não aconteceria. “Às vezes pedia para algum aluno que não era grande coisa, para ler ou cantar.” (MARIANO, 2016, p. 150).

Segundo Mauá, nessas chamadas horas cívicas, “o hino era cobrado, além de saber tinha que ser colocado em prática. Tinha que saber o Hino da Bandeira, Nacional, do Grupo Escolar Brasil.” (MAUÁ, 2016, p. 172)

Dessa maneira, todos participavam dessas datas comemorativas. Moisés nos mostra como acontecia essa função das professoras,

“A gente participava, o diretor era o líder dentro da escola. Mas cada professor seguia sua função, não de obediência, e tinha muitas professoras animadas que lideravam esses desfiles, pois o diretor tem que ter um bom relacionamento com o professor para conseguir realizar as coisas. Deve participar de todo o movimento da escola, e vestir a camisa do professor, do aluno.” (MOISÉS, 2016, p. 160).

Depois, de fazer uma longa investigação sobre como aconteciam as práticas da moral e do civismo no Grupo Escolar Brasil, outra temática que despertou nosso interesse foi à

questão da higiene, pois durante as narrativas foi possível perceber que era algo presente no cotidiano escolar e que marcou nossos sujeitos.

A Higiene era proposta pelo Programa de Ensino e deveria ser trabalhada junto com a disciplina de Ciências Naturais. O objetivo principal que aparecia em todas as séries era a questão da Higiene Corporal. O professor deveria sempre estar inspecionando as crianças e orientando sobre os cuidados pessoais que deveriam ter, como podemos ver na narrativa de Mariano: “Trabalhava dentro de ciências, mandava os alunos colocar as mãos em cima da carteira para ver se tinha cortado as unhas, se estavam sujas, se escovou os dentes.” (MARIANO, 2016, p. 150).

Molinar nos conta que havia alunos responsáveis em cada turma por inspecionar a higiene corporal de todos e na maioria das vezes o escolhido era aquele que sempre estava com uma boa aparência. Ele, no caso, foi selecionado pela professora para inspecionar as unhas e as orelhas dos alunos.

“A professora determinava quais alunos, no meu caso era higiene corporal, então verificava quais alunos estavam com os cabelos grandes e mal penteados, a orelha. A professora escolhia que o aluno de tal carteira que fazia a verificação, eu me lembro de que tínhamos que dedar, mas a professora explicava “olha ninguém aqui quer bater em ninguém, somos iguais e temos que ter essa higienização”. Eu era responsável pelas unhas e orelhas, com isso todo mundo tinha que por as mãos nas cadeiras e eu vinha olhando se as orelhas estavam sujas e as unhas bem cortadas, com isso, falava para a professora que aluno de tal carteira está com as unhas grandes.” (MOLINAR, 2016, p. 166).

Segundo os sujeitos desta pesquisa, sempre aconteciam orientações sobre a Higiene Corporal, ou seja, a professora dava orientações em sala de aula ou, quando algum aluno não estava adequado, era chamado no final da aula para conversar com a professora. Durante as orientações, Molinar relata que,

“A professora sempre falava que precisávamos apresentar bem, na sociedade e para isso as roupas deveriam estar limpas e passadas, o cabelo penteado. Era um modo de educar por ter crianças muito simples e sem preparo.” (MOLINAR, 2016, p. 167).

O trabalho feito sobre higiene sempre ocorria através das orientações da diretora, que era Terezinha do Valles Perez.

Depois que era construído o conhecimento com os alunos sobre Higiene Corporal, o Programa de Ensino propunha atividades e conhecimentos específicos de acordo com cada série. Na terceira série deveriam acontecer na disciplina de Ciência Naturais, com o seguinte objetivo: “ [...] visam diretamente à Higiene e à Saúde no sentido de esclarecer [...] práticas nocivas em matéria sanitária. (MINAS GERAIS, 1961, p. 234).

Dessa maneira, a partir do que era apresentado como orientações sobre Higiene e Saúde no Programa de Ensino, vamos mostrar atividades do manual que eram trabalhadas com os alunos do Grupo Escolar Brasil.

Era proposto trabalhar com os alunos os perigos de cobras e escorpiões. Além de trabalhar sobre as picadas desses animais peçonhentos, mostrava que havia tratamento para combater. Assim, o Programa traz uma atividade para ser proposta com os alunos, que seria uma discussão para desmitificar alguma ideia que não existe, além de trazer uma história pronta para ser contada dentro de sala de aula. É interessante observar que as atividades propostas sobre essa temática no manual da Hermantina Riccioppo são exercícios que colocavam em prática tudo o que a professora tinha falado em sala de aula.


Figura 25: Conteúdos relacionados à transmissão de doenças, destinados à 3ª série, da Professora Hermantina Riccioppo

A Vacina

Devemos nos vacinar contra :

A Variola	A vacina contra a tuberculose é a B C G
A febre amarela	Contra a raiva devemos tomar a vacina anti-rábica.
A paralisia infantil	Contra mordedura de cobra sôro anti-ofídico.
O tifo	

Por quê devemos nos vacinar? Explique aqui :




..... anti-rábica

..... anti-ofídica

..... febre amarela

..... paralisia infantil



Escreva os nomes: Dr. Vital Brasil — Sabin — Dr. Luiz Pasteur — Osvaldo Cruz no lugar correspondente.

Inseto





Inseto é um animal invertebrado porque não possui ossos. São insetos: a abelha, a formiga, a mosca, o mosquito, etc.

Fonte: Manual da 3ª série.

Transmitem doenças

animais	doenças
_____	_____
_____	_____
_____	_____

Escreva, nos traços abaixo da palavra ANIMAIS, nomes de animais transmissores de doenças e abaixo da palavra DOENÇA, as doenças por eles transmitidas.







A MÔSCA

Cuidado! Removam todo o lixo do quintal. E' no lixo que as moscas depositam os seus ovos.

Complete :

Devemos conservar os alimentos sempre cobertos.




O MOSQUITO

Removam também as latas velhas. Dentro delas podem haver água estagnada, os mosquitos poderão valer-se para depositar aí os seus ovos.

O mosquito é um inseto nocivo ? Por que ?

Explique no traço abaixo

Devemos combater os animais nocivos.



Fonte: Manual da 3ª série.

Escreva nos traços acima, nomes de outros animais que você conhece e que ajudam o homem.

Animais Nocivos

Os animais podem nos prejudicar de muitas maneiras. Estes são os animais nocivos, que nos dão prejuízos ou, então, são perigosos, porque podem causar a nossa morte.

Escreva nos traços ao lado do nome de cada animal, como eles nos prejudicam.

O rato _____

As cobras _____

O escorpião _____

O gorgulho _____

O cupim _____




O gafanhoto _____

A formiga _____

O caracol _____

Os pulgões _____

A largata _____

Fonte: Manual da 3ª série.

O último tema apresentado pelo Programa de Ensino era a Alimentação, o qual era subdividido em café da manhã, vitaminas e água potável. Analisando as atividades propostas

pelo manual percebemos que antes de trabalhar essas questões sobre a alimentação, havia uma preocupação do aluno entender como acontecia o plantio, as partes das plantas, como deveria ser cuidado. E essas questões eram valorizadas, pois dentro do Grupo Escolar Brasil, segundo Moisés, foi construída uma horta onde os alunos tinham a oportunidade de colocar em prática o que estava aprendendo em sala de aula. “Os alunos tinham o horário de cada classe ir cuidar da horta, teve época que deu banana, cenoura, tomate, repolho, que eram utilizados também para completar a merenda.” (MOISÉS, 2016, p. 158).

Figura 26: Conteúdos relacionados à alimentação e à importância da água, destinados à 3ª série, da Professora Hermantina Riccioppo

Vitamina A
Essencial para o crescimento e conservação dos tecidos moles, principalmente dos olhos e da pele.
Fonte: óleos de fígado de determinados peixes, fígado fresco, gema de ovo, queijo, manteiga, cenouras, vagens, espinafre.



Vitamina B
Indispensável ao metabolismo dos hidratos de carbono. Influí no funcionamento do sistema nervoso, estimula o apetite e intervém no crescimento.
Fonte: lèvedo, carne de porco magra, pão de farinha de trigo, cereais, feijão, nozes, ovos.



Vitamina C
Preserva as gengivas e tecidos moles, toma parte no crescimento dos dentes e ossos, protege contra o escorbuto (tendência a hemorragias, causada pela carência desta vitamina).
Fonte: frutas cítricas, caju, manga, couve, agrião, cenoura, tomates, batatas e vagens.



Vitamina D
Estimula o crescimento dos ossos, evita o raquitismo. E' encontrada nos mesmos elementos que contém a vitamina A.

Tabus alimentares
Você conhece algum tabu alimentar. Escreva nos traços abaixo.

Fonte: Manual da 3ª série.

Alimentação

O homem precisa alimentar-se para viver. Os alimentos são tirados do meio em que vivemos. Nossa alimentação deve ser equilibrada. Certos alimentos como os cereais, pão e batata nos fornecem energia para o trabalho, brinquedo e conserva nosso corpo aquecido. A carne magra, ovos e feijão nos fornecem material para a reparação e crescimento físico.

O tomate, leite e cenoura contém vitaminas, que proporcionam ao nosso corpo bom estado de funcionamento. Por isso devemos variar a nossa alimentação.

Os alimentos podem ser de :

origem animal
origem vegetal
origem mineral





Alguns alimentos contém muita gordura. Outros pouca. Alimentos muito gordurosos podem provocar desordens intestinais e cardíacas.

Trazer diversos alimentos : pedacinhos de toucinho, amendoim, alface, couve, manteiga, pão, etc.

Friccionar um a um num pedaço de papel. Erguer o papel de encontro a luz e observar. O que você observou.

Explique nos traços abaixo.

Animal	Vegetal	Mineral




Escreva nas colunas correspondentes, nomes de alimentos que você conhece de acordo com sua origem. Colorir.

Fonte: Manual da 3ª série.




Fornece alimento

Escreva nomes de vegetais que entram na alimentação, de acordo com o que está mandando. Colorir.

RAIZES	CAULES	FÓLHAS

FLÓRES	FRUTOS	SEMENTES

Alimentação

O homem precisa alimenetar-se para viver. Os alimentos são tirados do meio em que vivemos. Nos alimentos encontramos as vitaminas e sais minerais necessários ao nosso desenvolvimento e crescimento. Os alimentos podem ser de :

origem animal
origem vegetal
origem mineral

As vitaminas tão necessárias, são encontradas em diversos tipos de alimentos.

Fonte: Manual da 3ª série.

Desenhe ou pregue gravuras nos quadrinhos acima, de 3 modos como o homem utiliza o ar.


A água e a saúde

A água é indispensável à vida dos seres vivos :

- animais
- plantas

A água nos ajuda a conservar a saúde. Ela é indispensável na nossa:

- higiene corporal
- do vestuário
- da habitação
- no preparo dos alimentos

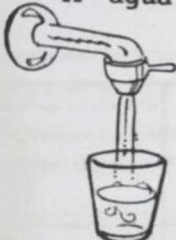


A água pode causar dano à nossa saúde

Encha alguns vidros transparentes com água colhida em vários lugares :

- torneiras
- filtros
- córregos

Observe. O que você notou? Explique nos traços abaixo.



A causa de certas doenças como :

- dysentéria
- verminose
- tifo
- esquistossomose

está na falta de cuidado da procedência da água, por isso usamos em nossa casa o filtro. Em caso de epidemias é necessário ferver a água.

A vacinação


Em geral nosso organismo sabe defender-se dos ataques dos micróbios. As vezes, porém, é preciso aumentar a defesa do organismo tomando-se vacina. A vacina produz doença muito fraca, ensinando o organismo a se defender das verdadeiras doenças.

Fonte: Manual da 3ª série.


Cuidado! A insolação é causada pelo excesso de sol.

O amarelão

Muitos moradores da roça têm amarelão porque andam descalços. Os germes do amarelão podem entrar através da pele dos pés, e através do sangue vão até os intestinos onde se localizam. Lá se reproduzem. Sugam o sangue e causam o amarelão... É necessário o uso do calçado.



Devemos usar roupas adequadas: ao calor, ao frio e à chuva.





Marque com uma cruz, o desenho da vestimenta apropriada para o dia de chuva. — Com um traço a do calor. Escreva a palavra inverno perto da que usamos no tempo do frio. Colorir.

A água e a Saúde

A água nos ajuda a conservar a saúde. Ela é indispensável :

- na higiene do corpo
- da habitação
- no preparo de alimentos
- do vestuário

Faça o cartaz abaixo, escrevendo hábitos de higiene.

CONSELHOS DE SAÚDE

Fonte: Manual da 3ª série.

Durante esta seção foram discutidas as práticas das professoras a partir do funcionamento do Grupo Escolar Brasil, que usou o Programa de Ensino Primário Elementar e o Manual da professora Hermantina Riccioppo, sendo possível compreender as práticas que aconteciam através das narrativas dos sujeitos da pesquisa, dando enfoque aos conteúdos de Língua Pátria, Moral e Civismo e Higiene, que eram tão importantes no período pesquisado.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa, desenvolvida na área de História e Historiografia da Educação, possibilitou a mim, como pesquisadora, um novo estudo, que foi a História Oral, pois até então eu só tinha trabalhando com fontes documentais e impressos. Foi um período de descobertas e desafios visto que os sujeitos entrevistados eram idosos e na maioria das vezes moram sozinhos. Assim, havia um receio em receber estranhos em suas casas, principalmente por que o primeiro contato foi feito por telefone.

Aprendo na história oral, que devemos cuidar do narrador, e de suas histórias. Sendo assim, houve um cuidado no primeiro contato, pois o receio e o medo de receber uma pessoa estranha nas suas residências eram grandes, e poderia travar todo o processo, mas quando chegava na casa para realizar as entrevistas, todos os sujeitos me tratavam muito bem, pois como gosto de ouvir histórias e como a metodologia da História Oral inclui a necessidade de ser um bom ouvitor, a facilidade para ouvir nos proporcionou momentos ricos e indelévels, e nesse processo de escuta sensível, a coleta das narrativas foi realizada de forma dinâmica, como se fosse uma troca. Aprendi muito com as histórias vivenciadas.

A escolha em pesquisar e mapear a História de professoras na cidade de Uberaba foi baseada em 2 razões: uma, por ser uberabense e sua história me interessar, outra, porque não encontramos nenhuma pesquisa que tratava história e memória das práticas e métodos utilizando a História Oral como metodologia. Importante salientar que o município de Uberaba ainda apresenta uma timidez e uma burocracia exacerbada em relação às fontes documentais, que ainda são tratadas como propriedade privada e não pública.

A falta de pesquisas nessa área e, principalmente, sobre instituições públicas, pode estar ocorrendo por duas razões: a primeira pode estar relacionada ao excesso de burocracia, pois para entrar na instituição pública estadual em Uberaba é necessária uma autorização, um documento assinado pela Superintendência Regional do Ensino. Durante o ano de 2016, foi enviado um ofício para a diretora da SRE e não obtivemos nenhuma resposta. O outro ponto considerado negativo, que dificulta as pesquisas em instituições, é a falta de preservação dos documentos, ou seja, segundo depoimento de funcionários do estado, após 100 anos da inauguração de uma instituição os documentos podem ser descartados, podendo inclusive ser queimados.

Enquanto procurava indícios de documentos na escola e na imprensa local, selecionamos os sujeitos que aceitaram contar suas histórias e vivências no Grupo Escolar Brasil. Outro aspecto que gostaria de registrar aqui, foi que nos estudos encontrados sobre

História Oral e grupo escolar, não achei nenhuma pesquisa que tivesse interesse em conhecer histórias dos alunos e diretores, pois eles, assim como os professores, experimentaram um processo recheado de práticas e métodos utilizados na instituição.

Com isso, para o desenvolvimento deste estudo, foi importante ter acesso e investigar os materiais que eram utilizados pelas professoras. Para isso tive ajuda de uma diretora. Na Escola Estadual Brasil, antigo Grupo Escolar Brasil, foram encontradas apenas atas da relação de alunos por salas, a aplicação dos testes para a promoção dos alunos à próxima série e a entrega dos certificados de conclusão do ensino primário, além de algumas fotos tiradas de festas e comemorações no grupo. A partir dessas fontes busquei, através das entrevistas, investigar quais eram os materiais usados por elas. Assim, consegui encontrar alguns exemplares que foram: o plano de aula, o livro de poesia, os manuais e o Programa de Ensino Elementar.

O objetivo dessa pesquisa foi de compreender quais eram as práticas das professoras do Grupo Escolar Brasil, no período de 1960 a 1971, a fim de contribuir e mapear a construção da história das professoras no município de Uberaba-MG, pois existem pesquisas sobre instituições na cidade, mas apenas duas sobre grupo escolar e, mesmo assim, os estudos de Guimarães (2007) e Souza (2012) não tiveram o foco nas práticas e métodos das professoras, além deste estudo utilizar da metodologia de História Oral.

Dessa maneira, as narrativas das professoras e dos ex-alunos são testemunhos do período pesquisado, dos documentos encontrados na imprensa, livros sobre a temática estudada. Tentamos construir um trabalho que trouxesse cinco testemunhos de pessoas que vivenciaram práticas de leitura e escrita no período deste estudo, para que assim fosse possível compreender as práticas das professoras.

Assim, para a construção desta dissertação algumas questões foram relevantes para compreendermos as práticas das professoras, como a importância de civilizar e moralizar os alunos nos grupos escolares para a sociedade. Com isso, escolhemos o Grupo Escolar Brasil para esta pesquisa, pois a sua criação foi em 1909, no início da Primeira República e os principais princípios eram moralizar, civilizar e instruir. E como o grupo era o primeiro da cidade, representava os ideais da Primeira República.

Mas antes de chegar às práticas das professoras do Grupo Escolar Brasil, optamos em fazer a história política-educacional no Brasil durante os anos de 1960 a 1971, então voltamos na Primeira República para que fosse possível perceber todo o processo educacional no Brasil, além de analisar leis criadas para o ensino primário que foram a Lei Orgânica do Ensino Primário e a Lei de Diretrizes e Bases (4.024/1961). Fomos construindo a dissertação

num processo do macro para o micro, ou seja, depois analisamos o surgimento e a implantação dos grupos escolares em Minas Gerais dando enfoque na padronização e a construção de novos grupos através da criação da CARRPE.

Passamos a analisar o município de Uberaba a partir da sua origem para que fosse possível compreender a importância da instalação do Grupo Escolar Brasil. Assim, descobrimos que havia famílias na cidade que se mantinham no poder político e que impediam que a cidade crescesse e se expandisse, mas com a política implantada por Getúlio Vargas, em 1930, o município passou a se desenvolver nas questões da infraestrutura e do comércio. Também vimos a necessidade de mostrar, através dos Jornais Locais da cidade, a dificuldade e as tensões do período entre 1906 a 1909 para a construção do primeiro grupo escolar na cidade.

Durante o período estudado descobrimos a produção de um livro didático de ciências naturais e geografia, feito por uma professora da cidade de Uberaba, que foi criado para que fosse possível trabalhar as disciplinas de acordo com as experiências e cotidiano dos alunos da região, pois os que eram mandados de Belo Horizonte eram atividades padronizadas de lá.

Desse modo, percebemos durante as narrativas a importância que se dava sobre os conteúdos de Higiene, Moral, Civismo e Língua Pátria. Com isso, optamos por utilizar o Programa de Ensino para compreender as práticas das professoras e como das três professoras entrevistadas, duas tinham lecionado na 3ª série, analisamos estes conteúdos apenas dessa série. Então primeiramente foi investigado e analisado o funcionamento do Grupo Escolar Brasil, no qual descobrimos que a religião católica estava presente em seu cotidiano e os princípios da República estavam incutidos na prática das professoras.

A partir, dos relatos dos sujeitos conseguimos reconstruir o dia a dia do Grupo Escolar Brasil, no período dessa pesquisa. Analisamos o Programa de Ensino à disciplina de Língua Pátria e, através das narrativas, conseguimos perceber como aconteciam as práticas e avaliações, que nessa época eram feitas através do ditado, das leituras orais e das chamadas “batalhas”, onde os alunos perguntavam um para o outro a conjugação dos verbos.

Quando fomos analisar os conteúdos de Moral e Civismo descobrimos que eram temáticas que deveriam aparecer em todas as disciplinas, sendo trabalhadas juntas. Também durante esse estudo, selecionamos atividades do manual da Professora Hermantina Riccioppo. De acordo com os relatos dos sujeitos, existia no grupo escolar a hora cívica, onde era cobrado dos alunos saber cantar o Hino Nacional, o da Bandeira, o do Grupo Escolar, além dos desfiles que havia na cidade, tais como o 7 de setembro no qual era obrigatório a participação de todos.

Quando se pensa no conteúdo de Higiene nos grupos escolares, pensa-se apenas na higiene corporal, mas, investigando no Programa de Ensino e no manual, descobrimos que além de se trabalhar a higiene corporal com os alunos, também eram trazidos, dentro da disciplina de ciências naturais, conteúdos como: a importância da alimentação, as vitaminas, a transmissão e o tratamento de doenças. Através das narrativas conseguimos perceber como acontecia a prática na discussão desse conteúdo.

Para que fosse possível compreender as práticas das professoras no Grupo Escolar Brasil, optamos em escolher esses três conteúdos distintos, pois de posse das narrativas foi possível descobrir que esses estavam presentes sempre nas práticas.

Assim, esse estudo ampliou nossos conhecimentos sobre a história das práticas de professoras, além de mapear as instituições públicas do município de Uberaba, pois ainda existem outros estabelecimentos de ensino que merecem destaque e merecem ser estudados. Com isso, podemos considerar que fizemos algumas descobertas importantes sobre as práticas das professoras com relação ao Programa de Ensino e aos manuais utilizados por elas no Grupo Escolar Brasil.

REFERÊNCIAS

- A PROPÓSITO de tudo. **Lavoura e Commercio**. Uberaba, Ano 10, Nº 1.041, 4 de julho de 1909, p. 1.
- ABRIR escolas. **Lavoura e Commercio**. Uberaba, Ano 9, Nº 937, 6 de julho de 1908, p.1.
- ALBERTI, V. **Ouvir Contar**: Textos em História Oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- ALBERTI, V. **Manual de História Oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.
- ARAÚJO, J. C. S. **Os Grupos Escolares em Minas Gerais: A Reforma João Pinheiro** (1906). Disponível em
<<http://www2.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/19JoseCarlosSousa.pdf>> Acesso em: 28, set. 2016.
- ARAÚJO, J. C. S. **Os grupos escolares em Minas Gerais como expressão de uma política pública: uma perspectiva histórica**. IN: VIDAL, Diana Gonçalves (org.). Grupos Escolares: Cultura escolar primária e escolarização da infância no Brasil (1893-1971). Campinas, SP: Mercado de Letras, 2006.
- ARAÚJO, J. C. S. (Orgs.). **Reformas Educacionais** – As manifestações da Escola Nova no Brasil (1920 a 1946). Uberlândia-MG, EDUFU, 2011. Páginas: 155 a 176.
- ARAÚJO, J. C. S. ; RIBEIRO, B. O. L. ; SOUZA, S. T. (Orgs.). **Grupos Escolares na modernidade mineira** – Triângulo e Alto Paranaíba. 1. ed. Campinas, SP: Editora Alínea, 2012.
- ARAÚJO, O. R. **Modos de Leitura de Alfabetizadoras: História, Memória e Representações**. Dissertação de mestrado – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia-MG, 2005. 218 p.
- ARENDT, H. **Da Revolução**. São Paulo: Ática, 1988.
- AS FESTAS de Inauguração. **Lavoura e Commercio**. Uberaba, Ano 11, Nº 1.068, 7 de outubro de 1909, p. 1.
- AZZI, R. **A concepção da ordem social segundo o Positivismo Ortodoxo brasileiro**. São Paulo, SP: Edições Loyola, 1980.
- BAHIENSE, P. N. **Entre auxílios e premiações: o funcionamento das caixas escolares em Grupos Escolares da Capital Mineira**. Disponível em
<www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe6/anais_vi_cbhe/conteudo/file/824.doc> Acesso em: 28, set. 2016.
- BARROS, R. S. M. **A ilustração brasileira e a idéia de universidade**. São Paulo, SP: EDUSP/ Convívio, 1959.
- BERNARDELLI, K. C. C. A. **História e Memória do Liceu de Uberlândia, MG – 1928 a 1942**. Dissertação de mestrado – Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2007.

BICCAS, M. S. Reforma Francisco Campos: estratégias de formação de professores e modernização da escola mineira (1927-1930). In: MIGUEL, M. E. B.; VIDAL, D. G.;

BICCAS, M. S. **O impresso como estratégia de formação**: Revista do Ensino de Minas Gerais (1925-1940). Belo Horizonte: Argvmentvm, 2008.

BLOCH, M. L. B. **Apologia da História** – ou ofício do historiador. Tradução André Telles. Rio de Janeiro, RJ: J. Zahar, 2001.

BOAS, Márcia Silva de Melo Villas. **Grupo Escolar 13 de maio e a educação primária na periferia de Uberlândia, MG 1962-71**. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Uberlândia, 2015

BORGES, V. P. **O que é história?** 19, ed. São Paulo, SP: Brasilense, 1994.

BORGES, V. L. A. **A ideologia do caráter nacional da educação em Minas**: Revista do Ensino (1925-1929). Dissertação de mestrado – Universidade Estadual de Campinas. Campinas-SP, 1993. 110 p.

BORGES, G. F. M. **Dos cenários Nacional e Estadual à genes do Grupo Escolar Gomes da Silva, Frutal-MG, Triângulo Mineiro (1913-1927)**. Dissertação de Mestrado – Universidade de Uberaba, Uberaba, 2015.

BRASIL. Decreto-lei 8.539, de 2 de janeiro de 1946: - Lei Orgânica do Ensino Primário. Altera a denominação da carreira de Polícia Fiscal do Ministério da Fazenda e dá outras providências. Disponível

em:<<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/122146/Decreto-lei%20298%20de%201946.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> Acesso em: 29, jan. 2017.

BRASIL. Decreto-lei 8.530, de 2 de janeiro de 1946: - Lei Orgânica do Ensino Normal. Disponível em< <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-8530-2-janeiro-1946-458443-publicacaooriginal-1-pe.html>> Acesso em: 29, jan. 2017.

BRASIL. Decreto-lei 8.621 de 10 de janeiro de 1946. Cria o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial. Disponível em < <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-8621-10-janeiro-1946-416555-norma-pe.html>> Acesso em: 29, jan. 2017.

BRASL. Decreto-lei e 8.622 de 10 de janeiro de 1946. Dispõe sobre a aprendizagem dos comerciários, estabelece deveres dos empregadores e dos trabalhadores menores relativamente a essa aprendizagem e dá outras providências. Disponível em: < <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-8622-10-janeiro-1946-416558-norma-pe.html>> Acesso em: 30, jan. 2017.

BRASL. Decreto-lei 9.613, de 20 de agosto de 1946. Lei Orgânica do Ensino Agrícola. Disponível em <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/Del9613.htm> Acesso em: 29, jan. 2017.

BRASIL. Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em < https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L4024.htm> Acesso em: 12, nov. 2016.

BRASIL. Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Disponível em < <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html>> Acesso em: 29, jan. 2017.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 6ª ed. São Paulo, SP: Companhia das letras, 1998.

BOTH, S. J. **República e escola primária: uma comparação da história da educação entre Maranhão, Minas Gerais e Mato Grosso (1889-1930)**. Dissertação de doutorado – Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia-MG, 2013. 221 p.

BURKE, P. **A Revolução Francesa da Historiografia: A Escola dos Annales (1929 – 1989)**. 2ª ed. Tradução: Nilo Odália. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

BURKE, P. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

CAIXA Escolar. **Lavoura e Commercio**. Uberaba, Ano 11, Nº 1.058, 2 de setembro de 1909, p.1.

CAIXA Escolar. **Lavoura e Commercio**. Uberaba, Ano 11, Nº 1.063, 19 de setembro de 1909, p. 1.

CAMISSASSA, M. M. S.; PORTUGAL, J. G.; RODRIGUES, G. T.; LEITE, M. A. F. A opção governamental em Minas Gerais por uma padronização de edifícios escolares nos anos 1960-70. **Anais...** X Seminário Docomomo Brasil. Arquitetura Moderna a Internacional: conexões brutalistas 1955-75, Curitiba, 15-18 Out. 2013, PUCPOR.

CARVALHO, C. H. **República e Imprensa: As influências do Positivismo na concepção de Educação do professor Honório Guimarães – Uberabinha - MG (1905-1922)**. Uberlândia, MG: EDUFU, 2004.

CARVALHO, C. H.; NETO, W. G. **O município e a Educação no Brasil: Minas Gerais na Primeira República**. Campinas, SP: Alínea, 2012.

CARVALHO, L. B. O. B. **Reformas Educacionais em Minas Gerais: Instrução Primária, modernidade e Progresso (1906-1928)**. Disponível em: <<http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8640082>> Acesso em: 28, set. 2016.

CARVALHO, L. B. O. B. ; CARVALHO, C. H. **O lugar da Educação – na modernidade luso-brasileira no final do século XIX e início do XX**. Campinas, São Paulo: Alínea Editora, 2012.

CARVALHO, J. M. **A formação das Almas – O imaginário da República no Brasil**. São Paulo, SP: Companhia da Letras, 1990.

CARVALHO, R. A.; BERNARDO, F. O. Caixa Escolar: instituto inestimável para execução do projeto da educação primária. **Revista Educ. Foco**. Juiz de Fora, v.16, n. 3, p. 141-158, Set, 2011/Fev, 2012.

CHARTIER, R. O mundo como representação. **Estudos Avançados**. São Paulo:USP, 11(5), 1991, p.171-191.

CHARTIER, R. **A História Cultural: Entre práticas e Representações**. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil, 2002.

COMEMORAÇÃO de 15 de novembro - Encerramento das aulasaulas – Homenagem a João Pinheiro. **Lavoura e Commercio**. Uberaba, Ano 11, N° 1.079, 14 de novembro de 1909, p.1.

CONSTRUÇÃO do Grupo Escolar Uberaba. **Lavoura e Commercio**. Ano 10, N° 955, 6 de setembro de 1908, p. 2.

CONSTRUÇÃO do Edifício. **Lavoura e Commercio**. Ano 10, N° 958, 17 de setembro de 1908, p. 1.

COSTA, E. V. **Da monarquia à República – Momentos decisivos**. São Paulo, SP: UNESP, 2007.

CUNHA, T. R. S. **História da alfabetização de Ituiutaba: vivências no Grupo Escolar Governador Clóvis Salgado 1957 – 1971**. Tese de Doutorado – Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2011.

CURY, C. R. J. Estado e política de financiamento em educação. **Educação & Sociedade**. Campinas, v. 28, n. 100, p. 831-855, 2007.

DERMEVAL, S. **Histórias das idéias pedagógicas no Brasil**. 2 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

DUARTE, K. **História da Alfabetização: Leitura e Escrita para Surdos (1962-1986)**. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2013.

ENCERRAMENTO do ano letivo. **Lavoura e Commercio**. Uberaba, Ano 11, N° 1.079, 14 de novembro de 1909, p.2.

ESCOLAS Coeducacionais, **Lavoura e Commercio**. Uberaba, Ano 9, N° 948, 13 de agosto de 1908, p. 2.

FARIA FILHO, L. M.; VIDAL, D. G. Os tempos e os espaços escolares no processo de institucionalização da escola primária no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**. n.14, maio/ago 2000, p. 19-34. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n14/n14a03.pdf>> Acesso em: 20, set. 2016.

FARIA, R. A. L. **Da educação moderna à formação do cidadão republicano: implantação da escola pública em Patos de Minas, MG (Grupo Escolar Marcolino de Barros, 1913-1928)**. Dissertação de mestrado – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2007.

FERREIRA, A. E. C. S. **Da centralidade da Infância na modernidade e sua escolarização: a Escola Estadual João Pinheiro – Ituiutaba (MG), 1908-1988.** Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2007.

FERREIRA, O. **Terra Madrasta – Um povo infeliz.** Uberaba: O triângulo, 1928.

FERREIRA, M. M. (org.), AMADO, J. (org.). **Usos e Abusos da História Oral.** 5. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

FESTA Escolar. **Lavoura e Commercio.** Uberaba, Ano 11, Nº 1.094, 6 de janeiro de 1910, p.2.

FONSECA, A. A. **A consagração do mito Mário Palmério no cenário político do Triângulo Mineiro (1940-1950).** Tese de doutorado em história. Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Franca, 2010.

FREITAS, S. M. **História Oral – Possibilidades e Procedimentos.** 1. ed. São Paulo: Humanista/FFLCH, USP: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

GASPAR, M. L. **Ecos do processo: práticas e representações sociais no Grupo Escolar Delfim Moreira (1909-1931): Araxá-MG.** Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2006.

GHIRALDELLI JR. P. **História da Educação.** 2. ed. São Paulo, SP: Cortez, 1994.

GONÇALVES, I. A.. **Cultura Escolar – Práticas e produção dos grupos escolares em Minas Gerais (1891-1918).** 1. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2006.

GRUPO Escolar. **Lavoura e Commercio.** Uberaba, Ano 9, Nº 950, 20 de agosto de 1908, p. 2.

GRUPO Escolar. **Lavoura e Commercio.** Uberaba, Ano 10, Nº. 995, 25 de Janeiro de 1909, p.1.

GRUPO Escolar Uberaba - Decreto. **Lavoura e Commercio.** Uberaba, Ano 11, Nº 1.050, 5 de agosto de 1909, p.1 .

GRUPO Escolar – abertura das matrículas. **Lavoura e Commercio.** Uberaba, Ano 11, Nº 1.052, 12 de agosto de 1909, p. 1.

GRUPO Escolar – Questão dos uniformes. **Lavoura e Commercio.** Uberaba, Ano 11, Nº 1.053, 15 de agosto de 1909, p.1.

GRUPO Escolar – Número de Matriculados. **Lavoura e Commercio.** Uberaba, Ano 11, Nº 1.055, 25 de agosto de 1909, p. 1.

GRUPO Escolar “Brasil”. **Lavoura e Commercio.** Ano 68, Nº 16.477, 14 de setembro de 1966, p. 2.

GUILHERME, W. D. **A Escola de Pharmacia e Odontologia de Uberaba: Francisco Mineiro de Lacerda e o Ensino Superior no Triângulo Mineiro – 1926 a 1936.** Tese de Doutorado em Educação, Instituição de Ensino: Universidade Est. Paulista Júlio de Mesquita Filho. Marília – SP, 2016.

GUIMARÃES, E. G. A. **História de alfabetizadores: vida, memória e profissão.** Dissertação de mestrado – Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2006.

GUIMARÃES, R. M. C. **“Templo do Bem”:** O grupo escola de Uberaba, na escolarização republicana (1908 - 1918). Dissertação de mestrado – Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia-MG, 2007. 224 p.

HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva.** Tradução Beatriz Sidou. 1 ed. São Paulo, SP: Centauro, 2006.

HIGIENE Escolar. **Lavoura e Commercio.** Ano 10, Nº 966, 15 de outubro de 1908, p.1.
HORTA, J. S. B. Direito à educação e obrigatoriedade escolar. **Cadernos de Pesquisa.** 1998, n. 104, p.5-34.

INÍCIO das obras do Grupo Escolar Uberaba. **Lavoura e Commercio.** Ano 10, Nº 956, 10 de setembro de 1908, p. 1.

INSTITUIÇÃO de Prêmios. **Lavoura e Commercio.** Uberaba, Ano 11, Nº 1.069, 10 de outubro de 1909, p.1.

INSTRUÇÃO Pública Mineira. **Lavoura e Commercio.** Uberaba, Ano 9, Nº 937, 6 de julho de 1908, p. 2.

KLINKE, K. **A Leitura nos Grupos Escolares de Minas Gerais – 1906 a 1927.** Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe1/anais/079_karina.pdf> Acesso em: 28, set. 2016.

LE GOFF, J. **História e Memória.** Tradução Ruy Oliveira. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1998.

LEPICK, V. **Modos de alfabetizar no grupo escolar Clarimundo Carneiro – 1963 a 1973.** Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2013.

LIMA, G. G. **O Grupo Escolar Honorato Borges em Patrocínio - Minas Gerais (1912-1930):** ensaio de uma organização do ensino primário. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2006.

LIMA, M. C. **História de alfabetizadoras Uberlandenses: modos de fazer no Grupo Escolar Bom Jesus – 1955 a 1971.** Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2011.

LOPES, E. M. S. T.; FARIA FILHO, L. M.; VEIGA, C. G. **500 anos de Educação no Brasil.** 2. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2000.

MARCADA a data da Inauguração. **Lavoura e Commercio**. Uberaba, Ano 11, Nº 1.066, 30 de setembro de 1909, p.1.

MARTINS, R. M. S. **Ser professora na república: modos de pensar, sentir e agir (1930 a 1950)**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2009.

MATOS, F. C. **Sociedade e Educação em Uberaba: Colégio Diocesano (1903-1953)**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia-MG, 2003. 112 p.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de história oral**. 2 ed. São Paulo, SP: Loyola, 1996.

MINAS GERAIS. Decreto 8.599, de 2 de janeiro de 1946. Lei Orgânica do Ensino Primário. Disponível em
<http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/fontes_escritas/6_Nacional_Desenvolvimento/lei%20org%C2nica%20do%20ensino%20prim%C1rio%201946.htm> Acesso em: 12, nov. 2016.

MINAS GERAIS. Decreto 5458, de 15 de julho de 1958. Institui a campanha de reparo e restauração dos prédios escolares do estado. Belo Horizonte: Diário do Executivo de Minas Gerais, 16 jul.1968. Disponível em: <<http://hera.almg.gov.br>>. Acesso em: 12, nov. 2016.

MINAS GERAIS. Lei nº 4817, 11 de junho de 1968. Dispõe sobre a construção, ampliação, reparo e conservação dos prédios escolares do Estado e dá outras providências. Belo Horizonte: Diário do Executivo de Minas Gerais, 12 jul.1968. Disponível em: <<http://hera.almg.gov.br>> Acesso em 12, nov. 2016.

MINAS GERAIS. Programa de Ensino Primário Elementar. 3ª ed. Belo Horizonte, MG: 1961.

MINAS GERAIS. **Anuário de Minas**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 2008.

MOBILIÁRIO Escolar. **Lavoura e Commercio**. Uberaba, Ano 10, Nº 1.030, 27 de maio de 1909, p.1.

MORAES, A. D. J. **História e ofício de alfabetizadoras Ituiutaba 1931 – 1961**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2008.

MORAES, A. D. J. **História e Memória da Formação Docente em Ituiutaba - MG**. Tese de doutorado. Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia-MG, 2014. 325 p.

MOURA, G. F. M. **Por trás dos muros escolares (manuscritos): luzes e sombras na educação feminina (Colégio N. Sra. das Dores 1940/1960)**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia-MG, 2002. 145 p.

MOVIMENTO a favor do mais velho Grupo Escolar da cidade. **Lavoura e Commercio**. Ano 68, Nº 16.477, 14 de setembro de 1966, p. 2.

NAGLE, J. **Educação e Sociedade na Primeira República**. 1ª ed. São Paulo, SP: EDUSP, 1976.

NEGOCIAÇÕES para a construção do Grupo Escolar **Lavoura e Commercio**. Uberaba, Ano 9, Nº 949, 16 de agosto de 1908, p. 3.

NOMEAÇÃO das professoras. **Lavoura e Commercio**. Uberaba, Ano 11, Nº 1.058, 2 de setembro de 1909, p. 1.

NOMEAÇÃO das professoras. **Lavoura e Commercio**. Uberaba, Ano 11, Nº 1.073, 24 de outubro de 1909, p.1.

NORA, P. Entre História e Memória: A problemática dos Lugares. Tradução Yara AunKhoury. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História PUC-SP**. São Paulo, SP – Brasil, 1993.

OLIVEIRA, A. L. **Poesia na Escola – Orientação Didática**. 1º ed. Belo Horizonte, MG: Editora Bernardo Álvares S.A, 1966.

OLIVEIRA, S. C. **Embates entre o Ensino Religioso e o Ensino Laico na Imprensa de Uberaba-MG (1924-1934)**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia-MG, 2002. 173 p.

OLIVEIRA, S. J. **A criação e a consolidação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino em Uberaba – MG: uma experiência singular da congregação Dominicana no Brasil (1948-1961)**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2002.

OLIVEIRA, V. F. **Educação, memória e histórias de vida: usos da história oral**. História Oral, Recife, v. 8, n.1, p. 92-106. jan./jun. 2005.

PEIXOTO, A. C. **Educação no Brasil anos vinte**. 1 ed. São Paulo, SP: Loyola, 1983.

PELA Instrução. **Lavoura e Commercio**. Uberaba, Ano 10, Nº 1.032, 3 de junho de 1909, p.1.

PESAVENTO, S. J. **História e História Cultural**. 2ª ed. Belo Horizonte - MG: Autêntica, 2005.

POLÍTICA Uberaba. **Lavoura e Commercio**. Uberaba, Ano 34, Nº 6.672, 8 de agosto de 1934, p.1.

PONTES, H. **História de Uberaba e a Civilização no Brasil Central**. Uberaba: Academia de Letras do Triângulo Mineiro, 1978.

PORTELLI, A. **História Oral e Poder**. Universidade La Sapienza, Roma, Vol. 6, nº 2, 2010. Disponível em: <<http://docslide.com.br/documents/historia-oral-e-poder-portelli.html>> Acesso em: 28, set. 2016.

PREPARAÇÃO para a inauguração. **Lavoura e Commercio**. Uberaba, Ano 11, Nº 1.063, 19 de setembro de 1909, p.1.

PROFISSÃO Professor. **Lavoura e Commercio**. Uberaba, Ano 9, nº 950, 20 de agosto de 1908, p. 1.

PROGRAMAÇÃO dos Festejos. **Lavoura e Commercio**. Uberaba, Ano 11, Nº 1.067, 3 de outubro de 1909, p.1.

RAMOS, G. L. A. **Trilha e Rastros da Educação Primária: História do Grupo Escolar Coronel José Teófilo Carneiro, Uberlândia-MG, 1940-1970**. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2014.

RECOMENDADO o aceleração das obras do Grupo Escolar “Brasil”. **Lavoura e Commercio**. Ano 68, Nº 16.502, 15 de outubro de 1966, p. 3

REFORMA no ensino. **Lavoura e Commercio**. Ano 10, Nº 957, 13 de setembro de 1908, p. 2.

REFORMA no Ensino. **Lavoura e Commercio**. Uberaba, Ano 10, Nº 1.038, 24 de junho de 1909, p. 1.

REZENDE, E. M. M. **Uberaba: uma trajetória sócio-econômica (1811-1910)**. Uberaba: Arquivo Público de Uberaba, 1991.

REVEL, J. **Jogos de Escolas - A experiência da microanálise**. 1ª ed. Rio de Janeiro - RJ: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

RICCIOPO FILHO, P. **Ensino superior e formação de professores em Uberaba/MG (1881-1938): uma trajetória de avanços e retrocessos**. Dissertação de mestrado. Universidade de Uberaba, 2007.

ROCHA, A. P. M. **Grupo Escolar Professora Alice Paes: trajetória dos egressos e currículo escolar (Uberlândia - Minas Gerais 1965-1971)**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2012.

ROMANELLI, O. O. **História da Educação no Brasil (1930/1973)**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.

SALLES, I. G. **Trabalho, progresso e a sociedade civilizada: o Partido Republicano Paulista e a política de mão-de-obra (1870-1889)**. São Paulo: Hucitec, 1986.

SAVIANI, D. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

SILVA, G. A. A. A experiência da CARPE e o campo ampliando da arquitetura escolar pública. IN: 11º Seminário Nacional do Docomomo Brasil. **Anais...** Recife: DOCOMOMO_BR, 2016, p. 1-12. Disponível em: <http://www.seminario2016.docomomo.org.br/artigos_apresentacao/sessao%2011/DOCO_P_E_S11_SILVA%20Geraldo.pdf> Acesso em: 30, set. 2016.

SILVA, W. A. **A formação de “bons cristãos e virtuosos cidadãos” na Princesa do Sertão: o Colégio Marista Diocesano de Uberaba (1903-1916).** Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2004.

SOUZA, M. A. A. A. **O Grupo Escolar Minas Gerais e a Educação Pública primária em Uberaba (MG) entre 1927 e 1962.** Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2012.

SOUZA, R. F. **Templos de Civilização: A Implantação da Escola Primária Graduada no Estado de São Paulo (1890-1910).** 1ª ed. São Paulo, SP: Ed. Da UNESP, 1998.

SOUZA, S. C. **Grupo escolar de Ibiá, MG (1932 a 1946): uma expressão estadual.** Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2010.

TEIXEIRA, G. F. M. **Por trás dos muros escolares: luzes e sombras na educação feminina (Colégio Nossa Senhora das Dores, Uberaba, 1940-1960).** Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2002.

TELEGRAMA da Capital – Início da Construção do prédio. **Lavoura e Commercio.** Ano 9, Nº 954, 3 de setembro de 1908, p. 2.

THEODORO, J. **A construção da cidadania e da escola nas décadas de 1950 e 1960.** Disponível em: <<http://www.historia.fflch.usp.br/sites/historia.fflch.usp.br>> Acesso em: 12, dez. 2016.

THOMPSON, P. **A voz do passado – História Oral.** Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

UMA FESTA Escolar. **Lavoura e Commercio.** Ano 10, Nº 965, 11 de outubro de 1908, p. 1.

VEIGA, C. G. **História da Educação.** 1ª ed. São Paulo, SP: Ática, 2007.

VIDAL, D. G. **Grupos Escolares – Cultura Escolar Primária e Escolarização da infância no Brasil (1893-1971).** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2006.

VILLAS BOAS, M. S. M. **Grupo Escolar 13 de Maio e a educação na periferia de Uberlândia, MG – 1962 – 1971.** Dissertação de mestrado – Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2015.

ANEXOS:

ANEXO 1: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

MODELO

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada “**Histórias, Memória das Professoras no Grupo Escolar Brasil: Uberaba, 1960-1971**” sob a responsabilidade das pesquisadoras Monique Adriele da Silva e Sônia Maria Santos.

Nesta pesquisa nós estamos buscando entender a história das professora que trabalharam no grupo escolar da cidade de Uberaba, com os objetivos entender como eram suas práticas e métodos desenvolvidos em sala de aula e como as reformas do ensino influenciavam em suas práticas escolares.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será obtido pela pesquisadora Monique Adriele da Silva.

Na sua participação você será submetido a uma entrevista, que será gravada através de um gravador de voz. Após a transcrição das gravações para a pesquisa as fitas gravadas serão destruídas.

Em nenhum momento você será identificado. Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a sua identidade será preservada.

O local das entrevistas será a sua residência e com isso não haverá nenhum gasto com deslocamentos. Você não terá nenhum gasto ou ganho financeiro por participar desta pesquisa.

Apesar de respeitar todos os parâmetros éticos e de saúde dos entrevistados, como os mesmos estão idosos, pode ser que algum passe mal ao relembrar de seu passado, além disso, corre o risco dos sujeitos entrevistados serem identificados. Assim, é recomendado que estejam acompanhados de parentes, pois o mal-estar pode ocorrer devido ao fato de recordarem momentos da vida pessoal, que geralmente pode ser marcada por fortes emoções e por se tratar de pessoas mais idosas, as lembranças podem provocar um mal-estar. O entrevistador resolveria melhor este risco com a presença de familiares, pois eles o auxiliariam a confortar, a dar mais segurança ao entrevistado, o que possivelmente evitaria este mal-estar. Para diminuir o risco, a entrevista respeitará o tempo do entrevistado nos momentos de silêncio, choro e, caso seja necessário, daremos uma pausa e só será iniciada novamente quando o entrevistado sinalizar que podemos voltar à entrevista. Para que o sujeito não seja identificado utilizaremos siglas que não fazem relação direta com os entrevistados. Os benefícios serão que a investigação pretende trazer contribuições para a História da Alfabetização, pois a pesquisa mostrará as influências das práticas e métodos de ensino dentro do Grupo Escolar.

Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem nenhum prejuízo ou coação.

Uma via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com você.

Qualquer dúvida a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com: **Monique Adriele da Silva - (34)33226306 - Universidade Federal de Uberlândia**. Poderá também entrar em contato com o Comitê de Ética na Pesquisa com Seres-Humanos – Universidade Federal de Uberlândia: Av. João Naves de Ávila, nº 2121, bloco A sala 224, Campus Santa Mônica – Uberlândia –MG, CEP: 38408-100; fone: 34-32394131.

Uberlândia, ____ de setembro de 2016.

Assinatura dos Pesquisadores

Eu aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.

Participante da pesquisa

ANEXO 2: ROTEIRO DE ENTREVISTA

Tema: História e Memória das Professoras do Grupo Escolar Brasil: Uberaba, 1960 - 1971

Nome Completo:

IDADE:

Local de residência:

Pesquisadora:

INFÂNCIA, LEITURA E ESCRITA

Como foram seus primeiros contatos com a leitura e a escrita? Quem te apresentou a escrita e a leitura?

Onde foi alfabetizada? Por quem? Em que lugar?

(Neste momento falar sobre as experiências que marcaram os materiais, as condutas dos professores).

Como eram as avaliações desse período?

ESCOLARIZAÇÃO

Que tipo de formação você teve depois de ser alfabetizada?

Como foi seu percurso escolar? Na zona urbana ou na zona rural?

Qual foi a sua formação para atuar como professora alfabetizadora?

(leiga, normal, magistério)

Você fez algum curso superior? Se fez, qual?

Esse curso contribuiu para sua atuação como alfabetizadora?

ATUAÇÃO NO GRUPO ESCOLAR

Como foi recebida no 1º grupo escolar? Em que ano foi isso?

Você trabalhou sempre neste grupo ou atuou em outros?

O acesso ao grupo era fácil ou difícil? A senhora tinha alguma dificuldade em chegar até o Grupo? (Apresentar as fotos da época que trabalhou no Grupo)

Quantos anos atuou no grupo escolar?

Exerceu outras funções? (supervisora, bibliotecária, Diretora)

Como era o grupo escolar na sua época? (estrutura física, salas de aula, cantina, espaço para lazer, biblioteca, secretaria)

Você lembra das festas, das comemorações quais eram as obrigações dos professores?

PROFISSÃO PROFESSORA

Como se deu a escolha pela profissão professor/a?

Como foi contratada?

O cargo era remunerado?

Onde ocorreu sua primeira experiência como professora? Foi no “Grupo Escolar Brasil” de Uberaba?

Na sua primeira experiência como professora quais foram as dificuldades enfrentadas?

Quais foram os desafios do cotidiano da sala de aula?

Quais os materiais que utilizava para dar aulas para as crianças (cartilhas, métodos, práticas)?

Você tem algum registro? Guardou alguma coisa desse período?

Como planejava as aulas? Você tinha ajuda?

Como era feita a avaliação das crianças (quais os recursos: prova, ditado, planejamento de aula)?

Você era avaliada? Por quem?

Qual o significado para você de ter sido professora em Uberaba, cidade do interior de Minas Gerais?

Sua família apoiou sua decisão de ser professora?

Você participava dos desfiles e das datas comemorativas, como era? Essas datas faziam parte do currículo?

O jornal local traz uma notícia de que O Grupo Escolar Brasil foi tomado pelas Forças Policiais nos chamados anos revolucionários, em 1944. Isso é verdade? Como foi esse momento?

E Como foi ser alfabetizadora com os policiais dentro do grupo a todo tempo? Qual era a reação das crianças?

APOSENTADORIA

Como foi para se aposentar?

Recebeu todos os direitos?

ANEXO 3: ENTREVISTAS

ENTREVISTA 1

Tema: História e Memória das professoras do Grupo Escolar Brasil: Uberaba, 1960 - 1971

Nome Completo: Terezinha Jammal

Idade: 88 anos

Local de residência: Uberaba

Pesquisadora: Monique Adriele da Silva

ENTREVISTA

SILVA: Como foram seus primeiros contatos com a leitura e a escrita? Quem te apresentou a escrita e a leitura?

JAMMAL: Bom, eu aprendi mais em casa, morávamos em uma fazenda. Papai e mamãe que me ensinaram a ler. Quando fui para a escola já entrei na segunda série, era uma escola afastada e para conseguir chegar era preciso ir a cavalo. Foi onde tive meu primeiro contato com a leitura, com a escrita, com o livro.

SILVA: Esta fazenda era aqui perto da cidade de Uberaba-MG?

JAMMAL: Mais ou menos, era entre Uberaba e Araxá.

SILVA: Onde foi alfabetizada? Por quem? Em que lugar?

JAMMAL: Fui alfabetizada em casa. Por papai e mamãe.

SILVA: Nesta escola que a senhora estudou se lembra quais os materiais que a professora usava? Como eram as aulas?

JAMMAL: A professora? Acho que nem havia quadro, não consigo me lembrar do quadro. Eu me lembro de uma pedra que cada aluno possuía uma, era onde escrevia, quando terminava de escrever era necessário apagar, começava de novo e era gostoso escrever nesta pedra. A professora falava e a gente escrevia. Não copiávamos muito, igual se copia agora no quadro. Era mais assim, a professora ditava, dava as contas ou às vezes a professora escrevia e a gente fazia o trabalho, tudo nessa pedra. Tinha caderno também, mas usávamos mais uma pedra.

SILVA: Como eram as avaliações desse período?

JAMMAL: Acho que não tinha. Era assim: a professora elogiava, os pais viam os cadernos, ficava contente. Era uma professora muito boa, mas não tinha avaliação. Acho que todo mundo era mais ou menos igual, todo mundo passava de ano

SILVA: Que tipo de formação você teve depois de ser alfabetizada?

JAMMAL: Eu lia muitos livros de história, gostava muito de ler. Não tinha televisão igual hoje, a gente só lia. Mamãe comprava muitos livros de história e às vezes papai trazia jornal para ler. Mas gostava mesmo era de livro de história. De histórias de pescador, Branca de Neve, Gato de Botas, eram as histórias do tempo.

SILVA: Como foi seu percurso escolar? Na zona urbana ou na zona rural?

JAMMAL: Foi um pouco na zona rural e depois na zona urbana.

SILVA: Qual foi a sua formação para atuar como professora alfabetizadora?

JAMMAL: Olha, eu fiz até a oitava série, depois eu fiz era dois anos de Normal, aí passou a ser três anos de Normal, aí eu fiz os três anos de Normal. Fiz o Normal em Patrocínio, que se chamava Escola Normal Nossa Senhora de Patrocínio.

SILVA: Você fez algum curso superior? Se fez qual?

JAMMAL: Sim. Pedagogia.

SILVA: Esse curso contribuiu para sua atuação como alfabetizadora?

JAMMAL: Contribuiu muito. Era uma escola muito boa, que preparava muito bem, dava muita atenção às alunas e me ajudou muito para trabalhar.

SILVA: Como foi recebida no 1º grupo escolar? Em que ano foi isso?

JAMMAL: Eu cheguei da roça. Trabalhei na fazenda, numa cidade pequena, depois que fui encaminhada para cá, sempre como professora. Achei que houve um pouco de dúvida, mas depois a diretora era muito amiga, chamava Terezinha Peres. Ela recebia a gente muito bem, orientava.

SILVA: Você trabalhou sempre neste grupo ou atuou em outros?

JAMMAL: Não, depois fui para outras escolas.

SILVA: Em quais outros grupos escolares você trabalhou aqui em Uberaba?

JAMMAL: Fui para o Grupo Escolar Dom Alexandre, acho que essa escola nem existe mais, onde o Padre Agostinho era diretor. Depois fui para o Grupo Escolar Brasil, lecionei três anos. Logo depois fui fazer um curso de um ano em Belo Horizonte, foi também muito bom para trabalhar. Depois eu voltei, já fui para outra escola onde trabalhei por vinte anos e lá fiquei até aposentar Lauro Fontoura. (Risos)

SILVA: Como era sua ida para a cidade de Belo Horizonte?

JAMMAL: A gente ia de ônibus, mas era estrada de terra.

SILVA: O acesso ao grupo era fácil ou difícil? A senhora tinha alguma dificuldade em chegar até o Grupo?

JAMMAL: Sempre morei nesta casa, assim era fácil chegar até o grupo. Eu ia a pé não tinha que pegar nada.

SILVA: Quantos anos atuou no grupo escolar? Sabe me falar o ano que você entrou no grupo?

JAMMAL: Que eu lecionei lá? Três anos. Em 1958, 1959, 1960, sai em 1961 do grupo Brasil.

SILVA: Exerceu outras funções? (Supervisora, bibliotecária, Diretora)

JAMMAL: Fui diretora do jardim da escola Domingos Paraíso. Depois fecharam todos os jardins, e ficou tudo por conta da prefeitura. Trabalhei bastante tempo lá. (Momento de pausa) Não, trabalhei só 2 anos lá. Onde trabalhei mais mesmo foi no Lauro Fontoura.

SILVA: Como era o grupo escolar na sua época? (Estrutura física, salas de aula, cantina, espaço para lazer, biblioteca, secretaria) você se lembra quantos alunos tinha nas salas? Você dava aula em que série?

JAMMAL: O grupo Brasil sempre foi o melhor. Era muito bom, as salas amplas, grandes, mas tinha muitos alunos, era aluno demais. Tinha sala que havia de 30, 40 alunos por sala. Tinha um pátio bom, cheio de árvores, mas não tinha um brinquedo especial não. As crianças jogavam bola, brincavam no recreio. Tínhamos também que vigiar as crianças, na hora do lanche, levávamos as crianças para o lanche. Eram essas as funções da professora. Olha, eu sempre lecionei na terceira série, antes de vir para a cidade de Uberaba, na fazenda eu lecionava no primeiro ano. No Dom Alexandre também lecionei no primeiro ano, mas aqui no grupo Brasil sempre trabalhei no terceiro ano.

SILVA: Você se lembra das festas, das comemorações quais eram as obrigações dos professores?

JAMMAL: Tinha uma festa de coroação de Nossa Senhora que era muito bonita, os pais vinham no grupo. Tinha festa Junina, era muito bem preparada, cada professora apresentava um número, era muito linda a festa, pois cada uma preparava um número, era uma obrigação que você tinha.

SILVA: Como se deu a escolha pela profissão de professora?

JAMMAL: Eu sempre tive ideal de ser professora. A minha mãe também queria que eu fosse professora, ela achava tão bonita professora. Ela falava: - Vai Tereza ser professora! É uma profissão abençoada. Assim, fui ser professora. Eu estudei em Patrocínio.

SILVA: Como foi contratada?

JAMMAL: Olha tinha um concurso do Estado. E também tinha contagem de tempo: Quantos anos você trabalhou? Quem tinha mais anos?

SILVA: Mas a senhora veio trabalhar no Grupo Brasil porque foi transferida de outro grupo?

JAMMAL: Não, eu fui nomeada. Quando saí da fazenda eu vim para cá. Aí fiquei contratada no Grupo Escolar Dom Alexandre, aí depois fui nomeada para o Grupo Brasil.

SILVA: O cargo era remunerado?

JAMMAL: Sim. O salário vinha direitinho.

SILVA: Onde ocorreu sua primeira experiência como alfabetizadora? Foi no “Grupo Escolar Brasil” de Uberaba?

JAMMAL: Foi em uma fazenda.

SILVA: Na sua primeira experiência como alfabetizadora quais foram as dificuldades enfrentadas?

JAMMAL: Muitas. Eu tive muita dificuldade, por exemplo, com ortografia. Acho tão difícil ensinar ortografia. É difícil até hoje.

SILVA: Quais foram os desafios do cotidiano da sala de aula?

JAMMAL: As crianças eram muito boas, melhores do que hoje. Eu continuei a dar catequese e como é diferente o comportamento das crianças.

SILVA: Quais os materiais que utilizava para alfabetizar as crianças (cartilhas, métodos, práticas)? Você tem algum registro? Guardou alguma coisa desse período?

JAMMAL: A gente dava aquele método global. Dava a história dos “Três Porquinhos”, até que era bom, fazíamos aquelas fichas do nome, como se fosse um fichário com pregas, onde as crianças tiravam as fichas. Até que eu tive uma orientação boa.

Não guardei nada. Esses dias acharam meu diploma, vou jogar isso fora (risos).

SILVA: Como planejava as aulas? Você tinha ajuda?

JAMMAL: A gente tinha um plano diário. Todos os dias tínhamos que apresentar esse plano para a diretora. E ela dava visto.

A diretora sempre orientava, tinha reuniões, uma vez por mês era quando aconteciam as orientações, ou era por escrito. De acordo com as matérias que a gente lecionava, dava os conteúdos por mês. Dividíamos os conteúdos por dia de acordo com a turma.

SILVA: Como era feita a avaliação das crianças? Quais recursos eram usados: prova, ditado, planejamento de aula?

JAMMAL: Era prova. Todo mês. As provas eram mensais. Mas agora, tinha uma prova semestral, que era dada pela diretora.

SILVA: Quais eram as disciplinas que você ministrava?

JAMMAL: Português, Matemática que era chamada de Aritmética, História e Geografia, Religião, Ciências. Era umas ciências tão bonita, eu me lembro das ciências que a gente dava,

por exemplo a gente fazia experiência do ar, o peso do ar. E estudava os astros, a Lua, o Sol, era bonito de estudar ciências.

SILVA: Como era a disciplinas dos trabalhos manuais?

JAMMAL: No meu tempo não tínhamos trabalhos manuais, mas depois entrou, quando eu estava no Grupo Lauro Fontoura, tinha trabalho manual, até não gostávamos muito, substituímos por biblioteca (risos). A professora preparava as festas cívicas, de pais. E a professora perguntava quem queria participar do número que vou montar. Ai as crianças levantavam a mão que gostaria. E os números ficavam muito bonitos. E todo mundo participava, não era aqueles que tinham a voz mais bonita.

SILVA: Você era avaliada? Por quem?

JAMMAL: Essa prova bimestral, só podia ser corrigida dentro da escola. E quem olhava as notas era a diretora. Seus alunos iam bem nas provas, você foi bem, mas se os alunos iam mal significava que você não era boa professora. A diretora questionava por que as crianças não foram bem?

SILVA: Qual era o nível social das crianças que estudavam no Grupo Escolar Brasil?

JAMMAL: O Grupo Brasil fica num bairro mais elitizado, de pessoas de classe média. E os alunos que frequentavam eram mais do Bairro Estados Unidos mesmo.

SILVA: Qual o significado para você de ter sido alfabetizadora em Uberaba, cidade do interior de Minas Gerais?

JAMMAL: Toda vida sempre tive vontade de morar em Uberaba. Porque achava que as professoras daqui deviam ser melhor. (risos)

SILVA: Sua família apoiou sua decisão de ser professora?

JAMMAL: Todos apoiaram, porque na minha época era importante ser professora. Meus pais me apoiaram, até me achavam muito importante.

SILVA: Você participava dos desfiles e das datas comemorativas, como era? Essas datas faziam parte do currículo?

JAMMAL: Participava com os alunos, cada professora preparava um número para apresentar com os alunos, ou às vezes você era responsável por uma data. Sim, nas disciplinas de artes onde a professora específica de artes que fazia o trabalho que eu escolhia. Trabalhava na disciplina de artes também desenhos, recortes.

SILVA: Como foi para aposentar?

JAMMAL: Eu aposentei com 36 anos de trabalho, normalmente é com 25 anos, mas eu gostava da escola e não tinha vontade de sair. Olha, eu fiz a faculdade o curso de Pedagogia, aí aposentei com o Grau 6. Aposentei até que bem, mas a gente ganha pouco.

SILVA: Recebeu todos os direitos?

JAMMAL: Sim.

ENTREVISTA 2

Tema: História e Memória das Professoras do Grupo Escolar Brasil: Uberaba, 1960 - 1971

Nome Completo: Margarida Maria Rodrigues Mariano

Idade: 80 anos.

Local de residência: Uberaba

Pesquisadora: Monique Adriele da Silva

ENTREVISTA

SILVA: Como foi seus primeiros contatos com a leitura e escrita? Quem te apresentou a Escrita e a leitura?

MARIANO: Porque quando a gente era criança, brinca muito de escola. Nossa como eu brinquei de escola, eu era a professora outra hora aluna, então foi assim. Quem me apresentou a leitura e a escrita foi na escola.

SILVA: Onde foi alfabetizada? Por quem? Em que lugar? (Neste momento falar sobre as experiências que marcaram os materiais, as condutas dos professores).

MARIANO: Fui alfabetizada na escola. Eu morava em Santa Juliana, então foi lá onde fui alfabetizada. Acontecia nos modos daquele tempo, já havia cadernos, treinávamos muito a coordenação motora, depois tínhamos um grupo de palavras a partir disso íamos formando outras palavras. A professora era brava, deixava os alunos muito de pé, mas acontecia com quem ficava desobedecendo, fazendo bagunça.

SILVA: Como eram as avaliações desse período?

MARIANO: Era prova escrita, acho que naquele tempo o ensino era muito bom e aprendia muito, com isso conseguimos fazer a prova.

SILVA: Que tipo de formação você teve depois de ser alfabetizada?

MARIANO: Depois do primário, naquele tempo era o ginásio e logo depois o magistério.

SILVA: Como foi seu percurso escolar? Na zona urbana ou na zona rural?

MARIANO: Eu vim para Uberaba, quando era criança. Então meu percurso foi até a 4 série em Santa Juliana, e depois aqui em Uberaba. Sempre estudei na zona urbana.

SILVA: Qual foi a sua formação atuar como professora alfabetizadora? (Leiga, normal, magistério)

MARIANO: Antigamente era a Escola Normal de Uberaba. Fui da primeira turma que formou pela escola normal. Fiz 3 anos de normal. Nós tivemos um diretor e era excelente, dava aulas extras a tarde para a gente.

SILVA: Você fez algum curso superior? Se fez qual?

MARIANO: Fiz pedagogia, quando fui fazer já era madurinha. E para pagar minha faculdade acordava as 05:30 da manhã, pois dava aula particular.

SILVA: Esse curso contribuiu para sua atuação como professora?

MARIANO: Muito, muito.

SILVA: Como foi recebida no 1º grupo escolar? Em que ano foi isso?

MARIANO: O pessoal já conhecia a gente, a diretora Terezinha Peres também era conhecida. Eu tive duas fases no grupo Brasil como professora e supervisora. Não me lembro o período que trabalhei lá.

SILVA: Você trabalhou sempre neste grupo ou atuou em outros?

MARIANO: Quando eu me formei fui trabalhar como professora substituta no Professor Chaves por três anos, depois a diretora me indicou para trabalhar no grupo Minas Gerais.

SILVA: O acesso ao grupo era fácil ou difícil? A senhora tinha alguma dificuldade em chegar até o Grupo? (Apresentar as fotos da época que trabalhou no Grupo)

MARIANO: Era fácil porque eu morava num lugar mais próximo do grupo Brasil.

SILVA: Quantos anos atuou no grupo escolar?

MARIANO: Devo ter trabalhado uns 20 anos.

SILVA: Exerceu outras funções? (Supervisora, bibliotecária, Diretora)

MARIANO: Pois é nesse tempo que trabalhei lá, eu fui supervisora. Foi uma experiência ótima porque já era conhecida como professora

SILVA: Como era o grupo escolar na sua época? (Estrutura física, salas de aula, cantina, espaço para lazer, biblioteca, secretaria)

MARIANO: Era como mais ou menos é hoje. Mas na minha época já havia aquelas salas de aula e a cantina, depois a escola foi ampliando.

SILVA: Você lembra das festas, das comemorações quais eram as obrigações dos professores?

MARIANO: A diretora distribuía os trabalhos para cada professora. Ficávamos encarregadas de apresentação e também havia um mural na escola, com isso cada mês uma professora ficava responsável por este mural. A Terezinha Peres era uma ótima diretora, mas também muito exigente.

SILVA: Como se deu a escolha pela profissão professora?

MARIANO: Desde criança eu queria ser professora, brincava ser professora junto com as amigas da minha idade.

SILVA: Como foi contratada?

MARIANO: Quando atuamos com responsabilidade tínhamos as indicações pelas diretoras. A contratação foi dada pelo Estado, primeiramente fui indicada para substituir uma professora no grupo Brasil, depois prestei um concurso de professor do estado e passei em primeiro lugar. Nesse tempo antes do concurso depois que acaba meu contrato no grupo Brasil fui indicada pela professora para trabalhar no grupo Minas Gerais. Ai quando sai minha classificação fui para o Brasil, pois tinha vaga.

SILVA: O cargo era remunerado?

MARIANO: Ganhava, recebíamos em duas etapas: a primeira em junho e depois em dezembro. Até que era bom fazia fatura.

SILVA: Onde ocorreu sua primeira experiência como alfabetizadora? Foi no “Grupo Escolar Brasil” de Uberaba?

MARIANO: Foi no Professor Chaves e tive a oportunidade de aprender muito com a diretora de lá. A diretora ia para a sala de aula dava algumas aulas para que pudéssemos aprender.

SILVA: Na sua primeira experiência como professora quais foram as dificuldades enfrentadas?

MARIANO: A disciplina dos alunos porque era muito novinha.

SILVA: Você se lembra qual era o currículo do Grupo Escolar Brasil?

MARIANO: Não fugia muito do que é hoje. Antigamente eram Línguas Pátrias, Aritméticas, Histórias e Geografias, Ciências. Depois fomos evoluindo, pois tinha muito acompanhamento da diretora, depois criaram o cargo de delegada do ensino.

SILVA: Quais foram os desafios do cotidiano da sala de aula?

MARIANO: Tinha dificuldade das matérias, pois não sabíamos muita coisa ainda. Com isso, tinha que estudar mais

SILVA: Quais os materiais que utilizava para dar aula para as crianças (cartilhas, métodos, práticas)? Você tem algum registro? Guardou alguma coisa desse período?

MARIANO: Olha eu nunca lecionei na primeira série, lecionava a partir da segunda série. Tínhamos uma programação, havia reuniões para a divisão dos conteúdos semestral.

SILVA: Como era sua prática como professora em sala de aula? Lembra se havia algum método imposto por lei?

MARIANO: Eu era brava, passava muitas coisas no quadro, mas com o tempo vi que isso não era produtivo. Olha não sei se foi porque eu lecionei em séries mais adiantadas era feito aquilo que achávamos que dava certo em sala, não havia uma imposição de método.

SILVA: Como planejava as aulas? Você tinha ajuda?

MARIANO: Esse aqui é meu planejamento, fazia por conta própria. Na minha época não existia supervisora, só havia a diretora. Nunca dei aula sem planejamento. No grupo Brasil tinha várias salas.

SILVA: Como era feita a avaliação das crianças (quais os recursos: prova, ditado, planejamento de aula)?

MARIANO: No final de cada mês fazíamos prova, mas do dia a dia avalia os alunos com nota. Teve uma época para os alunos desenvolver redação, todo dia eles tinham que fazer uma redação.

SILVA: Você se lembra dos temas das redações?

MARIANO: Dava título, começo ou final.

SILVA: Qual o significado para você de ter sido professora em Uberaba, cidade do interior de Minas Gerais?

MARIANO: Me ajudou crescer em conhecimento e na questão do relacionamento com a criança.

SILVA: Sua família apoiou sua decisão de ser professora?

MARIANO: Apoio, a minha irmã me estimulou muito para ser professora porque ela já trabalhava na escola.

SILVA: Você participava dos desfiles e das datas comemorativas, como era? Essas datas faziam parte do currículo?

MARIANO: Fazia parte do currículo, a diretora selecionava as professoras para as atividades do mês e era preciso fazer um auditório sobre a atividade que os alunos deviam apresentar como por exemplo: poesia, peças teatrais. As vezes pedia para algum aluno que não era grande coisa, para ler ou cantar.

SILVA: Como acontecia a separação dos alunos?

MARIANO: As turmas eram divididas de acordo com o nível social, então a professora que trabalhava com a melhor turma de nível social e intelectual desenvolvia as atividades com mais facilidade

SILVA: Você lembra do Programa de Ensino? Como era compartilhado?

MARIANO: O Grupo tinha e emprestava para o professor essa programação. Igual no Grupo Brasil tinha muitas turmas de primeiro, de segundo, de terceiro e de quarto, então os professores se reuniam de acordo com as turmas, pois sempre tinha duas ou três primeiras, duas ou três segundas, duas ou três terceiras, duas ou três quartas. Havia uma divisão na programação, de acordo com quantos dias tinha o mês para dar aquele conteúdo.

SILVA: Como acontecia a higiene no Grupo Escolar Brasil?

MARIANO: Trabalhava dentro de ciências, manda os alunos colocar as mãos em cima da carteira para ver se tinha cortado as unhas, se estavam sujas, se escovou os dentes.

SILVA: Como foi para aposentar?

MARIANO: Aposentei depois de 35 anos de trabalho, sabe porque na minha época contava as férias prêmios e eu não utilizei nenhuma. Por isso que eu falo gostava de lecionar.

SILVA: Recebeu todos os direitos?

MARIANO: Sim.

ENTREVISTA 3

Tema: História e Memória das Professoras do Grupo Escolar Brasil: Uberaba, 1960 - 1971

Nome Completo: Norma Moisés

Idade: 81 anos

Local de residência: Uberaba

Pesquisadora: Monique Adriele da Silva

ENTREVISTA

MOISÉS: Quando fui lá uma vez procurar um jogral que havia feito, não tinha nada. Não sei onde puseram, era sobre o Grupo Escolar, até que o jogral não era feio sabe. Era sobre a comemoração de 85 anos do grupo e eu não guardei o jogral porque tinha certeza que ficaria lá no arquivo. Não tinha nada.

SILVA: O que eu achei lá foram apenas umas atas de alunos, onde havia assinatura das professoras. Foi a partir disso que pude localizar vocês, professoras.

MOISÉS: Pois é, não sei onde foram parar esses documentos. Bom, vai chegar nisso na nossa conversa. Porque quando eu aposentei foi a última leva de diretoras, não fazia eleição para diretor, juntamente com os pais e o corpo docente. Para eleger o diretor. Até aquele ano a gente conserva um arquivo vivo e outro arquivo morto que seriam as coisas que já haviam passado, e eu deixei isso tudo lá, mas uma vez fui justamente procurar esse jogral e procurar alguns papéis que eu precisava, mas tive que ir na Delegacia de Ensino, pois anotações minhas já não tinha mais na escola. Tudo o que você precisa está na Delegacia de Ensino.

SILVA: Então os documentos do Grupo estão na Delegacia do Ensino?

MOISÉS: Essas coisas de grupo acabaram sumindo no próprio grupo mesmo. Igual o jogral e as anotações pessoais, não tem lá na Delegacia do Ensino. As atas de reuniões que a gente conservava não têm mais. Depois não voltei mais no grupo sabe, porque vai mudando as diretoras e a gente nem conhece mais.

SILVA: Hoje a atual diretora é a Marilda.

MOISÉS: Eu gosto muito dela, ela é conhecida da família. Hoje em dia não tem muito contado porque quando a gente aposenta afasta um pouco e vêm os problemas de família. Acabei me ausentando de tudo.

SILVA: Como foram seus primeiros contatos com a leitura e a escrita?

MOISÉS: Olha, eu aprendi a ler numa escola pública, na cidade de Santa Juliana. Era uma escola bem simples, até a Tia da Margarida que era diretora. Eu e a Margarida somos amigas deste de Santa Juliana. Então era uma escola muito simples e a professora dava aula, assim

não era em conjunto igual faziam nas escolas rurais. Ai nessa escola fui alfabetizada e em casa tinha também assistência dos mais velhos.

SILVA: Quem te apresentou a escrita e a leitura?

MOISÉS: Foi mesmo essa professora que se chamava Ambrosina.

SILVA: Onde a senhora foi alfabetizada?

MOISÉS: Pois é nessa escola de Santa Juliana. Não lembro o nome da escola, era uma escola antiga.

SILVA: Você se lembra dos materiais que eram utilizados pela professora?

MOISÉS: Eu me lembro dos cadernos, e que a professora concretizava os conteúdos com frutas, para aprender a somar, a multiplicar, a dividir. Depois a professora dava aquela fruta como prêmio para o aluno que soubesse mais ou acertasse a tabuada. Me recordo que ela colocava no alto do quadro negro (naquele tempo falava lousa), coloca a fruta no alto do quadro e falava quem acertar ganha essa fruta. Quer dizer que era motivação, mas era tudo muito simples.

SILVA: A senhora se lembra de como eram as avaliações desse período?

MOISÉS: Tinha as tarefas de casa que eram simples. Tínhamos que fazer caligrafia, que era muito usado, até no meu tempo como professora e diretora a escola ainda conservava a caligrafia que era aquele caderno com duas linhas. Que não existe hoje e era uma coisa muito necessária e que o povo falava que era antiquado, mas vemos hoje médicos que escrevem receitas que ninguém entende a letra, com isso eles utilizam o computador para salvar a situação.

SILVA: Que tipo de formação você teve depois de ser alfabetizada?

MOISÉS: A formação de escola que você quer saber? Então, primeiro estudei em Santa Juliana, depois fui para a cidade de Franca, estudar num colégio interno. Naquele tempo tinha a quinta série ai fiz lá em Santa Juliana e depois no Colégio Nossa Senhora de Lorde não sei se ele ainda existe, porque o colégio era de freiras e eu acho que lá se transformou em faculdade. Quando eu fiz um curso de extensão em Batatais, aí passei por Franca e vi que o colégio virou uma faculdade. O Colégio era das Irmãs de São José. Eu estudei interna até a quinta série ginasial. Espera você me desculpa antes de estudar até a quinta série ginasial, eu e minha família mudamos para Uberaba e fui estudar no Colégio Nossa Senhora das Dores. Se não me engano, fiz da segunda até quarta série ginasial e na cidade de Franca eu fiz a quinta série que chamava admissão.

Para entrar no ginasial como era chamado, era feito primeiro o primário até a quarta série, depois que tivesse conhecimento fazia uma prova e passava para a primeira série ginasial.

Como vim de uma escola e de uma cidade onde o ensino era mais franco, eu tive que fazer um ano de admissão no Colégio Nossa Senhora de Lorde, que correspondia à quinta série do ensino antigo. Muitos já faziam a prova e passavam para a primeira série ginásial, mas eu fiz o ano todo dessa quinta série, pois vim de uma escola mais franca, de cidade pequena. Depois eu fiz a primeira, segunda e terceira séries ginásial nesse Colégio em Franca. Como minha família já tinha mudado para Uberaba, eu saí do colégio e vim para cá, com isso, fui para o Nossa Senhora das Dores. Não me lembro se tive que repetir a segunda ou a terceira série. Naquele tempo tinha o Normal, assim quis fazer o normal aí fiz o primeiro ano do normal no Nossa Senhora das Dores e aí eu parei um ano porque fiquei noiva e tive preparar o enxoval. Depois de um ano sem estudar voltei a fazer o normal, mas já não quis fazer no Nossa Senhora das Dores, com isso fui para o Colégio que hoje é o Castelo Branco, mas antes chamava Escola Estadual Leônicio Ferreira do Amaral. Comecei desde o primeiro ano do normal e me formei lá.

SILVA: Você se lembra quando começou a escola normal?

MOISÉS: Não me lembro exatamente quando, eu devo ter algum papel que fala. Eu sei que eu adorei essa escola, era uma turma muito boa e diferente das escolas que já tinha estudado. Era uma escola mais alegre, não era aquele regime autoritário que acontecia nas escolas de freiras que estudei.

SILVA: Como foi seu percurso escolar? Na zona urbana ou na zona rural?

MOISÉS: Sempre estudei na zona urbana.

SILVA: Você me falou que fez o normal. Gostaria de saber se fez algum curso superior? Se fez, qual?

MOISÉS: Quando eu terminei o normal, fui fazer jornalismo. Era onde hoje é o Colégio São Judas. Ali era das irmãs dominicanas, na faculdade de filosofia São Tomás de Aquino. Você fica com aquela motivação de exercer o jornalismo, fiz estágio na casa super Libralo em São Paulo, mas foi um estágio rápido que tínhamos que fazer, pois naquele tempo jornalista não mexia com rádio e nem havia televisão, era mesmo jornal impresso. Aqui em Uberaba tinha o correio católico, que foi vendido para o jornal da manhã. Esse jornal era na praça da catedral, íamos para lá fazer alguns trabalhos como estagiário. Era o único lugar que tinha como imprensa. Tinha o jornal Lavoura no qual a maioria dos nossos professores. Então era Jorge Azedan foi um jornalista muito influente aqui naquela época, tinham os padres que eram da catedral formados em teologia, filosofia e havia os professores leigos também como César Vanucci. Nesse período de faculdade, continuava a lecionar, pois eu que me mantinha nesses cursos. Depois fui fazer o curso de direito, nem sei porque eu fiz (risos). Mas nunca parei de

lecionar, apesar de ter feito estágio no jornal, mas trabalhava na parte de correção das notícias que seriam publicadas, mas fiquei pouco tempo porque resolvi fazer direito, e continuava a lecionar. Além desses dois cursos, fiz pedagogia também para poder assumir a direção do Grupo Escolar Brasil.

SILVA: E nesse período dos cursos, onde você lecionava?

MOISÉS: Antes da gente ser nomeada, como o tempo era difícil, tinha que procurar os lugares para dar aula, então se aparecia uma vaga aqui numa escola porque a professora tirou férias prêmio, licença maternidade . Havia uma lista de classificação e quando surgiam essas vagas, te chamavam. Às vezes era um contrato de 3 meses ou era renovado caso surgisse outra vaga na mesma escola. Então fui passando de escola em escola até ser nomeada. Me lembro de trabalhar na Escola Dom Eduardo fiquei lá por alguns meses, no Grupo Escolar Minas Gerais também cumprindo licença de professor, depois fui para o Frei Leopoldo, quando ainda estavam fundando a escola, então era tudo adaptado. Nesse período não importava a série que você tinha mais afinidade, era onde tinha vaga. Com isso, aumentavam os pontos para a classificação e ganhava experiência, assim ficava na classificação num lugar melhor.

Nossa, eu andava muito para ir às escolas porque naquele tempo não se andava de ônibus. Eu e uma amiga (hoje mora em Belo Horizontes) íamos juntas a pé para nessa Escola Frei Leopoldo, naquele tempo ainda não tinha calçamento nas ruas, então enfrentava terra e no meio do caminho pegávamos flores, aqueles bem-me-quer (dá saudade deste tempo). E não achava pesado andar e era para lá do cemitério, hoje é o Bairro Santa Marta. A escola funcionava numas casinhas, hoje são aquelas casas da coagra, faziam por lá só que eram maiores, não tinha esse governo populista.

E a Escola Frei Leopoldo funcionava em duas casas, sendo a escola dividida, mas o ambiente era ruim naquela época, as crianças eram levadas demais, tinham muitos na rua que jogava caroço de manga dentro da sala de aula, mas foi um tempo bom e que tive muita experiência. Depois saiu minha nomeação para o Grupo Brasil, devido à minha classificação e aí escolhi lá por ser mais perto da minha casa.

Já era inspetora nesse período, com isso fui nomeada para o Grupo Escolar Brasil e antes de ser nomeada cheguei a ser professora substituta lá também. Quando saiu a nomeação a Dona Terezinha, que foi diretora, já me colocou, já que possuía uma vaga, pois estava substituindo a professora que já tinha aposentado e a classe estava vaga, acabei ficando.

SILVA: Então você chegou a ser professora no Grupo Brasil?

MOISÉS: Cheguei, foi a época que mais gostei de trabalhar. Nossa fiquei muitos anos como professora da 4º ano. Eu adorava lecionar nessa série. Apesar que também lecionei no 1º ano também, mas o que adaptei mais foi com a do 4º ano, pois fazíamos muitas experiências, e tinha uma mulher que se chamava Leonilda Motanho, que era da cidade de Araxá, que possuía alguns livros que ajudavam a orientar o professor para dar aula, era como se fosse um manual de ciências.

Quando fui prestar o vestibular de direito, aproveitei muita coisa do que eu dava para os alunos no 4º ano, da matéria de ciências.

SILVA: E a senhora tem algum exemplar ainda destes livros da Leonilda Motanho?

MOISÉS: Não tenho, infelizmente tive que jogar muita coisa fora porque ficaram muitos papéis velhos guardados. Tenho um pesar de ter jogado fora. Tinha outro livro muito bom também para ser seguido, era da Hermantina Riccioppo, dava aula no Grupo Escolar Minas Gerais. Esses manuais ajudavam a lecionar e são coisas que serve para você até hoje.

Fala sobre o funcionamento do aparelho digestivo, era um manual de ciências, sinto muito ter perdido, pois podíamos seguir o que estava ali, assim preparava a aula em casa. E dessa Leonilda também orientava o professor.

Esses manuais davam exemplo com figuras de como trabalhar o determinado assunto com os alunos, mas a partir disso você extrapolava ia de acordo com a sua criatividade.

Gostava muito de dar aula, essa era minha vocação.

SILVA: Como você foi recebida no 1º Grupo Escolar da cidade de Uberaba-MG?

MOISÉS: No tempo que era professora, fui muito bem recebida. Porque a escola era pertinho da minha casa, não morávamos aqui, era o bairro que mais gostava, Estados Unidos. Eu mora na rua Henrique Dias, pertinho do Grupo Brasil, sabe aqueles sobrados de Santos Guidos, chegando na praça e do lado de cima. Então já era vizinha da escola, a Igreja que frequentava era a São Domingos, tudo muito perto.

E a diretora do grupo era conhecida da gente, quando eu comecei lá foi através de uma substituição e já fiquei porque logo fui nomeada, como me conheciam fui bem recebida.

SILVA: Você se lembra qual foi o primeiro ano em que trabalhou no grupo ?

MOISÉS: Olha não me lembro, eu sei que trabalhei 30 anos. Lá no grupo Brasil eu fiquei substituindo a professora na 1ª série, depois 2ª série, assim fui passando de série em série onde havia vaga, mas não me lembro quando fui para lá não, e depois fui nomeada após 1948 porque sou do ano de 1935. Foi lá pelos anos 50, mas não porque eu fiz os cursos. Foi em 1957 que entro no grupo e vou até quando aposento 1987.

No grupo, como diretora, fiquei 19 anos. Aliás 19 anos foi a Dona Terezinha, acho que foram 13 anos como diretora, de 1974 até 1987. Foi muito tempo, porque naquele tempo não havia eleição.

SILVA: Você trabalhou em outros grupos no qual já me falou! Mas o acesso para chegar ao Grupo Brasil era fácil ou difícil?

MOISÉS: Era muito fácil para mim, pois morava perto do grupo. Agora, nos outros que trabalhei era difícil, tinha que ir a pé.

SILVA: Você exerceu outras funções no grupo. Além de professora e diretora teve outra função?

MOISÉS: Primeiro fui professora, depois passei para outro cargo naquele tempo chamava de auxiliar de escrita. Esse serviço a gente fazia na máquina, folha de pagamento que eram enormes vinham da coletoria (hoje secretária da fazenda), o preenchimento destas folhas era feito com carbono e à mão, pois nem em máquina cabia. Um trabalho bem minucioso o qual vinham falando sobre as faltas das professoras, quanto ia receber, qual era o grau da professora. Depois essas folhas passavam por uma inspeção pela coletoria, antes de pagar os professores.

SILVA: Você sabe me falar como era o Grupo Brasil quando trabalhou lá? A estrutura física, salas de aula, a cantina, ou seja, o espaço físico do grupo.

MOISÉS: O prédio tinha uma parte antiga, sempre foi um grupo muito bonito. No pátio tem uma árvore grande no meio

Depois da gestão da Dona Terezinha que foi diretora por muitos anos, o grupo foi ampliado, com isso tivemos que passar para uma escola lá na rua sete de setembro, onde era uma escola de comércio que chamava José Bonifácio. Essa escola só funcionava à noite, com a transferência do grupo, passou a funcionar durante o dia também.

Foi feita uma reforma maravilhosa no grupo, as salas de aula foram ampliadas e construíram uma parte nova. Nesse período da reforma já trabalhava lá, só que como professora. Fizeram uma casa para o zelador, foi feita a cantina com cozinha.

Eu fui lá agora votar, mas não andei por lá porque tem hora que dá saudade daquela época então nem quis ver.

Quando eu assumi a direção do grupo já peguei o grupo reformado. Nessa parte nova funcionava o pré e uma classe de alunos especiais que era assim, tinha problemas e havia professores especializados. E as outras séries que ficavam na parte antiga do grupo.

Tinha dentro do grupo o consultório dentário, no qual os alunos tinham tratamento de dente. Era uma escola muito boa.

SILVA: Você se lembra das festas, das comemorações? Quais eram as obrigações das professoras?

MOISÉS: As festas eram muito boas e bonitas desde o tempo da Dona Terezinha. Tanto a Dona Terezinha e as professoras ficavam entusiasmadas com as festas, como a festa junina e também tinha a coroação de Nossa Senhora, onde se realizava campanhas e continuou até a minha saída como diretora.

Então fazia a campanha para a caixa escolar, com a qual os alunos contribuíam. Os que podiam, davam uma quantia por mês, não significava que estavam pagando a escola e sim contribuindo com os alunos carentes. Com o caixa escolar dava o uniforme, até congruinha, dava o tecido para fazer o uniforme. Porque as verbas que eram repassadas para os grupos não davam, por isso a necessidade do caixa escolar. Por exemplo, a merenda era muito boa e as cozinheiras também.

Havia um incentivo muito grande por parte dos professores e dos diretores. Na minha época de diretora as professoras eram muito boas. Sabe, elas não tinham só aquela coisa de dar apenas aulas para ganhar dinheiro, então tinham aquele amor pela profissão.

Já vinha a lista de merenda que deveria ser feito, o Estado mandava trigo, fubá que era da campanha nacional da alimentação.

No meu tempo havia um espaço, onde hoje construiu a quadra não é do meu tempo de diretora, foi depois. Pois quando eu quis construir a quadra um engenheiro que foi lá falou que a área não dava para ser construída uma quadra, então nesse lugar fazíamos uma horta com os alunos e havia um senhor que ajudava a cuidar. Os alunos tinham o horário de cada classe ir cuidar da horta, teve época que deu banana, cenoura, tomate, repolho, que eram utilizados para completar a merenda.

Para ser construída a quadra teve que acabar com a horta, eu fui à inauguração, mas hoje é que se dá tanta importância à educação física. No meu tempo como diretora tinha educação física, mas era realizada no galpão.

SILVA: Como se deu sua escolha para ser professora?

MOISÉS: Eu sempre tive vocação para ser professora. Brincava muito quando era criança de escolinha. E também na minha época não havia outra perspectiva na minha frente de ser outro tipo de profissional. A época era própria a mulher voltada para essas coisas mais simples e a vocação de ensinar. Então assim a mulher não tava no mercado de trabalho igual hoje, mas se ainda fosse para eu escolher, eu seria professora.

Gostava muito de lecionar, pois as crianças são sinceras com seus sentimentos, têm aquela vontade de aprender.

A área da educação, apesar de não ser bem remunerada, é uma área mais humana, com a mente, ou seja, com a essência com o corpo e mente, pois você ensina saúde, mostra o mundo da alfabetização, do saber. A profissão de professor é tudo.

SILVA: Como você foi nomeada? Você fez concurso ou contratada?

MOISÉS: Naquela época você ia fazendo pontos de substituição e os contratos eram feitos através de classificação com os pontos que você tinha feito no magistério. Era feita uma prova, pois você estava praticando, não havia prova prática, mas eram os pontos.

SILVA: Seu cargo era remunerado?

MOISÉS: Como professora recebia pelo Estado, principalmente como professora substituta ganhava menos que a efetiva. Depois, quando era nomeada, passava a ganhar mais. Tinha o quinquênio que de 5 em 5 anos aumentava o salário.

SILVA: Onde ocorreu sua primeira experiência como professora?

MOISÉS: Foi no Dom Alexandre, que não existe mais. Nesse período o diretor era um Padre que se chamava Santo Agostinho.

SILVA: Na sua primeira experiência como professora quais foram as dificuldades enfrentadas?

MOISÉS: A disciplina, que não era fácil porque os alunos eram de nível pior. A falta de materiais, pois tinha menino muito carente que não tinha condições de comprar por ser escola mais pobre. Mas no fim eles aprendiam.

SILVA: Quais foram os desafios do cotidiano da sala de aula?

MOISÉS: Pois você devia estar preparado para as perguntas dos alunos questionadores, porque mesmo sendo meninos de antigamente, mas sempre foram inteligentes.

Às vezes você tinha aquele problema de não estar preparada para responder a dúvida do aluno, sendo de conhecimento ou de educação.

SILVA: Observei nas atas a quantidade de alunos que tinha em sala.

MOISÉS: Sabe o que era essa quantidade grande de alunos em sala, até no meu tempo tive problema, por exemplo o número grande de alunos é um problema para o professor por não ser fácil.

Mas nesse tempo não havia tanta escola, então você fala vou por só mais um e acaba cedendo porque fica com dó do povo.

Agora, no pré, sabe o que a gente fazia? Como tinha mais alunos, então tinha as estagiárias que estudavam no Castelo Branco e colocava-as como auxiliares das professoras. Com isso elas aprendiam com as professoras e ajudavam a professora. Saindo, assim, do normal, com

muita experiência. Outras que já tinham se formado e não conseguiam vagas na escola e queriam experiência, ficavam como auxiliadora da professora no grupo.

SILVA: Quais os materiais que utilizavam para alfabetizar as crianças? Quando dava aula na primeira série no grupo? Cartilha, os métodos, as práticas?

MOISÉS: Tinha cartilha, mas logo passava para os livrinhos. Também havia os cartazes em sala que ajudava alfabetizar, por exemplo: colocava as gravuras, depois as letras com as frases. Não era como o ensino globalizado que vinham as frases e depois vinham partindo as palavras.

Antes eram primeiro as letras, depois as frases, mas durou pouco tempo devido à escolha do método globalizado.

SILVA: Como fazia seu planejamento de aula?

MOISÉS: Fazia em casa, anotava as dificuldades que os alunos tiveram durante a aula para no outro dia retomar o assunto de novo.

SILVA: Havia alguma ajuda na escola para o planejamento de sala?

MOISÉS: Tirava dúvidas com a diretora, com a auxiliar da diretora que também tinha sido professora.

Utilizava os livros da biblioteca do grupo, que era completa. Tanto é que tinha encadernado no tempo das outras diretoras anteriores a mim, encadernava os jornais Minas Gerais que sai tudo sobre o Estado, principalmente a parte pedagógica, da secretaria de educação.

SILVA: Como eram feitas as avaliações das crianças? Quais eram os meios usados para se avaliar?

MOISÉS: Tinha provas, ditado e redação. Havia uma avaliação de fim de semana e anotava tudo e somava com as provas.

SILVA: E a senhora era avaliada por alguém?

MOISÉS: Olha, era avaliada pelo o diretor, mas não de um modo explícito. E tinha o inspetor escolar que se encarregava dessa avaliação do professor.

O diretor fazia uma avaliação e quando tinha um problema mais sério colocava em assunto com o professor, mas isso quase não ocorria. Eu sempre pedia em reunião que o professor fosse mais calmo, humano e que visse cada aluno como seu próprio aluno.

Nas reuniões de pais pedia para eles ajudarem o professor.

SILVA: Qual o significado para você, de ter sido professora em Uberaba, cidade do interior de Minas Gerais?

MOISÉS: Significou que segui minha vocação e me realizei profissionalmente. Como professora, levei experiência para ser diretora, pois essa vivência de lecionar ajuda demais em

todos os setores da sua vida, ou seja, ajuda na sua casa, na direção porque você vive o professor e o aluno. Para ser diretor precisa passar por uma sala de aula, com isso entender o cotidiano de uma sala de aula.

SILVA: Sua família apoiou sua decisão de ser professora?

MOISÉS: Apoiou muito.

SILVA: Você participava dos desfiles e das datas comemorativas, como era? Essas datas faziam parte do currículo?

MOISÉS: A gente participava, o diretor era o líder dentro da escola. Mas cada professor seguia sua função, não de obediência, e tinha muitas professoras animadas que lideravam esses desfiles, pois o diretor tem que ter um bom relacionamento com o professor para conseguir realizar as coisas.

Deve participar de todo o movimento da escola, e vestir a camisa do professor, do aluno.

SILVA: Essas datas comemorativas faziam parte do currículo da escola?

MOISÉS: Faziam parte do currículo até aquelas que não tinham a comemoração com desfiles. Geralmente era assim, de turno para turno a não ser o 7 de setembro, no qual o grupo inteiro participava.

Aconteciam as apresentações no auditório, mas a professora começava a trabalhar em sala de aula. Normalmente cada classe ficava responsável por apresentar uma data comemorativa, mas acontecia uma discussão sobre a temática em todas as salas de aulas.

SILVA: Como foi para aposentar?

MOISÉS: Trabalhei 33 anos antes de aposentar.

SILVA: Recebeu todos os direitos?

MOISÉS: Sim, mas como cada governo muda alguma regra, tive que fazer uma opção e como a escola era de primeiro grau completo, é menor.

ENTREVISTA 4

Tema: História e Memória das professoras do Grupo Escolar Brasil: Uberaba, 1960 - 1971

NOME COMPLETO: Luiz Gonzaga Vaz Molinar

IDADE: 78 anos

Local de residência: Uberaba

Pesquisadora: Monique Adriele da Silva

ENTREVISTA

SILVA: Vamos começar com algumas perguntas sobre a sua infância. Como foram os seus primeiros contatos com a leitura e a escrita?

MOLINAR: Foi no Grupo Escolar Brasil. Naquela época íamos para a escola para o aprendizado já aos 7 anos de idade, ou seja, crecidinho.

Então lá eu gostava demais de ir para o grupo escolar, eu ia satisfeito. Lá havia muitos estímulos, as professoras eram muito atenciosas, fazia a gente ... manipular os papéis, os livros que havia, apesar de ser bem simples, mas foi meu percurso no grupo escolar.

SILVA: Você se lembra quem te apresentou a leitura e a escrita? Como era essa professora? Como ela fazia esse aprendizado em sala de aula?

MOLINAR: Olha Monique era o seguinte, naquele tempo a gente ia muito à lousa, fazia desenhos, as professoras eram muito atenciosas com todos os alunos. Não havia nada de especial.

SILVA: Era usada a cartilha nesse período em que foi alfabetizado?

MOLINAR: Eram cartilhas, mas não lembro os nomes.

SILVA: Onde você foi alfabetizado? E por quem?

MOLINAR: Foi no Grupo Escolar Brasil, desde pequenino. Não me lembro de quem era.

SILVA: Você lembra se a professora era brava? Como era sua conduta em sala?

MOLINAR: Era muito atenciosa, bonita, tinha paciência. Não me lembro, mas acho que a professora era da família Cruvinel.

SILVA: Você lembra como era o lugar da alfabetização? Como era a sala de aula? Essa aprendizagem só acontecia em sala?

MOLINAR: Justamente, era só em sala de aula. Era uma sala com muitas carteiras. Cada carteira tinha dois lugares para os alunos sentarem, havia uma tampa onde guardava o material escolar. Nesse tempo era assim, sem muitas coisas.

SILVA: Lembra-se de como eram os materiais? Escrevia muito, havia ditado?

MOLINAR: Ambas as coisas, mas me recordo que na aula de português cada dia um aluno tinha que fazer a leitura. Tinha o ditado o qual era falado um trecho e escrevíamos. Então o sistema era esse: muita leitura, muitas atividades no papel, fazia desenhos e tinha que escrever o que era, essa era a parte inicial.

Depois fomos crescendo, eu sempre gostei mais de português. Naquele tempo não se falava em matemática e sim aritmética, a geografia. Em aritmética sempre passava raspando.

SILVA: Então, eu trouxe um manual que foi feito por uma professora do Grupo Escolar Minas Gerais e quem me falou desse manual foi a professora Norma Moisés. Às vezes você se lembra das atividades.

MOLINAR: Ela é viva?

SILVA: Não, faleceu faz um ano. Quem me passou esses exemplares foi a sobrinha dela.

MOLINAR: Eram basicamente isso, os mapas, falar sobre Uberaba, os bairros da cidade, depois em que região se encontrava, fazia parte do Estado de Minas Gerais, ou seja, ia num sistema crescente. São coisas bem básicas da geografia.

Eu me recordo melhor da parte relacionamento com as pessoas, como se dá o nome para isso?

SILVA: Seria a relação mesmo com o próximo, o cotidiano...

MOLINAR: Para ser cidadão correto tinha que ser estudioso, ser camarada com as pessoas, saber os sinais do país que é a bandeira, hino nacional, escudo nacional, respeitar esses símbolos, chamavam de civismo.

SILVA: Você sabe me falar um pouco mais como era essa questão do civismo no Grupo Escolar Brasil? Como aconteciam as atividades?

MOLINAR: Tinha os desfiles, íamos uniformizados, mas bem simples. Nesses desfiles íamos carregando bandeiras e a professora bem antes explicava o que era, o seu significado do dia 7 de setembro, o amor ao Brasil e assim formava o cidadão brasileiro, o respeito aos colegas, com isso achava uma relação muito bonita.

A professora determinava quais alunos, no meu caso era higiene corporal, então verificava quais alunos estavam com os cabelos grandes e mal penteados, a orelha. A professora escolhia que o aluno de tal carteira que faria a verificação, eu me lembro que tínhamos que dedar, mas a professora explicava “olha ninguém aqui quer bater em ninguém, somos iguais e temos que ter essa higienização”. Eu era responsável pelas unhas e orelhas, com isso todo mundo tinha que por as mãos nas cadeiras e vinha olhando se as orelhas estavam sujas e as unhas bem cortadas, com isso eu falava para a professora que aluno de tal carteira está com as unhas grandes.

Assim, a professora chamava o aluno depois da aula para conversar e fazia recomendações e também dava aula de higiene corporal.

A professora sempre falava que precisávamos apresentar bem, na sociedade e para isso as roupas deveriam estar limpas e passadas, o cabelo penteado, era um modo de educar por ter crianças muito simples e sem preparo.

SILVA: Você se lembra como era essa aula?

MOLINAR: Era falado “gente para ter saúde é preciso tomar banho diário, escovar os dentes, se tiver dúvidas chamar os pais para ajudar”, mas não podíamos deixar de ir dormir sem tomar banho.

SILVA: Já havia o consultório de odontologia no grupo?

MOLINAR: Não, ainda não tinha. Foi depois da reforma que teve no grupo.

SILVA: Lembra se de como eram as avaliações desse período?

MOLINAR: Eram notas de 1 a 10 e essas distribuições de notas eram feitas através de testes. Havia uma batalha de tabuada e a sala era dividida em um grupo de meninos e meninas, com isso um ia perguntando para o outro grupo e nisso a professora fazia a avaliação para ver como estava o aluno. Tinha avaliação de conjugação de verbo. Com isso, o aluno devia sempre estar estudando porque a professora não avisava quando seriam essas batalhas de tabuada e de verbo. Era surpresa.

SILVA: Que tipo de formação você teve depois de ser alfabetizado?

MOLINAR: Fiz o primário no Grupo Escolar Brasil, no Colégio Diocesano foi o ginásio, o científico foi no Colégio Triângulo e no último ano terminei em Belo Horizonte. Voltei para Uberaba e fiz vestibular de odontologia terminei em 1964 no ano da tão revolução.

SILVA: Você sabe contar um pouco sobre esse ano revolucionário de 1964? Como foi?

MOLINAR: Eu já estava na faculdade, foi um ano muito agitado em todo país, mas nunca gostei de me envolver com política. Mas tinha colegas que gostavam de participar do centro acadêmico, até me recordo que colegas sumiram, pois estavam sendo procurados. Sempre fui, mas acomodado.

SILVA: Seu percurso escolar foi todo na zona urbana. Você sabe me contar um pouco do seu caminho para chegar até o Grupo Escolar Brasil?

MOLINAR: Eu morava aqui na Rua Arthur Machado era um caminho muito curto. Tomava banho antes de ir, meu uniforme era sempre muito limpo e minha pasta era toda engraxada. Sabe a Avenida Presidente Vargas que sai na Praça Quintiliano Jardim? Ali tinha um hospital. Ficávamos na praça conversando e tinha um sininho. Quando esse sininho tocava entrávamos na fila e as professoras ficavam na porta acolhendo os alunos. Assim, entrávamos já em fila

para a sala de aula e dentro da sala ficava em pé ainda em fila até tocar outra vez o sino para sentar.

SILVA: Agora vamos começar a falar um pouco sobre o cotidiano do grupo escolar.

MOLINAR: Eu era muito frequente no grupo, não faltava. Porque fui criado de uma forma mais rígida e com responsabilidade, o que fez muito bem para a vida.

Sempre fui muito obediente, nunca fui chamado na secretaria, pois antigamente tinha uns alunos mais farristas e eram chamados lá na secretaria. A Dona Corina era uma diretora muito firme.

Eu me recordo muito das aulas de música, ensinava o “Dó, Ré, Mi, Fá” e depois íamos cantar numa sala que tinha um pianista chamado Renato Frateschi. Gostava de desenho e geografia.

Na matéria de geografia ensinava as bandeiras dos países da América do Sul e ia formando uma mentalidade da vida no dia a dia.

SILVA: Em que ano você foi estudar no Grupo Escolar Brasil.

MOLINAR: Em 1945, comecei dia 2 de fevereiro e em julho eram férias, voltava em agosto e ia até 12 de dezembro, encerrando, assim, o ano letivo de aula.

SILVA: Você fez as 4 séries no grupo?

MOLINAR: Sim, hoje é o fundamental, antigamente falava o primário.

Tínhamos também aula de ginástica naquele tempo, era num pátio de terra. O professor que ministrava a aula era militar do tiro de guerra, ensinava a respirar, fazia a gente colocar a mão no obro dos amigos para manter uma distância uniforme de cada aluno.

SILVA: Havia a primeira comunhão no grupo? Trouxe algumas fotos.

MOLINAR: Eu fiz a primeira comunhão lá também. Foi na Igreja São Domingos. Olha as meninas todas de branquinho e os meninos de terno preto que chique! Essa primeira comunhão acontecia com uns 9 anos, já era mais crescidinho. Nossa! O uniforme era esse aqui mesmo, de short azul e camisa branca.

SILVA: Você se lembra como era o grupo escolar na sua época? Como era a estrutura física?

MOLINAR: Basicamente continua o mesmo, não mudou muito. Tinha a frente do grupo, as laterais e o fundo. Tinham as janelas enormes e as portas de entrada e saída. E havia uma sacada que tinha umas grades, já no fundo era aberto e no pátio tinha uma árvore bem bonita. Os banheiros ficavam no fundo e as salas de aulas eram seguidas uma das outras.

SILVA: Como era o espaço de lazer?

MOLINAR: Era nessa área central, isso acontecia na hora do recreio, que era a hora do lanche, das brincadeiras e para encerrar, batia o sino.

Para a realização de um evento, era passado o significado data, o porquê da sua comemoração, então ficávamos mais atentos sobre a história do Brasil, por exemplo, no dia 7 de setembro é comemorada a Independência do Brasil de Portugal, que ocorreu nas margens do Rio Ipiranga. Acho que apesar do curso ser mais simples, estava direcionado na formação da pessoa, da cidadania, de ser honesto, de obedecer às leis. Aliás, o Grupo Escolar Brasil é o mais antigo, não é?

SILVA: Sim, foi inaugurado em 3 de outubro de 1909. Mas você se lembra de como eram as salas de aula?

MOLINAR: As salas de aula eram muito arejadas e com janelas grandes e altas. Naquele tempo tinha que ficar tudo aberto, podia deixar suas coisas na sala de aula que ninguém pegava. Isso é interessante, pois te dava uma base de cidadania muito boa.

SILVA: E o espaço da biblioteca?

MOLINAR: Não me recordo, sei que íamos muito pouco lá.

SILVA: Onde ficava a secretaria?

MOLINAR: Ficava na parte frontal do grupo, onde ficava a secretaria, a diretoria, salas de reunião.

Sabe o que eu achava? Os pais não ficavam preocupados com o aluno na escola. Por exemplo, meu pai ficava mais preocupado com os negócios do trabalho, já minha mãe era quem orientava mais.

SILVA: Como aconteciam as festas, as comemorações?

MOLINAR: A diretora e as professoras eram muito católicas e tinham muita fé. Então aconteciam muitas festas religiosas, como a primeira comunhão, que era muito festejada. Aconteciam essas comemorações sempre aos domingos. As festas aconteciam sempre naquele pátio central.

Naquele tempo a professora que queria colocar a menina ou o menino de castigo, como dentro da sala de aula eram separados os meninos de um lado e as meninas de outro, a professora colocava o menino para sentar com a menina. Aquilo era uma vergonha.

SILVA: Você participava de festas, como a festa junina? Havia alguma obrigação dos alunos?

MOLINAR: Não era obrigado a dançar. Já o desfile de 7 de setembro era obrigatório. Uma vez fui de enfermeiro, mas queria ir com a bandeira do Brasil. Não fui escolhido porque tinha um aluno maior.

SILVA: Mas você participava dessas comemorações?

MOLINAR: Eu participava de todas, mas não participava daquelas que tinha que declamar poesias. Tinha muita vergonha. Quando a professora me chamava para ir na frente da sala para tomar leitura ou resolver problemas de aritmética, para mim era uma tortura.

Na sala de aula meu lugar era sempre do meio para frente, pois minha mãe falava: “A professora na aula é uma autoridade e você precisa ficar atento no que está sendo falado”.

SILVA: E como aconteciam esses ensaios para as comemorações?

MOLINAR: Por exemplo, para o ensino de desfile, fazíamos pequenos batalhões e ensaiava no pátio mesmo. Colocávamos a mão no ombro do colega para manter uma distância e ficarmos alinhados. Não havia a mistura de meninos e meninas. Havia um respeito à bandeira que hoje não tem.

SILVA: O recreio também era separado?

MOLINAR: Não, mas tínhamos o âmbito de ficar separados.

SILVA: No desfile era obrigatória a participação de todos, mas nas outras festividades não?

MOLINAR: Isso, mas acabávamos indo para assistir.

SILVA: Quais os materiais que a professora utilizava para dar aula?

MOLINAR: Levávamos lápis, lápis de cor, caderno de caligrafia e todos os cadernos. Tínhamos aula de tudo todos os dias, então levávamos todos os cadernos.

Gostava muito de fazer caligrafia. Antigamente os cadernos de aritmética eram todos com quadrinhos para colocar os números, e outro para fazer desenhos geométricos.

SILVA: Você foi alfabetizado no esquema do “Ba, Be, Bi, Bo, Bu” ou era de outra forma?

MOLINAR: Era assim, começávamos aprendendo o A, E, I, O, U. Primeiro a professora fazia a letra cursiva e depois a de forma.

SILVA: O senhor possui algum caderno ou algum registro desse período?

MOLINAR: Não, infelizmente.

SILVA: Lembra como era o quadro?

MOLINAR: O quadro negro? Tinha um tamborete grande madeira onde ficava o quadro e ele era preso com parafuso. De cor preta e embaixo ficavam os gizes.

SILVA: Você lembra se tinha alguma premiação para os alunos?

MOLINAR: Sim, até era a diretora que fazia. Ficava o corpo docente na frente e o aluno com mais destaque era chamado na frente pela diretora. A qual falava que você ganhou uma menção de honra por isso e isso.

Uma vez eu recebi, mas foi porque não faltava de aula.

SILVA: Tem uma questão sobre o caixa escolar. Você se lembra do seu pai ou sua mãe enviar algum dinheiro para a escola?

MOLINAR: Sim, todo mês mandava um dinheiro para o grupo, mas não era muito. Para ajudar na compra dos materiais, na merenda.

SILVA: Você se lembra de como eram as avaliações?

MOLINAR: Tinham as chamadas provas finais que aconteciam antes de entrar de férias em julho e dezembro. E somava as duas notas e faziam a média para passar de ano.

SILVA: Como acontecia a entrega do diploma da 4º série primária?

MOLINAR: Era simples, íamos de uniforme, cantava o hino nacional, com isso falava o nome do aluno para receber o diploma. E iam nessa cerimônia algumas autoridades prestigiar a entrega do certificado.

SILVA: E a hora cívica? Como era?

MOLINAR: Cantava o hino nacional, o do Grupo Escolar Brasil, o da Bandeira. Acontecia toda semana. E os alunos que destacavam no canto eram separados dos demais.

SILVA: Como eram as aulas de português?

MOLINAR: Da língua Pátria? Sempre tinha que estudar, pois havia muito ditado de frases variadas e depois a professora fazia as correções com caneta vermelha, por exemplo, se você escrevia festival com “u” ela vinha com a caneta vermelha e colocava a letra “l” por cima. Tomava leitura na frente de todo mundo, morria de vergonha.

SILVA: Você me falou que durante o período da aula tinha todas as disciplinas, era quanto tempo de aula?

MOLINAR: Começava às 13:00, tinha o intervalo para o lanche, e terminava às 17:00.

ENTREVISTA 5

Tema: História e Memória das professoras do Grupo Escolar Brasil: Uberaba, 1960 - 1971

Nome Completo: Wadi Cury Mauá

Idade: 76 anos

Local de residência: Uberaba

Pesquisadora: Monique Adriele da Silva

ENTREVISTA

SILVA: Como foram seus primeiros contatos com a leitura e a escrita?

MAUÁ: Foi no Grupo Escolar Brasil. Eu me lembro de um livro. Já até procurei em vários lugares, chamava “Tecendo sonhos”, mas nunca o encontrei. Até achei o nome do autor e se fizerem o filme desse livro será espetacular.

SILVA: Quem te apresentou a leitura e a escrita no grupo?

MAUÁ: Como minha irmã estudava, eu pegava o livro dela e começava a folhear. Sentava numa cadeira de balanço para ficar olhando os livros, depois encontrei pela casa um livro sobre Nossa Senhora de Fátima, mas acabou desaparecendo também, pois mudávamos muito de casa.

SILVA: Onde você foi alfabetizado?

MAUÁ: Através do grupo escolar mesmo, mas antes de estudar no Grupo Escolar Brasil frequentei algumas escolinhas, porém não me lembro mais. Depois passei para o grupo. Foi quando comecei a me interessar sobre ler e escrever.

SILVA: Você se lembra desse lugar onde começou a estudar?

MAUÁ: Não me lembro. O lugar nem existe mais. Inclusive vou te contar uma história: éramos eu, meu primo, meus dois irmãos, que estudávamos numa escola no bairro e a professora era muito brava. E eu, na minha inocência, a professora perguntou “Quem quer bolo?” Eu e mais uns alunos pedimos o bolo, mas esse bolo era uma régua. A professora abria a mão da gente e batia. Esse era o bolo que ganhávamos.

Isso acontecia na inocência porque a gente é menino novo e não tem malícia. Essa professora me deu um bolo, mas era um bolo diferente era reguada na palma da mão.

SILVA: Então o bolo era uma reguada?

MAUÁ: Sim, meus primos e meu irmão a professora colocava ajoelhados no grão de milho.

SILVA: Você sabe falar sobre os materiais que eram utilizados?

MAUÁ: Na época que estudava no Grupo Escolar Brasil era matemática, português, geografia, história, mas não me lembro de mais nada. Tinha um caderno de caligrafia.

Então era interessante o ensino, mas acabei passando uns apertos com as provas. Tinha umas provas escritas e outras orais, porém acabava vacilando muito porque não guardava bem as matérias de geografia e de história.

SILVA: Já que você falou sobre a disciplina de geografia vou te mostrar esse manual que encontrei. Segundo a professora Norma, utilizava-se muito em sala de aula.

MAUÁ: Eu entrei no grupo no terceiro ano primário, mas fui reprovado no primeiro ano.

SILVA: Espera, você entrou no grupo na 1º série?

MAUÁ: Sim, entrei na 1º série e fiquei até a 4º série, mas repeti a 3º série. Depois tinha uma tal de 5º série de admissão. Era para você passar para o ginásial na época.

Quando entrávamos na sala tínhamos que ficar de pé, pois rezávamos o pai nosso e a ave Maria e antes de ir embora também tinha que rezar.

As professoras do grupo eram mais atenciosas, mas eram bravas.

SILVA: Você se lembra das condutas das professoras no grupo? Tinha essa questão de levar bolo, do castigo?

MAUÁ: Não lembro, mas acho que esse procedimento já não existia mais.

Inclusive na 3ª série, quando estava repetindo o ano, estava mal na disciplina de geografia e história, a professora Maria de Lurdes me chamou em separado e falou assim: “Você estuda essas duas matérias, prepare para a prova, pois está mal e não vai passar de ano” e consegui passar. Agora, a professora da 4ª série, eu não lembro dela.

SILVA: Como eram as avaliações desse período?

MAUÁ: Tinha as provas, tinha boletim. Quando era vermelho significava que era péssimo. O mínimo para obter nota azul era 5.

SILVA: Conversando com as professoras, me informaram que as salas eram separadas por níveis e nota. O senhor lembra se havia essa divisão?

MAUÁ: Não lembro. Às vezes até acontecia e a gente não notava

SILVA: Qual o tipo de formação que teve depois de ser alfabetizado?

MAUÁ: Fiz o primário no Grupo Escolar Brasil, depois fui fazer o básico na Escola José Bonifácio, durante 3 anos, que era contabilidade, assim dei continuidade no curso de contabilidade.

SILVA: O seu percurso escolar sempre foi na zona urbana?

MAUÁ: Sim.

SILVA: Qual a sua formação além de técnico em contabilidade, você chegou a fazer curso superior?

MAUÁ: Sim, fiz em Ribeirão Preto na Faculdade Moura Lacerda de administração.

SILVA: Em que ano você foi estudar no Grupo Escolar Brasil?

MAUÁ: Em 1950 até 1955. Com treze anos repeti a terceira série.

SILVA: Você fez as quatro séries no grupo?

MAUÁ: Sim.

SILVA: O acesso ao grupo escolar era fácil ou difícil? Conte-me um pouco como era sua ida de casa até chegar ao grupo escolar.

MAUÁ: Eu moro perto do grupo, então não tinha dificuldade. Eu saía da Rua 15 de novembro pegava, às vezes a rua Pires de Campos que é a debaixo e ia caminhando até o grupo.

SILVA: Mas como era esse caminho? Já tinha muitas casas?

MAUÁ: Em frente ao Grupo Escolar Brasil tinha um cinema chamado cine Royal, hospital Beneficência Portuguesa, o Instituto dos Cegos. Era um bairro mais nobre da cidade e bem movimentado.

SILVA: Sabe me falar como era o grupo escolar na sua época?

MAUÁ: O prédio continua o mesmo, as salas eram todas organizadas, tinha as zeladoras que cuidavam. A questão de horário era muito severo. O grupo escolar era muito limpo e bem cuidado.

SILVA: Como era o espaço de lazer do grupo?

MAUÁ: Tinha um pátio e nas laterais as salas de aula, e a secretaria de frente para o pátio.

SILVA: Tinha biblioteca nesse tempo?

MAUÁ: Não lembro.

SILVA: Você se lembra das festas, das comemorações?

MAUÁ: O corpo docente era tudo católico, se dedicavam muito à parte da religião. Era comemorado o dia da árvore, 15 de novembro, 7 de setembro.

No dia do desfile de 7 de setembro eu marchava pelo grupo na rua.

SILVA: Como aconteciam os ensaios para os desfiles?

MAUÁ: A professora falava que teria um desfile de 7 de setembro e que nós, alunos, tínhamos que marchar. Toda a escola participava.

SILVA: Quais os materiais que a professora utilizava para dar aulas? Como aconteciam as aulas?

MAUÁ: Dessa parte não me lembro.

SILVA: Você foi alfabetizado no método “BA, BE, BI, BO, BU”?

MAUÁ: Foi isso aí mesmo.

SILVA: Você se lembra das atividades dadas em sala de aula?

MAUÁ: Tinha dever de casa, não me lembro de mais nada.

SILVA: Você se lembra de como eram essas práticas? Por exemplo, quando fosse trabalhar os conteúdos de ciências tinha experimentos em sala de aula ou lembra-se de escrever muito?

MAUÁ: Na maioria das vezes eram feitos ditados, ou seja, a professora ia falando e os alunos anotando no caderno. Depois era corrigida a ortografia e esses ditados eram feitos em cadernos de duas linhas.

SILVA: Eu trouxe um livro de poesias, que consegui com a professora Margarida Mariano, que era utilizado em sala de aula. Às vezes você lembra-se de alguma poesia.

MAUÁ: Não lembro.

SILVA: Você lembra-se da questão da leitura?

MAUÁ: Pedia aos alunos para lerem sempre, essa leitura era feita em sala de aula mesmo.

SILVA: Como era o quadro nesse período? A sala de aula?

MAUÁ: O quadro era preto, as carteiras eram mais antigas e fica enfileirada.

SILVA: Você lembra-se das avaliações da professora?

MAUÁ: Era prova escrita e oral. A prova oral acontecia dessa forma: a professora mandava ficar em pé um determinado aluno e fazia as perguntas. Eram de todas as matérias. A gente decorava tanta coisa, tantas datas.

SILVA: Além do ditado, das provas. Por exemplo, você falou que mandava muito tarefa como era feita essa correção?

MAUÁ: Por exemplo, ela colocava a atividade no quadro e depois passava corrigindo. Além de ter batalhas sobre cada grupo, fazia uma pergunta para o outro grupo acontecia em todas as disciplinas.

SILVA: Você se lembra de o que acontecia com relação à higiene? Tinha inspeção?

MAUÁ: Dessa parte eu não lembro. Lembro que tínhamos que tomar banho antes de ir para aula, o sapato engraxado, o uniforme bem limpo, cabelos arrumados. E se tivesse algo errado, era cobrado.

SILVA: Lembra-se dos movimentos cívicos?

MAUÁ: O hino era cobrado, além de saber, tinha que ser colocado em prática. Tinha que saber o hino da bandeira, nacional, do grupo escolar Brasil.

SILVA: Como era a disciplina do aluno?

MAUÁ: Era rígida.

SILVA: Como aconteciam as aulas no decorrer do dia?

MAUÁ: Era normal, entrava na sala e rezava. Tinha que estar atento às aulas. Havia um horário para entrar e sair quando o sino batia. Tinha todas as disciplinas no mesmo dia.

ENTREVISTA 6

Tema: O percurso institucional da disciplina "História da Educação" em Minas Gerais e o seu ensino na Escola Normal Oficial de Uberaba (1928-1970)

NOME COMPLETO: Hermantina Riccioppo

IDADE: 92 anos

Local de residência: Uberaba

Pesquisadora: Rosângela Maria Castro Guimarães

ROSÂNGELA MARIA CASTRO GUIMARÃES: Hoje é dia 16 de junho de 2016. Eu estou na residência de Dona Hermantina pra conversarmos a respeito da Escola Normal Oficial de Uberaba, que funcionou de 1928 a 1938. Dona Hermantina, o nome da senhora completo, qual é?

HERMANTINA RICCIOPPO: Hermantina Riccioppo, com dois cês e dois pês.

GUIMARÃES: E quantos anos a senhora tem, ou melhor, quando a senhora nasceu?

RICCIOPPO: Bom, eu vou falar: 06 do 02 de 1919. Eu tenho 92 anos.

GUIMARÃES: Dona Hermantina, eu gostaria que a senhora me contasse como que era o ensino na Escola Normal, na época que a senhora estudou lá.

RICCIOPPO: O ensino era completamente diferente de onde eu vim (Ela veio do Colégio das dominicanas: Colégio Nossa Senhora das Dores). Enquanto lá, nós tínhamos livros para estudarmos; era marcado tal ponto, você tinha que decorar aquilo normalmente pra poder falar. Na Escola Normal era o contrário: Nós não tínhamos livros, assistíamos às aulas e depois, éramos conduzidas à biblioteca, já em grupos formados, para pesquisarmos nos livros que o professor tinha indicado e formarmos os pontos. As nossas aulas eram todas nesse tipo de ensino. Tudo assim!

GUIMARÃES: Então, isso quer dizer que primeiro o professor fazia uma exposição ...

RICCIOPPO: da aula..., ele dava aula, depois indicava os livros. Nós íamos a biblioteca procurar os livros e formar o ponto pra estudar.

GUIMARÃES: Portanto, vocês faziam uma pesquisa?

RICCIOPPO: Antes de fazermos o ponto.

GUIMARÃES: Aí, depois de feito esse ponto, retornava no professor e ele lia, falava que estava bom?

RICCIOPPO: Ele lia, organizava, tirava uma parte que nós tínhamos completado, às vezes, que não fazia parte daquilo que ele estava indicando, entendeu? E assim que nós aprendíamos.

GUIMARÃES: E depois, as provas?

RICCIOPPO: Também era feita dessa maneira. Perguntas feitas pelo professor de acordo com aquilo que nós tínhamos pesquisado.

GUIMARÃES: As provas eram só escritas ou havia outro...

RICCIOPPO: Escritas. As aulas eram todas faladas. Nós, reclamávamos, fazíamos perguntas, indagávamos o que queria, mas na hora da prova... era a prova, e acabou!

GUIMARÃES: E aí, então vocês tinham, vamos dizer assim, um convívio muito grande com a biblioteca?

RICCIOPPO: Com a biblioteca. Coisa que nós não conhecíamos lá no Colégio Nossa Senhora das Dores, de onde eu vim.

GUIMARÃES: Pelo que a senhora está dizendo, no (Colégio) Nossa Senhora das Dores cada um tinha o seu livro...

RICCIOPPO: É para estudar!

GUIMARÃES: Certo!

RICCIOPPO: E na minha época era Carlos Góes, não me esqueço. O livro chamava Carlos Goés, era primeiro ao quarto ano primário e depois em diante eram só as mesmas coisas, não tinha outra, não mudava nada, nada!

GUIMARÃES: Portanto, quando a senhora foi pra Escola Normal sentiu diferença?

RICCIOPPO: E grande! Mas muito mais aliviada, muito mais ... Como é que vou chamar? Aconchegante, por que você discutia com o colega, discutia com o professor, discutia com todo mundo, aquilo que você tinha procurado e que você tinha achado e que o professor não tinha dado. Então era uma troca que nós fazíamos.

GUIMARÃES: Portanto, havia assim, uma construção...?

RICCIOPPO: De tudo! Tudo aquilo que nós aprendemos na sala de aula com o professor e ampliando na biblioteca.

GUIMARÃES: Muito interessante! Essa maneira de estudar estava de acordo com a proposta da escola nova na época, não é?

RICCIOPPO: Na época que ninguém sabia disso e fazia isso (quer dizer dessa maneira que ela explicava). Porque o ensino (até então) era quadrado. Era aquilo que você aprendia e acabou!

GUIMARÃES: Essa escola então trouxe gosto pelo estudo?

RICCIOPPO: Ah, outra maneira de vida! Mudou completamente.

GUIMARÃES: E a senhora me disse, ainda a pouco, que havia também aulas fora da sala de aula, vocês faziam visitas aos lugares?

RICCIOPPO: Fora, tinha. Eu não te falei que a psicologia, no curso de aplicação, nós tínhamos mais aulas dentro lá, do Hospital das Crianças, de psicologia com o Doutor Paulo Rosa, que era uma beleza.

GUIMARÃES: E lá, ele fazia uma espécie de uma aula prática?

RICCIOPPO: Prática. Juntos, mostrava as meninas..., menininhas: “Essa tem esse problema, essa aquele problema. Nós temos que estudar pra consertarmos ou mudarmos o problema dessa menina” porque senão ela não vai aprender, a viver.

GUIMARÃES: Muito interessante! Então, vamos dizer, ele queria uma mudança?

RICCIOPPO: Uma mudança completamente!

GUIMARÃES: Havia uma preocupação na hora do ensino com a prática que vocês iriam realizar no futuro.

RICCIOPPO: No futuro, é! Porque quando nós íamos pra sala de aula, quando eu comecei: eu me formei em 37; e, em janeiro de 38 já estava trabalhando.

GUIMARÃES: E a senhora levou esse aprendizado pra sala de aula?

RICCIOPPO: Levei pra sala de aula. Por que, interessante, que quando eu entrei lá na Escola Raul Soares que era na Praça Dom Eduardo, ali era um mato puro, sem mistura. Não tinha onde você passar, a não ser buraco e gente dormindo em buraco. Hoje é uma beleza, mas na minha época, quando comecei a lecionar, lá era desse jeito. E os alunos iam descalço, não tinham roupas direito, beberões. Iam (mas) na época do plantio sumiam todos, na época da colheita sumiam todos. Era um período que eles iam. Então você tinha que cultivar, não só a família, como os alunos pra vir pra sala de aula.

GUIMARÃES: E aí a senhora tinha adquirido conhecimento suficiente pra poder lidar?

RICCIOPPO: Pra poder lidar com esse tipo de gente. Nós íamos de casa em casa conversar com os pais, conversar com os alunos pra eles virem pra sala de aula. E eram alunos de sete anos com alunos de catorze, juntos na sala de aula, que não sabiam ler ainda. Era muito difícil, viu, não é nada fácil não.

GUIMARÃES: E quando, a senhora fez o Normal, que a senhora terminou o noral de primeiro grau, a senhora teve prática profissional?

RICCIOPPO: Nós fazíamos isso lá no Grupo Escolar Brasil.

GUIMARÃES: Então não tinha classes anexas na Escola Normal?

RICCIOPPO: Não, não tinha. (Mas depois se corrigiu): Tinha classes anexas. Nós dávamos aula lá e íamos lá ao Grupo Escolar Brasil que era a única escola, que tinha. Aquelas escolinhas particulares não admitiam que a gente fosse, sabe?

GUIMARÃES: O Grupo Brasil era o único grupo escolar da cidade?

RICCIOPPO: Era o único, é.

GUIMARÃES: E nessas classes anexas da Escola Normal?

RICCIOPPO: Lá o ensino era diferente, era diferente, era do mesmo tipo do nosso, a mesma coisa, não mudava em nada. Era muito elevado naquela época. Se tivesse continuado seria uma maravilha, viu. Não sei, deve ter continuado porque a Célia (trata-se de uma irmã da entrevistada) lecionou muito tempo. Ela lecionou de 1951 a 1972.

GUIMARÃES: É, mas me parece que quando reabriu a Escola Normal, ela não reabriu com esse ânimo da época da senhora...

RICCIOPPO: Não, não...!

GUIMARÃES: E dessa escola que fechou em 37 ...

RICCIOPPO: ...fechou em 38...

GUIMARÃES:... fechou em 38, mas em 37 foi a última turma.

RICCIOPPO: Foi, foi a última turma.

GUIMARÃES: Então, ela reabriu um pouco menos avançada; eu tenho essa impressão, pois não tinha assim esse ritmo.

RICCIOPPO: Então, tira, tira isso aqui (apontou para o gravador pedindo para desligá-lo, pois certamente queria contar algo que não gostaria que fosse publicado). Depois eu te falo o porquê.

GUIMARÃES: (Mas não desliguei e disse): Nos podemos falar, depois eu corto na hora que eu trazer pra senhora. (Referia-me ao momento de levar-lhe a transcrição desta entrevista para obtenção de sua autorização, ou seja, nessa ocasião ela poderia colocar as censuras que desejasse).

RICCIOPPO: Bom, quando eu comecei a lecionar, foi na Escola Municipal Raul Soares. Com o fechamento da Raul Soares e da Alvor Prata, eles abriram o (Grupo Escolar) Minas Gerais. Então, todas as professoras foram para o Grupo Escolar Minas Gerais, na mesma época, que eles fecharam. Bom, agora o ensino vinha todo de lá, de Belo Horizonte, completamente distorcido da nossa realidade, por enquanto, por exemplo, o primeiro ano estuda a cidade da criança, e globalizando tudo, além da cidade vinha as ciências que eram conduzidas dentro do período da criança; depois, no segundo ano, o município; nós não tínhamos nada sobre o município, vinha tudo de Belo Horizonte, vinha tudo de São Paulo. Agora, quem que organizava tudo isso? Não conhecia nada do programa, não conhecia nada da realidade de nenhuma cidade. Na época era muito difícil obter livros didáticos. Ciente de que no Rio Grande do Sul havia uma revista pedagógica, solicitei sua assinatura e fui atendida

e, por meio dela, adquirir mais conhecimento que facilitou o desempenho de meu trabalho como professora.

GUIMARÃES: Porque, eu li lá na dissertação do Plauto, que a senhora foi autora de livro didático. Quer dizer que o livro que a senhora escreveu tratava sobre a região, aqui?

RICCIOPPO: A região, entendeu? E globalizei com ciências e com moral e cívica e tudo.

GUIMARÃES: O que a senhora chama agora de globalizar a gente chama hoje de interdisciplinaridade. (Mas, na verdade, eu também usei um termo não tão adequado, vendo depois a obra de Dona Hermantina percebi que se trata de um livro onde os conteúdos são integrados e não propriamente interdisciplinares).

RICCIOPPO: Isso é a mesma coisa, é isso aí!

GUIMARÃES: Então, os programas vinham de Belo Horizonte e ...

RICCIOPPO: E vinham as provas. Vinham provas assim: “Qual é o passarinho que canta desse jeito assim, assim?”

GUIMARÃES: E esse passarinho, por aqui não tinha? Aqui tinha outo?

RICCIOPPO: Não! Prova de passarinho! O que é isso?! Ah, não! Pelo amor de Deus! (risos).

GUIMARÃES: Esse livro didático que a senhora produziu, a senhora ainda tem exemplares dele até hoje?

RICCIOPPO: Tenho, tenho minha coleção... Meu arquivo inteirinho.

GUIMARÃES: Ah, depois a senhora poderia permitir que visse?

RICCIOPPO: Posso. A Luzia até levou outro dia. Deixa-me ver se pego. Eu tenho poucos... (E levantou-se e encaminhou-se para outro cômodo da casa).

GUIMARÃES: Eu vou desligar enquanto a senhora vai lá. (Voltou logo em seguida com dois manuais escolares, que abri e passei os olhos por algumas páginas aleatoriamente, mas em busca de ter uma percepção geral das oras. Depois dessa rápida folheada tornei a ligar o gravador e dei continuidade em nossa conversa).

GUIMARÃES: Dona Hermantina, depois de folhear o material que a senhora me trouxe, eu tenho uma observação e, vamos ver se a senhora concorda comigo: A senhora produziu esse material ou, foi capaz de produzir, graças ao ensino que a senhora obteve na Escola Normal?

RICCIOPPO: Foi, foi.

GUIMARÃES: Porque lá a senhora aprendeu a pesquisar...

RICCIOPPO: É.

GUIMARÃES: ... aprendeu a trabalhar com a construção do conhecimento...

RICCIOPPO: A procura do conhecimento. Porque isso aí, manda o menino procurar tudo isso pra por aqui dentro desse envelope (mostrou o interior do manual escolar), tudo que ele encontrava sobre a cidade, punha dentro desse envelope aqui (Se trata de um envelope existente dentro da encadernação da obra, para armazenar documentos coletados pelo aluno). As excursões que nós fazíamos, aonde nós íamos, pra ver como que era o lugar, entendeu? O que Uberaba tinha; as festas que faziam, as organizações que eles produziam na Câmara; qualquer coisa, punha tudo ali dentro daquele envelope que eu mandei, que eu dei aí.

GUIMARÃES: Portanto era um ensino bastante concreto?

RICCIOPPO: Concreto e pesquisado.

GUIMARÃES: Agora, a senhora me disse que a senhora leu a Revista do Ensino, lá do Rio Grande do Sul. A senhora não conhecia a *Revista do Ensino* do estado de Minas?

RICCIOPPO: Não. Nunca tivemos conhecimento da existência da Revista do Ensino em Minas Gerais.

GUIMARÃES: A senhora acha então que a política interferia muito na educação?

RICCIOPPO: Muito, muito, muito. Era o ponto quatro que dava, que dominava dentro da Secretaria de Educação de Minas Gerais.

GUIMARÃES: E quando a senhora fala “ponto quatro”, me esclareça melhor, porque eu não tenho muito conhecimento sobre isso.

RICCIOPPO: Ponto quatro são os Estados Unidos intervindo no ensino aqui dentro.

GUIMARÃES: E aí, então, voltando à questão...

RICCIOPPO: Mas não vai por isso não, não é?

GUIMARÃES: Não, não, a gente depois...

RICCIOPPO: Você tira.

GUIMARÃES: ... a gente corta, porque eu vou usar o que a senhora permitir que eu faça uso.

RICCIOPPO: Porque isso é meio perigoso.

GUIMARÃES: Não, hoje em dia a gente tem liberdade de expressão

RICCIOPPO: Tem nada. Você está enganada.

GUIMARÃES: Ah, não. Mas eu acho que dentro de uma universidade, um trabalho do tipo que eu faço, há sim. E depois, na idade da senhora ... Eu já acho que na minha idade eu posso dizer bastante coisa que eu penso, na da senhora então, é uma que poder dizer mais.

RICCIOPPO: É

GUIMARÃES: Mas voltando à questão do ensino na Escola Normal. A senhora me disse que, tinha as aulas expositivas, o trabalho na biblioteca pra composição dos pontos, tinha o

professor de psicologia que levava até o Hospital da Criança pra mostrar os problemas das crianças. E excursões, vocês também fazem?

RICCIOPPO: Fazíamos muitas excursões, com os alunos. Nós fazíamos muitas e nós também fazíamos.

GUIMARÃES: E então, na Escola Normal vocês faziam excursão? E a senhora como professora, depois fazia excursão?

RICCIOPPO: Fazia excursão. A mesma coisa. Por exemplo, esse livro aqui, quer saber como é que o menino chegava à escola; só através de uma excursão que você vai saber, depois ele desenhava como chegava na escola.

GUIMARÃES: O mapa, o caminho...?

RICCIOPPO: É o caminho, tudo, as ruas que ele passava.

GUIMARÃES: Então, e na Escola Normal, a senhora lembra-se de algumas excursões que vocês fizeram?

RICCIOPPO: Uma que eu gostei muito foi quando nós fomos no aeroporto esperar o Monteiro Lobato, que ia chegar de avião, isso foi em 37. Essa, eu não me esqueço nunca. A hora que ele desceu do avião pra nos cumprimentar, sabe?

GUIMARÃES: E vocês liam a obra de Monteiro Lobato?

RICCIOPPO: É lógico.

GUIMARÃES: Então foi assim uma emoção...

RICCIOPPO: É. Não teve...

GUIMARÃES: ...de conhecer o autor...

RICCIOPPO: É.

GUIMARÃES: E também, o próprio avião, não é?

RICCIOPPO: É, e logo em seguida ele faleceu.

GUIMARÃES: Ah...

RICCIOPPO: Interessante, viu?

GUIMARÃES: Eu não sei quando ele faleceu.

RICCIOPPO: Eu também não me lembro não, mas foi logo depois...

GUIMARÃES: A questão da biblioteca da Escola Normal: então, tinha livro para o estudo; manuais didáticos, e tinham livros de literatura?

RICCIOPPO: Tinha de tudo quanto era tipo. Era uma biblioteca impecável, imensa. Dizem, entre aspas (e num gesto como a pedir sigilo também) que ficou com ela foi o Mário Palmério. Quem levou a biblioteca.

GUIMARÃES: Eu já tive essa informação também. Eu até liguei ontem lá na biblioteca atual da UNIUBE...

RICCIOPPO: Não vai por isso não!

GUIMARÃES: Não, depois nós cortamos, pode deixar!

RICCIOPPO: Até te conto, porque, toda vez que tinha reunião lá, contra os professores, era tudo aqui dentro de casa, porque a Escola Normal era onde hoje está o antigo Regina Hotel e aquele outro terreno vago lá, vago não. (Ela quer dizer que, muitas reuniões ocorriam em sua casa, porque a Escola Normal era próxima de sua residência).

GUIMARÃES: Onde tem o estacionamento?

RICCIOPPO: Não, não é o estacionamento não. Aquele que tem o ... Como é que chama?

GUIMARÃES: O laboratório?

RICCIOPPO: O laboratório. Ali, eram dois prédios altos, assobradados, que era a Escola Normal.

GUIMARÃES: E as condições, assim da escola, eram boas ou eram ruins, em termos de construção e do espaço?

RICCIOPPO: Muito ruim; muito ruim. Era dois prédios, altos, dois andares, o primeiro e o segundo e, no segundo, eram as salas de aula, mas muito aconchegante, viu, porque o pátio, o terreno ia pra lá da Avenida Leopoldino de Oliveira. Não tinha, não tinha a Leopoldino de Oliveira e não tinha a Major Eustáquio, que descia naquela época. Não existia.

GUIMARÃES: Então, dois prédios, um espaço grande, tipo vamos dizer, um quintal?

RICCIOPPO: É, e a Célia Rodrigues de Cunha foi fazer um curso de ginástica fora. Nós fazíamos, então, muita ginástica, muitos jogos, muitas coisas pra nós nos divertirmos. Tudo! Tinha de tudo lá. O que não tinha nas outras escolas, lá tinha, sabe?

GUIMARÃES: Então a educação física dava recreação, lazer e esporte?

RICCIOPPO: Lazer e esporte; tinha de tudo.

GUIMARÃES: Como que era o horário de aula nessa Escola Normal que a senhora estudou, na Escola Normal oficial?

RICCIOPPO: Era normal, por exemplo, se eu ia de manhã, era até as onze horas da manhã; das sete às onze. As outras iam do meio-dia até as quatro ou no mais tardar até as cinco horas da tarde. A mesma coisa de hoje, não tinha diferenças.

GUIMARÃES: Mas aí, vamos dizer vocês ficavam o dia inteiro por conta da escola? De segunda até no sábado?

RICCIOPPO: Da escolar, é. De segunda até sexta feira.

GUIMARÃES: Educação física fazia com que roupa?

RICCIOPPO: Tinha a roupa especial para educação física. Tinha aquele o short que nós usávamos.

GUIMARÃES: O short largo...?

RICCIOPPO: Sim, nós íamos lá no Campo do Uberaba Esporte, lá no...

GUIMARÃES: Boulanger Pucci?

RICCIOPPO: No Boulanger Pucci. Tinha a Anita Rosa, que era professora, vinha com salto desse tamanho, quebrava salto. Era um horror!

GUIMARÃES: Ou era uma festa?

RICCIOPPO: Era uma festa.

GUIMARÃES: Vocês se divertiam também?

RICCIOPPO: Pois é.

GUIMARÃES: Então a senhora ficou com muito boas lembranças dessa Escola Normal em que estudou

RICCIOPPO: Pra lá de boas lembranças. Muito boas mesmo.

GUIMARÃES: É porque ela deu espécie de um modo de viver, assim, um encaminhamento...

RICCIOPPO: Mudou completamente a diretriz da vida da gente. Porque se você é quadradinha, pra fazer uma coisa: você sai desse lugar quadrado e tem um leque na sua frente, você muda completamente, você vive outra vida, é outra pessoa. É, tanto que quando nós nos formamos a família contra o meu pai.

GUIMARÃES: Por quê?

RICCIOPPO: Porque nos pôs pra trabalhar. Era proibido: mulher trabalhar, fora.

GUIMARÃES: Dona Hermantina, então a senhora foi uma mulher que trabalhou vários anos fora como professora?

RICCIOPPO: Trabalhei.

GUIMARÃES: E, isso significa que a senhora pegou um momento em que a vida da mulher era completamente diferente de hoje?

RICCIOPPO: Completamente, completamente.

GUIMARÃES: Porque além de não poder trabalhar, a senhora disse também, mulher não podia nem...

RICCIOPPO: Votar.

GUIMARÃES: E mulher que trabalhava fora nem era bem vista.

RICCIOPPO: É. Depois nós éramos chamadas constantemente pra fazermos o papel de secretárias das eleições; mais tarde, quando nós começamos a votar.

GUIMARÃES: Então significa que a escola atualizou vocês e jogou vocês pra frente em relação ao modo de vida daquela época?

RICCIOPPO: É. A época ainda não tinha chegado aonde nós já estávamos chegando há muito tempo, já tínhamos chegado há muito tempo, pela Escola Normal. Você viu, a evolução dela foi muito maior do que o todo.

GUIMARÃES: Os costumes da sociedade local...

RICCIOPPO: É..., do Brasil inteiro. Porque no Brasil inteiro não se votava naquela época.

GUIMARÃES: Ah, é verdade!

RICCIOPPO: Naquela época não se votava.

GUIMARÃES: Então, mas a senhora falou que na escola havia muita interferência política, infelizmente escola é um lugar que...

RICCIOPPO: Teve! Fechou por causa da política.

GUIMARÃES: A senhora atribui à política?

RICCIOPPO: À política, não teve como jeito, foi a política.

GUIMARÃES: Mas de que forma a senhora vê isso assim, é..., a política local em confronto partidário com a política do estado?

RICCIOPPO: Porque o Fernando Magalhães era professor, diretor e foi tirado pra por uma política do governo na direção da escola e os alunos não receberam aquilo como um presente e fecharam a escola.

GUIMARÃES: E vocês se manifestara?

RICCIOPPO: Contra. Fizemos o enterro de quem foi nomeado no lugar dele, que foi o Abel Reis. E o Abel Reis deixou, o Mário Palmério entrou, e nós fizemos o enterro do mesmo jeito e fechamos a escola

GUIMARÃES: E quando a escola fechou, foi fechada pelo governo em 38, ele tinha muitos anos?

RICCIOPPO: Tinha. Imensamente cheia, tinha muitos alunos em 38.

GUIMARÃES: Na turma da senhora eram quantos? Quantos alunos, ou só alunas?

RICCIOPPO: Interessante, que até o quarto ano primário, até a adaptação, sempre teve muitos alunos, mas chegava na parte do preparatório pra todos decaía. Nós chegávamos a ser 30, no final nós formamos em 12.

GUIMARÃES: Formaram em 12, no Normal de primeiro grau, aí a senhora começou o curso de aplicação?

RICCIOPPO: Com cinco, só.

GUIMARÃES: Mas aí, infelizmente a senhora teve o primeiro ano do curso de aplicação.

RICCIOPPO: Não, fiz a metade di primeiro ano, porque fechou.

GUIMARÃES: E a senhora estava gostando do curso de aplicação?

RICCIOPPO: Ah, é lógico! Porque que eu não ia gostar de uma coisa dessas, não é?

GUIMARÃES: Porque a senhora percebeu era mais avançado...

RICCIOPPO: Ah, muito mais. Não se compara.

GUIMARÃES: É, quando o governo criou o curso de aplicação ele dizia que era pra ter nível quase universitário.

RICCIOPPO: Interessante que, na época que nós formamos, púnhamos beca púnhamos tudo. Tinha até anel de formatura, o bispo benzi os anéis de formatura, nós tínhamos a missa. Hoje, não vale nada o diploma de normalista: é como se fosse o primário Nós recebíamos (até) o diploma de quarto ano primário!

GUIMARÃES: É porque havia tão pouca escola?

RICCIOPPO: É.

GUIMARÃES: E quem escolarizava...

RICCIOPPO: Não! É!... Havia pouca escola, não: poucos alunos pra ir pra escola; porque era uma vergonha estudar demais da conta, ser professora... O quê que é isso: Meu tempo era muito atrasado, foi muito atrasado.

GUIMARÃES: As coisas mudam não é? O índice de analfabetismo era muito alto.

RICCIOPPO: O meu pai é que saia falar: “Vocês, oh..., casamento é um ointo de interrogação: serei feliz ou não? A única coisa que vocês têm que pensar é em formar pra trabalhar e lecionar. Educar muita gente que não sabe ler nem escrever. Vocês vão ser as pioneiras. É a única coisa que posso dar pra vocês, é a instrução porque é o único capital que rende juros a vida inteira e não acaba”.

GUIMARÃES: O pai da senhora, ele veio da Itália?

RICCIOPPO: Não. Ele nasceu no Brasil.

GUIMARÃES: Ele nasceu no Brasil, mas ele tinha uma visão diferenciada?

RICCIOPPO: Tinha e falava: “Ninguém vai viver sem aposentadoria”. Ninguém era aposentado, ninguém tinha aposentadoria, nem se falava em aposentadoria. E nós vendo, quem não tem aposentadoria hoje, não vive.

GUIMARÃES: É, ele tinha outra mentalidade.

RICCIOPPO: Outra... Muito adiantado. É tanto que a família era contra nós trabalharmos. É disso que estou te falando

GUIMARÃES: E a mãe da senhora pensava da mesmo forma?

RICCIOPPO: Mesma coisa. Minhas mãe era um espetáculo, viu. Fora de sério. Tanto minha mãe, com o meu pai. Vou te mostrar o retrato deles.

GUIMARÃES: Tá. Vou esperar e vou desligar...

ANEXO 4: TERMOS ASSINADOS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO MODELO

Você está sendo convidado (a) para participar da pesquisa intitulada **"HISTÓRIAS, MEMÓRIAS E REPRESENTAÇÕES DAS PROFESSORAS DO GRUPO ESCOLAR BRASIL: UBERABA, 1960-1971"** sob a responsabilidade dos pesquisadores Monique Adrielle da Silva, Sônia Maria Santos.

Nesta pesquisa nós estamos buscando entender a história das alfabetizadoras que trabalharam no grupo escolar da cidade de Uberaba, na qual temos como objetivos entender como eram suas práticas e métodos desenvolvidos em sala de aula e como as reformas do ensino influenciava em suas práticas escolares.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será obtido pela pesquisadora Monique Adrielle da Silva.

Na sua participação você será submetido a uma entrevista com isso haverá a gravação através de um gravador de voz, após a transcrição das gravações para a pesquisa as mesmas serão destruídas as fitas gravadas.

Em nenhum momento você será identificado. Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a sua identidade será preservada.

O local das entrevistas acontecerá na sua residência e com isso não terá nenhum gasto com os deslocamentos. Você não terá nenhum gasto e ganho financeiro por participar na pesquisa.

Os riscos consistem nesta pesquisa apesar de respeitar todos os parâmetros éticos e de saúde dos entrevistados. Como os entrevistados estão idosos pode ser que algum passe mal ao relembrar de seu passado, além disso, corre o risco dos sujeitos entrevistados serem identificados. Assim é recomendado que estejam acompanhados de parentes, pois o mal-estar pode ocorrer devido ao fato de recordar momentos da vida pessoal, que geralmente podem ser marcadas por fortes emoções e por se tratar de pessoas mais idosas e assim as lembranças podem provocar um mal-estar. E como entrevistador resolveria este risco com a presença de familiares, pois elas me auxiliariam a confortar, a dar mais segurança ao entrevistado o que possivelmente evitaria este mal-estar.

Para diminuir o risco a entrevista respeitara o tempo do entrevistado nos momentos de silêncio, choro e caso for necessário, daremos uma pausa e só será iniciado novamente quando o narrador solicitar que podemos voltar à entrevista e para que o sujeito não seja identificado utilizaremos siglas que não fazem relação direta com os entrevistados. Os benefícios serão a investigação pretende trazer contribuições para a História da Alfabetização, pois a pesquisa mostrara as influências das práticas e métodos de ensino dentro do Grupo Escolar.

Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem nenhum prejuízo ou coação.

Uma via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com você.

Qualquer dúvida a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com: **Monique Adrielle da Silva - (34)33226306 - Universidade Federal de Uberlândia.** Poderá também entrar em contato com o Comitê de Ética na Pesquisa com Seres-Humanos – Universidade Federal de Uberlândia: Av. João Naves de Ávila, nº 2121, bloco A, sala 224, Campus Santa Mônica – Uberlândia –MG, CEP: 38408-100; fone: 34-32394131.

Uberlândia, 16 de setembro de 2016.

Monique A. da Silva *Sônia Santos*
Assinatura dos Pesquisadores

Eu aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.

Margarida Maria A. Mariano
Participante da pesquisa

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) para participar da pesquisa intitulada **"HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DAS PROFESSORAS NO GRUPO ESCOLAR BRASIL: UBERABA, 1960-1971"** sob a responsabilidade dos pesquisadores Monique Adriele da Silva, Sônia Maria Santos. Nesta pesquisa nós estamos buscando entender a história das professoras que trabalharam no grupo escolar da cidade de Uberaba, na qual temos como objetivos entender como eram suas práticas e métodos desenvolvidos em sala de aula e como as reformas do ensino influenciava em suas práticas escolares.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será obtido pela pesquisadora Monique Adriele da Silva.

Na sua participação você será submetido a uma entrevista com isso haverá a gravação através de um gravador de voz, após a transcrição das gravações para a pesquisa as mesmas serão destruídas as fitas gravadas.

Em nenhum momento você será identificado. Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a sua identidade será preservada.

O local das entrevistas acontecerá na sua residência e com isso não terá nenhum gasto com os deslocamentos. Você não terá nenhum gasto e ganho financeiro por participar na pesquisa.

Os riscos consistem nesta pesquisa apesar de respeitar todos os parâmetros éticos e de saúde dos entrevistados. Como os entrevistados estão idosos pode ser que algum passe mal ao relembrar de seu passado, além disso, corre o risco dos sujeitos entrevistados serem identificados. Assim é recomendado que estejam acompanhados de parentes, pois o mal-estar pode ocorrer devido ao fato de recordar momentos da vida pessoal, que geralmente podem ser marcadas por fortes emoções e por se tratar de pessoas mais idosas e assim as lembranças podem provocar um mal-estar. E como entrevistador resolveria este risco com a presença de familiares, pois elas me auxiliariam a confortar, a dar mais segurança ao entrevistado o que possivelmente evitaria este mal-estar.

Para diminuir o risco a entrevista respeitara o tempo do entrevistado nos momentos de silêncio, choro e caso for necessário, daremos uma pausa e só será iniciado novamente quando o narrador solicitar que podemos voltar à entrevista e para que o sujeito não seja identificado utilizaremos siglas que não fazem relação direta com os entrevistados. Os benefícios serão a investigação pretende trazer contribuições para a História da Alfabetização, pois a pesquisa mostrara as influências das práticas e métodos de ensino dentro do Grupo Escolar.

Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem nenhum prejuízo ou coação.

Uma via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com você.

Qualquer dúvida a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com: **Monique Adriele da Silva - (34)33226306 - Universidade Federal de Uberlândia**. Poderá também entrar em contato com o Comitê de Ética na Pesquisa com Seres-Humanos – Universidade Federal de Uberlândia: Av. João Naves de Ávila, nº 2121, bloco A, sala 224, Campus Santa Mônica – Uberlândia – MG, CEP: 38408-100; fone: 34-32394131.

Uberlândia, 26 de janeiro de 2017.

Monique Adriele da Silva Sônia Santos
Assinatura dos Pesquisadores

Eu aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.

Marina M. P. S.
Participante da pesquisa

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) para participar da pesquisa intitulada **"HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DAS PROFESSORAS NO GRUPO ESCOLAR BRASIL: UBERABA, 1960-1971"** sob a responsabilidade dos pesquisadores Monique Adriele da Silva, Sônia Maria Santos. Nesta pesquisa nós estamos buscando entender a história das professoras que trabalharam no grupo escolar da cidade de Uberaba, na qual temos como objetivos entender como eram suas práticas e métodos desenvolvidos em sala de aula e como as reformas do ensino influenciava em suas práticas escolares.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será obtido pela pesquisadora Monique Adriele da Silva.

Na sua participação você será submetido a uma entrevista com isso haverá a gravação através de um gravador de voz, após a transcrição das gravações para a pesquisa as mesmas serão destruídas as fitas gravadas.

Em nenhum momento você será identificado. Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a sua identidade será preservada.

O local das entrevistas acontecerá na sua residência e com isso não terá nenhum gasto com os deslocamentos. Você não terá nenhum gasto e ganho financeiro por participar na pesquisa.

Os riscos consistem nesta pesquisa apesar de respeitar todos os parâmetros éticos e de saúde dos entrevistados. Como os entrevistados estão idosos pode ser que algum passe mal ao relembrar de seu passado, além disso, corre o risco dos sujeitos entrevistados serem identificados. Assim é recomendado que estejam acompanhados de parentes, pois o mal-estar pode ocorrer devido ao fato de recordar momentos da vida pessoal, que geralmente podem ser marcadas por fortes emoções e por se tratar de pessoas mais idosas e assim as lembranças podem provocar um mal-estar. E como entrevistador resolveria este risco com a presença de familiares, pois elas me auxiliariam a confortar, a dar mais segurança ao entrevistado o que possivelmente evitaria este mal-estar.

Para diminuir o risco a entrevista respeitara o tempo do entrevistado nos momentos de silêncio, choro e caso for necessário, daremos uma pausa e só será iniciado novamente quando o narrador solicitar que podemos voltar à entrevista e para que o sujeito não seja identificado utilizaremos siglas que não fazem relação direta com os entrevistados. Os benefícios serão a investigação pretende trazer contribuições para a História da Alfabetização, pois a pesquisa mostrara as influências das práticas e métodos de ensino dentro do Grupo Escolar.

Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem nenhum prejuízo ou coação.

Uma via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com você.

Qualquer dúvida a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com: **Monique Adriele da Silva - (34)33226306 - Universidade Federal de Uberlândia**. Poderá também entrar em contato com o Comitê de Ética na Pesquisa com Seres-Humanos – Universidade Federal de Uberlândia: Av. João Naves de Ávila, nº 2121, bloco A, sala 224, Campus Santa Mônica – Uberlândia –MG, CEP: 38408-100; fone: 34-32394131.

Uberlândia, 25 de janeiro de 2017.

Monique Adriele da Silva
Assinatura dos Pesquisadores

Eu aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.

Ruiz Mariaes
Participante da pesquisa

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) para participar da pesquisa intitulada **"HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DAS PROFESSORAS NO GRUPO ESCOLAR BRASIL: UBERABA, 1969-1971"** sob a responsabilidade dos pesquisadores **Monique Adrielle da Silva, Sônia Maria Santos**. Nesta pesquisa nós estamos buscando entender a história das professoras que trabalharam no grupo escolar da cidade de Uberaba, na qual temos como objetivos *entender como eram suas práticas e métodos desenvolvidos em sala de aula e como as reformas do ensino influenciava em suas práticas escolares*.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será obtido pela pesquisadora **Monique Adrielle da Silva**.

Na sua participação você será submetido a uma entrevista com isso haverá a *gravação através de um gravador de voz*, após a transcrição das gravações para a pesquisa as mesmas serão destruídas as fitas gravadas.

Em nenhum momento você será identificado. Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a sua identidade será preservada.

O local das entrevistas acontecerá na sua residência e com isso não terá nenhum gasto com os deslocamentos. Você não terá nenhum gasto e ganho financeiro por participar na pesquisa.

Os riscos consistem nesta pesquisa apesar de respeitar todos os parâmetros éticos e de saúde dos entrevistados. Como os entrevistados estão idosos pode ser que algum passe mal ao relembrar de seu passado, além disso, corre o risco dos sujeitos entrevistados serem identificados. Assim é recomendado que estejam acompanhados de parentes, pois o mal-estar pode ocorrer devido ao fato de recordar momentos da vida pessoal, que geralmente podem ser marcadas por fortes emoções e por se tratar de pessoas mais idosas e assim as lembranças podem provocar um mal-estar. E como entrevistador resolveria este risco com a presença de familiares, pois elas me auxiliariam a confortar, a dar mais segurança ao entrevistado o que possivelmente evitaria este mal-estar.

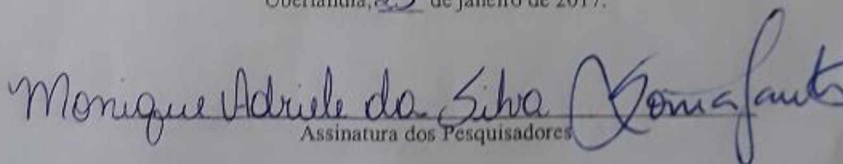
Para diminuir o risco a entrevista respeitara o tempo do entrevistado nos momentos de silêncio, choro e caso for necessário, daremos uma pausa e só será iniciado novamente quando o narrador solicitar que podemos voltar à entrevista e para que o sujeito não seja identificado utilizaremos siglas que não fazem relação direta com os entrevistados. Os benefícios serão a investigação pretende trazer contribuições para a História da Alfabetização, pois a pesquisa mostrara as influências das práticas e métodos de ensino dentro do Grupo Escolar.

Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem nenhum prejuízo ou coação.

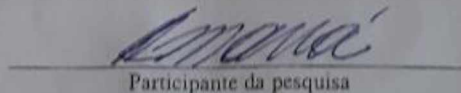
Uma via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com você.

Qualquer dúvida a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com: **Monique Adrielle da Silva - (34)33226306 - Universidade Federal de Uberlândia**. Poderá também entrar em contato com o Comitê de Ética na Pesquisa com Seres-Humanos - Universidade Federal de Uberlândia: Av. João Naves de Ávila, nº 2121, bloco A, sala 224, Campus Santa Mônica - Uberlândia - MG, CEP: 38408-100; fone: 34-32394131.

Uberlândia, 25 de janeiro de 2017.


Assinatura dos Pesquisadores

Eu aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.


Participante da pesquisa

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) para participar da pesquisa intitulada **"HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DAS PROFESSORAS NO GRUPO ESCOLAR BRASIL: UBERABA, 1960-1971"** sob a responsabilidade dos pesquisadores Monique Adriele da Silva, Sônia Maria Santos. Nesta pesquisa nós estamos buscando entender a história das professoras que trabalharam no grupo escolar da cidade de Uberaba, na qual temos como objetivos entender como eram suas práticas e métodos desenvolvidos em sala de aula e como as reformas do ensino influenciava em suas práticas escolares.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será obtido pela pesquisadora Monique Adriele da Silva.

Na sua participação você será submetido a uma entrevista com isso haverá a gravação através de um gravador de voz, após a transcrição das gravações para a pesquisa as mesmas serão destruídas as fitas gravadas.

Em nenhum momento você será identificado. Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a sua identidade será preservada.

O local das entrevistas acontecerá na sua residência e com isso não terá nenhum gasto com os deslocamentos. Você não terá nenhum gasto e ganho financeiro por participar na pesquisa.

Os riscos consistem nesta pesquisa apesar de respeitar todos os parâmetros éticos e de saúde dos entrevistados. Como os entrevistados estão idosos pode ser que algum passe mal ao lembrar de seu passado, além disso, corre o risco dos sujeitos entrevistados serem identificados. Assim é recomendado que estejam acompanhados de parentes, pois o mal-estar pode ocorrer devido ao fato de recordar momentos da vida pessoal, que geralmente podem ser marcadas por fortes emoções e por se tratar de pessoas mais idosas e assim as lembranças podem provocar um mal-estar. E como entrevistador resolveria este risco com a presença de familiares, pois elas me auxiliariam a confortar, a dar mais segurança ao entrevistado o que possivelmente evitaria este mal-estar.

Para diminuir o risco a entrevista respeitara o tempo do entrevistado nos momentos de silêncio, choro e caso for necessário, daremos uma pausa e só será iniciado novamente quando o narrador solicitar que podemos voltar à entrevista e para que o sujeito não seja identificado utilizaremos siglas que não fazem relação direta com os entrevistados. Os benefícios serão a investigação pretende trazer contribuições para a História da Alfabetização, pois a pesquisa mostrara as influências das práticas e métodos de ensino dentro do Grupo Escolar.

Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem nenhum prejuízo ou coação.

Uma via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com você.

Qualquer dúvida a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com: **Monique Adriele da Silva - (34)33226306 - Universidade Federal de Uberlândia**. Poderá também entrar em contato com o Comitê de Ética na Pesquisa com Seres-Humanos - Universidade Federal de Uberlândia: Av. João Naves de Ávila, nº 2121, bloco A, sala 224, Campus Santa Mônica - Uberlândia - MG, CEP: 38408-100; fone: 34-32394131.

Uberlândia, 24 de janeiro de 2017.

Monique Adriele da Silva *Sônia Santos*
Assinatura dos Pesquisadores

Eu aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.

Cheresinha
Participante da pesquisa

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) para participar da pesquisa intitulada **"HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DAS PROFESSORAS NO GRUPO ESCOLAR BRASIL: UBERABA, 1960-1971"** sob a responsabilidade dos pesquisadores Monique Adriele da Silva, Sônia Maria Santos. Nesta pesquisa nós estamos buscando entender a história das professoras que trabalharam no grupo escolar da cidade de Uberaba, na qual temos como objetivos entender como eram suas práticas e métodos desenvolvidos em sala de aula e como as reformas do ensino influenciava em suas práticas escolares.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será obtido pela pesquisadora Monique Adriele da Silva.

Na sua participação você será submetido a uma entrevista com isso haverá a gravação através de um gravador de voz, após a transcrição das gravações para a pesquisa as mesmas serão destruídas as fitas gravadas.

Em nenhum momento você será identificado. Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a sua identidade será preservada.

O local das entrevistas acontecerá na sua residência e com isso não terá nenhum gasto com os deslocamentos. Você não terá nenhum gasto e ganho financeiro por participar na pesquisa.

Os riscos consistem nesta pesquisa apesar de respeitar todos os parâmetros éticos e de saúde dos entrevistados. Como os entrevistados estão idosos pode ser que algum passe mal ao relembrar de seu passado, além disso, corre o risco dos sujeitos entrevistados serem identificados. Assim é recomendado que estejam acompanhados de parentes, pois o mal-estar pode ocorrer devido ao fato de recordar momentos da vida pessoal, que geralmente podem ser marcadas por fortes emoções e por se tratar de pessoas mais idosas e assim as lembranças podem provocar um mal-estar. E como entrevistador resolveria este risco com a presença de familiares, pois elas me auxiliariam a confortar, a dar mais segurança ao entrevistado o que possivelmente evitaria este mal-estar.

Para diminuir o risco a entrevista respeitara o tempo do entrevistado nos momentos de silêncio, choro e caso for necessário, daremos uma pausa e só será iniciado novamente quando o narrador solicitar que podemos voltar à entrevista e para que o sujeito não seja identificado utilizaremos siglas que não fazem relação direta com os entrevistados. Os benefícios serão a investigação pretende trazer contribuições para a História da Alfabetização, pois a pesquisa mostrara as influências das práticas e métodos de ensino dentro do Grupo Escolar.

Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem nenhum prejuízo ou coação.

Uma via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com você.

Qualquer dúvida a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com: **Monique Adriele da Silva - (34)33226306 - Universidade Federal de Uberlândia.** Poderá também entrar em contato com o Comitê de Ética na Pesquisa com Seres-Humanos - Universidade Federal de Uberlândia: Av. João Naves de Ávila, nº 2121, bloco A, sala 224, Campus Santa Mônica - Uberlândia -MG, CEP: 38408-100; fone: 34-32394131.

Uberlândia, 24 de janeiro de 2017.

Monique Adriele da Silva Sônia Santos
Assinatura dos Pesquisadores

Eu aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.

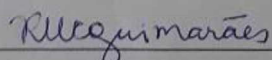
Suzen Gonçalves Pinheiro Molinar
Participante da pesquisa

ANEXO 5: DECLARAÇÃO DE USO DE DOCUMENTAÇÃO**DECLARAÇÃO DE USO DE DOCUMENTAÇÃO**

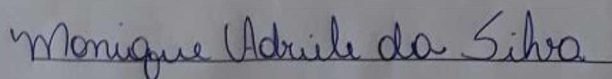
Eu, Rosângela Maria de Castro Guimarães, declaro estar ciente da concessão e a utilização das fontes orais na dissertação de mestrado "HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DAS PROFESSORAS NO GRUPO ESCOLAR BRASIL: UBERABA, 1960-1971", sendo responsabilidade da pesquisadora, Monique Adriele da Silva, as análises e considerações feitas sob os documentos selecionados, isentando-me de qualquer dano ou prejuízo futuro. As fontes foram recolhidas durante meu processo de doutoramento, entre os anos de 2009 a 2012, com a autorização dos entrevistados e das devidas instituições/órgãos responsáveis pela guarda dos documentos. Igualmente, declaro que a concessão dos documentos foi feita de forma gratuita, sem o recebimento de qualquer valor em espécie, restringindo-se ao uso exclusivamente acadêmico-científico.

Por ser a expressão da verdade, este documento é assinado por ambas as partes,

Uberaba, 25 de janeiro de 2017.



Rosângela Maria de Castro Guimarães



Monique Adriele da Silva